

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARCELA ZAMBOLIM DE MOURA

**COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO SOB A ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA**

JUIZ DE FORA

2017

MARCELA ZAMBOLIM DE MOURA

**COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO SOB A ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

JUIZ DE FORA

2017

MARCELA ZAMBOLIM DE MOURA

**COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO SOB A ABORDAGEM
CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística

Submetida, em 20 de março de 2017, à seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha – Membro externo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias – Membro externo
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Fernanda Cunha Sousa – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Sanda Aparecida Faria de Almeida – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aos meus pais, Jorge e Marli, exemplos de toda uma vida.

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.
Guimarães Rosa

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela vida, força superior que me guia.

Quero agradecer, de modo especial, à professora Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, por ter me recebido como aluna do doutorado, transpondo as barreiras acadêmicas, com sua amizade, e, ao mesmo tempo, deixando como exemplo, nesses anos de convivência, sua competência e seriedade. O doutorado é meu melhor investimento pessoal!

Aos membros titulares e suplentes desta banca que gentilmente aceitaram participar deste momento acadêmico tão importante para mim. Agradeço, com muito carinho, à professora Nilza, que participou da trajetória do mestrado e, agora, prontamente, aceitou participar da defesa do doutorado. Suas contribuições para minha vida também ultrapassam as barreiras da vida acadêmica. Agradeço à professora Angélica pelas discussões produtivas na qualificação, que contribuíram para o sucesso da pesquisa, e de forma muito solícita, retorna como membro da banca de defesa. Agradeço à professora Fernanda Cunha Souza, pelas discussões sobre a vida e pelas contribuições para a análise dos dados sincrônicos e diacrônicos, perpassando toda a construção deste trabalho. Agradeço ainda à professora Sandra, somando, nesta defesa, com suas importantes contribuições para nossa pesquisa. Por fim, e não menos importante, agradeço ao professor Fábio Fortes, pelo conhecimento compartilhado e por ter acreditado na possibilidade de produção acadêmica conjunta. Vocês são imortais!

Às colegas de doutorado, Lauriê, Ana Paula e Nathália, pela amizade, pela parceria, pelo incentivo e pelo carinho. Com vocês, a caminhada foi muito divertida!

Aos meus pais, Jorge e Marli, por terem me ensinado a importância dos estudos, do trabalho, da honestidade e da perseverança. Amo muito vocês!

A minha irmã, Marília, por ter me apoiado e me incentivado, não me deixando esquecer do meu potencial. Você é o meu lembrete do amor diário de Deus!

Aos amigos de uma estrada paralela ao doutorado, Tio Luiz e Tuanne, pela amizade, pela força e pela alegria compartilhada sempre. Só por hoje!

RESUMO

Nesta tese, dedicamo-nos a investigar orações matrizes, compostas por verbo *ser* e predicativo, e suas orações encaixadas, que funcionam sintaticamente como sujeito, sob a luz da abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott (2008a, 2008b) e Traugott e Trousdale (2013). Objetivamos compreender como o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz se organiza e se desenvolve na língua portuguesa. Nesse cenário, intentamos, mais especificamente: (a) identificar níveis esquemáticos, a saber, macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto (TRAUGOTT 2008a, 2008b); (b) descrever, pontualmente, as microconstruções do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa; (c) propor uma rede construcional para o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz. Trabalhamos com ocorrências do século XIII ao século XXI, em uma abordagem pancrônica (NEVES, 1997), através de um estudo sincrônico com comprovação diacrônica. Os *corpora* sincrônicos são constituídos por textos da modalidade escrita e oral da língua. A modalidade escrita é composta por textos retirados de *blogs* e de revistas *online* de circulação nacional, a saber, “Revista Veja”, “Revista Isto é”, “Revista Época”, “Revista Caras”, “Revista Cláudia” e “Revista Ana Maria”. A oralidade é composta por entrevistas selecionadas em três *corpora* distintos: “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Os dados diacrônicos foram coletados do projeto “CIPM – *Corpus* Informatizado do Português Medieval” e projeto “TychoBrahe”. A partir da análise de dados, identificamos 9 padrões microconstrucionais do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, que apresentam características funcionais e formais específicas e, ao mesmo tempo, similaridades que permitem agrupá-las em níveis construcionais intermediários. Além disso, identificamos um nível hierárquico, altamente esquemático, que abarca todas as construções observadas. Nesse sentido, a análise realizada, conduzida por uma metodologia qualitativa e quantitativa, nos permite defender que o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz apresenta padrões construcionais que atendem a propósitos comunicativos distintos.

Palavras-chave: Abordagem construcional da mudança. Rede de construções. Complexo oracional subjetivo.

ABSTRACT

In this thesis, based on the constructional approach to language change, proposed by Traugott (2008a, 2008b) and Traugott and Trousdale (2013), we are dedicated to investigate main clauses, composed of the verb *to be* and predicative, and its embedded clauses, which work syntactically as a subject. We aim to understand how the subjective clausal complex consisting of verb *be* and predicate in the matrix is organized and developed in the Portuguese language. In this scenario, we undertake, specifically: (a) to identify schematic levels, namely macroconstruction, mesoconstruction, microconstruction and construct (TRAUGOTT 2008a, 2008b); (b) to describe, accurately, the microconstructions of the subjective sentence complex in the Portuguese language; (c) propose a constructional network for the subjective sentence complex consisting of the verb *be* and predicative in the matrix in the Portuguese language. We work with data from the thirteenth century to the twenty-first century, in a panchronic approach (NEVES, 1997), by means of a synchronic study with diachronic evidence.

The synchronic *corpora* are constituted by texts of the written and oral modality of the language. The written modality consists of texts taken from blogs and on-line magazines of national circulation, namely "Revista Veja", "Revista Isto é", "Revista Época", "Revista Caras", "Revista Cláudia" and "Revista Ana Maria". The orality is composed of interviews selected from three distinct *corpora*: "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto", project "PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua" and project "NURC / RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro". The diachronic data were collected from the project "CIPM - *Corpus* Informatizado do Português Medieval" and project "Tycho Brahe". From the data analysis, we identified 9 microconstructional patterns of the subjective sentence complex composed by the verb *to be* and predicate in the matrix, which present specific functional and formal characteristics and, at the same time, similarities that allow them to be grouped in intermediate constructional levels. In addition, we have identified a hierarchical, highly schematic level that encompasses all observed constructs. In this sense, the accomplished analysis, conducted by a qualitative and quantitative methodology, allows us to defend that the subjective sentence complex composed by the verb *to be* and predicative in the matrix presents constructional patterns that serve different communicative purposes.

Keywords: Constructional approach to language change. Constructional network. Subjective clausal complex.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 01 - <i>Continuum</i> hierárquico [<i>Hierarchical downgrading</i>] (Adaptado de LEHMANN, 1988, p.189) | 45 |
| Figura 02 – Organização dos níveis hierárquicos conforme ordem de apresentação e análise..... | 87 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 01 - Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo nas modalidades escrita e oral da língua portuguesa na sincronia atual..... | 63 |
| Quadro 02 - Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo na modalidade escrita da língua portuguesa na diacronia..... | 64 |
| Quadro 03 - Constituição dos <i>corpora</i> sincrônicos utilizados por número total de palavras..... | 65 |
| Quadro 04 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> do Projeto Mineirês..... | 66 |
| Quadro 05 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> do Projeto PEUL..... | 66 |
| Quadro 06 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> do Projeto NURC/RJ..... | 67 |
| Quadro 07 - Organização dos níveis de formalidade dos <i>corpora</i> sincrônicos escritos..... | 68 |
| Quadro 08 – <i>Continuum</i> proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o <i>corpus</i> sincrônico escrito..... | 69 |
| Quadro 09 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 1..... | 70 |
| Quadro 10 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 2..... | 70 |
| Quadro 11 - Ocorrências do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 3..... | 71 |
| Quadro 12 - Total do número de palavras analisadas nos <i>corpora</i> diacrônicos..... | 72 |
| Quadro 13 - Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo por século no <i>corpus</i> diacrônico..... | 73 |
| Quadro 14 - Macroconstrução do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 89 |
| Quadro 15 - Mesoconstruções 1 e 2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 100 |
| Quadro 16 - Mesoconstruções 1.1 e 1.2 e mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 110 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 17 - Predicativos modalizadores e avaliativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 116 |
| Quadro 18 - Predicativos modalizadores e avaliativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 117 |
| Quadro 19 - Predicativos modalizadores e avaliativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 119 |
| Quadro 20 - Predicativos modalizadores e avaliativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 121 |
| Quadro 21 - Microconstrução 1.1.1 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 135 |
| Quadro 22 - Predicativos modalizadores deônticos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 136 |
| Quadro 23 - Predicativos modalizadores deônticos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 137 |
| Quadro 24 - Microconstrução 1.1.2 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 142 |
| Quadro 25 - Predicativos modalizadores epistêmicos asseverativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 143 |
| Quadro 26 - Predicativos modalizadores epistêmicos asseverativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 143 |
| Quadro 27 - Microconstrução 1.1.3 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 148 |
| Quadro 28 - Predicativos modalizadores epistêmicos relativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 149 |
| Quadro 29 - Predicativos modalizadores epistêmicos relativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 150 |
| Quadro 30 - Microconstrução 1.2.1 referente à mesoconstrução 1.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 154 |
| Quadro 31 - Predicativos avaliativos afetivos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 155 |
| Quadro 32 - Predicativos avaliativos afetivos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 156 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 33 - Microconstrução 1.2.2 referente à mesoconstrução 1.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 160 |
| Quadro 34 - Predicativos avaliativos apreciativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 162 |
| Quadro 35 - Predicativos avaliativos apreciativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 163 |
| Quadro 36 - Microconstrução 2.1.1 referente à mesoconstrução 2.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 174 |
| Quadro 37 - Predicativos modalizadores deônticos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 175 |
| Quadro 38 - Predicativos modalizadores deônticos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 175 |
| Quadro 39 - Microconstrução 2.1.2 referente à mesoconstrução 2.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 178 |
| Quadro 40 - Predicativos modalizadores epistêmicos relativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 179 |
| Quadro 41 - Predicativos modalizadores epistêmicos relativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 180 |
| Quadro 42 - Microconstrução 2.2.1 referente à mesoconstrução 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 183 |
| Quadro 43 - Predicativos avaliativos afetivos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual..... | 184 |
| Quadro 44 - Predicativos avaliativos afetivos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 185 |
| Quadro 45 – Microconstrução 2.2.2 referente à mesoconstrução 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 188 |
| Quadro 46 – Predicativos avaliativos apreciativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual | 189 |
| Quadro 47 – Predicativos avaliativos apreciativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas..... | 190 |
| Quadro 48 – Configuração esquemática do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 201 |
| Quadro 49 – Rede construcional do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa..... | 203 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 01 - Distribuição da mesoconstrução 1 e da mesoconstrução 2 do complexo oracional subjetivo nos <i>corpora</i> sincrônico das modalidades oral e escrita na língua portuguesa..... | 107 |
| Tabela 02 -Distribuição da mesoconstrução 1 e da mesoconstrução 2 do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> diacrônico na língua portuguesa..... | 108 |
| Tabela 03 - Distribuição das mesoconstruções 1.1 e 1.2 e das mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> sincrônico da modalidade oral e escrita na língua portuguesa..... | 129 |
| Tabela 04 - Distribuição das mesoconstruções 1.1 e 1.2 e das mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> diacrônico na língua portuguesa..... | 130 |
| Tabela 05 - Distribuição das microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 do complexo oracional subjetivo por <i>corpus</i> sincrônico das modalidades oral e escrita na língua portuguesa | 167 |
| Tabela 06 - Distribuição das microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 do complexo oracional subjetivo por <i>corpus</i> diacrônico na língua portuguesa..... | 170 |
| Tabela 07 - Distribuição das microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2 do complexo oracional subjetivo por <i>corpus</i> sincrônico da modalidade oral e escrita na língua portuguesa..... | 194 |
| Tabela 08 - Distribuição das microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2 do complexo oracional subjetivo no <i>corpus</i> diacrônico na língua portuguesa..... | 196 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO I - A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES | 23 |
| 1.1. O estatuto da construção no processo de mudança linguística..... | 25 |
| 1.2. A compreensão da mudança linguística a partir da abordagem construcional | 33 |
| 1.3. Conclusões | 41 |
| CAPÍTULO II - CARACTERIZAÇÃO DO COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA | 44 |
| 2.1. Caracterização tradicional da oração matriz e do encaixamento oracional na função sintática de sujeito..... | 47 |
| 2.2. Análises linguísticas da oração matriz e do encaixamento oracional na função sintática de sujeito | 51 |
| 2.3. Conclusões | 56 |
| CAPÍTULO III - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS | 58 |
| 3.1. Fundamentação teórico-metodológica e a constituição dos <i>corpora</i> | 58 |
| 3.1.1. <i>Corpora</i> sincrônicos | 64 |
| 3.1.2. <i>Corpora</i> diacrônicos | 71 |
| 3.2. O método qualitativo e a importância da frequência de uso..... | 73 |
| CAPÍTULO IV - ANÁLISE DE DADOS: NÍVEIS CONSTRUCIONAIS DO COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA | 78 |
| 4.1. Níveis mais hierárquicos do complexo oracional subjetivo: macroconstrução e mesoconstruções..... | 88 |
| 4.2. Nível microconstrucional do complexo oracional subjetivo referente às mesoconstruções 1.1 e 1.2 | 133 |
| 4.3. Nível microconstrucional do complexo oracional subjetivo referente às mesoconstruções 2.1 e 2.2 | 171 |
| 4.4. Proposta de rede construcional para o complexo oracional subjetivo ... | 197 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 207 |
| REFERÊNCIAS | 211 |
| ANEXOS | 218 |

INTRODUÇÃO

Consideramos que formulamos e reformulamos a língua a partir da interação entre gramática e discurso. O usuário da língua objetiva atender a seus propósitos comunicativos, materializando, na forma, o sentido que quer expressar (BYBEE & FLEISCHMAN, 1995; FISCHER, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016). Nesse caminho, a definição de língua entra em contato com nossa atividade social, que é a principal premissa do funcionalismo.

Para investigar o fenômeno linguístico sob análise, adotamos o modelo de abordagem cunhado como *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU). A LFCU considera que a língua apresenta natureza emergente na medida em que ela é usada. Nessa perspectiva, instâncias estruturais e cognitivas e práticas sócio-comunicativas motivam a frequente modulação da língua (OLIVEIRA, 2015).

Nesse sentido, este trabalho baseia-se na abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013) – que confere à análise dos usos linguísticos o mesmo tratamento na dimensão da função¹ e na dimensão da forma – a fim de investigar orações matrizes, compostas por verbo *ser* e predicativo, e suas orações encaixadas² que funcionam sintaticamente como sujeito. Desse modo, à luz da abordagem construcional, buscamos compreender como o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz³ se organiza e se desenvolve na língua portuguesa. Objetivamos, mais especificamente, analisar as construções do complexo oracional subjetivo a partir de níveis de esquematicidade propostos por Traugott (2008a, 2008b) para a abordagem construcional da mudança.

¹ Adotamos o termo “função”, conforme proposto por Goldberg em apresentação no XXI Seminário Nacional e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, que ocorreu de 04 a 07 de julho de 2016, na UFF, em Niterói. Adotamos também essa nomenclatura conforme Furtado da Cunha *et al.* (2016).

² Tomamos o termo *oração encaixada subjetiva* em acordo com as propostas dos estudos linguísticos, conforme apresentaremos no Capítulo II.

³ Apresentamos e delimitamos nosso objeto de estudo, na introdução deste trabalho, como complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, tendo em vista as possibilidades de orações encaixadas subjetivas e suas matrizes na língua portuguesa, que não são analisadas neste trabalho. Uma vez delimitado, referimo-nos a esse objeto, ao longo dos Capítulos I, II, III e IV, como complexo oracional subjetivo. Para explicações e análises, ver Capítulos II e IV deste trabalho.

A abordagem construcional pressupõe que a língua, assim como ocorre com outros sistemas cognitivos, é composta por uma rede, que consiste em uma organização hierárquica constituída por nós e por relações existentes entre esses nós. Tais nós são formados por *construções* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), consideradas unidades básicas da gramática, as quais consistem em um pareamento, de natureza convencional, entre função e forma. Nessa perspectiva, as construções são independentes, mas relacionadas em um sistema hierárquico composto por níveis esquemáticos – a saber, macroconstrução, mesoconstrução⁴, microconstrução e construto – que levam em consideração similaridades e diferenças entre as construções (TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

Acreditamos que seja possível pensar o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz a partir de rede construcional, pautando-nos na crença de que existe um pareamento entre função e forma. Desse modo, como pressupomos, o estudo do complexo oracional subjetivo nos permite compreender a mudança de construções individuais, que possuem especificidades, mas que, ao mesmo tempo, fazem parte de um esquema genérico e abstrato, que pode levar o complexo oracional subjetivo – formado por verbo *ser* e predicativo na matriz – a compor extensa rede construcional.

O objeto selecionado para esta pesquisa é tradicionalmente indicado, nos compêndios gramaticais, a partir da sua entrada formal: participa do bojo das orações subordinadas que são classificadas pelo desempenho sintático em relação à oração principal. Com base na função sintática de sujeito oracional, o complexo oracional subjetivo é listado, nos manuais gramaticais, como Bechara (2004), Neves (2000), Azeredo (2008), por diferentes realizações formais para a oração principal, a saber: verbo na voz reflexiva de sentido passivo; verbo na voz passiva (*estar* e *ficar*) seguido de particípio; verbos *parecer*, *constar*, *ocorrer*, *urgir*, *importar*, *convir*, *doer*, *pungir* e *acontecer* impessoais; verbos *estar* e *ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo (BECHARA, 2004); predicado formado por verbo que faz identificação entre o

⁴ Os níveis macroconstrução e mesoconstrução são nomeados por Traugott e Trousdale (2013) como esquema e subesquema. Assumimos os termos macroconstrução e mesoconstrução de acordo com a proposta de Traugott (2008a, 2008b) – e atendendo às considerações de Teixeira e Rosário (2016) sobre esses termos. Os esclarecimentos dessa proposta se encontram na seção 1.2 do Capítulo I deste trabalho.

sujeito oracional e o complemento oracional (NEVES, 2000); oração subordinada substantiva desenvolvida e introduzida por pronome indefinido ou por advérbio interrogativo (AZEREDO, 2008).

Entretanto, nosso objeto apresenta constituição formal tradicionalmente reconhecida por ser composta por verbo *ser* seguida de predicativo, na oração matriz, e por verbo finito ou não finito na oração encaixada, a qual funciona sintaticamente como sujeito. A escolha desse objeto baseou-se no fato de o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz ser considerado, nos manuais tradicionais e nas pesquisas linguísticas, sobretudo, pelo viés formal, através do qual sua forma é amplamente descrita. Nas pesquisas mais atuais, são apontadas, explicadas e exemplificadas suas variações e mudanças formais, sem a interligação direta com a função que as acompanha.

A ênfase atribuída, pelas pesquisas, ao complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz pode ser justificada pelos diferentes usos e por apresentar, em alguns casos, comportamento mais gramatical. Essas características foram tratadas durante nossa pesquisa de mestrado (MOURA, 2009), através da qual observamos que há estreita vinculação sintático-semântica, motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos no uso do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz. Assim, a pesquisa de mestrado possibilita que o mesmo objeto seja, agora, tratado à luz da abordagem construcional da mudança.

Embora haja importantes trabalhos que abordem o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa⁵, não há um estudo sistemático desse objeto sob a perspectiva construcional da mudança. Entre esses trabalhos, podemos citar: Gonçalves (2001), que analisa a prototipicidade das características formais das orações subjetivas; Moura (2009), que mostra, também pelo enfoque formal, o uso quase-adverbial de orações matrizes epistêmicas e avaliativas, a partir do processo de gramaticalização; Fortilli (2012), que investiga a dessentencialização e também a gramaticalização de algumas orações subjetivas, sobretudo das matrizes

⁵ Destacamos que a revisão dos trabalhos mencionados aqui será realizada no Capítulo II.

epistêmicas asseverativas; Dias (2013, 2015), que investiga a (inter)subjetividade nas orações matrizes e a generalização de informação nas orações encaixadas subjetivas.

Outros trabalhos apresentam mais pontualmente função e forma do complexo oracional subjetivo, mas não o fazem pelo prisma da *construção* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Gonçalves *et al.* (2008), por exemplo, descrevem as orações subordinadas substantivas, incluindo as subjetivas, a partir de aspectos semânticos e discursivos e a partir de aspectos formais, com algumas correlações, sem, no entanto, sistematizar o pareamento que resulta da mudança linguística. Já Fortilli e Gonçalves (2013) recortam, no cenário das matrizes de orações encaixadas subjetivas, o enunciado “é claro que”, a fim de apresentar sua função parentética focalizadora com significado epistêmico. E, por sua vez, Dias (2013) mostra a sobreposição da função sob a forma ao descrever valores semântico-discursivos e textual-discursivos de matrizes a partir, respectivamente, de uma descrição de orações encaixadas subjetivas na ordem não-marcada e na ordem marcada na língua.

Recentemente, Gonçalves (2015), reinterpretando o funcionamento de matrizes com predicados adjetivais de orações subjetivas sob a luz da abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott (2008a, 2008b), analisa, especificamente, as construções matrizes com predicadores adjetivais epistêmicos que funcionam como construções parentéticas epistêmicas asseverativas focalizadoras. Entretanto, o autor não abarca todos os usos dos predicados das matrizes. Isso significa dizer que, diferentemente desses trabalhos, nossa análise pretende apresentar um tratamento sistemático do pareamento entre função e forma, de modo centralizado, sem deixar à margem um aspecto ou outro.

Nesse sentido, consideramos o pareamento entre função e forma para analisar o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa. Nesta análise, investigamos os usos das matrizes compostas por verbo *ser* e predicativo e suas orações encaixadas subjetivas, conforme ilustramos a seguir:

- (1) Outra grande parte de cuidar de suas cutículas, é a hidratação. A fim de mantê-las flexíveis e saudáveis, é preciso mantê-las hidratadas. Há

muitos produtos lá fora, que prometem cutículas hidratadas. Todas as noites antes de ir para a cama, aplico e acordo com as cutículas super macias. (Modalidade escrita, blogs)

- (2) Esse bairro é muito legal, assim. Ele era mais legal ainda porque assim, é:: essa Paróquia aqui dentro desse bairro ela é muito é:: atuante, as pessoas todas vão, então assim, você começa a conhecer uam galera, muita gente, que mora perto de você, e aí você faz amizades, namoro e tal, inclusive meu ex-namorado era de lá e tudo e assim, é muito legal. E aí ce faz mais amigos. +Só, então assim, isso é bom do bairro, só que o que que acontece, como é óbvio que ia acontecer sendo um bairro de cidade grande, começou a crescer demais e começo a ter muito comércio, vai abrir um shopping agora e não adianta, comércio atrai pivete. (Modalidade oral, Projeto Mineirês, entrevista BH 05)

- (3) Hipnose: entenda o método e conheça os benefícios para seu bem-estar
Especialistas estão acostumados: levam no mínimo 15 minutos da consulta desfazendo conceitos distorcidos sobre a hipnose, e explicando os benefícios e a seriedade do método.
É provável que você diga não se lhe for sugerida uma sessão de hipnose. E por boas razões. Para nós, brasileiros, ainda há muita insegurança orbitando esse território. Menos por culpa do procedimento e mais pelo uso indevido que se faz dele - a chamada "hipnose de palco", que se provou um desserviço à humanidade ao expor pessoas em situações constrangedoras. O descrédito com o método vem daí. Do medo de perder o controle e ficar completamente suscetível aos mandos e desmandos de um Mandrake. Esse é um lado da história. (Modalidade escrita, nível intermediário)

- (4) Eu tenho medo é de machucar, é de quebrar a perna, o pé ou a mão, ou o braço ou algum dedo, porque isso a gente não pode, pareço que a gente não pode andar, a gente talvez quem é canhoto ou canhota não pode iscrever ou gente que também não pode iscrever, porque quebra a mão e é muito chato quebra a mão, a gente fica muito assim chateado porque é muito ruim a gente machuca. (Modalidade oral, Projeto Mineirês, entrevista MAR 044)

- (5) Carol, sua pergunta é desafiadora porque o tratamento das rugas das pálpebras inferiores nem sempre tem resultado satisfatório. Pés de galinha, aquelas rugas ao lado dos olhos, são tratados com toxina botulínica, ou botox. Em geral o efeito é bom, como acontece com você. Já as rugas sob os olhos têm algumas opções de tratamento. Muitas vezes é bom fazer algumas modalidades para se chegar a um efeito melhor. Vamos a elas: botox. Em alguns casos, quando o músculo que fica sob os olhos é muito forte, é interessante aplicar botox na pálpebra inferior. Isso suavizará parte das rugas. Esta aplicação tem que ser bem dosada, pois um exagero na flacidez do músculo nessa região, provocada pelo botox, pode evidenciar bolsas de gordura. (Modalidade escrita, nível alto)

- (6) Conviver é preciso e faz bem
 Para o filósofo e educador Alípio Casali, a geração que se prepara para o século 21 enfrenta uma grave crise de socialização. Famílias dispersas,

pais ausentes e o distanciamento de instituições tradicionais, como a Igreja, deixam as crianças meio perdidas, sem referências. “Os vínculos vêm enfraquecendo aceleradamente, o que está produzindo indivíduos com dificuldades para os relacionamentos sociais”, alerta. A escola do futuro não pode deixar de lado seu papel de socializar adequadamente, ensinando a cada criança o jogo tenso entre ordem e liberdade. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(7) 7 dicas para cuidar dos cabelos em casa

Cuidar dos cabelos em casa é possível sim! Confira 7 dicas de profissionais da área e tenha fios impecáveis em pouco tempo

Com a correria do dia a dia, muitas vezes fica difícil reservar um tempinho para cuidar da beleza, principalmente das madeixas. Não à toa, muitas mulheres acabam se entregando aos elásticos de cabelo para domar os fios sem grandes esforços.

A partir de agora, essa rotina pode mudar. Confira alguns truques rápidos para cuidar dos cabelos em casa e tenha fios lindos e arrumados, sem precisar gastar muito tempo. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(8) mudei, e como mudei, nem sei descrever o quanto, foi uma tremenda lavagem que fiz, no meu interior e exterior, limpei tudinho que não me fazia feliz, com isso ganhei uma vida restaurada, melhorada, praticamente novinha, eu estava escondida em um corpo que não me agradava, escondida do mundo, de novas possibilidades, de emoções, escondida de mim mesma, agora quero florescer todos os dias, estou enraizada em novos projetos e numa nova etapa, sim estou aproveitando meu lindo momento, vou fazer isso perpetuar, sim quero isso para toda minha vida, porque ser feliz de verdade é incomparavelmente melhor. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(9) A vida tem altos e baixos, mas sempre me considere feliz. Agora, a maternidade foi um divisor de águas, me completou como mulher. Gosto de fazer carinho, contar história para dormir. Educar é difícil, é bater na mesma tecla, mas é uma delícia. (Modalidade escrita, nível intermediário)

As ocorrências ilustradas de (1) a (9) representam os diferentes usos de matrizes e encaixadas subjetivas encontrados nos *corpora* analisados nesta pesquisa. Observamos que: em (1), o falante apresenta necessidade orientada para o conteúdo proposicional da encaixada subjetiva – necessidade de hidratar as cutículas; em (2), marca o enunciado através da certeza, orientada para o sujeito, ao asseverar sobre o crescimento do seu bairro e a consequente violência; ao contrário, em (3), marca a incerteza, também orientada para o sujeito, em relação à experiência de ser hipnotizado; em (4), o falante marca o enunciado com seu estado emocional, quando se machuca; em (5), avalia o tratamento contra rugas das pálpebras inferiores; em (6), instância a necessidade do convívio social; em (7), apresenta comprometimento relativo

com a atividade de cuidar dos cabelos em casa; em (8), avalia, a partir da sua emoção, a nova rotina de vida e felicidade conquistada; e, em (9), imprime valor sobre a rotina de educar filhos. Nas ocorrências de (1) a (5), a oração matriz está em destaque; já nas ocorrências de (6) a (9), não está em evidência. Trataremos de cada um desses casos neste trabalho.

A partir da abordagem construcional, que assumimos nesta pesquisa, todas as instâncias que caracterizam a construção são importantes para a criação e para a natureza da mudança. Assim, essa abordagem não inclui apenas aspectos morfossintáticos e semânticos, mas também pragmáticos e discursivos (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Portanto, ao considerarmos o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz sob a abordagem construcional da mudança, objetivamos, especificamente: (a) identificar níveis esquemáticos, denominados por Traugott (2008a, 2008b) como macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto; (b) descrever, pontualmente, as microconstruções do complexo oracional subjetivo; (c) propor uma rede construcional para o complexo oracional subjetivo.

Para tanto, as hipóteses centrais que norteiam nossa discussão são: (i) os usos do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa constituiriam um pareamento de função e forma; (ii) há acentuada esquematicidade do complexo oracional subjetivo que possibilita a emergência de novas construções; (iii) os usos do complexo oracional subjetivo atendem a propósitos comunicativos distintos.

Portanto, ao tomarmos o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz como objeto de análise, acreditamos que estamos criando uma agenda de estudos que poderá ser adotada em momentos posteriores ao desta pesquisa, com vistas à investigação de outras construções oracionais subjetivas e de outras construções oracionais em que figuram as demais funções sintáticas.

Baseados na abordagem construcional da mudança, a fim de investigar o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa – e também mediante a delimitação das hipóteses e dos objetivos de pesquisa –, acreditamos que uma abordagem pancrônica (NEVES, 1997) dos dados analisados possibilitará: (a) identificar e descrever os

diferentes padrões construcionais do complexo oracional subjetivo, a partir das similaridades e diferenças que os esquematizam em uma rede construcional; (b) demonstrar, *in loco*, as construções mais recentes e mais anteriores do complexo oracional subjetivo – as quais seriam incorporadas na língua através do compartilhamento com a rede construcional de uma comunidade linguística a partir de uma rede construcional individual; (c) demonstrar as possibilidades de extensão da rede construcional do complexo oracional subjetivo tanto a partir das microconstruções quanto a partir da abstratização e da generalização da macroconstrução, o que configuraria o caráter direcional da mudança.

Nesta pesquisa, utilizaremos, pois, a análise sincrônica para identificar e explicar os diferentes usos que assumem as construções do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz e a análise diacrônica para comprovar os usos encontrados em sincronias pretéritas. Para a pesquisa, a amostra sincrônica dos dados é composta pelo projeto *Mineirês: a construção de um dialeto*; pelo projeto *PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*; pelo projeto *NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro*; e por revistas impressas e *on line* de circulação nacional, como *Cláudia*, *Veja*, *Isto é* e *Caras*, que apresentam diferentes níveis de formalidade⁶. As amostras representativas da abordagem sincrônica recobrem, nesse sentido, as modalidades escrita e oral do português brasileiro, sendo compostas por textos reais produzidos por escritores/falantes que utilizam a língua. Cada banco de dados – tanto da oralidade quanto da escrita –, que integra o *corpus* sincrônico, é composto por 300 mil palavras, a fim de se manter a uniformidade dos *corpora* analisados.

A amostra diacrônica é composta pelo *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)* e pelo *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, recobrando textos reais escritos do português brasileiro e do português europeu datados entre o século XIII e o século XIX. Realizamos um recorte de 100 mil palavras por século investigado com o objetivo de também manter a uniformidade no número de palavras contidas nos bancos de dados selecionados para a constituição de nossa amostra.

⁶ Discutiremos, detalhadamente, a constituição dos *corpora* no Capítulo III.

A análise empreendida neste trabalho se baseia, primordialmente, na metodologia qualitativa, porém também se utiliza do levantamento da frequência de uso, conforme está sinalizado em Traugott e Trousdale (2013) e sistematizado em Cunha Lacerda (2016). Trabalhamos com essas metodologias a fim de: a) descrever diferentes usos do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz; b) compreender o contexto em que cada construção ocorre; c) identificar as construções em cada nível esquemático; d) discutir conceitos que podem emergir dos dados (SCHIFFRIN, 1987; BRYMAN, 1998); e e) atestar a frequência *token* e a produtividade *type* para auxiliar na compreensão dos estágios do processo de mudança (BYBEE, 2003; VITRAL, 2006; MARTELOTTA, 2009).

A fim de cumprir os objetivos estabelecidos, o trabalho se organiza em quatro capítulos: no Capítulo I, apresentamos o aporte teórico utilizado para fundamentar a pesquisa – a abordagem construcional da mudança linguística; no Capítulo II, realizamos uma revisão teórica de estudos tradicionais e de pesquisas linguísticas mais atuais sobre o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz; no Capítulo III, caracterizamos a metodologia que subsidia a análise dos dados; no Capítulo IV, apresentamos a análise dos dados – identificando, pontualmente, as construções do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz e seus diferentes níveis de esquematicidade – e propomos uma rede construcional a partir dos resultados obtidos; por fim, nas considerações finais, sistematizamos as principais contribuições decorrentes da realização deste trabalho.

CAPÍTULO I

A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A ideia de que a estrutura da língua reflete a experiência social humana nos faz crer que a forma da língua é recrutada pelo falante para agir linguisticamente. A língua é concebida, portanto, como instrumento de comunicação, que está submetido às pressões provenientes das situações de interação. Nesse cenário, têm papéis importantes não só o próprio ato de fala, seus participantes – locutor e interlocutor – e o contexto discursivo, mas também as associações cognitivas que nos permitem elaborar e reelaborar os usos linguísticos.

A noção de língua, resultante da experiência dos indivíduos no ambiente sociocultural e integrada às demais habilidades de domínio geral da cognição humana, define os principais pressupostos teórico-metodológicos da abordagem intitulada Linguística Centrada no Uso [*Usage-based Linguistics*] (OLIVEIRA, 2015). Através dessa concepção, considera-se que o sistema linguístico passa por constante renovação em virtude da expressividade dos falantes e da ausência de elementos linguísticos que revelem suas escolhas (BYBEE, 2010). Nesse viés, o processo de mudança linguística está relacionado à noção de gramática *emergente*, o que significa dizer que o sistema linguístico não é um produto acabado.

Durante muitos anos, as pesquisas explicaram a mudança linguística através, principalmente, da gramaticalização, que figurou entre os processos mais comuns de mudança linguística, responsável por promover o “surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes”, conforme Gonçalves *et al.* (2007, p.15). Entretanto, a gramaticalização, como tradicionalmente concebida, não daria conta de explicar a mudança de todos os elementos da língua, uma vez que se centra exclusivamente no tratamento da mudança linguística de natureza gramatical.

Traugott (2011c) considera como *tradicional* o aporte teórico da gramaticalização que se refere a uma abordagem clássica, baseada no desenvolvimento de material gramatical a partir de material lexical ou de

material [+ gramatical] a partir de um material gramatical pré-existente. Essa perspectiva contrasta com a abordagem construcional da gramaticalização, em que a construção é tomada como unidade linguística básica, reconfigurando a noção de mudança linguística, uma vez que forma e função são consideradas instâncias centrais e, por isso, diretamente relacionadas. Mais recentemente, Traugott e Trousdale (2013) ampliam o escopo sobre a mudança linguística, apresentando uma proposta teórica que pretende dar conta tanto da mudança de natureza gramatical quanto da mudança de natureza lexical, a partir da compreensão de que a língua se organiza em pares de forma e de função em uma rede composta por níveis hierárquicos. A noção de organização em rede para a língua (re)direciona não só os conceitos relacionados à mudança dos fenômenos linguísticos em si como também o próprio conceito de língua, distanciando-se da abordagem tradicional, nos termos de Traugott (2011c).

A partir do conceito de língua em rede e de mudança baseada no uso, adotamos, nesta pesquisa, a abordagem construcional da mudança a fim de propor uma rede de orações subjetivas e suas matrizes compostas por verbo *ser* e predicativo através da construcionalização de natureza gramatical, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013). A dimensão contextual defendida sob tal abordagem pretende dar conta da correlação entre o nível da forma e o nível da função na pesquisa dos usos linguísticos (OLIVEIRA, 2015), ao contrário do que foi observado na literatura já existente referente à análise da combinação de orações e, em especial, à análise do encaixamento oracional com sujeito oracional, em que a investigação teórica e a investigação empírica privilegiam um ou outro nível.

Em relação ao complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz⁷, observamos que ele pode ser pensado em níveis de organização por similaridades e especificidades, visto que o falante recruta a forma para atender a propósitos comunicativos específicos. Assim, para o estudo do processo de mudança do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa a partir da abordagem construcional da mudança, adotamos, neste capítulo, a seguinte ordem de

⁷ Conforme já mencionado na Introdução, o objeto de estudo desta pesquisa são as orações matrizes compostas por verbo *ser* e predicativo cujas orações encaixadas funcionam sintaticamente como sujeitos dessas matrizes. Ao longo do trabalho, iremos nos referir a esse objeto de pesquisa como: complexo oracional subjetivo.

exposição: na seção 1.1, abordamos, brevemente, o estatuto da *construção*, pontuando algumas discussões sobre o processo de mudança linguística que é reinterpretado e redirecionado na abordagem construcional, tal como a concebem Traugott e Trousdale (2013) e, na seção 1.2, tratamos especificamente da abordagem construcional da mudança e de suas contribuições para a pesquisa, em relação, principalmente, à construcionalização e à mudança construcional como processos de mudança linguística e em relação à proposta de rede construcional que nos permite compreender a organização e o funcionamento da língua. Por fim, nas conclusões, reafirmamos, para esta pesquisa, nosso posicionamento teórico referente aos pressupostos da abordagem construcional da mudança.

1.1. O estatuto da construção no processo de mudança linguística

Nos últimos anos, as pesquisas de orientação funcionalista que partem do pressuposto de que a língua apresenta natureza emergente na medida em que é usada têm sido referenciadas sob a denominação Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) – [*usage-based linguistics*] (ALONSO & CEZÁRIO, 2015). Essa perspectiva é resultado da união entre pesquisas da Linguística Funcional, tradicionalmente de origem norte-americana, e da Linguística Cognitiva (SILVA, 2015).

Nessa perspectiva teórica, a gramática “é emergente, modificada, renovada e mantida através da comunicação entre os usuários da língua” (ALONSO & CEZÁRIO, 2015, p.63). A língua é vista como um sistema adaptativo complexo, pois exhibe unidades e estruturas linguísticas em variação que, no uso sincrônico, apresentam-se através de passos contínuos em direção à mudança, configurando um uso gradiente (BYBEE, 2010). Nesse cenário, os usuários da língua recebem papel fundamental para a construção da gramática e para a manutenção das inovações que compõem a estrutura linguística.

Além das instâncias sócio-comunicativas e estruturais, a Linguística Funcional Centrada no Uso também considera processos cognitivos gerais como organizadores da língua. Um dos principais resultados teórico-

metodológicos da união dessas perspectivas de análise são propostas de investigação dos fatos linguísticos através da postulação da *construção* como unidade básica da língua. Com esse viés teórico, Traugott e Trousdale (2013) tratam sistematicamente de processos de mudança linguística, através da abordagem construcional.

A noção de construção, conforme consideram Traugott e Trousdale (2013), advém, principalmente, dos pressupostos teóricos da Gramática das Construções, cuja origem está no âmbito da Linguística Cognitiva. A Gramática das Construções é representada pelos trabalhos de Goldberg (1995, 2003, 2006) e tem sua atualização e expansão representada pela própria autora e, especialmente, por autores como Kay e Fillmore (1999), Croft (2001), Croft e Cruse (2004), Langacker (2005), entre outros.

Com o intuito de apresentar as contribuições da Gramática das Construções para a abordagem construcional da mudança, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), apontamos, sumariamente, alguns de seus fundamentos basilares. Não adotamos a literatura da Gramática das Construções como fundamentação teórica para nossa pesquisa, mas entendemos que suas postulações sobre construção elucidam questões relacionadas à abordagem construcional da mudança.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), há cinco princípios gerais que fundamentam os modelos teóricos que consideram a abordagem construcional: (a) a unidade básica da gramática é a construção, a qual consiste em um pareamento convencional entre forma e função; (b) a estrutura semântica está diretamente relacionada à estrutura sintática; (c) a língua é composta por uma rede de nós e de ligações entre esses nós que compõem uma estrutura hierárquica; (d) a variação cross-linguística pode ser explicada de várias formas, incluindo processos cognitivos de domínios gerais e construções com variação específica; (e) a estrutura da língua é constituída/determinada pelo uso da língua.

Além de fundamentar-se em todos esses princípios, a abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013), considera a gramática como uma “estrutura ‘holística’”, o que significa dizer que nenhum nível da gramática é central ou autônomo, de modo que a semântica, a morfossintaxe, a fonologia e a pragmática atuam juntamente na construção

(TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.3). Os autores esclarecem ainda que suas ideias convergem, principalmente, com o modelo de gramática denominado *Radical Construction Grammar*.

Radical Construction Grammar (CROFT, 2001) é um modelo pertencente à Linguística Cognitiva que se dedica à relação entre descrição gramatical e análise tipológica da língua. Nessa abordagem, não há categorias gramaticais independentes de construções, uma vez que cada construção define sua própria distribuição. Na versão da *Radical Construction Grammar*, a forma e o significado de uma construção são ligados por uma correspondência simbólica, construída em termos semânticos e traçada internamente à construção. No plano da forma, estão presentes as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas. Já no plano do significado, estão presentes as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (CROFT, 2001).

Tanto para a Gramática das Construções quanto para a Linguística Funcional, as construções podem ser lexicais ou gramaticais, visto que não há uma separação rígida entre léxico e gramática. De acordo com Goldberg (1995), o grau de complexidade de cada construção a distingue entre lexical e gramatical, porém não há limites distintos. Esse entendimento sinaliza ainda que um morfema, uma palavra, sintagmas e sequências de palavras são considerados construções.

Por sua vez, o modelo de construção, proposto por Traugott e Trousdale (2013), apresenta o pareamento entre forma – composta por sintaxe, morfologia e fonologia – e função – compreendida por discurso, semântica e pragmática – como uma unidade simbólica convencionalizada. Embora Traugott e Trousdale (2013) assumam *significado* [*meaning*] para a contraparte da construção que se associa à forma, estamos assumindo e entendendo o termo *função* [*function*] como equivalente a *significado*, conforme propõe Goldberg (2003, 2006, 2016⁸).

A representação da construção, proposta por Traugott e Trousdale (2013), como unidade simbólica convencionalizada, indica ainda sua natureza geral e abstrata. Sua abstratização está baseada na realização materializada

⁸Apresentação do *workshop A constructionist approach to language* no XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, que ocorreu de 04 a 07 de julho de 2016, na UFRJ, no Rio de Janeiro.

do par forma-função, denominado construto. No uso da língua, o construto é instanciado como uma ocorrência específica, correspondendo ao *lócus* da inovação (BYBEE, 2010, p. 17 *apud* TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Vale destacar que a noção de construção também se faz presente, de forma assistemática, em trabalhos de natureza funcionalista que antecedem a proposta sistematizada pela abordagem construcional da mudança (NOËL, 2007; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Traugott e Trousdale (2013) revisitam alguns estudiosos funcionalistas em cujos trabalhos já se apontavam considerações a respeito de casos de mudança que não recobrem apenas palavras e morfemas, mas também unidades estruturalmente complexas em processo de mudança. Os autores esclarecem que, nesses trabalhos

[...] não está sempre claro a que esse termo se destina a referir. Geralmente não se refere ao par forma-significado como é abordado no sentido construcionalista, mas a um sintagma ou constituinte ou ao contexto sintático em que o item gramatical se desenvolve (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.31, tradução nossa)⁹.

Dessa forma, a unidade linguística cunhada como construção está presente em pesquisas sobre gramaticalização, que variam em relação à instância linguística a que se referem: em Lehmann (1992), associada ao contexto sintático, a mudança é entendida como processo “que não apreende apenas uma palavra ou morfema, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos elementos em questão”¹⁰(LEHMANN, 1992, p.406 *apud* TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.31, tradução nossa); em Hopper e Traugott (2003 [1993]), a mudança é entendida como resultado do processo de gramaticalização em que itens lexicais adquirem, com o passar do tempo, novas funções gramaticais; semelhantemente, em Bybee *et al.* (1994, p.11 *apud* TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.31, tradução nossa), a construção é entendida como contexto de inovação: “toda a construção e não apenas o sentido lexical, que é precursora e, portanto, fonte, do sentido

⁹ Cf.: “It is not always clear what this term is meant to refer to. Usually it is not a form-meaning pairing in the constructionalist sense but rather a phrase or constituent, or the syntactic context in which a grammatical item develops”.

¹⁰ Cf.: “[G]rammaticalization does not merely seize a word or morpheme... but the whole construction formed by the syntagmatic relations of the elements in question”.

gramatical”¹¹.Traugott e Trousdale (2013) esclarecem que, neste último trabalho, a compreensão de construção está mais próxima à compreensão apresentada pela Gramática das Construções. E, mais recentemente, Himmelmann (2004) afirma que não são os itens isolados que se gramaticalizam, mas as construções em um contexto sintagmático específico.

Traugott e Trousdale (2013, p.31, tradução nossa) destacam, porém, que “os autores que assumiram o termo ‘construção’ não apresentaram considerações de natureza construcional, a menos que se alinhassem com a Gramática das Construções”¹².

Além de estar presente em trabalhos referentes à gramaticalização, em sua perspectiva tradicional, o termo *construção* e seu sentido estão presentes também nos pressupostos da gramaticalização de construções, que consiste em uma proposta apresentada por Traugott (2008a, 2008b, 2009, 2011c). Nessa proposta, Traugott (2009) expande o objeto de pesquisa para além do item gramatical e elucida aquilo que linguisticamente considera uma construção:

[...] uma vez que uma palavra é construção na Gramática da Construção, a gramaticalização não pode ser equiparada com a criação de novas construções em geral, apenas com o desenvolvimento de novas construções gramaticais (TRAUGOTT, 2009, p. 95, tradução nossa)¹³.

Embora não adotemos estritamente os pressupostos da gramaticalização de construções – conforme propõe Traugott (2008a, 2008b, 2009, 2011c) – como fundamentação teórica para esta pesquisa, apresentamos aspectos importantes compartilhados com a proposta teórica de Traugott e Trousdale (2013).

Traugott (2008a, 2008b, 2009, 2011c) investiga o fenômeno da gramaticalização a partir da perspectiva construcional, defendendo a tese de que as construções são formadas por pares de forma e de função, compostos

¹¹ Cf.: “It is the entire construction, and not simply the lexical meaning of the stem, which is the precursor, and hence the source, of the grammatical meaning”.

¹² Cf.: “[...] authors who use the term ‘construction’ do not have construcionalist accounts in mind unless they explicitly align themselves with construction grammar”.

¹³ Cf.: “[...] since a word is construction in construction grammar, grammaticalization cannot be equated with the creation of new constructions in general, only with development of new grammatical constructions”.

por seis subcomponentes – sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, pragmática, função discursiva.

Os estudos da perspectiva da gramaticalização de construções consideram que a construção pode se gramaticalizar em todos os níveis, uma vez que é reconhecida como esquema abstrato que deixa espaço para generalizações, realinhamentos e negociações na interação, motivando a mudança (TRAUGOTT 2008a, 2009). A mudança linguística é assumida, nesse caso, como um processo dinâmico que emerge através do tempo, o que justificaria, assim, a importância das pesquisas diacrônicas.

Nesse cenário, além de assumirem a construção como objeto de análise, os estudos da gramaticalização de construções consideram também a noção de pareamento entre forma e função e ressaltam o estabelecimento de redes construcionais, visto que as construções pertencem a padrões cada vez mais abstratos.

Portanto, a partir da noção de construção e de outras intercessões com os pressupostos da Gramática das Construções e da gramaticalização de construções, Traugott e Trousdale (2013) apresentam três grandes contribuições da abordagem construcional da mudança linguística, a saber: (i) a proposta de uma rede taxonômica que organiza a estrutura e o funcionamento da língua através de construções; (ii) a compreensão do processo de mudança da língua em duas dimensões – das partes da construção, nomeada mudança construcional, e do todo da construção, nomeada construcionalização; (iii) uma proposta teórica sobre mudança linguística mais abrangente que engloba tanto elementos de natureza gramatical quanto lexical. Tais contribuições serão pontualmente tratadas na seção 1.2.

Apesar das intercessões que existem com os pressupostos da gramaticalização de construções, a proposta de Traugott e Trousdale (2013) diferencia-se por apresentar uma perspectiva de mudança linguística a partir da noção de rede construcional, em que mudança construcional e construcionalização atuam como processos que (re)estruturam a língua.

Além disso, os autores apresentam pontualmente proposições para o equacionamento da mudança da língua em rede construcional baseados no entendimento da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade

das construções – propriedades que também serão apresentadas na seção 1.2. Esse tratamento pontual ainda não pode ser observado na gramaticalização de construções proposta por Traugott (2008a, 2008b, 2009, 2011c), embora já esteja presente a noção de rede construcional no trabalho da autora.

A proposta de Traugott e Trousdale (2013) avança ainda ao propor a compreensão da mudança da língua tanto no que se refere a construções lexicais quanto a construções gramaticais, apresentando-se, portanto, como uma proposta teórica que trata, de forma mais ampla, a mudança na língua.

Embora a abordagem construcional da mudança, sistematizada em Traugott e Trousdale (2013), contemple a correspondência direcional entre forma-função, os estudos funcionalistas consideram a sobreposição da função sobre a forma, resultando em uma correspondência unidirecional entre essas dimensões. Isso significa que os componentes abarcados pela função–discurso, semântica e pragmática – recrutam os componentes da forma – sintaxe, morfologia e fonologia – para a instanciação de um novo par função-forma.

A esse respeito, Bybee e Fleischman (1995, p.3, tradução nossa) explicam que “a função explica a distribuição da forma”¹⁴. Compartilhando também essa visão, Fischer (2011, p.39, tradução nossa) explica que “uma mudança no significado pode afetar a forma”, uma vez que “forma e significado constituem um todo”¹⁵. Mais recentemente, Furtado da Cunha *et al.* (2016, p.62) discutem o estatuto da forma e da função, advogando que esses componentes “não se encontram num mesmo nível, isto é, não têm o mesmo peso ou valor”, haja vista o fato de sentidos diferentes – mesmo que estreitamente relacionados – poderem ser atribuídos a uma mesma construção, ou seja, a forma não modifica, mas a função sim. Essa consideração é observada no Princípio da Não-Sinonímia postulado por Goldberg (1995) – e discutido em Furtado da Cunha *et al.* (2016) –, de acordo com o qual duas formas diferentes não podem expressar a mesma função, embora duas funções diferentes possam ser expressas pela mesma forma.

¹⁴ Cf.: “[...] function should explain distribution of form.”

¹⁵ Cf.: “Because form and meaning constitute a whole, a meaning change may affect the form [...]”.

Segundo Furtado da Cunha *et al.*(2016), também é possível endossar o argumento de que a forma depende da função, através da explicação de Croft (2013) sobre os componentes da construção. O autor defende que "o espaço conceitual (...) é universal, enquanto as categorias gramaticais são específicas à língua"¹⁶ (CROFT, 2013, p.222 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016, p.63, tradução nossa). Nesse sentido, as relações semânticas definem os padrões construcionais.

Furtado da Cunha *et al.*(2016, p.4) destacam, portanto, que "há uma certa priorização da contraparte correspondente à função, ao passo que a preservação da forma não é discutida". Tal consideração está relacionada à visão de língua baseada no uso, assumida também em Traugott e Trousdale (2013). Assim, consideramos, nesta pesquisa, que a forma se estabelece em relação à função que o falante pretende instanciar no uso.

Nesse cenário, Furtado da Cunha *et al.*(2016) propõem ainda considerar o pareamento entre função e forma a partir de um *continuum* em cujos polos figuram a arbitrariedade e a motivação, uma vez que há correlações entre função e forma que se apresentam de maneira motivada e outras, ao contrário, que se apresentam, aparentemente, sem correlação. Os autores esclarecem que, enquanto a investigação sincrônica apontaria usos cuja correlação função-forma não se apresentasse nítida, a pesquisa diacrônica poderia revelar certa motivação nessa correlação. Assim, essa proposta também dialogaria com o conceito de língua para a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU.

Até aqui, intentamos apresentar o conceito de construção, discutindo como esse elemento linguístico é considerado na abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e destacando como já estava presente, de forma não sistematizada, em trabalhos anteriores. Esclarecemos ainda o modo como a construção será considerada neste trabalho. É importante deixar claro que adotaremos a correlação "função-forma" para nos referirmos ao pareamento dos elementos da construção, visto que assumimos o papel fundamental da função na instanciação da forma. Na próxima seção, trataremos pontualmente do entendimento da mudança linguística a partir da abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013).

¹⁶ Cf.: "the conceptual space is universal (...), while grammatical categories are language-specific."

1.2. A compreensão da mudança linguística a partir da abordagem construcional

Na abordagem construcional da mudança, Traugott e Trousdale (2013) assumem, assim como a Gramática das Construções, que a língua pode ser estruturada e variável. Tal posicionamento está ancorado em Bybee (2010, p.1 *apud* TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p 44, tradução nossa), segundo a qual a língua é “um fenômeno que exhibe ao mesmo tempo estrutura aparente, regularidade de padrões e uma variação considerável em todos os níveis”¹⁷.

Nessa recente proposta, Traugott e Trousdale (2013) propõem o estudo da mudança linguística a partir da abordagem construcional a fim de esclarecer os fatores cruciais que instanciam um novo pareamento entre função e forma, resultando em novas construções. Nesse sentido, os autores explicam que os processos de mudança na língua podem ocorrer de duas formas: as construções podem sofrer mudanças nas subpartes, processo denominado mudança construcional [*constructional change*], ou podem sofrer mudança no todo (função e forma), processo denominado construcionalização [*constructionalization*].

A mudança construcional configura-se como uma sucessão de passos convencionalizados que precedem e/ou sucedem a construcionalização. Trata-se de uma mudança que afeta a dimensão interna da construção existente. Por isso, não instancia um novo padrão construcional. Esse tipo de mudança envolve, tipicamente, expansão pragmática, semanticização da pragmática, *mismatch*¹⁸ entre função e forma e algumas pequenas mudanças distribucionais. Essa caracterização configura a pré-construcionalização de mudanças construcionais. Já as mudanças que seguem a construcionalização, denominadas de pós-construcionalização, envolvem, tipicamente, expansão de colocações e redução morfológica e fonológica.

A construcionalização é, por sua vez, o resultado de uma sucessão de mudanças construcionais e, diferentemente da mudança construcional, cria signos com nova função e nova forma, isto é, instancia um novo nó. Esse novo

¹⁷ Cf.: “[L]anguage is ‘a phenomenon that exhibits apparent structure and regularity of patterning while at the same time showing considerable variation at all levels’”.

¹⁸ *Mismatch* é compreendido aqui como o conflito entre a dimensão semântica e os constituintes formais da construção (MIRANDA & MACHADO, 2014).

nó criado apresenta nova sintaxe ou morfologia e nova função na rede linguística dos falantes. Portanto, mudanças na função e mudanças na forma, isoladamente, não constituem construcionalização.

Segundo os autores, a pré-construcionalização favorece a construcionalização, podendo conduzir o processo até a pós-construcionalização. A relação entre essas fases é recursiva, de modo que a pós-construcionalização pode, inclusive, favorecer outro processo de mudança, através da construcionalização.

A construcionalização envolve mecanismos que ajudam a esclarecer como os usuários da língua adicionam, através do tempo, representações mentais de uma expressão. O principal mecanismo destacado por Traugott e Trousdale (2013, p.36) é a *neanálise*, e não mais a *reanálise*. Os autores argumentam que o termo *reanálise* não expressa adequadamente o processo de mudança da língua, pois

[...] se um usuário da língua que ainda não internalizou a construção em questão interpreta a construção de uma forma diferente do falante, “re”-análise não ocorreu, e sim uma “análise diferente”; a rigor, não se pode “re”-analisar uma estrutura que não se “tem”. É por isso que preferimos seguir Andersen (2001) e usar o termo “neanálise” (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.37, tradução nossa)¹⁹.

Assim, os autores argumentam a favor da *neanálise*, que se caracteriza por representar pequenos passos [*micro-steps*] na mudança construcional, instanciando uma nova análise, principalmente, da forma morfossintática e do significado semântico/pragmático, podendo ocorrer também em relação às características fonológicas e discursivas. Trata-se de um processo que ocorre durante o uso da língua e resulta, pois, em novas construções.

A analogização – em substituição ao termo analogia – é outro mecanismo que também recebe ênfase na abordagem construcional da mudança. Traugott e Trousdale (2013) distinguem analogização do processo e pensamento analógico para evitar ambiguidade entre motivação – oriunda do pensamento analógico – e mudança baseada em combinação de padrão –

¹⁹ Cf.: “If a language user who has not yet internalized the construction in question, interprets a construction in a different way from the speaker, ‘re’-analysis has not occurred, only ‘different’ analysis; strictly speaking, one cannot ‘re’-analyze a structure one does not ‘have’. This is why we prefer to follow Andersen (2001) and use the term ‘neanalysis’”.

oriunda do mecanismo de mudança. Portanto, os autores esclarecem que o pensamento analógico combina aspectos da função e da forma e favorece a mudança, que pode ou não se instanciar. Ao contrário, a analogização é um mecanismo de mudança através do qual há combinação de função e de forma, que não existia na língua, baseada em representações exemplares.

Dessa maneira, a construcionalização requer a sucessão de neoanálises, que, em pequenos passos, estabelecem mudanças construcionais prévias para instanciar o novo par função-forma. Esse pareamento representa uma nova unidade ou signo, que gera uma mudança no sistema linguístico, configurando, portanto, a própria gramática.

A proposta construcional da mudança convida o pesquisador a repensar o desenvolvimento de construções gramaticais e lexicais. Diferentemente da perspectiva da gramaticalização mais tradicional (TRAUGOTT, 2011c), Traugott e Trousdale (2013) esclarecem que a construcionalização pode resultar em elementos de natureza gramatical – processo denominado construcionalização gramatical – e em elementos de natureza lexical – processo denominado construcionalização lexical. Isso significa que essa abordagem propõe explicar o funcionamento e a organização da língua independente da natureza do elemento em processo de mudança. Conforme elucidam Alonso e Cezário (2015, p.72), incluem-se na abordagem construcional da mudança

[...] os fenômenos tradicionalmente considerados como casos de gramaticalização e a visão construcionista, em que também estão incluídas mudanças que antes ficavam de fora, como a mudança de ordenação de palavras e esquematizações gerais.

Nesse sentido, o resultado da construcionalização é um novo nó na rede da língua de natureza gramatical – instanciando construções processuais – ou de natureza lexical – instanciando construções de conteúdo. Esses dois tipos estão nos polos da gradiência processual-conteúdo e apresentam especificidades considerando-se a natureza do objeto em análise. Porém, são igualmente pensados, na abordagem construcional da mudança, a partir de padrões construcionais que, categorizados, se organizam em uma rede hierárquica.

Em relação à construcionalização lexical, é importante destacar que estão sob o foco desse processo categorias como nomes, verbos ou adjetivos, cuja expressão está associada, principalmente, com sentidos concretos. Diferentemente da construcionalização gramatical, a construcionalização lexical apresenta menor força preditiva para a direcionalidade. Outro fator que diferencia construcionalização lexical e gramatical diz respeito ao fato de o produto da construcionalização lexical não emergir gradualmente, mas instantaneamente. As diferenças e semelhanças entre um processo e outro os coloca em um gradiente, de modo que não há oposição.

Não nos detemos aqui nas especificidades da construcionalização lexical, uma vez que esse não é o processo de mudança considerado para a análise do objeto desta pesquisa. Discorreremos, com maior atenção, neste capítulo, sobre a construcionalização gramatical, destacando, portanto, suas características.

O processo de construcionalização gramatical é acompanhado por mudanças em graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, relacionadas, respectivamente, à categorização, à frequência e à combinação da função e da forma. Tais elementos estão ligados à noção de rede construcional, que, segundo essa abordagem, é responsável por organizar o funcionamento da língua.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a metáfora da rede tem sido desenvolvida em trabalhos conduzidos por um número de teorias linguísticas cognitivas, incluindo *Berkeley Framenet Project* e por modelos de gramática desenvolvidos por Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Langacker (2008), Hudson (2007) e Lamb (1998). A ideia de que a língua é uma rede está de acordo com a Linguística Cognitiva, bem como com outros aspectos da cognição, tais como as habilidades visuais e musicais – as quais também são estruturadas em rede. Tal argumento está também em conformidade com a posição de Bybee (2010 *apud* TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.50, tradução nossa), segundo a qual “a padronização da língua é parte de nossa capacidade para categorizar, estabelecer relações e operar em níveis cognitivos locais e globais”²⁰.

²⁰ Cf.: “Language patterning is part of our domain-general capacity to categorize, establish relations, and to operate on both local and global levels”.

A rede de construções, proposta como modelo de organização e funcionamento da língua, é composta, na proposta de Traugott e Trousdale (2013), por esquemas, instanciados por subesquemas e, nos níveis mais elementares, por microconstruções, que são membros específicos de esquemas abstratos e mais gerais. As microconstruções, por sua vez, são instanciadas no uso pelos construtos, que são os *tokens* empiricamente atestados e que apresentam propósito comunicativo específico. Isso significa que os construtos representam o produto do processo de fala ou de escrita do usuário da língua, instanciando, pois, o *lócus* da inovação do indivíduo (BYBEE, 2010, p. 17 *apud* TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Em trabalho anterior, Traugott (2008a, 2008b) propõe os termos macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto para se referir aos níveis esquemáticos da rede. Teixeira e Rosário (2016) observam que não se trata apenas de uma questão de nomenclatura, mas também de uma questão conceitual: enquanto nos esquemas e subesquemas as propriedades funcionais teriam maior peso, já que, devido ao seu alto grau de abstração, não é possível identificar nitidamente sua forma, como, por exemplo, os quantificadores, as macroconstruções e mesoconstruções teriam os dois elementos do pareamento – função e forma – de forma mais visivelmente delineada.

Assim, para apresentar a abordagem construcional da mudança, nesta pesquisa, mantemos os termos e os conceitos do trabalho de Traugott (2008a, 2008b), a saber, macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto, uma vez que Traugott (2008a, 2008b) ilustra tais níveis a partir de exemplos nitidamente formados em termos de função e de forma. Essa escolha deve-se ao fato de termos observado que o objeto em estudo apresenta pareamento função-forma desde o nível mais elementar até o mais abstrato da rede, mesmo que sejam sentidos inter-relacionados para uma forma também inter-relacionada.

A fim de manter, pois, a correlação entre função e forma, a rede construcional é composta por uma estrutura hierárquica, composta por:

(i) macroconstrução: nível formado por esquemas abstratos, generalizados e universais, definidos pela forma e pela função;

- (ii) mesoconstrução: nível formado por conjuntos de construções relacionadas por comportamento sintático-semântico similar;
- (iii) microconstrução: nível formado por construções com características individuais;
- (iv) construto: nível formado por ocorrências empiricamente atestadas (TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

Em relação à rede, Traugott e Trousdale (2013) explicam que as mudanças construcionais são instanciadas quando há novas associações entre construtos e construções, ou seja, quando há categorizações que não estavam previstas na língua até o dado momento da sua instanciação. A possibilidade de (re)estruturação da rede, através do tempo, caracteriza sua expansão ou sua redução e está relacionada, portanto, às mudanças construcionais que precedem – pré-construcionalização – e que seguem a construcionalização – pós-construcionalização.

A esquematicidade de uma construção linguística está relacionada com a extensão na qual recruta padrões mais gerais através de uma série de construções mais específicas. Devido a essa generalização, os esquemas/macroconstruções são discutidos em termos de *slots* e de como as estruturas simbólicas são reunidas dentro desses espaços. Nesse sentido, um esquema/macroconstrução pode ser composto totalmente por *slots* ou pode ser parcialmente esquemático, possuindo, ao mesmo tempo, *slots* e elementos necessários e obrigatórios (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.16). Enquanto abstrações, esses esquemas/macroconstruções compõem uma rede de construções, percebidas inconscientemente pelos usuários, que os relaciona a outras redes de construções.

Além da esquematicidade, a rede construcional caracteriza-se pela produtividade e pela composicionalidade. A produtividade da construção fornece uma visão do número de diferentes usos que a microconstrução apresenta. Para Traugott e Trousdale (2013), é gradiente na medida em que pertence a esquemas/macroconstruções, que podem ampliar sua extensão, sancionando outras construções esquemáticas para as quais são recrutadas. Paralelo ao aumento da produtividade aumenta-se, então, a esquematicidade da rede: uma vez que a microconstrução é recrutada para um

esquema/macroconstrução, estando sujeita às características desse esquema/macro, espera-se que a microconstrução seja produtiva. A produtividade está relacionada ainda à frequência *type* – que diz respeito ao número de diferentes expressões que um padrão apresenta– e à frequência *token* – que diz respeito à frequência do construto. Com a criação de novas microconstruções, há um aumento gradual da sua frequência de uso através do tempo, o que caracteriza a repetição, tornando-as rotinizadas, automatizadas na língua.

A composicionalidade da construção está relacionada à transparência da relação entre função e forma e é considerada, principalmente, em relação à característica semântica e às combinações dos componentes sintáticos. Do ponto de vista construcional, os autores explicam que a composicionalidade é mais bem compreendida em relação à combinação ou à não combinação entre aspectos da função e da forma.

A construcionalização gramatical, ao apresentar aumento de esquematicidade e de produtividade, caracteriza-se também pelo decréscimo em composicionalidade, isto é, há um “decréscimo na transparência da combinação entre significado e forma”²¹ (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.121, tradução nossa). Esse *mismatch*, como é nomeado pelos autores, instancia-se, principalmente, entre a parte morfossintática antiga e o novo significado codificado pelo elemento linguístico. Nesse caso, não houve neanálise da forma, mas houve mudanças pragmáticas e, possivelmente, semânticas, de modo a resultar em uma expressão idiomática. Mesmo passando pelo processo de construcionalização, essa nova construção pode se alinhar ao esquema, mas será não composicional semanticamente.

Essas propriedades acompanham o funcionamento da rede construcional que é abordado por Traugott e Trousdale (2013) em três instâncias: a rede pode ser compreendida como conhecimento individual; como conhecimento comunitário; e como mudança linguística. Segundo os autores, as inovações são características de conhecimento individual, isto é, manifestam-se em redes individuais, que são, portanto, o *locus* da inovação. Já as mudanças em uma rede comunitária desenvolvem-se através de inovações

²¹ Cf.: “[...] it is also characterized by decrease in compositionality”.

compartilhadas entre a população, as quais ocorrem em instâncias individuais na interação entre falante e ouvinte, mediante os processos de neoanálise e de analogização. Em outras palavras, para Traugott e Trousdale (2013), não existe mudança no nível da população.

Uma vez que modificações na função e/ou na forma são replicadas, pode-se concluir que as inovações são adotadas por outros falantes e são colocadas em uso em uma rede social. Assim, as inovações em mentes individuais levam à convencionalização de mudanças em redes sociais, o que caracteriza a mudança linguística.

Nesse sentido, ocorre o seguinte percurso até a mudança linguística ser instanciada: **inovação** (caracterizada por *mismatch*, isto é, neoanálise do construto, que é o *locus* da inovação) >**convencionalização** (caracterizada por *match*, isto é, correspondência entre função e forma) >**construcionalização** (mudanças convencionalizadas que afetam função e forma) >**pós-construcionalização**>**possível redução da forma ou obsolescência**.

Desse modo, a abordagem construcional da mudança de natureza gramatical, proposta por Traugott e Trousdale (2013), assume a associação entre função e forma e a existência de uma associação desses pares em uma rede. Para os autores, cada nó – signo com nova função e nova forma – instanciado em uma rede representa uma construção de algum nível de abstração e está ligado, de várias formas – semântica, pragmática, discursiva, sintática, morfológica e fonologicamente – a outros nós da rede. Assim, as relações são possíveis em diferentes direções. Alonso e Cezário (2015, p.72) explicam que, na concepção construcional da mudança, perde importância a noção de unidirecionalidade do léxico para a gramática, outrora defendida pelas abordagens tradicionais da mudança da língua, ganhando destaque as reflexões sobre a direcionalidade da mudança. Traugott e Trousdale (2013, p.120, tradução nossa) destacam que a proposta da direcionalidade da mudança “é um dos pontos em que o trabalho em construcionalização é significativamente diferente do trabalho em gramaticalização”²².

Entre as razões para a direcionalidade da mudança estão a repetição, através da qual o novo nó adquire novo *status* na rede, e o pensamento

²² Cf.: “[...] This is one of several ways in which work on construcionalization is significantly different from work on grammaticalization”.

analogico, que, baseado em padrões exemplares, possibilita a produtividade e, portanto, a mudança na rede de abstrações. Traugott e Trousdale (2013) assumem como hipótese que, qualquer que seja a trajetória de uma construção gramatical recrutada para um esquema/macroconstrução, o resultado da esquematização pode ser uma rápida expansão de tipos de construções e que, portanto, a direcionalidade da expansão não será sempre uma trajetória regular, podendo, inclusive, “ser uma expansão em curva”²³ (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.120, tradução nossa).

A proposta de considerar a língua organizada por uma rede taxonômica (re)direciona o conceito de língua. Nessa abordagem, mostramos, nesta seção, que, através de motivações e mecanismos específicos, há uma reformulação morfossintática e semântico-pragmática da unidade que compõe a estrutura basilar da língua – a construção. Tais reformulações podem acontecer tanto no nível mais geral e abstrato dessa rede – esquema/macroconstrução – quanto no nível mais elementar – microconstrução. Assim, a língua é frequentemente renovada a partir do uso.

Até aqui, apresentamos os tipos de mudanças propostos pela abordagem construcional – mudança construcional e construcionalização; os conceitos, as características e os mecanismos dos processos de mudança – neanálise e analogização –; e as características e o funcionamento da rede construcional, como organizadora da língua. Assumimos os termos e os conceitos dos níveis macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto para tratarmos do nosso objeto de pesquisa nos próximos capítulos. Por fim, intentamos destacar a consequência teórica para o conceito de língua a partir da formação de uma rede construcional. Na próxima seção, passamos às considerações finais deste capítulo.

1.3. Conclusões

Neste primeiro capítulo, objetivamos apresentar, principalmente, os principais fundamentos da abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013), seu objeto de análise e suas contribuições para a

²³ Cf.: “[...] [directionality] it is more likely in fact to show S-curve-like expansion”.

análise da mudança da língua. Reconhecemos a extensão dessa proposta e as problematizações em torno dos seus fundamentos relacionados a propostas tradicionais e anteriores, mas nos detivemos às principais questões que conduzem este trabalho.

Assim, vimos, em linhas gerais, na seção 1.1, as considerações sobre a noção de *construção*. Considerada como unidade básica da língua, a construção e suas implicações na organização e no funcionamento da língua também são assumidas, nesta pesquisa, conforme a proposta de Traugott e Trousdale (2013). Sustentamos ainda que a renovação da língua é realizada no uso: é na díade comunicativa que as neoanálises da função e da forma são instanciadas, gerando uma nova construção. Nessa mesma seção, defendemos, com base em Bybee e Fleischman (1995), Fischer (2011) e Furtado da Cunha *et al.* (2016), que a forma se instancia a partir da função que se materializa no uso. Portanto, preferimos nos referir, nos próximos capítulos, em especial, no Capítulo IV, ao pareamento como função e forma, e não como forma e significado, como propõem Traugott e Trousdale (2013).

Na seção 1.2, apresentamos os principais pressupostos da abordagem construcional da mudança linguística. Assim, apresentamos os tipos de mudança considerados por essa abordagem, a saber: mudança construcional e construcionalização. Como neste estudo dedicamo-nos à análise de um objeto de pesquisa de natureza gramatical, o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa, destacamos as características da construcionalização gramatical. Nesta seção, apresentamos ainda a rede construcional, como organizadora da língua, a partir da hierarquização de padrões cada vez mais gerais e abstratos. Listamos os níveis hierárquicos que compõem a rede e suas características e assumimos os termos macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto como organizadores do pareamento entre função e forma, encontrado para o complexo oracional subjetivo.

Desse modo, como Traugott e Trousdale (2013), assumimos que os pontos-chave da abordagem construcional para compreender a mudança do complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz na língua portuguesa, objeto de análise desta pesquisa, são:

(a) construções são ligadas em uma rede, composta por construções esquemáticas dentro de uma taxonomia: quanto mais esquemática é a construção, maior é a possibilidade de generalização; quanto mais elementar é o nível hierárquico, mais típica é a idiossincrasia;

(b) mudanças são relacionadas a construções em diferentes modos: mudanças apenas na função ou na forma que afetam construções individuais são mudanças construcionais; mudanças que resultam no pareamento entre função e forma depois de uma série de pequenos passos de mudanças construcionais são construcionalizações.

A construcionalização gramatical por que passa nosso objeto de pesquisa é entendida, neste trabalho, como processo de mudança que resulta em construções processuais na função, podendo compor esquemas abstratos. Consideramos ainda que tanto as macroconstruções mais gerais como seus membros podem sofrer mudança na função e na forma. Ao assumirmos, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), que nosso objeto de análise é uma construção, estamos assumindo também uma concepção de língua, advinda da literatura dessa abordagem teórica. Assim, compreendemos a língua como um conjunto de redes taxonômicas.

Por fim, esclarecemos que a menção ao objeto de análise nesta pesquisa como complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz prioriza seu viés formal. Reconhecemos que se trata de uma herança tradicional. Mas destacamos que esse objeto é analisado tanto pelo viés da função quanto pelo viés da forma, conforme detalharemos no Capítulo IV, e propomos que seja reconhecido também pela função.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DO COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA

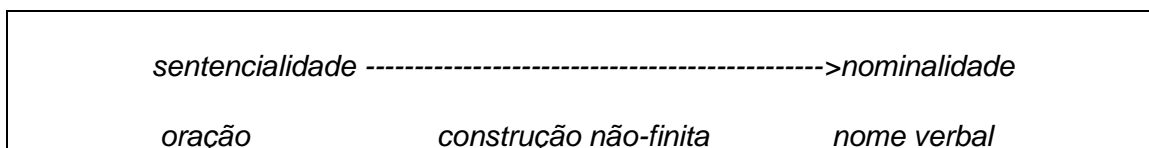
Para tratar das características gerais do complexo oracional subjetivo, baseamo-nos, primeiramente, em definições e discussões propostas por Lehmann (1988) e Halliday (1985, 1994) e em pesquisas mais recentes, como as de Bybee (2002) e Castilho (2009), buscando considerações que podem contribuir para a compreensão do nosso objeto de análise. Não nos detivemos nas especificidades desses trabalhos nem apresentamos aqui outros trabalhos de referência para a análise linguística da integração de orações, uma vez que objetivamos alocar o complexo oracional subjetivo no cenário das principais investigações linguísticas mais tradicionais e mais recentes, para, a partir desta pesquisa, mostrar em que cenário linguístico propomos compreender o objeto analisado. Portanto, nesta introdução, buscamos, pontualmente, as contribuições que podem caracterizar nosso objeto e possibilitar uma investigação de base construcional do processo de mudança linguística, proposto por Traugott e Trousdale (2013), conforme assumimos no Capítulo I.

As orações subordinadas são, na literatura tradicional, discutidas e apresentadas em relação ao tipo de integração que apresentam. A esse respeito, o trabalho de Lehmann (1988) é citado de forma contundente, uma vez que o autor apresenta parâmetros para a análise do processo de combinação entre orações. Lehmann (1988) fundamenta suas análises em relação à autonomia e à integração das orações, em relação à expansão e à redução das formas e em relação à ligação e ao isolamento das orações. O pesquisador trata também da correlação existente entre essas tendências, apresentando um *continuum* que integra o grau de rebaixamento da subordinada, o nível sintático, a dessentencialização, a gramaticalização do predicado principal, o entrelaçamento e a explicitude da ligação.

Através da proposta de um *continuum* de graus de ligação de orações, Lehmann (1988) posiciona-se de forma a questionar a apresentação dicotômica coordenação/subordinação e parataxe/hipotaxe, propondo a

vinculação hipotática, o encaixamento e a parataxe, amplamente discutidos na literatura de análise linguística:

Figura 01 - *Continuum* hierárquico [*Hierarchical downgrading*] (adaptado de LEHMANN, 1988, p.189)



Nesse *continuum*, cada polo corresponde a um tipo de oração, que é classificada conforme o grau de vinculação que apresenta: orações paratáticas são caracterizadas por vinculação sintática frouxa, e orações encaixadas são caracterizadas por estreita vinculação sintática. Entre esses polos, existem orações cuja ligação sintático-semântica é considerada intermediária.

Em relação à proposta de Lehmann (1988), interessa-nos a definição de encaixamento oracional, o qual é caracterizado pelo autor e, assim, assumido neste trabalho como um tipo particular de subordinação, em que há dependência de um sintagma subordinado à oração principal. O viés semântico da combinação de orações não figura no *continuum* proposto pelo autor, uma vez que Lehmann (1988) considera não haver correspondência semântica através das línguas, em relação à combinação de orações, que possa ser sistematizada em parâmetros.

Por sua vez, sob o quadro teórico de referência funcionalista, Halliday (1994, p.218) apresenta uma distinção entre encaixamento e relações táticas, que compreendem a parataxe e a hipotaxe. O autor propõe, para o encaixamento, o qual nos interessa para esta pesquisa, a compreensão de que se trata de um mecanismo através do qual uma oração ou um sintagma funciona como um constituinte dentro da estrutura da outra oração ou sintagma. Portanto, em contraposição às relações táticas, que apresentam relações entre cláusulas ou entre elementos de outra ordem, não existe relação direta entre a oração encaixada e a oração dentro da qual ela é encaixada. A relação entre a oração encaixada e a oração matriz é, portanto, indireta e classificada por Halliday (1994) como relação lógico-semântica.

Matthiessen e Thompson (1988) comungam com as propostas de Halliday (1994) em alguns aspectos. Diferentemente, os autores se valem do

rótulo *hipotaxe de realce* em vez de subordinação e incluem sob o escopo do encaixamento, além das orações relativas restritivas – propostas por Halliday (1994) –, os complementos oracionais que funcionam como sujeito e objeto. A esse respeito, interessam-nos as considerações de Matthiessen e Thompson (1988), uma vez que assumimos, neste trabalho, o complexo oracional subjetivo a partir da relação de encaixamento entre oração matriz e oração que funciona sintaticamente como sujeito.

Em uma perspectiva mais recente da gramática funcional, Bybee (2002) mostra que as orações subordinadas são mais conservadoras, pois a mudança ocorre mais facilmente nas orações principais por causa das relações pragmáticas mais complexas que se estabelecem e devido a seu conteúdo. As orações principais apresentam, por exemplo, a capacidade pragmática de topicalizar, exclamar e apresentar novos sintagmas nominais. Tais características são raramente atribuídas às orações subordinadas, que têm função mais “modesta”, como caracterizar ou fornecer informação que identifique um sintagma nominal – função típica das relativas –; recordar uma informação dada – função típica das orações de complemento –; marcar circunstâncias de tempo, espaço, causa e condição – função própria das adverbiais.

Do ponto de vista do processamento e do armazenamento, o fato de a oração subordinada conservar a sintaxe e a morfologia – como no caso da sintaxe alemã, conforme exemplifica em seu trabalho – significa que as construções subordinadas são, pelo menos, parcialmente autônomas em relação às orações principais. Isso mostra que, embora tenham propriedades em comum, são armazenadas e processadas separadamente.

As características apontadas por Bybee (2002) em relação à oração matriz e à oração encaixada interessam-nos para a análise do complexo oracional subjetivo. Assim como a autora, assumimos, neste trabalho, o termo *complexo oracional* para nos referir ao conjunto de duas orações que se relacionam pelo encaixamento. Observamos que as orações matrizes apresentam variações semânticas e formais que, harmonizadas com as características semânticas e formais da encaixada, instanciam pareamentos na língua portuguesa, que serão descritos e ilustrados no Capítulo IV, dedicado à análise dos dados.

Assumimos, neste trabalho, além do encaixamento oracional como processo de integração entre as orações analisadas, o termo *matriz* – conforme Castilho (2009) – para nos referirmos à oração que corresponde à base do processo sintático do encaixamento. Além de considerarmos o processo de integração entre matriz e encaixada, é importante, para nossa análise, compreendermos, conforme propõe a literatura linguística, como essas orações são consideradas em relação às pressões discursivas e semântico-pragmáticas e, portanto, em relação à forma como são cognitivamente processadas.

Assim, para o estudo do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa a partir da abordagem construcional, adotamos, neste capítulo, a seguinte ordem de exposição: na seção 2.1, pretendemos elucidar brevemente as análises encontradas em compêndios tradicionais sobre a realização da oração matriz e da oração encaixada subjetiva e, na seção 2.2, indicamos as análises linguísticas de trabalhos mais atuais que investigam, de forma não sistematizada, a construção e sua mudança linguística. Por fim, na seção 2.3, delimitamos nosso posicionamento teórico em relação ao nosso objeto de pesquisa e destacamos em que medida este trabalho contribui com os demais trabalhos que tratam do mesmo objeto.

2.1. Caracterização tradicional da oração matriz e do encaixamento oracional na função sintática de sujeito

Os processos de combinação de orações, bem como as orações subordinadas substantivas – como denomina a gramática tradicional –, são discutidos e ilustrados por gramáticos que investigam usos que remontam ao latim. Tais características nos interessam tendo em vista as investigações empreendidas nesta pesquisa de textos do século XIII ao século XIX e ainda a discussão acerca de usos contemporâneos. Assim, selecionamos aleatoriamente dois gramáticos do século XX, a saber, Dias (1918) e Maurer Jr. (1959), que trazem descrições do português vinculadas ao latim, e dois gramáticos mais contemporâneos, Bechara (2004) e Neves (2000), que fornecem descrições do português moderno.

Em Dias (1918), encontramos descrição pontual das características formais da coordenação e da subordinação – essa última compreende as orações substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Nesse cenário, as substantivas são assim descritas:

[...] nas orações substantivas são as orações introduzidas pela conjunção *que* (e às vezes também por *como*) (no português arcaico *ca*), ou interrogativas ou infinitivas. Uma oração de *que* pode ser sujeito de verbos intransitivos e da passiva de verbos transitivos, que na activa possam ter uma oração de *que* por complemento directo:[...] *Foy sua ventura que andava o Arcebispo na mesma conjunção visitando...* (Sousa, V. do Arc., I, 513)(DIAS, 1918, p.257-258).

Embora o autor destaque, em sua obra, diferentes realizações formais para o sujeito sintático, interessa-nos o caso destacado no excerto, cuja matriz é composta por verbo *ser* e predicativo, recebendo uma oração encaixada na função de sujeito. Neste capítulo, destacaremos, portanto, matrizes compostas por verbo *ser* e predicativo e suas encaixadas subjetivas.

Além de descreverem e ilustrarem os processos de combinação sintática, Dias (1918) e também Maurer Jr. (1959) discorrem sobre a harmonização de tempos e modos verbais utilizados nesses processos. A esse respeito, Maurer Jr. (1959, p.228) destaca o seguinte:

A concordância dos tempos é, ao lado do modo subjuntivo, uma das características mais distintivas da subordinação latina. Não é, pois, de estranhar que a sua existência na língua vulgar seja bastante incerta.[...] É provável, portanto, que a concordância de tempos muito usada nas línguas do Ocidente, reflita, em grande parte, imitação culta da concordância latina. De fato, em regras gerais, postos de lado certos pormenores e o emprego muito comum do indicativo, ela é a mesma do latim.

Dias (1918), por sua vez, apresenta um estudo pormenorizado das possibilidades de uso de tempos e modos verbais para a oração encaixada na função de sujeito. Em relação ao indicativo, o autor afirma que seu uso ocorre “em todas as orações as quaes não há regra que exija outro modo” (DIAS, 1918, p.203), sinalizando que esse modo verbal não apresenta especificidades para ser instanciado.

Já em relação ao uso do *conjunctivo*, termo de 1576, de acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, que se refere modernamente a

subjuntivo, o autor descreve situações de uso para sua aplicação e ilustra através de uma ocorrência típica:

[...] têm o verbo no conjuntivo: as orações substantivas introduzidas pela conjunção *que* (às vezes *oculta*), dependentes [...] dos verbos e locuções, substantivas e adjetivas, que exprimem a ideia de *ser raro, ser provável, ser possível, importar, ser necessário, ser justo, ser difícil, ser estranho*, ou outro conceito semelhante, ou contrário a estes; e dos *que*, de qualquer modo, exprimem a ideia de achar ou declarar uma coisa tal como a representam as locuções precedentes: *É importante sempre que a legislação nova signifique antes um aperfeiçoamento da antiga, do que uma doutrina ou recente, ou peregrina* (Herc., Cas. Civ., 11) (DIAS, 1918, p.203-4).

Em relação ao infinitivo e ao uso da preposição *de*, encontramos, em Dias (1918), a descrição de uma ocorrência identificada nos *corpora* sincrônicos e diacrônicos analisados nesta pesquisa em que, em vez da conjunção integrante *que*, cujo uso é mais comum nos dados, a preposição *de* introduz a encaixada subjetiva: “No português arcaico medio este infinitivo é às vezes precedido da preposição *de*: Não era coisa convinha vil de tu morreres agora (Barlaão, 45)” (DIAS, 1918, p.219).

As descrições de Dias (1918) e Maurer Jr. (1959) mostram que, além de herdarmos no português as características dos tempos e modo verbais do latim, a conjunção também está presente até os dias atuais. De acordo com Silva e Filho (2002), a conjunção *que* era empregada como integrante, causal, final e concessiva no português arcaico. Entre as conjunções classificadas como subordinativas integrantes, no século XVI, estão as conjunções *que* e *se*, conforme explica o autor.

As orações que funcionam sintaticamente como sujeito também foram descritas por Dias (1918). O autor traz uma definição de sujeito em que considera a oração como um “equivalente do substantivo” passível de funcionar como sujeito. Nas palavras do gramático, “sujeito é: um substantivo (ou vários substantivos coordenados) [...] ou um equivalente do substantivo, a saber: [...] uma oração: ‘é pouco crível que as tradições dos godos admitissem a pena de morte’ (Herc., Op. v, 283) (DIAS, 1918, p.13-14)”.

Dias (1918) apresenta, no exemplo, a combinação prototípica entre a oração matriz composta por verbo *ser* e o predicativo *crível*, intensificado pelo advérbio *pouco*, e a oração encaixada introduzida por conjunção *que* e verbo

finito flexionado no subjuntivo – *admitissem*. Essas características, ainda presentes no século XXI, também foram investigadas por autores contemporâneos e são evidenciadas nos dados analisados nesta pesquisa, conforme mostraremos no Capítulo IV.

Por meio dessas características, objetivamos destacar usos evidenciados em textos e conversas atuais e outros que foram encontrados apenas nos *corpora* diacrônicos compilados para esta pesquisa. A literatura tradicional do século XXI também descreve e ilustra realizações formais do complexo oracional subjetivo, mas não descreve, por exemplo, a possibilidade de uso com a conjunção *de*, com o gerúndio ou particípio junto ao verbo matricial, como os gramáticos do século passado. Assim, apresentamos, brevemente, os conceitos e as descrições de gramáticos do século XXI, a saber, Bechara (2004) e Neves (2000) – escolhidos aleatoriamente –, destacando as características contemporâneas de matrizes e encaixadas subjetivas, de modo a complementarmos as caracterizações já apresentadas por Dias (1918) e Maurer Jr. (1959) e também de modo a destacarmos os casos prototípicos descritos pelos gramáticos do século XXI.

Bechara (2004) trata os casos de composição por subordinação como *orações complexas*, por constituírem, em si, um texto, nos termos do autor. Segundo Bechara, essas são orações subordinadas, cujo complexo unitário corresponde a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio, em outro nível sintático. Por sua vez, as orações substantivas exercem funções próprias do substantivo, a saber: sujeito, objeto direto, complemento relativo, predicativo, objeto indireto e aposto. No exercício da função de sujeito, as orações subordinam-se às matrizes, instanciadas na 3.^a pessoa do singular e em um dos seguintes casos listados pelo autor²⁴: (a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo; (b) verbo na voz passiva seguido de particípio; (c) verbos *ser*, *estar* e *ficar* seguidos de substantivo ou de adjetivo; (d) verbo do tipo *parece*, *consta*, *ocorre*, *corre*, *urge*, *importa*, *convém*, *dói*, *punge*, *acontece* (BECHARA, 2004, p. 484).

Semelhante às descrições de Bechara (2004), Dias (1918) e Maurer Jr. (1959), Neves (2000) explica que as orações substantivas equivalem a um

²⁴ Os casos listados por Bechara (2004) e citados aqui estão exemplificados no Capítulo IV, nas ocorrências numeradas de (10) a (20).

sintagma nominal, constituindo-se de verbo não-finito ou finito e estando conectadas pela conjunção integrante *que* – podendo, nesse caso, também ocorrer com *se*. Diferentemente dos autores mencionados acima, Neves (2000) considera que as orações substantivas são *encaixadas* ou *integradas* à matriz, assumindo função argumental, na medida em que atuam como complemento de um termo da outra oração. Ao completar um verbo, a oração encaixada pode ocorrer: (a) sem preposição, na função de sujeito; (b) sem preposição, na função de objeto direto; e (c) com preposição, na função de objeto indireto. Já ao completar um substantivo, funcionam apenas como completiva nominal; e, ao completar um adjetivo, apresentam: (a) função predicativa, como predicativo do sujeito da oração matriz; e (b) função apositiva, como aposto explicativo de um termo da oração matriz.

Entre as realizações formais descritas pelos gramáticos, interessa-nos o complexo oracional, nos termos de Bechara (2004), formado por verbo *ser* e predicativo na matriz e pela oração encaixada subjetiva, nos termos de Neves (2000), visto que constitui o objeto de análise desta pesquisa. No momento, ater-nos-emos à descrição dos gramáticos e às contribuições advindas de pesquisas de natureza linguística – na próxima seção – para, no Capítulo IV, ilustrarmos nosso objeto e discutirmos suas características funcionais e formais, conforme a proposta da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

2.2. Análises linguísticas da oração matriz e do encaixamento oracional na função sintática de sujeito

Diferentemente da gramática tradicional descritiva, os estudos de natureza linguística destacam, principalmente, a forma, a partir dos usos encontrados na realidade, assumindo, portanto, a língua pelo viés emergentista. Nesse sentido, tais trabalhos de natureza linguística assumem a gramaticalização ou, mais recentemente, a abordagem da gramaticalização de construções para fundamentar as análises realizadas. Nesta seção, tratamos das contribuições de estudos linguísticos que estão além da descrição tradicional, visto que buscam explicar a língua a partir dos usos instanciados na

interação. Entre esses autores, destacamos os trabalhos de Gonçalves (2001, 2003, 2015), Moura (2009), Fortilli (2012), Fortilli e Gonçalves (2013) e Dias (2013, 2015).

Gonçalves é um dos pesquisadores que assume o complexo oracional subjetivo como objeto de investigação baseado no uso. Nesse sentido, baseia-se na perspectiva da gramaticalização em trabalhos anteriores e, mais recentemente, na abordagem da gramaticalização de construções. Em seu trabalho de 2001, o autor descreve as orações subjetivas a partir da oração matriz, formada por verbo *ser* e predicativo, e apresenta os traços prototípicos dessas orações. Trata-se de uma análise e de um levantamento das características mais frequentes, que também foram encontradas nesta pesquisa. Gonçalves (2001) assume o encaixamento oracional como composição oracional para explicar as substantivas, assim como propõem Lehmann (1988) e Halliday (1994).

Nesse trabalho, Gonçalves (2001) refere-se ao seu objeto como *orações complexas subjetivas* (OCSs, sigla usada pelo autor) por se equipararem a um sintagma nominal complexo. O autor destaca, como propriedades prototípicas, as seguintes características: (i) a encaixada sempre ocorre à direita da oração matriz; (ii) a encaixada tem forma finita ou não finita; (iii) o verbo da matriz aparece categoricamente na 3.^a pessoa do singular e, na maioria das vezes, no presente do indicativo e (iv) a oração matriz codifica sempre uma avaliação do falante sobre o conteúdo da encaixada.

Baseado nessas características prototípicas, Gonçalves (2001) destaca duas propriedades das orações complexas subjetivas: a forma não-finita da oração encaixada e a expressão de modalidade da oração matriz. Segundo o autor, as formas não-finitas apresentam maior grau de dependência da matriz, indicando uma propriedade de cláusulas gramaticalizadas. As formas não-finitas predominaram nos dados, alternando-se com as finitas, o que indica que as cláusulas não-finitas estão perdendo traços de orações prototípicas, como modo, tempo, aspecto. Por essa razão, são mais fortemente integradas ao predicado matriz. Essa forte integração seria um indício de que as OCSs, cuja encaixada aparece na forma não-finita, seriam cláusulas mais gramaticalizadas do que aquelas com encaixada finita. A escala de gramaticalização dessas

orações, de acordo com a proposta de Gonçalves, seria descrita da seguinte maneira: finita>não-finita> nominalização (GONÇALVES, 2001, p.189).

Assim, as subjetivas prototípicas são apresentadas da seguinte forma: a matriz ocorre com um predicado adjetival, o qual é encabeçado pelo verbo *ser*, na 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo, e a encaixada ocorre na forma não-finita e à direita da matriz. Essas características formais foram observadas também nesta pesquisa, atreladas a uma função, configurando um padrão construcional.

Gonçalves (2003), em trabalho posterior, trata do complexo oracional subjetivo, formado pelo verbo *parecer* na matriz, o qual apresenta uma grande variedade de configurações sintáticas, semânticas e pragmáticas no seu emprego. A partir dos pressupostos da gramaticalização, o autor apresenta uma proposta que visa a explicar os mecanismos envolvidos nas diferentes construções em que esse verbo figura.

Embora Gonçalves (2003) apresente uma pesquisa de cunho funcionalista, a partir da confluência da sintaxe, da semântica e da pragmática, não há uma proposta sistematizada de análise que relacione o pareamento entre função e forma. As investigações sobre a mudança da língua, nos termos apresentados pelo autor, priorizam uma categoria em detrimento da outra. Em relação ao verbo *parecer* como oração matriz, Gonçalves (2003) apresenta como resultado usos com função subjetiva na língua a partir do posicionamento do falante. Nessa nova função, o autor observa duas categorias semântico-pragmáticas, a saber, modalidade epistêmica e evidencialidade. Dessa forma, *parecer* apresenta mudança de estatuto categorial e valor de evidencialidade em construções impessoais, principalmente.

Moura (2009), por sua vez, analisa o complexo oracional subjetivo, formado por verbo *ser* e predicativo na matriz, baseada nos estágios de gramaticalização definidos por Hopper (1991) – estratificação, divergência, especialização, persistência, decategorização – e nas etapas propostas por Heine e Kuteva (2006) para o processo de gramaticalização. A autora mostra que a oração matriz e a encaixada subjetiva sofrem processo de gramaticalização: as orações matrizes, em alguns casos, apresentam um caminho de independência sintática e, conseqüentemente, as orações encaixadas subjetivas vão deixando de ser encaixadas, passando a atuar como

independentes. A autora mostra que algumas orações matrizes das orações encaixadas subjetivas apresentam características sintáticas e semânticas que as aproximam dos advérbios. Encontram-se, nesse caso, matrizes epistêmicas asseverativas, como *é certo*, *é evidente*, e matrizes epistêmicas relativas, como *é provável*. Algumas matrizes avaliativas também foram contempladas na pesquisa. Assim, há formas que se encontram mais ou menos gramaticalizadas, visto que tal processo não atinge diretamente todas as matrizes com base em todos os parâmetros.

Embora Moura (2009) assuma o termo *construção* para se referir ao objeto de estudo de sua pesquisa, não o toma conforme propõe a abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), apresentada no Capítulo I deste trabalho. Em Moura (2009), assim como nos demais trabalhos fundamentados nos pressupostos teóricos da gramaticalização, ora são evidenciadas características formais ora semânticas.

Mais recentemente, Fortilli (2012) analisa as orações subjetivas com matriz adjetival também sob o escopo do processo de gramaticalização. A autora mostra que, a partir da observação da ausência da cópula e de um novo comportamento do adjetivo, o complexo oracional passa a oração simples, uma vez que a matriz se dessentencializa e o adjetivo encaixador se gramaticaliza. A autora destaca ainda, com base nos seus resultados, que a mudança atinge, predominantemente, matrizes indicadoras de modalidade epistêmica com encaixadas finitas, o que favorece o fato de se tornarem oração absoluta.

Como resultado dessa pesquisa, Fortilli e Gonçalves (2013) tratam, especificamente, da construção *é claro (que)* e da encaixada em posição argumental de sujeito e mostram que essa oração matriz está passando por mudanças identificadas pelos processos de gramaticalização e de dessentencialização oracional. Para tanto, utilizaram amostras da fala e da escrita do português contemporâneo, analisando os fatores presença (ou ausência) de cópula, presença (ou ausência) de complementizador e posição da construção no enunciado (inicial, medial e final).

Segundo os autores, a redução da matriz ao seu núcleo caracteriza a dessentencialização, com a ausência do verbo cópula, e a encaixada subjetiva, por sua vez, pode se realizar na forma finita ou não-finita. A oração não-finita mostra-se mais dependente da matriz, o que poderia nos levar a considerar,

como ressaltam os autores, a fusão ou a junção de matriz e encaixada, operando juntamente. Porém, a finitude da encaixada lhe confere maior independência sintática, possibilitando que atue sozinha. Esse cenário tem como consequência a possibilidade de “esfacelamento” da matriz, processo aparentemente iniciado pela perda da cópula (FORTILLI & GONÇALVES, 2013, p. 94). Os autores concluem que *é claro que* ocorre sempre com a encaixada finita, o que permite seu uso sem encaixamento e o consequente apagamento do conector *que*.

Segundo os autores, o predicativo *claro* passa a designar significado mais abstrato, sinalizando a instanciação de uso mais subjetivo. Fortilli e Gonçalves (2013, p.99) esclarecem que o item “deixa de se referir ao conteúdo proposicional para se referir à relação estabelecida entre os interlocutores, marcando, primordialmente, as informações que eles julgam comuns a ambos”.

Em trabalho posterior, e mais recente, Gonçalves (2015) mostra que matrizes epistêmicas – e não apenas *é claro que* – passam a funcionar como parentéticas asseverativas focalizadoras. O autor as investiga sob a abordagem construcional proposta por Traugott (2008) e explica que, por meio de um fortalecimento pragmático, decorrente de crescente aumento de (inter)subjetivização, as orações encaixadas subjetivas são instanciadas como parentéticas epistêmicas focalizadoras. Encontram-se, nesse cenário de mudança, segundo o autor, matrizes cujos predicados são “(é) certo, (é) claro, (é) evidente, (é) lógico” (GONÇALVES, 2015, p. 169). Gonçalves afirma que não aborda matrizes formadas por predicativos não epistêmicos porque “tais tipos semânticos não chegam a alcançar o estatuto de parentéticos epistêmicos, dado o padrão construcional que integram” (2015, p.170).

Em trabalho também recente, Dias (2013) propõe uma análise de cunho funcionalista, considerando aspectos sintáticos, semânticos e textual-discursivos das orações encaixadas subjetivas cujas matrizes são compostas por verbo *ser* e predicativo. A autora também assume o complexo oracional subjetivo como objeto de pesquisa baseado no uso. Por isso, os dados analisados pela autora foram retirados de *corpora* representativos da modalidade falada das variedades mineira, carioca e fluminense.

Dias (2013) mostra que, sintaticamente, as orações são compostas por oração matriz – formada por verbo *ser* e predicativo – e sujeito encaixado, que

pode ser realizado através de uma oração ou de uma série de orações com a mesma função sintática. Nesse sentido, analisa os valores semântico-discursivos da matriz, a saber, modalização e avaliação, e os valores textual-discursivos da matriz – de marcadores discursivos de assentimento, de comentário e de resumo; além disso, verifica a expressão de generalização de informação desencadeada pela sentença subjetiva. A autora conclui, após sua investigação, que “a posição inicial da sentença complexa é o ‘espaço’ de (inter)subjetividade e o ‘espaço’ seguinte é de generalização de informação” (DIAS, 2013, p. 94).

Em trabalho mais recente, Dias (2015) confirma esse resultado e aponta outros através da análise das variedades mineira, carioca e fluminense. A autora considera que o espaço inicial da sentença é o *lócus* da expressão da atitude do falante. Assim como verificamos nos dados, Dias explica que a ordem não prototípica – oração matriz, formada por verbo *ser* e predicativo, à esquerda da oração encaixada subjetiva – é mais comumente selecionada para a função da marcação da perspectiva do falante. Além disso, a autora mostra que as características morfológicas da oração matriz, juntamente com a ordem que se apresenta em relação à encaixada, “são fatores determinantes para expressar a gradualidade da atitude do falante em relação à cena de um determinado evento” (DIAS, 2015, p.130).

Na próxima seção, delimitamos nossa análise baseada na abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), considerando a função e a forma como instâncias centrais para a investigação, o que difere este trabalho dos demais aqui apresentados.

2.3. Conclusões

Neste segundo capítulo, objetivamos apresentar os principais conceitos, as classificações e as investigações a respeito da realização do complexo oracional subjetivo na literatura normativa e nas pesquisas linguísticas tradicionais e mais recentes, a fim de alocarmos nossas contribuições diante das contribuições já apresentadas em torno desse objeto. Reconhecemos a extensão das propostas de cada um dos autores mencionados neste capítulo e

nos detivemos nas principais questões que auxiliam na condução deste trabalho, cujo objetivo é analisar função e forma, como um pareamento, na instanciação de novos usos.

Assim, vimos, em linhas gerais, na introdução deste capítulo, as definições sobre encaixamento oracional de Lehmann (1988), Halliday (1994), Matthiessen e Thompson (1988) e Bybee (2002), principalmente. Assumimos, diante da revisão desses trabalhos, que a oração que funciona sintaticamente como sujeito da oração matriz vincula-se pelo processo de encaixamento, uma vez que há dependência de um sintagma subordinado à oração matriz, que assume o espaço de oração principal.

Na seção 2.1., apresentamos, primeiramente, as descrições dos gramáticos Dias (1918) e Maurer Jr. (1959), cujas obras trazem explicações das heranças do latim na língua portuguesa em relação à combinação de orações, seus tempos e modos verbais, composição do predicativo e ainda em relação às conjunções. Em seguida, apresentamos as descrições de Bechara (2004) e Neves (2000), cujas obras destacam características contemporâneas de matrizes e encaixadas subjetivas. Assim, de modo complementar, destacamos como essas contribuições nos ajudam a compreender nosso objeto de análise.

Como consideramos a língua no uso, apresentamos, na seção 2.2., as contribuições de pesquisas linguísticas de natureza funcionalista a partir dos trabalhos de Gonçalves (2001, 2003, 2015), Moura (2009), Fortilli (2012), Fortilli e Gonçalves (2013) e Dias (2013, 2015). Por meio da pesquisa desses autores, o complexo oracional subjetivo é analisado de forma abrangente, em especial, pela ampla mudança por que passa.

Entretanto, conforme estamos assumindo nesta pesquisa, tais autores não apresentam o processo de mudança do complexo oracional subjetivo considerando a composição, em pareamento, da função e da forma. As pesquisas descrevem a mudança, ora destacando um viés ora outro. O fato de assumirmos função e forma como instâncias centrais do objeto analisado nos leva a discutir, no Capítulo IV, a relação intrínseca que existe entre função e forma no complexo oracional subjetivo e, principalmente, a buscar a compreensão desse objeto a partir da proposição de uma rede construcional.

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Dedicamo-nos, neste capítulo, a caracterizar a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa através da seguinte ordem de apresentação: (i) descrevemos os *corpora* sincrônicos – orais e escritos – e diacrônicos – escritos – a partir dos quais foram levantados e analisados os dados referentes ao complexo oracional subjetivo, com ênfase na oração matriz; e (ii) evidenciamos o método de pesquisa adotado, o qual mescla análise qualitativa e levantamento da frequência de uso.

3.1. Fundamentação teórico-metodológica e a constituição dos *corpora*

Este trabalho conjuga a dimensão sincrônica e a diacrônica em uma abordagem pancrônica, nos termos de Furtado da Cunha *et al.* (1999), para a realização de nossa pesquisa acerca da abordagem construcional da mudança do complexo oracional subjetivo. Segundo esses autores, a pancronia pretende apontar tendências de mudança, de variabilidade e de estabilidade linguística, investigando a trajetória dos fatos linguísticos analisados até sua incorporação na gramática da língua. Consideramos a língua baseada no uso, o que está apropriado para a pesquisa pancrônica, uma vez que, de acordo com Neves (1997, p. 118), a pancronia “acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”.

Embora a defesa de estudos pancrônicos esteja acentuadamente presente nas pesquisas em gramaticalização, conforme propõem Heine *et al.* (1991) e Neves (1997), também argumentamos a favor do equacionamento entre sincronia e diacronia para a pesquisa fundamentada na abordagem construcional da mudança linguística, proposta por Traugott e Trousdale (2013).

Historicamente, até a década de 1970, os estudos em gramaticalização eram voltados para a pesquisa histórica (HEINE *et al.*, 1991). Após esse período, alguns estudos deram atenção à gramaticalização sob a ótica da pesquisa sincrônica, como um meio de compreender a gramática da língua a partir do ponto de vista dos padrões de usos linguísticos. Heine *et al.* (1991) advogam, a partir dessa combinação de perspectivas, que não há justificativa para seccioná-las.

As considerações de Neves (1997) acerca da pancronia convergem com os esclarecimentos desses autores ao destacar a importância da perspectiva pancrônica e ao ressaltar os diferentes objetivos da sincronia e da diacronia. De acordo com a autora, enquanto a sincronia investiga formas e funções empregadas em um determinado momento, tanto em seu estatuto original quanto gramaticalizado, a diacronia investiga a trajetória lenta e discreta da emergência de formas e funções. Assim, a mudança, do ponto de vista sincrônico, é considerada instantânea e, do ponto de vista diacrônico, é considerada gradual.

Nos termos de Gonçalves *et al.* (2007, p.16), a sincronia identifica, na perspectiva da gramaticalização, os “graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, portanto, sob um enfoque discursivo-pragmático”. Já a diacronia, nessa mesma perspectiva, trata da “explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p.16.).

Mais recentemente, Martelotta e Alonso (2012, p.103) defendem que se deve “trabalhar com a tradição diacrônica dos estudos de gramaticalização em harmonia com a tradição sincrônica da gramática das construções”. Os autores argumentam que

[...] sendo a gramática da língua uma estrutura dinâmica, maleável, a distinção entre sincronia e diacronia precisará ser repensada e, tendo isso em vista, propõe-se a gramaticalização como o processo que está na base da formação de padrões construcionais, dos mais simples aos mais complexos e a rede construcional como a arquitetura gramatical disponível para o falante construir seu discurso. (MARTELOTTA & ALONSO, 2012, p.103)

Braga e Paiva (2015, p.143) destacam a relevância da abordagem diacrônica, uma vez que, segundo as autoras, ela ajuda a “esclarecer restrições sincrônicas aparentemente arbitrárias e auxiliar na verificação de hipóteses relativas aos processos de gramaticalização”. Nesses termos, explicam que “os resultados empíricos dos estudos históricos podem lançar luz sobre a variação sincrônica, explicando distribuições aparentemente arbitrárias, e testar hipóteses relacionadas à direção dos processos de gramaticalização”.

Assumimos, neste trabalho, que, na abordagem construcional da mudança linguística, é possível, através da investigação sincrônica e diacrônica, identificar pares de função e de forma. Através da análise pancrônica do complexo oracional subjetivo, pudemos observar e confirmar sua esquematicidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). Como discutiremos e exemplificaremos no Capítulo IV, há um elemento fixo na composição formal associado à instanciação da função. Esse elemento formal foi identificado em textos do século XIII até textos dos dias atuais e está presente em todas as microconstruções identificadas para a instanciação do construto. Dessa forma, observamos o caráter essencial da função na materialização da forma: o falante instancia através da forma a função do objeto analisado.

Para a análise do complexo oracional subjetivo, levantamos e analisamos usos reais do português, compreendidos entre os séculos XIII e XIX, e usos atuais do fim do século XX e início do século XXI. Os dados levantados foram observados e explicados a partir de um viés quantitativo e qualitativo.

Os *corpora* sincrônicos são constituídos pelas modalidades oral e escrita da língua. A modalidade oral é caracterizada pelo gênero entrevista; já a modalidade escrita é caracterizada por diversos gêneros de textos, tais como reportagem, notícia, manchete, entrevista, artigo de opinião, editorial, carta ao leitor, que compõem revistas de circulação nacional e *blogs* disponíveis na *Internet*. Os *corpora* diacrônicos são constituídos por textos escritos, ficcionais e notariais, tanto do português europeu quanto do português do Brasil.

Para conceituar gênero textual, apoiamo-nos em Marcuschi (2009 [2008]), segundo o qual gêneros textuais são textos materializados, identificados por padrões sociocomunicativos formados por objetivos

comunicativos, estilos e funções oriundas de circunstâncias sócio-históricas, institucionais e técnicas. Além disso, os gêneros textuais apresentam escolhas lexicais, sintáticas, tempos verbais, relações lógicas e estilo específicos que caracterizam a natureza da sequência linguística que os compõe. E essa sequência linguística é denominada por Marcuschi (2009 [2008]) de tipos textuais. Embora reconheçamos que certos aspectos linguísticos apresentem-se mais prototipicamente em determinadas sequências tipológicas, não utilizamos o critério de sequência tipológica como ferramenta para analisar os gêneros que compõem os *corpora*. Em atenção ao nosso objeto de pesquisa e aos contextos comunicativos nos quais os padrões construcionais identificados podem ser instanciados, priorizamos a diversidade de gêneros na delimitação dos *corpora* analisados.

Segundo Vitral (2006), é prudente trabalhar com diversidade de gêneros, de igual ou semelhante tamanho, e com níveis de formalidade e temas diferentes. Esse cuidado deve-se ao fato de diferentes gêneros favorecerem o surgimento de diferentes ambientes semânticos, que promovem diferentes usos e, portanto, diferentes significados.

Nesse sentido, para constituir os *corpora* analisados, além da diversidade de gêneros, assumimos também a manutenção da uniformidade em relação ao número de palavras: o *corpus* sincrônico oral e escrito é composto, cada um, por 300 mil palavras; e cada século que constitui o *corpus* diacrônico é composto por 100 mil palavras. A seleção do número de palavras nos *corpora* sincrônicos foi realizada de forma aleatória. Da mesma forma, procedemos em relação aos *corpora* diacrônicos: selecionamos aleatoriamente as palavras, mas nos ativemos a 100 mil palavras pelo fato de o *corpus* referente ao século XIII ser limitado a esse número. Assim, os demais séculos foram observados sob esse mesmo valor numérico para obter equidade entre os séculos analisados.

De acordo com Vitral (2006), o mesmo número de palavras possibilita a análise da frequência dos fatos linguísticos em relação a aspectos semânticos, que são típicos em processo de mudança. É importante ainda, segundo o autor, que os textos pertençam a períodos de tempo distantes, uma vez que a mudança ocorre em grandes intervalos de tempo. Sobre esse aspecto, trabalhamos com textos que datam do século XIII ao XIX na constituição do

corpus diacrônico e com textos do fim do século XX e início do século XXI na constituição do *corpus* sincrônico.

Embora Heine *et al.* (1991), Neves (1997) e Vitral (2006) considerem esse conjunto de orientações de organização e funcionamento para a investigação de processos de gramaticalização, estamos também assumindo tais orientações como critério na organização dos *corpora* analisados nesta pesquisa.

Destacamos aqui que, embora estejamos trabalhando com as modalidades escrita e oral da língua na composição dos *corpora* sincrônicos, não é nosso objetivo contrapor as particularidades e as semelhanças das duas modalidades. Na verdade, ao operar com as duas modalidades na constituição dos *corpora* sincrônicos analisados, a nossa intenção foi garantir uma diversidade de contextos linguísticos.

Em relação aos *corpora* diacrônicos, Braga e Paiva (2015, p.150) explicam que estudos que se baseiam na diacronia são muitas vezes inviabilizados “pela ausência de dados escritos de períodos anteriores”, em função da não existência de registro gráfico de determinada comunidade de fala ou de determinadas construções, em processo de mudança, serem evitadas na escrita. Contrariamente a esse possível cenário, os *corpora* diacrônicos analisados nesta pesquisa são compostos por textos escritos do português europeu e do português brasileiro em que foram evidenciados usos do complexo oracional subjetivo. Porém, destacamos que, no caso dos *corpora* diacrônicos, há inviabilidade em relação à diversidade de gêneros bem como em relação ao registro do uso oral da língua.

Para operar, portanto, apenas com o registro escrito na diacronia, apoiamo-nos nos pressupostos metodológicos propostos por Schneider (2004). Segundo o autor, é possível identificar marcas de oralidade em textos que recobrem fases pretéritas da língua quando a comunidade de fala em questão – e sob análise – não revela uma rígida normatização da escrita. Dessa forma, Schneider (2004) propõe que o *corpus* deve (i) revelar registros de usos diferentes, apresentando-se o mais próximo possível do registro oral da língua; (ii) ser extenso, de modo que possibilite o cálculo da frequência de uso; (iii) representar diferentes discursos de variadas comunidades de fala.

A partir dos critérios supracitados, constituímos os *corpora* sincrônico e diacrônico que foram analisados, nesta pesquisa, para o complexo oracional subjetivo. Na constituição dos *corpora*, procuramos obter uma representatividade que fosse relevante, embora tenhamos consciência de que os *corpora* selecionados para o levantamento e a investigação dos dados constituem apenas um recorte parcial da língua, comungando com a observação de Rissanen (2012), segundo a qual até os melhores *corpora* “representam apenas uma parte da realidade linguística” (RISSANEN, 2012, p. 213 *apud* TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 42, tradução nossa)²⁵.

Os quadros 01 e 02, a seguir, apresentam o número de ocorrências do complexo oracional subjetivo em cada modalidade da língua investigada nesta pesquisa:

Quadro 01 – Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo nas modalidades escrita e oral da língua portuguesa na sincronia atual

| Complexo oracional subjetivo | | |
|--|-------------------------------|----------------------------------|
| <i>Corpora</i> | Corpus sincrônico oral | Corpus sincrônico escrito |
| Total de ocorrências por <i>corpus</i> | 211 | 913 |
| Total de ocorrências | 1124 | |

No quadro 01, destacamos o alto índice de ocorrências do complexo oracional subjetivo no registro escrito da língua – 913 ocorrências –, na sincronia atual, em relação ao índice de ocorrências no registro oral – 211 ocorrências. É importante destacar que os *corpora* oral e escrito da sincronia atual são compostos pelo mesmo número de palavras – 300 mil palavras cada um. Esse resultado quantitativo sinaliza, pois, no recorte da língua analisado, que o registro escrito representou contexto favorável para a instanciação do complexo oracional subjetivo. Esse resultado está distribuído em 9 padrões microconstrucionais, os quais serão apresentados e discutidos no Capítulo IV.

²⁵ Cf.: “As pointed out in Rissanen (2012:213), even the best *corpora* therefore ‘represent only a slice of linguistic reality’”.

A sincronia atual apresentou também um maior número de ocorrências do complexo oracional subjetivo– 1124 ocorrências – em relação às sincronias pretéritas, conforme apresenta o quadro 02, a seguir:

Quadro 02 – Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo na modalidade escrita da língua portuguesa na diacronia

| | |
|---|-----|
| Complexo oracional subjetivo | |
| <i>Corpus</i> diacrônico escrito | |
| Total de ocorrências | 595 |

Foram evidenciadas 595 ocorrências em textos escritos compreendidos entre o século XIII e o século XIX, distribuídas na maioria dos padrões microconstrucionais presentes na sincronia. Esse resultado numérico representa índice menor em relação ao índice de ocorrências em textos sincrônicos, o que sinaliza que, na sincronia, o complexo oracional subjetivo é uma forma selecionada com frequência para o falante atingir seu propósito comunicativo.

Até aqui, nosso objetivo foi apresentar fundamentações teóricas para a metodologia utilizada nesta pesquisa. Mostramos ainda, a partir da metodologia selecionada, o resultado quantitativo geral acerca da investigação do complexo oracional subjetivo. Nas subseções 3.1.1. e 3.1.2., a seguir, apresentamos detalhadamente a constituição dos *corpora* analisados nesta pesquisa. Na subseção 3.1.1., caracterizamos o *corpus* sincrônico e, na subseção 3.1.2., caracterizamos o *corpus* diacrônico.

3.1.1. *Corpora* sincrônicos

Conforme destacamos na seção anterior, os *corpora* sincrônicos são constituídos pelo registro escrito e oral da língua portuguesa, referente ao fim do século XX – mais especificamente, as duas últimas décadas – e início do século XXI – até o ano de 2012. Nesta subseção, apresentamos, em um primeiro momento, a característica comum desses *corpora* – a uniformidade do

número de palavras – e, na sequência, as especificidades referentes aos *corpora* sincrônicos orais e escritos.

Para a composição dos *corpora* sincrônicos, reunimos um *corpus* oral a partir de entrevistas retiradas de três diferentes bancos de dados, a saber: a) “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”²⁶; b) Projeto “PEUL” – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua²⁷; c) Projeto “NURC/RJ” – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro²⁸.

Baseamo-nos no trabalho de Oliveira (2012) para a constituição de um *corpus* escrito, composto por textos de *blogs* e revistas retirados da *Internet*. Tais textos foram organizados pela autora em três níveis de formalidade, que serão apresentados e esclarecidos ainda nesta subseção. Neste momento, vamos nos ater a apresentar a característica comum entre o *corpus* sincrônico escrito e o *corpus* sincrônico oral, que se refere ao número total de palavras dos *corpora* sincrônicos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 03 – Constituição dos *corpora* sincrônicos utilizados por número total de palavras

| Complexo oracional subjetivo | | |
|--|------------------------|---------------------------|
| Registro da língua portuguesa | Corpus | Número de palavras |
| Registro oral | “Projeto Mineirês” | 300.000 |
| | “PEUL” | 300.000 |
| | “NURC/RJ” | 300.000 |
| Registro escrito | Nível de formalidade 1 | 300.000 |
| | Nível de formalidade 2 | 300.000 |
| | Nível de formalidade 3 | 300.000 |
| Total de palavras nos <i>corpora</i> sincrônicos | 1.800.000 | |

No quadro 03, apresentamos a composição dos *corpora* sincrônicos analisados nesta pesquisa e a uniformidade a partir do número de palavras. Cada registro da língua – oral e escrito – é composto por três bancos de dados, que totalizam 300 mil palavras cada um, selecionadas aleatoriamente. Nesses termos, tanto o registro oral quanto o registro escrito da língua são constituídos, individualmente, por 900 mil palavras, totalizando 1 milhão e 800 mil palavras para a sincronia. Acreditamos que esse número total de palavras constitui uma

²⁶ Disponível em <http://www.letas.ufmg.br/mineires/>. Acesso em nov. de 2010.

²⁷ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em jan. de 2011.

²⁸ Disponível em <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em mar. de 2011.

amostra bastante representativa da sincronia atual. A seguir, descrevemos brevemente cada um dos três *corpora* sincrônicos orais.

O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela Professora Jânia Martins Ramos na Universidade Federal de Minas Gerais. Esse banco de dados é composto por entrevistas que datam do início do século XXI e descreve o dialeto belo-horizontino em contraste com os dialetos de Arceburgo, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte. No presente trabalho, utilizamos todas as entrevistas que integram o “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” (ANEXO 1). Neste *corpus*, identificamos 83 ocorrências do complexo oracional subjetivo, conforme ilustra o quadro 04, a seguir:

Quadro 04 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* do Projeto Mineirês

| Complexo oracional subjetivo | |
|---|----------------|
| <i>Corpus</i> do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” | 83 ocorrências |

O Projeto “PEUL” – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – é coordenado e desenvolvido por professores-pesquisadores, majoritariamente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse banco de dados é composto por textos orais – entrevistas e gravações de fala espontânea – e por textos escritos. Os pesquisadores desse projeto dedicam-se ao estudo da língua em uso e sua inter-relação com seus aspectos sociais, estruturais e funcionais. Neste trabalho, foram utilizadas as entrevistas que compõem a “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) e o “Censo” (2000) (ANEXO 2), nas quais encontramos 82 ocorrências do complexo oracional subjetivo, conforme descrito no quadro 05 a seguir:

Quadro 05 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* do Projeto PEUL

| Complexo oracional subjetivo | |
|---|----------------|
| <i>Corpus</i> do “Projeto PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” | 82 ocorrências |

O Projeto “NURC/RJ” – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro – é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse banco de dados é composto por entrevistas orais realizadas na década de 1970 e entre as décadas de 1980 e 1990, com informantes cariocas cultos. O projeto objetivou, com as entrevistas da década de 1970, caracterizar a modalidade oral culta carioca da língua. Com as entrevistas do fim de 1980 e início de 1990, o projeto objetivou recontactar os informantes do primeiro momento do projeto e entrevistar novos informantes a fim de se observarem e de se analisarem processos de mudança linguística através da comparação dos dados. Em nossa pesquisa, também investigamos tais entrevistas (ANEXO 3). Em relação à frequência do complexo oracional subjetivo, identificamos 46 ocorrências, conforme apresentamos no quadro 06, a seguir:

Quadro 06 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* do Projeto NURC/RJ

| Complexo oracional subjetivo | |
|---|----------------|
| <i>Corpus</i> do Projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro” | 46 ocorrências |

A partir dos índices de frequência do complexo oracional subjetivo, apresentados nos quadros acima, destacamos a baixa incidência do nosso objeto de análise no Projeto “NURC/RJ” – 46 ocorrências. Por outro lado, nos projetos “Mineirês” e “PEUL/RJ”, o número de ocorrências foi muito próximo – 83 e 82 ocorrências, respectivamente. Embora sinalizemos aqui essa comparação entre os resultados quantitativos dos *corpora* sincrônicos orais analisados, destacamos que, nesta pesquisa, não analisaremos uma possível variação diatópica²⁹.

Como encontramos apenas 211 ocorrências do complexo oracional subjetivo na modalidade oral da língua, selecionamos outros bancos de dados,

²⁹ Segundo Coseriu (1980), a variação diatópica, cujo nome origina-se do grego *dia* e *topos* (que resulta, em português, em “através de” + “lugar”), corresponde à variação da língua conforme influências do espaço geográfico. Essa variabilidade da linguística recebe influências de outras circunstâncias intrínsecas às regiões, a saber, fatores históricos – migrantes e imigrantes – e contatos linguísticos.

constituídos por Oliveira (2012), os quais constituem os *corpora* sincrônicos escritos.

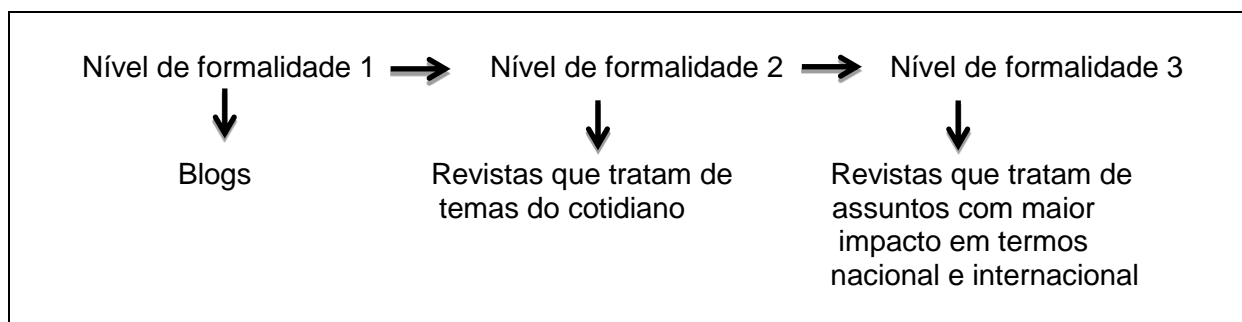
Os *corpora* sincrônicos escritos foram constituídos por textos retirados de *blogs* e revistas *online* que pertencem ao fim do século XX e início do século XXI. Destacamos que os *corpora* sincrônicos escritos foram compilados, originalmente, para o trabalho de Oliveira (2012). Tais textos foram selecionados aleatoriamente e organizados em três níveis de formalidade pela autora, os quais são delimitados da seguinte forma:

Quadro 07 – Organização dos níveis de formalidade dos *corpora* sincrônicos escritos

| Complexo oracional subjetivo | |
|--|--|
| Níveis de formalidade dos <i>corpora</i> sincrônicos escritos | Descrição |
| Nível de formalidade 1 | É composto por textos publicados em <i>blogs</i> que tratam de assuntos relacionados ao cotidiano. Os assuntos são apresentados de forma parcial, predominantemente. |
| Nível de formalidade 2 | Textos publicados em revistas que abordam questões também relacionadas à vida diária, priorizando, portanto, temas triviais. |
| Nível de formalidade 3 | Textos publicados em revistas que observam fatos de interesse nacional e internacional, que apresentam, portanto, impacto social. |

Conforme ilustra o quadro 07, essa organização em níveis de formalidade caracteriza-se, principalmente, pela especificidade do contexto de produção e pela finalidade comunicativa, de acordo com as quais se observa o seguinte *continuum* de formalidade, proposto por Oliveira (2012, p. 66):

Quadro 08 – *Continuum* proposto para os diferentes níveis de formalidade que compõem o *corpus* sincrônico escrito



Dessa forma, o quadro é proposto com base na variação diafásica³⁰. A variação linguística, que caracteriza essa perspectiva, está relacionada ao contexto comunicativo que apresenta especificidades decorrentes das diferentes situações comunicativas vivenciadas pelos interlocutores. Nesse sentido, estão em relevo o tema/conteúdo da comunicação, os participantes e suas relações, as suas características sociais e psicológicas etc.

Além desses elementos, Oliveira (2012) destaca também o suporte comunicativo como característica do registro da língua para a organização do *continuum* de formalidade. A esse respeito, Marcuschi (2009 [2008], p.174) explica que o suporte comunicativo é o “*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. Nesse sentido, as particularidades formais e funcionais do *blog* – nível de formalidade 1 –, que se fixa no ambiente virtual, caracterizado pela versatilidade (MARCUSCHI, 2009 [2008]), possibilita flexibilidade em relação à linguagem, uma vez que não apresenta preocupação primeira em atender a critérios formais da escrita. Marcuschi (2009 [2008]), nesse caso, explica que há uma tendência para a economia da escrita nos ambientes virtuais. Já a revista – níveis de formalidade 2 e 3 – está indexada no bojo dos gêneros jornalísticos, produzidos para difundir informação para grandes massas de leitores. Portanto, manifesta a cultura da sociedade em que as editoras estão inseridas (MEDINA, 2001). A publicação de textos em revistas de circulação nacional solicita uma linguagem padrão, portanto, mais monitorada. Porém, o grau de formalidade entre os textos que compõem os níveis 2 e 3 varia em

³⁰ A variação diafásica, de acordo com Coseriu (1980), diz respeito à variação linguística influenciada por condições extraverbais presentes, portanto, no contexto do ato de fala, caracterizando-o. Trata-se de uma expressão que se origina do grego *dia* e *phasis*, significando “através do discurso”.

função do assunto abordado, o que motivou Oliveira (2012) a organizá-los em outros dois níveis diferentes. Assim, o nível 2 caracteriza-se por uma linguagem mais distensa em relação ao nível 3, o qual, por sua vez, se caracteriza por maior preocupação formal.

Recortamos aleatoriamente 300 mil palavras para cada *corpus* da sincronia oral da língua e assumimos esse total também para cada *corpus* da sincronia escrita da língua, organizados nos três níveis de formalidade mencionados anteriormente. Como apresentamos, o nível de formalidade 1 é essencialmente composto por *blogs*. Nesses termos, relatos sobre viagens, passeios e, ainda, experiências com dietas, atividades físicas rotineiras, intercâmbio, etc., são temas frequentes nesses textos. Nos textos que compõem o nível de formalidade 1 da língua, encontramos 187 ocorrências do complexo oracional subjetivo, conforme quadro 09, a seguir:

Quadro 09 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 1

| Complexo oracional subjetivo | |
|-------------------------------------|-----------------|
| Nível de formalidade 1 | 187 ocorrências |

O nível de formalidade 2 foi compilado a partir de textos da editora Abril, que, como Oliveira (2012) destaca, apresenta revistas para diversos contextos comunicativos que tratam de assuntos referentes ao cotidiano. As revistas “Ana Maria”³¹, “Caras”³² e “Cláudia”³³ compõem o nível de formalidade 2 e foram escolhidas aleatoriamente para compor esse nível de formalidade. Nesse *corpus*, identificamos 452 ocorrências do complexo oracional subjetivo, conforme apresentamos no quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 2

| Complexo oracional subjetivo | |
|-------------------------------------|-----------------|
| Nível de formalidade 2 | 452 ocorrências |

³¹ Disponível em <http://mdemulher.abril.com.br/revistas/anamaria/>. Acesso em ago. de 2011.

³² Disponível em <http://caras.uol.com.br> Acesso em ago. de 2011.

³³ Disponível em <http://claudia.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2011.

Por fim, o *corpus* referente ao nível de formalidade 3 é composto por textos retirados das revistas “Veja”³⁴, “Isto é”³⁵ e “Época”³⁶. Oliveira (2012) explica que essas revistas integram o nível de formalidade 3 por apresentarem conteúdo de interesse nacional e internacional e por exigirem, portanto, majoritariamente, linguagem que atenda ao padrão culto da língua. Dessa forma, integram o nível de formalidade 3 reportagens, notícias e entrevistas sobre política, economia, educação, cultura, lazer e tecnologia que frequentemente apresentam a opinião de especialistas nessas áreas. Nesse nível de formalidade, encontramos 274 ocorrências do complexo oracional subjetivo, como apresenta o quadro 11, a seguir:

Quadro 11 – Ocorrências do complexo oracional subjetivo no *corpus* sincrônico escrito relativo ao nível de formalidade 3

| Complexo oracional subjetivo | |
|-------------------------------------|-----------------|
| Nível de formalidade 3 | 274 ocorrências |

Ao compararmos o índice de ocorrências nos *corpora* sincrônicos orais – 211 ocorrências – e o índice de ocorrências nos *corpora* sincrônicos escritos – 913 ocorrências –, observamos que o registro escrito da língua apresentou um número considerável de ocorrências do complexo oracional subjetivo. Embora reconheçamos a diferença, destacamos aqui que este trabalho não objetiva analisar, de forma pontual, as motivações para esse resultado.

Apresentamos, nesta subseção, a organização e a constituição dos *corpora* sincrônicos e os índices de ocorrência do objeto de análise desta pesquisa nos *corpora* em questão. Na próxima subseção, trataremos da constituição dos *corpora* diacrônicos.

3.1.2. *Corpora* diacrônicos

Conforme apresentamos na introdução deste capítulo, esta pesquisa apoia-se na perspectiva pancrônica. Por isso, pesquisamos nosso objeto em

³⁴ Disponível em <http://veja.abril.com.br/>. Acesso em ago. de 2011.

³⁵ Disponível em <http://www.istoe.com.br/>. Acesso em ago. de 2011.

³⁶ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/>. Acesso em ago. de 2011.

sincronias pretéritas a fim de comprovarmos os elementos funcionais e formais que instanciam o complexo oracional subjetivo. Além disso, como assumimos neste trabalho, a conjugação da perspectiva sincrônica e da perspectiva diacrônica nos permite propor uma rede construcional mais esquemática para o complexo oracional subjetivo.

Assim como na sincronia, procedemos à análise diacrônica, que abrange textos do século XIII ao século XIX e que mantém a equidade do número de palavras em cada século investigado, conforme ilustra o quadro 12, a seguir:

Quadro 12 – Total do número de palavras analisadas nos *corpora* diacrônicos

| Complexo oracional subjetivo | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Século | Total de palavras analisadas |
| Século XIII | 100.000 |
| Século XIV | 100.000 |
| Século XV | 100.000 |
| Século XVI | 100.000 |
| Século XVII | 100.000 |
| Século XVIII | 100.000 |
| Século XIX | 100.000 |
| Total | 700.000 |

Conforme detalhamos no quadro acima, os *corpora* diacrônicos foram constituídos a partir da análise de 100 mil palavras selecionadas aleatoriamente para cada século. Como já destacamos anteriormente, esse recorte para o número de palavras é justificado porque estão disponíveis apenas 100 mil palavras para o século XIII. Assim, obtivemos o total de 700 mil palavras que compõem textos ficcionais e documentos notariais retirados do *corpus* “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval”³⁷ e do projeto “Tycho Brahe”³⁸ (ANEXO 4).

O “CIPM” é um projeto composto por textos do português medieval do século XII³⁹ ao XVI, que possibilita a análise da língua em seu período mais antigo. Já o “Corpus Histórico do Português Tycho Brahe” é composto por 53 textos em português, cujos autores nasceram entre 1380 e 1845. Deste banco de dados, utilizamos textos referentes aos séculos XVII, XVIII e XIX.

³⁷ Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. Acesso jan. 2011.

³⁸ Disponível em <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/>. Acesso jan. 2011.

³⁹ O século XII é composto apenas por 1115 palavras. Pelo fato de ser pouco abrangente, não utilizamos os dados desse período.

Nesses dois *corpora*, foram identificadas 595 ocorrências do complexo oracional subjetivo, conforme ilustra o quadro 13, a seguir:

Quadro 13 - Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo por século no *corpus* diacrônico

| Complexo oracional subjetivo | |
|-------------------------------------|--|
| Século | Total de ocorrências do complexo oracional subjetivo |
| Século XIII | 3 |
| Século XVI | 20 |
| Século XV | 36 |
| Século XVI | 70 |
| Século XVII | 104 |
| Século XVIII | 316 |
| Século XIX | 46 |
| Total de ocorrências | 595 |

O quadro 13 apresenta o índice de ocorrências do complexo oracional subjetivo nas sincronias pretéritas analisadas neste trabalho. Observamos que o número de ocorrências do objeto analisado aumenta até o século XVIII, o qual apresenta índice expressivo em relação aos demais séculos investigados. No século XIX, há uma redução dos usos, indicando possível estabilização na língua.

Apresentamos, nesta subseção, a organização e a constituição dos *corpora* diacrônicos e os índices de ocorrências do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa referentes a esses *corpora*. A seguir, discutiremos a metodologia assumida, neste trabalho, durante a análise dos dados.

3.2. O método qualitativo e a importância da frequência de uso

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o complexo oracional subjetivo a partir do equacionamento entre o método qualitativo de análise e o cálculo da frequência de uso, de base quantitativa. Para tanto, discorreremos, brevemente, sobre princípios gerais desses métodos e sinalizamos os objetivos da adoção dos métodos qualitativo e quantitativo nesta pesquisa, ancorada na abordagem construcional da mudança. Nesse sentido, baseamo-nos, principalmente, nas

considerações teóricas de Schiffrin (1987), Bryman (1998), Bybee (2003), Vitral (2006), Martelotta (2009), Traugott e Trousdale (2013) e Cunha Lacerda (2016), conforme discorreremos a seguir.

A análise qualitativa de dados, para Bryman (1998), ocorre a partir da perspectiva do pesquisador sobre o objeto. Sob esse viés, essa metodologia pretende descrever, detalhadamente, o objeto investigado e compreender o contexto em que é instanciado. Além disso, considera que os conceitos oriundos da investigação surgem a partir dos dados, o que está harmonicamente associado à perspectiva assumida neste trabalho para o estudo da língua no uso, conforme apresentamos no Capítulo I.

Através da metodologia qualitativa, pretendemos nesta pesquisa: a) descrever, pontualmente, os usos do complexo oracional subjetivo; b) compreender os contextos de ocorrência dos dados analisados; c) identificar os possíveis padrões construcionais que emergem no uso da língua.

Para essa investigação, faz-se necessária também a metodologia quantitativa, pois acreditamos que o levantamento da frequência de uso constitui um mecanismo de mudança linguística, conforme propõe Traugott (2011a). Segundo a autora, a frequência de uso é um mecanismo derivado da produção do falante, já que ele é o responsável pela repetição do elemento linguístico, resultando em alta frequência.

Anteriormente a esse trabalho, Bybee (2003) já atribui à frequência de uso efetiva participação na instanciação da mudança. Segundo a autora, o aumento na frequência não apenas resulta no processo de gramaticalização, como também é a “força primária do processo” (BYBEE, 2003, p. 336, tradução nossa)⁴⁰. Nesse sentido, explica que a gramaticalização é instanciada quando sequências de palavras e morfemas têm o número de repetição aumentado, sendo compreendidas como uma unidade construcional, e não como uma estrutura dissociada, o que é conhecido como *princípio da fraca composicionalidade*.

Ainda de acordo com Bybee (2003), no processo de mudança, certas construções apresentam alta frequência *token*, ou seja, apresentam alta frequência de ocorrência de um mesmo par função-forma, o que leva a um

⁴⁰ Cf.: “[Frequency] is a primary contributor to the process”.

maior nível de abstratização. Nas etapas de esquematização da mudança, o modo como o aumento da frequência se estabelece mostra que a construção inicial estende seu uso para outros contextos, baseada em similaridades. Assim, as microconstruções são usadas em contextos cada vez mais amplos, o que pode ocorrer durante longos períodos, de modo que passam a não serem mais agrupadas pelas especificidades, mas pelo significado central que se evidencia (BYBEE, 2003). Através da recorrência do novo padrão de uso, ou seja, da repetição, há o reconhecimento de que se trata de mudança.

Vitral (2006, p. 150) também apresenta a frequência de uso como critério que permite caracterizar o grau de desenvolvimento do elemento em mudança, além de critérios sintáticos, morfofonéticos e semânticos⁴¹, no processo de gramaticalização. Para o autor, esses critérios são interdependentes, de modo que somam na identificação da mudança: “a apreciação da frequência de ocorrência [...] e a comparação dos valores encontrados é [...] o instrumento decisivo que nos permite afirmar estar em curso um processo de gramaticalização” (VITRAL, 2006, p. 155).

Na mesma linha, Martelotta (2009, p.3) advoga a favor da frequência de uso, definindo linguagem como “um sistema complexo no qual fenômenos ocorridos no uso real com altos graus de repetição dão a base para o desenvolvimento de uma gramática”. O autor defende uma metodologia para os estudos funcionalistas que possibilite identificar questões cognitivas presentes no processo de mudança, as quais se ritualizam no uso. Nesse sentido, argumenta que a frequência de uso é importante não só para identificar as relações dos elementos linguísticos em análise nos seus diferentes contextos como também para descrever o valor comunicativo desses elementos no uso da língua e os movimentos de mudança que o caracterizam. O autor conclui, nesse sentido, que a frequência destaca aquilo que o uso consagra como estratégia comunicativa em um contexto específico e em uma forma determinada.

Já Schiffrin (1987) defende, de modo pontual, o equacionamento das análises qualitativa e quantitativa e explica que, comumente, são associadas. Tal associação acontece mesmo que assimetricamente, a fim de fornecer,

⁴¹ Nesta pesquisa, assumimos como igualmente importantes critérios de ordem pragmática e critérios discursivo-funcionais.

através de um número elevado de ocorrências, uma análise adequada da formação e da estrutura de determinados padrões. Além disso, essa congruência na análise possibilita, especialmente pela perspectiva quantitativa, obter significância estatística.

Comungamos, portanto, com as pospostas de Vitral (2006), Martelotta (2009), Traugott (2011a) e Bybee (2003) acerca da efetiva importância da frequência de uso e, conforme proposto por Schiffrin (1987), assumimos uma análise quantitativa associada à análise qualitativa dos dados a partir da abordagem construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013).

Traugott e Trousdale (2013, tradução nossa), embora não tratem pontualmente da relevância da análise quantitativa para a abordagem construcional da mudança, apresentam sua importância associada à replicação e à convencionalização nos registros textuais⁴², uma vez que advogam a instanciação dos fatos linguísticos inovadores através dessas etapas. Os autores esclarecem:

O nosso trabalho, neste livro, apresentou uma abordagem qualitativa para a construcionalização e as mudanças construcionais. Nisso nós nos diferenciamos de Hilpert (2013), cuja pesquisa tem sido conduzida na tradição da linguística de *corpus* quantitativa. Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social. Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrenchment e o grau de abstração a partir do qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa)⁴³.

⁴² Cf.: “We associate ‘sufficient frequency’ with replication and conventionalization in the textual record”.

⁴³ Cf.: “Our work in this book has presented a qualitative approach to constructionalization and construcional changes. In this we have differed from Hilpert (2013), whose research has been conducted in the tradition of quantitative corpus linguistics. We consider the qualitative and quantitative approaches to be complementary for work in historical linguistics and envisage the possibility of bringing the two approaches together in studies of ongoing language change, where analysis of micro-variation at the level of individual speakers could be combined with quantitative analysis of macro-variation at the level of the social group. Such quantitative studies allow for a more fine-grained approach to the relationship between frequency and entrenchment, and the degree of abstraction at which groups of speakers appear to organize aspects of their linguistic knowledge”.

No excerto, Traugott e Trousdale (2013) assumem que a associação da análise de natureza quantitativa à qualitativa possibilita compreender a instanciação das inovações linguísticas – no nível do uso individual – que se regularizam na língua – no nível do uso social.

Baseando-nos nessas reflexões, acreditamos que o levantamento da frequência de uso, em textos sincrônicos e diacrônicos, nos permite atestar regularidades e identificar inovações que emergem na interação, compondo níveis esquemáticos e abstratos e, portanto, delineando uma rede construcional.

Esse encaminhamento metodológico é discutido e proposto por Cunha Lacerda (2016). A autora sistematiza que, através da análise qualitativa, o analista caracterizaria o pareamento função-forma dos níveis esquemáticos – desde o mais basilar ao mais esquemático –, bem como seu contexto de uso. Já através do levantamento da frequência de uso, poderia compreender como os construtos se tornam convencionalizados na língua; poderia ainda compreender a extensibilidade da rede construcional e verificar se há padrão construcional produtivo que seja exemplar para a emergência de novos padrões microconstrucionais via analogização, como propõem Traugott e Trousdale (2013). Segundo Cunha Lacerda (2016), o equacionamento entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa “pode trazer importantes evidências empíricas no que se refere à ocorrência de mudança construcional e de construcionalização” (CUNHA LACERDA, 2016, p. 85).

Dessa forma, tomamos como evidente a importância da investigação de base quantitativa e qualitativa para a abordagem construcional da mudança.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS: NÍVEIS CONSTRUCIONAIS DO COMPLEXO ORACIONAL SUBJETIVO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Este capítulo apresenta a sistematização dos níveis de esquematicidade do complexo oracional subjetivo – composto por oração matriz formada por verbo *ser* e predicativo e oração encaixada subjetiva – que veicula o posicionamento do falante através de marcas modalizadoras ou avaliativas com graus de relevo na língua portuguesa. Para a análise, tomamos como referência a abordagem construcional da mudança, que prevê a organização do objeto de natureza gramatical em estudo a partir da sua função e da sua forma, conforme apresentamos detalhadamente no Capítulo I.

Como assumimos também no Capítulo I, o pareamento, geralmente apontado na literatura como *forma-significado* (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), será encaminhado na análise dos dados desta pesquisa a partir do pareamento *função-forma*. Consideramos a relação intrínseca entre esses componentes para a instanciação da construção.

Apoiados nessa abordagem teórica, pretendemos neste capítulo:

- (a) descrever os padrões construcionais do complexo oracional subjetivo, cuja matriz é composta por verbo *ser* e predicativo na língua portuguesa, considerando que são construções formadas pelo pareamento entre função e forma;
- (b) identificar níveis esquemáticos, a saber, macroconstrução, mesoconstrução e microconstrução, em que conjuntos de construtos façam parte de um padrão comum e, ao mesmo tempo, apresentem especificidades em relação ao nível anterior (TRAUGOTT, 2008a, 2008b)⁴⁴;

⁴⁴ Conforme sinalizamos no Capítulo I, neste trabalho, entendemos macroconstrução e mesoconstrução conforme proposta de Traugott (2008a, b). Esclarecemos ainda que a opção por tais termos e seus conceitos deve-se à compreensão de que, nesta proposta, os dois

- (c) propor uma rede construcional (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) para o complexo oracional subjetivo na língua portuguesa.

Conforme já sinalizado no Capítulo II, o complexo oracional subjetivo é entendido, neste trabalho, como a representação formal de uma oração matriz e uma oração encaixada à matriz, que funciona sintaticamente como sujeito. A oração encaixada subjetiva preenche um argumento sintático. Esse complexo oracional caracterizou-se, tipicamente, na pesquisa diacrônica e sincrônica, pelos seguintes elementos:

- (i) oração matriz: verbo *ser* e predicativo, em que podem estar presentes adjetivo, substantivo ou, ainda, particípio, com função adjetiva;
- (ii) oração encaixada subjetiva: complementizador *que* ou *de*; verbo finito ou não-finito; e argumentos que, possivelmente, esses verbos podem selecionar.

Como vimos no Capítulo II, as características das orações matrizes e suas subjetivas são também descritas por outros pesquisadores, mas sob o enfoque tradicional da gramaticalização ou, mais recentemente, sob o enfoque construcional, com recorte dos predicados das matrizes com função parentética. Como apresentamos, Gonçalves (2001) analisa as orações subjetivas à luz da teoria dos protótipos, apresentando as características formais mais comuns; Gonçalves *et al.* (2008) descrevem as orações subordinadas subjetivas a partir de aspectos semânticos e discursivos e a partir de aspectos formais, com algumas correlações; Moura (2009) mostra a função quase-adverbial das orações matrizes indicadoras de modalidade epistêmica e de avaliação, a partir da análise do processo de gramaticalização; Fortilli (2012) descreve e ilustra o processo de dessentencialização e de gramaticalização das subjetivas, destacando o percurso mais gramatical das matrizes indicadoras de modalidade epistêmica asseverativa; Fortilli e Gonçalves (2013) mostram a construção *é claro que* em sua função parentética focalizadora com

elementos do pareamento função-forma apresentam-se claramente delineados (TEIXEIRA & ROSÁRIO, 2016).

significado epistêmico. Gonçalves (2015) revisita, a partir da abordagem construcional, análises já apresentadas das subjetivas epistêmicas sob o enfoque da gramaticalização, apresentando esquema geral que traduza o uso formal e semântico apenas das matrizes epistêmicas asseverativas. E Dias (2013), por sua vez, ao abordar a (inter)subjetividade e a conexão entre matrizes e encaixadas subjetivas, mostra que a (inter)subjetividade é desencadeada pelo falante ao sobrepor à função sintática da oração matriz de selecionadora de oração encaixada subjetiva valores semântico-discursivos de modalização e de avaliação na ordem não-marcada, constituída por oração matriz e encaixada subjetiva; e de valores semântico-discursivos de avaliação, com sobreposição de valores textual-discursivos de marcadores discursivos de assentimento, comentário e avaliação na ordem marcada, caracterizada por apresentar a oração encaixada subjetiva anteposta à oração matriz. Mais recentemente, a autora propõe que o espaço inicial da matriz é o *lócus* da expressão de atitude do falante, marcando sua perspectiva (cf. DIAS, 2015).

Diferentemente, neste trabalho, nossos objetivos são descrever e explicar a generalização em rede da função e da forma do complexo oracional subjetivo a partir, principalmente, da análise da oração matriz composta por verbo *ser* e predicativo na língua portuguesa e, ao mesmo tempo, descrever e explicar similaridades sintático-semânticas e diferenças pontuais que permitem a instanciação de diferentes padrões oracionais. Nosso olhar para os dados busca, nesse sentido, a partir do pareamento função-forma, compreender os usos através dos quais o falante se expressa. Consideramos, na perspectiva construcional da mudança, que todas as instâncias que caracterizam uma construção são igualmente importantes para sua definição.

Nas discussões em torno do complexo oracional subjetivo, a literatura tradicional sobre orações subordinadas aborda outras realizações formais para a oração matriz e seu sujeito oracional que não são consideradas nesta pesquisa. Apresentamos tais possíveis realizações das encaixadas subjetivas e suas matrizes a seguir, a partir das definições e categorizações de Bechara (2004), Neves (2000) e Azeredo (2008)⁴⁵. A fim de ilustrar, selecionamos

⁴⁵ Além dos usos identificados por esses autores e ilustrados neste trabalho, existem também outros tipos de realização encontrados no uso, como construções híbridas e parentéticas, que não fazem parte do nosso objeto de análise.

ocorrências da sincronia atual que foram identificadas nos *corpora* analisados para esta pesquisa.

De acordo com Bechara (2004, p.484), a oração matriz e a encaixada subjetiva podem se realizar através de:

(a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

(10) Conforme fontes oficiais, as peças teriam sido distribuídas entre maio e junho a nove províncias japonesas, incluindo a capital. Análises apontaram que a carne entregue em Shizuoka continha quatro vezes o limite considerado legal de césio radioativo. Um atacadista de Tóquio também teria recebido o produto com níveis excessivos de substâncias químicas, mas ainda não se sabe se foi consumido. Já se sabe, também, que a mesma carga chegou a restaurantes das cidades de Aichi, no centro, e Chitose, no norte do país, mas os testes de contaminação ainda não foram concluídos. (Modalidade escrita, nível mais formal)

(b) verbo na voz passiva (*estar* e *ficar*) seguidos de participípio:

(11) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, o presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso, e o comissário europeu para Assuntos Econômicos e Monetários, OlliRehn, foram convocados para o encontro em Bruxelas. Está previsto que as conversas girem em torno da tentativa de garantir a participação do setor privado em um segundo pacote de resgate à Grécia e das crescentes preocupações com a Itália. A reunião tentará chegar a um consenso mais claro entre os funcionários antes de que os ministros das Finanças da zona do euro se reúnam mais tarde na segunda-feira para tratar do tema da Grécia e dos resultados das provas de estresse dos bancos europeus, que devem ser divulgadas em 15 de julho. (Modalidade escrita, nível mais formal)

(12) Pessoal, desculpaí. Não tenho atualizado porque ando sem grandes dramas atualmente e mal tenho tido tempo para pensar sobre a vida, o universo e tudo mais. Não está uma correria, mas meu trabalho de conclusão tem me tirado um bom tempo. Tem a minha empresa, que eu ando às voltas com produção para fazer a coisa andar. E tem um bocado de coisas legais que sempre acontecem, mas que fica complicado contar no blog. Por incrível que pareça, eu consigo ainda entrar no Facebook e atualizar meia dúzia de coisinhas então, se quiser adicionar, fique à vontade (como diz um vizinho meu, eu nem olho quem adicionou, beleza). Obrigada pela compreensão, um grande beijo e atualizo assim que um novo drama vier à mente. (Modalidade escrita, blogs)

(c) verbos *estar* e *ficar* seguidos de substantivo⁴⁶ ou adjetivo:

- (13) LOC. - Bom, eu moro na Tijuca, já há bastante tempo, bastante tempo, desde que eu nasci, né e, fica meio difícil de eu falar se eu noto alguma diferença, porque, tudo bem até época de colégio, eu, frequentava o bairro da Tijuca e depois fui eu comecei a fazer, a, cursar faculdade, e eu já nadava aqui no Flamengo, quer dizer, ficou meio, altamente zona sul, quer dizer, quando eu, vou, às vezes, até até fazer compra, praça Saens Pena assim, né, você pega, o local na Tijuca que você mais faz compras, é, sábado, que por acaso eu tô em casa, mas geralmente, tô, ou venho treinar de manhã, ou então às vezes vai pra shopping, mais tarde. Então quer dizer fica meio difícil comparar o comércio. Eu sou uma tujucana meio, não muito praticante né. (Modalidade oral, NURC/RJ, recontato, inquérito 12)
- (14) Também suspirou quando viu a *câmera bag* que a *Andy Torres criou em parceria com a Kipling?* Pois pode começar a separar um *budget* para vestir os seus outros brinquedinhos *hightech*. Afinal, está cada vez mais fácil encontrar cases lindos de viver compondo as linhas de acessório das nossas marcas e lojas favoritas. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(d) verbos *parecer*, *constar*, *ocorrer*, *urgir*, *importar*, *convir*, *doer*, *pungir* e *acontecer*⁴⁷:

- (15) O chuveiro do New Yorker era bem mais ou menos, mas foi o banheiro mais espaçoso que conheci em NY =) E quanto ao atendimento, eles não chegam a ser grossos, mas um pouco impacientes, talvez... Parece que têm preguiça de turista gringo e presumem que todos não entendem o que eles tão fazendo, sabe? (Modalidade escrita, nível intermediário)
- (16) Existem certas situações que são sintomáticas de orgulho e preconceito. Pequenas, grandes, veladas ou escachadas. Por exemplo, aqui no sul do Brasil onde vivo existe um grande orgulho – do qual compartilho - da nossa história, das nossas iniciativas e posições como povo. Algo que desperta admiração não só entre nós, mas também de muitos que nos percebem orgulhosos de nossas raízes. Ocorre que muitos não têm orgulho do povo que somos, mas do povo que seríamos comparativamente a outros. Como se houvesse um manual do “melhor” e do “pioor” de como definir-se como ser humano, em se tratando de relações sociais, laborais ou comportamentais. (Modalidade escrita, blogs)

(17) Aloprados no Mato Grosso

⁴⁶ Não foram encontradas, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, ocorrências de orações encaixadas subjetivas e matrizes com verbos *estar* e *ficar* seguidos de substantivo, conforme nos propõe Bechara (2004, p.484).

⁴⁷ Não foram encontradas, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, ocorrências de orações encaixadas subjetivas e matrizes com os verbos *constar*, *doer* e *pungir*, os quais nos apresenta Bechara (2004, p.484).

Há mais coisas aí. Se urge — e **urge** — que Mercadante deponha no Congresso para que se pronuncie sobre as acusações de Expedito Veloso, Abicalil também deve ser convocado, e explicações têm de ser cobradas do senador Blairo Maggi. Por quê? Veloso também denunciou um esquema sujo de alcance local, no Mato Grosso, e este que Ideli quer como seu segundo aparece no centro da trama denunciada. As vítimas foram os então senadores Antero Paes de Barros, do PSDB, e Serys Shessarenko, do próprio PT. Reproduzo trecho da reportagem da VEJA desta semana: [...]. (Modalidade escrita, nível mais formal)

- (18) Após dois mandatos de um presidente que se gabava de não ler nem jornal, oito anos sendo obrigada a engolir a glamourização da ignorância e a glorificação do inculto, dá enorme alívio ouvir Dilma falar assim. **Não importa** que a maioria dos telespectadores nem sequer saiba quem é Dostoiévsky, o autor de *Crime e castigo* que viveu no século XIX. Isso é detalhe. (Modalidade escrita, nível mais formal)

- (19) Fusão do 1º ciclo com o 2º

Boas, a estratégia deste governo é conhecida e tem sido praticada dia após dia. Coloca-se um boato em circulação para analisar as ondas de choque. Depois encomenda-se um estudo e mais tarde vem a proposta legislativa. Tirando o imposto sobre o tabaco que o Sr. que foi Primeiro antes de engenheiro deixa de nos pagar, tudo o resto tem por trás um fantástico estudo. Desta vez é sobre a transição entre os dois primeiros ciclos de ensino. Sem conhecer o estudo não vale a pena perder muito tempo a pensar no assunto, mas **convém começar** a pensar no tema (eeheheh). É que não vai demorar muito até aparecer qualquer coisa por aí. (Modalidade escrita, Blogs)

- (20) Mas a sociedade já amadureceu suficientemente para perceber que boas intenções de nada servem sem sustentação política e projetos administrativos viáveis. Resta a opção que parte da classe média emergente e/ou conservadora e setores da grande mídia tentam empurrar goela abaixo como única alternativa viável: o PSDB. **Acontece que as pessoas não perceberam** que o modelo de governo proposto pelo PSDB não é, na conjuntura atual do país, aquela que vai ao encontro dos anseios da grande maioria da sociedade. José Serra está longe de ser uma pessoa reacionária e conservadora, pelo contrário, até acredito que ele tenha sido de fato um bom administrador em São Paulo. (Modalidade escrita, nível intermediário)

Além dos casos apresentados por Bechara (2004) e exemplificados acima, encontramos algumas realizações nos *corpora* que estão elencadas por Neves (2000) e que também não são consideradas nesta pesquisa. A seguir, a ocorrência (21) ilustra predicado formado pelo verbo *bastar*, unipessoal, porque aparece na terceira pessoa do singular. Na sequência, a ocorrência (22) apresenta uma construção negativa, cuja matriz é composta pelo advérbio de negação *não*, pelo verbo *ter* e por substantivo; e (23) nos traz um caso de

“predicado formado por verbo que faz identificação entre o sujeito oracional e o complemento oracional” (NEVES, 2000, p.343). Tanto (22) quanto (23) ilustram ocorrências que também não são abordadas nesta pesquisa:

- (21) Seria muito bom se as coisas se moldassem para alcançarmos o sucesso, se neste fim de semana, que é dia das mães, o Universo perdoasse o excesso de comida na hora do almoço e das tantas sobremesas que poderão estar presente também. Que ele não percebesse a caixa de chocolates que talvez você ganhe, como demonstração de amor do seu filho caçula (*ele te ama!*). Você não é vítima, não queira o resultado do outro, você terá o seu, na medida que se FORTALECER emocionalmente e acreditar que a sua História de sucesso está escrita, **basta** você **começar a decifrá-la**. (Modalidade escrita, nível intermediário)
- (22) E: Mas, a diferença de um filme nacional pra um americano, você acha que é só a produção?
F: É a produção, dinheiro, tudo, dinheiro, é mais dinheiro. Aqui no Brasil não tem condições. Com tanta gente passando fome, Nordeste, tudo, [eles]... Eles vão dá cem milhões, quinhentos pra fazer um filmezinho. Isso aí é, é tipo assim, supe:r contraditório. **Não tem lógica**, a gente pegá, **o Ministério da Cultura dar tanto dinheiro pra um filme**, e tanta gente passando fome [num]... Num país desse. (Modalidade oral, Projeto PEUL, entrevista R01- Eri1)
- (23) Já para Thomas Schmall, presidente da Volkswagen no país, **patrocinar a seleção é “acreditar no Brasil”**. “Há grande sinergia entre a Volks e a seleção. O brasileiro é apaixonado por carros e sente a Volks com uma empresa brasileira”, diz ele, cuja empresa tem acordo com a CBF até 2014. (Modalidade escrita, nível mais formal)

Em relação às ocorrências formadas por verbo *ser* e predicativo na matriz, estamos considerando aquelas que apresentam adjetivo, substantivo ou particípio – como encontrado, principalmente, em dados diacrônicos – no predicativo. Além disso, consideramos as ocorrências que compõem sentenças declarativas afirmativas ou negativas. Não compõem nosso quadro de análise, porém, sentenças interrogativas⁴⁸, como:

⁴⁸Segundo Palmer (1986), as sentenças interrogativas variam muito, entre as línguas, em relação à forma em que se apresentam. Entre as várias formas, há, por exemplo, características sintáticas, como a inversão entre sujeito e auxiliar no inglês, a presença de partículas, os clíticos como em Tigrinya – língua da Etiópia –, a entonação, que se apresenta como uma característica regular em muitas línguas, mas que merece especial atenção para que seja feita a correspondência adequada entre tal entonação e as perguntas. Além disso, o autor observa que as interrogativas não apresentam uma relação formal com o sistema modal em muitas línguas e, semanticamente, parecem relacionar-se mais ao discurso do que à modalidade, pelo fato de apresentarem uma questão ou operarem como resposta, entre outras características. Em razão dessas especificidades, não trataremos da realização do complexo oracional subjetivo em perguntas na língua portuguesa.

- (24) E: Você disse que faz UFMG, está terminando Matemática. **Foi difícil entrar na federal?** Precizou fazer cursinho?
 F: Pra entrar eu não achei muito difícil não. (Modalidade oral, Projeto Mineirês, entrevista BH 12)

Por fim, não estamos considerando o caso abaixo, que ilustra oração subordinada substantiva “desenvolvida e introduzida por pronome indefinido” – exemplificada em (25) –, podendo ser também introduzida por “advérbio interrogativo” – ilustrada em (26) –, conforme definição de Azeredo (2008, p.311):

- (25) Segundo a especialista, diversos estudos demonstram que nos momentos de fúria ativamos regiões cerebrais relacionadas ao desejo, o que nos ajuda a focar nossas atitudes e a atenção em necessidades imediatas. "Há uma crença deturpada de que **quem tem inteligência emocional não manifesta a raiva**, principalmente no ambiente de trabalho. Mas há formas e formas de demonstrar a insatisfação. Pontuar que algo não nos agradou não tem nada a ver com ser rude ou grosseiro", afirma. (Modalidade escrita, nível intermediário)
- (26) É preciso mesmo que as pessoas sejam rotuladas (como li num comentário do primeiro post, que meu texto parecia coisa de sapatão “caminhoneira”, denotando um enorme preconceito com as mulheres que são masculinizadas) e apontadas como “defeituosas” como se **quem aponta o dedo seja o exemplo da perfeição na Terra?** E se eu fosse uma lésbica? E se eu fosse uma lésbica masculinizada? O que os outros teriam a ver com isso? O fato me tornaria menos digna de respeito? (Modalidade escrita, blogs)

Devido ao recorte realizado nesta pesquisa, o complexo oracional subjetivo, objeto deste estudo, é especificado pela composição da matriz – verbo *ser* e predicativo – a fim de distingui-lo das demais realizações formais das matrizes de orações encaixadas subjetivas já descritas e ilustradas anteriormente. Essa especificação sinaliza também o enfoque dado na análise deste trabalho: pesquisamos e descrevemos o complexo oracional subjetivo, pontualmente, a partir da oração matriz, uma vez que observamos ser ela o *lócus* do posicionamento do falante (DIAS, 2013, 2015), recebendo maior ou menor grau de relevo, sem, contudo, desconsiderarmos a oração encaixada subjetiva, que se apresenta, tipicamente, harmonizada à matriz.

Para atender à descrição do complexo oracional subjetivo a partir da abordagem construcional da mudança, o capítulo está organizado em quatro

seções, a saber, 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4. Na primeira seção – seção 4.1 –, apresentamos os níveis mais hierárquicos da rede de construções do complexo oracional subjetivo: um nível macroconstrucional e dois níveis mesoconstrucionais. Nesta seção, os níveis mais hierárquicos serão discutidos conjuntamente com algumas ocorrências que os caracterizam.

Assim, na seção 4.1, descrevemos, inicialmente, as características do pareamento função-forma da macroconstrução. Na sequência, apresentamos o nível em que a macroconstrução se especifica, ou seja, analisamos as mesoconstruções 1 e 2. Após a apresentação das características funcionais e formais desse nível mesoconstrucional, exemplificamos com dados da sincronia atual e de sincronias pretéritas. Passamos, em seguida, à análise quantitativa dos dados referentes às mesoconstruções 1 e 2, as quais se subdividem em níveis mesoconstrucionais mais baixos na hierarquia, intitulados, neste trabalho, como mesoconstruções 1.1 e 1.2 e 2.1 e 2.2, respectivamente. Nesse sentido, mostramos as características dessas mesoconstruções em uma discussão que caracteriza função e forma. Após a discussão referente às características funcionais e formais das mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2 e exemplificação com dados sincrônicos e diacrônicos, passamos à análise quantitativa desse nível mesoconstrucional mais inferior na rede. Vale ressaltar aqui, conforme apontado no Capítulo III, que a diacronia possui, neste trabalho, o papel de auxiliar na compreensão dos resultados obtidos para os dados referentes à sincronia atual. Desse modo, os dados de sincronias pretéritas serão apresentados, quando necessário, a fim de confirmar questões relevantes na análise.

Já nas seções 4.2 e 4.3, analisamos as microconstruções, as quais configuram o nível construcional mais baixo na hierarquia. Na seção 4.2, identificamos, caracterizamos e ilustramos os cinco padrões microconstrucionais – 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3; 1.2.1 e 1.2.2 – referentes às mesoconstruções 1.1 e 1.2 com dados da sincronia atual e de sincronias pretéritas. Na sequência, apresentamos os resultados quantitativos desse nível microconstrucional.

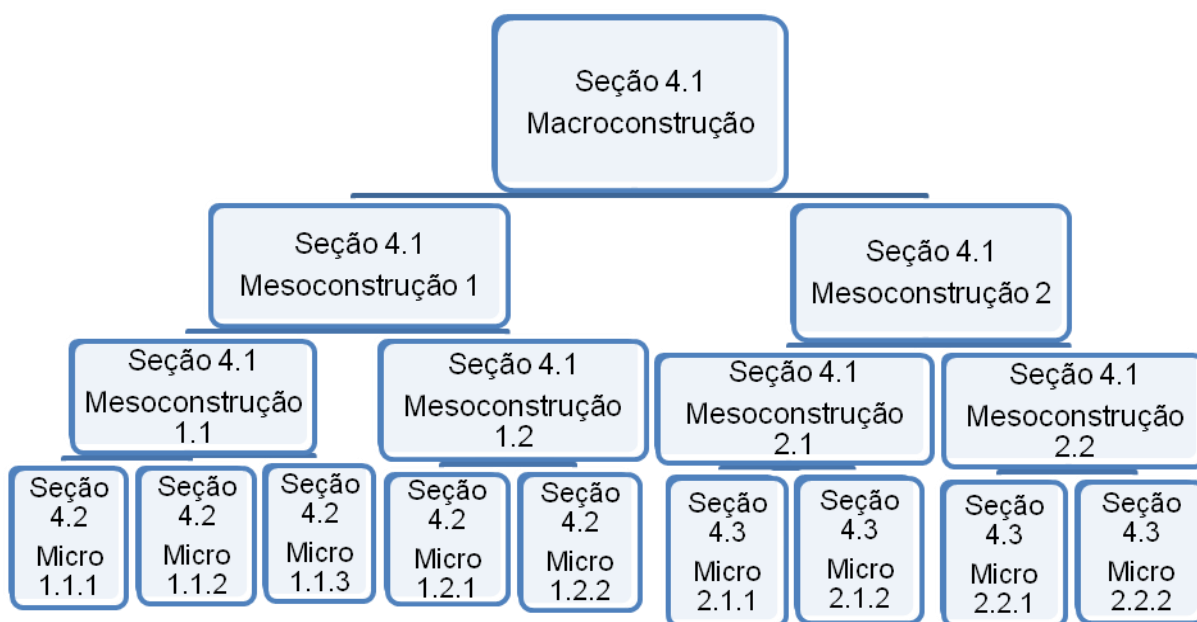
Na seção 4.3, propomos os quatro padrões microconstrucionais – 2.1.1 e 2.1.2; 2.2.1 e 2.2.2 – referentes às mesoconstruções 2.1 e 2.2 e os caracterizamos e ilustramos também com dados da sincronia atual e de

sincronia pretéritas. Em seguida, apresentamos a análise quantitativa desse nível microconstrucional. Nas seções 4.2 e 4.3, os dados de sincronias pretéritas serão apresentados, quando necessário, para referendar questões relevantes na análise.

Essas quatro sessões apresentam discussões embasadas por trabalhos da literatura tradicional e pela literatura linguística, com o objetivo de referendarem nossa proposta de pareamento função-forma para o complexo oracional subjetivo e sua organização hierárquica em rede.

A fim de sistematizar os níveis hierárquicos que serão analisados, apresentamos a figura a seguir, a qual ilustra a proposta de organização da rede construcional de acordo com a ordem de apresentação e de análise neste capítulo:

Figura 02 – Organização dos níveis hierárquicos conforme ordem de apresentação e análise



Por fim, na seção 4.4, apresentamos nossa proposta de rede construcional para o complexo oracional subjetivo da língua portuguesa. Nesse sentido, buscamos confirmar como a abordagem construcional nos permite

pensar a mudança a partir da extensão de padrões microconstrucionais, os quais generalizam níveis mais hierárquicos à medida que são por eles afetados.

4.1. Níveis mais hierárquicos do complexo oracional subjetivo: macroconstrução e mesoconstruções

Com o objetivo de expandir as reflexões sobre como o sistema linguístico se transforma, nos propomos a analisar o complexo oracional subjetivo, de natureza gramatical, sob a abordagem construcional da mudança, conforme proposta de Traugott e Trousdale (2013). Os autores consideram que a língua é formada por uma rede de pares de função e de forma convencionalizados, em que microconstruções herdam propriedades de esquemas mais gerais. Nesse sentido, apresentamos, nesta seção, a proposta de um nível esquemático mais geral – denominado macroconstrução – para o complexo oracional subjetivo em direção a dois níveis mais inferiores na rede – denominados mesoconstruções (TRAUGOTT, 2008a, 2008b).

Conforme apresentado no Capítulo I deste trabalho, Croft (2001) e Gisborne e Patten (2011) esclarecem que a inovação da língua ocorre através das novas construções que emergem, as quais se instanciam a partir de um esquema construcional mais geral.

Fischer (2011) explica que os elementos linguísticos que compõem as construções instanciadas estão armazenados em nosso cérebro em paradigmas e categorias diferentes, tanto formalmente quanto semanticamente. Considerando que existem muitos elementos híbridos na língua, o usuário, analogicamente, utiliza como base um padrão existente, ancorado em um sistema abstrato de gramática que permite a seleção entre as formas disponíveis. E é a partir dessa base que o usuário realiza inferências sugeridas e generaliza usos em diferentes níveis de esquematicidade. O falante categoriza a forma linguística dependendo do contexto, que sofre pressões semântico-pragmáticas oriundas dos padrões presentes na gramática naquele momento (FISCHER, 2011).

Os usuários não têm acesso direto às realizações abstratas, porém são capazes de abstratizá-las e, em decorrência, gerar padrões de uso que serão atualizados ao serem instanciados por novos elementos gramaticais via

analogia. Nesse cenário, a frequência desempenha um importante papel: acessamos o padrão frequente como uma unidade única, ou seja, uma unidade formada por elementos que se aderem (FISCHER, 2011; BYBEE, 2010).

Conforme a proposta de Traugott (2008a, 2008b), assumida neste trabalho, a macroconstrução é o nível que abarca as construções mais genéricas, compreendendo representações complexas com diferentes possibilidades de preenchimento em seus *slots* (BYBEE, 2010). Esse nível mais esquemático é estabelecido cognitivamente e, a partir dele, são herdadas propriedades particulares, formando níveis construcionais cada vez menos gerais e, portanto, mais específicos – as mesoconstruções.

Nesse contexto, o objeto de análise desta pesquisa – complexo oracional subjetivo formado por verbo *ser* e predicativo na matriz – é composto, na macroconstrução, pelas seguintes características em relação à função e à forma:

Quadro 14 - Macroconstrução do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| MACROCONSTRUÇÃO | |
|------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento</i> do falante com maior/menor grau de <i>relevo</i> . |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO] ^{anteposta/posposta} [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

O nível mais geral do complexo oracional subjetivo é marcado pela presença de elemento fixo – predicativo – em relação à forma para a expressão singular de *posicionamento* do usuário da língua. Apresentamos, inicialmente, as características funcionais e, na sequência, as características formais desse nível construcional. Embora admitamos que o par, constituído pela função e pela forma, atue juntamente na língua, apresentamos aqui primeiramente um aspecto – função – e, em seguida, o outro – forma –, com uma finalidade meramente didática, mas intentamos relacioná-los no decorrer desta discussão.

Em termos funcionais, o complexo oracional subjetivo marca *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*, conforme

apresentado no quadro 14. Para a definição da função do objeto em estudo, assumimos o termo “falante”, mas esclarecemos que esse elemento é tomado a partir da interação comunicativa em que participam da elaboração do significado falante e ouvinte, escritor e leitor. Nesses termos, “falante” representa, em nosso trabalho, os possíveis usuários da língua com seus correspondentes na interação.

A análise dos dados e a nossa busca na literatura para uma explicação sobre o conceito de *posicionamento* para o complexo oracional subjetivo nos mostraram que as possibilidades semânticas instanciadas adicionam significado ao valor semântico neutro da proposição, chamado por Bybee e Fleischman (1995) de declarativo. Os autores trazem tal explicação para a atuação da modalização no discurso – que é uma das especificidades da função do *posicionamento do falante* –, uma vez que consideram a modalidade como um domínio semântico, expresso na língua através de elementos específicos, que podem ser distinguidos formalmente.

Observamos, nos dados, que o mesmo pode ser considerado para a avaliação, uma vez que, através do *posicionamento avaliativo* – que é outra especificidade da função do *posicionamento do falante* –, o falante agrega valores negativos ou positivos ao discurso a partir do seu *engajamento* (MARTIN, 2003). A esse respeito, Martin (2003) esclarece que o *engajamento* do falante está instanciado por recursos disponíveis na língua que situam uma opinião em relação a outra. Nesse mesmo viés, White (2003) propõe recursos linguísticos através dos quais os falantes se expressam, negociam e naturalizam posicionamentos ideológicos e intersubjetivos. Dentro desse amplo escopo, sua proposta está mais diretamente relacionada à linguagem da avaliação, da atitude e da emoção.

Nesse sentido, ao assumirmos o *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo* como característica da função do complexo oracional subjetivo, estamos também assumindo, de modo opositivo, que existem elaborações linguísticas que podem não apresentar o *posicionamento do falante com maior/ menor grau de relevo* como marca semântica explícita. Assim, consideramos que uma sentença possa estar marcada pelo *posicionamento* do falante – de natureza modalizadora ou avaliativa, conforme apresentaremos, ainda nesta seção, aos analisarmos as mesoconstruções – ou

possa não apresentar a impressão de um posicionamento – que não é objeto de estudo deste trabalho. Em relação ao complexo oracional subjetivo, assumimos, portanto, que esse objeto de pesquisa representa uma declaração afirmativa ou negativa, dispendo de *status* modalizador ou avaliativo explícito – formalmente identificado, principalmente através do predicativo na matriz –, relativo ao conteúdo proposicional descrito na oração encaixada.

Para a compreensão da proposta de que o falante marca, através do complexo oracional subjetivo, o seu *posicionamento com maior/menor grau de relevo*, apoiamo-nos também em Travaglia (2006), segundo o qual os predicados em períodos compostos, que funcionam ou não como orações principais, são considerados recursos sintáticos para a marcação de relevo. Entre esses predicados, o autor destaca “é importante, é urgente, é notório, é fundamental, é imprescindível, é significativo, é interessante, é preciso”(TRAVAGLIA, 2006, p.196), que são segmentos representativos das orações matrizes do complexo oracional subjetivo, objeto deste estudo. O autor explica que, através desses predicados, o locutor sinaliza para seu interlocutor que aquilo que disse/escreve é importante para as ideias apresentadas ou para a conclusão a que se deve chegar ou ainda para a interação que está ocorrendo. Em uma discussão semelhante sobre avaliação, Hunston e Thompson (2003) destacam como a organização do discurso e a construção e a manutenção das relações entre os interlocutores se estabelecem a partir do *posicionamento* do falante.

Traugott (1995) também endossa nossa proposta ao explicar que, da necessidade que o falante tem de sinalizar a relevância do seu *posicionamento*, decorrem (i) a subjetivização, que é entendida como a inserção do falante no discurso, a partir da expressão da sua perspectiva ou da sua opinião, identificada gramaticalmente por expressões ou itens linguísticos específicos; e (ii) a intersubjetivização, que compreende a atenção do locutor em relação ao interlocutor – uma vez que o interlocutor é tomado como sujeito ativo na interação – e que também é gramaticalmente sinalizada (TRAUGOTT, 1995, 2010b). De acordo com Traugott e Dasher (2005), entre os elementos gramaticais estão dêixis de tempo e de espaço, modalidade epistêmica, marcadores discursivos etc. De forma semelhante, Martin (2003), ao tratar da avaliação nos enunciados, esclarece que o fator chave para a atuação do

engajamento no discurso é a intersubjetividade, que está relacionada a quando, como e se o falante está aberto para reconhecer posições alternativas para si mesmo. Entre as formalizações para o engajamento estão a projeção, a polaridade, a concessão, entre outras formas, e a própria modalidade.

Por fim, apoiamo-nos também em Koch (1984, p.138), que explica as “orações modalizadoras” a partir da enunciação, ou seja, a partir da relação entre o texto e seu evento, considerando, portanto, aspectos sintático-semânticos e pragmáticos. Para citar algumas “orações modalizadoras” consideradas pela autora, destacamos: “É certo que Jorge virá; É possível que o jornalista tenha razão; É bom que eles tenham gostado da conferência e É pena que o meu time tenha perdido o campeonato”, que também representam nosso objeto de análise. Em relação a essas orações, Koch (1984, p. 141) explica que “a primeira parte do enunciado se apresenta como um espelho da enunciação, mostrando – por meio de gestos linguísticos – o modo sob o qual o conteúdo proposicional é apresentado ao interlocutor”. Nesse sentido, a oração matriz – que é a primeira parte do enunciado – “constitui um modo de significar diferente daquele sob o qual é veiculado o conteúdo proposicional” que contém a informação propriamente dita.

Observamos, em nossos dados, que os enunciados formulados através do complexo oracional subjetivo estão sob a operação do *posicionamento* do falante, que é instanciado por escolhas linguísticas, realizadas, principalmente, conforme as possibilidades de preenchimento do predicativo da matriz. Assim, em relação ao complexo oracional subjetivo, os enunciados não são neutros, isto é, não são realizados apenas para a descrição objetiva, porque há uma tomada de posição em relação à proposição descrita na encaixada, o que caracteriza a (inter)subjetividade do falante. Esses enunciados são considerados, nesta pesquisa, como marcados porque a significação real disponibilizada na encaixada subjetiva está sob o escopo do *posicionamento do falante*. Os elementos da encaixada subjetiva podem atuar em harmonia com o *posicionamento* instanciado na matriz, uma vez que podem “se contaminar” ou “se anular” no discurso (NEVES, 2006, p.204). Nesse sentido, identificamos, a partir dos dados desta pesquisa, que o falante pode imprimir seu *posicionamento* no discurso através, principalmente, da seleção do predicativo, da seleção do tempo e do modo verbal da matriz, da presença ou

ausência do elemento negativo “não” na matriz e da anteposição ou posposição da matriz, que descreveremos ainda nesta seção. Embasados na proposta de Koch (1984), observamos que a oração matriz é o “espelho da enunciação”, o que nos leva a descrevê-la pontualmente neste trabalho.

Propomos, portanto, que o *posicionamento* do falante é sua inserção no discurso através da indicação de sua perspectiva, sua atitude, sua crença, seu saber, seu (des)comprometimento, seu envolvimento, sua intenção ou ainda sua opinião, seu ponto de vista, seu julgamento, seu sentimento, sua apreciação, que são expressões semânticas formalizadas na enunciação. Tais diferentes possibilidades semânticas indexam o objetivo final do falante: marcar seu *posicionamento* em relação à proposição.

A finalidade semântica do complexo oracional subjetivo tem sua fundamentação no fato de o predicativo, dentre as possibilidades de realizações formais do complexo oracional subjetivo, configurar-se como elemento fixo do complexo subjetivo, como mostraremos, mais adiante, na discussão e na ilustração a respeito da realização formal desse complexo oracional. O *posicionamento* do falante, marcado, principalmente, no espaço da matriz, é uma estratégia que objetiva criar percepção diferenciada, pois o falante instancia seu posicionamento (DIAS, 2013, 2015). Essa seleção formal materializa a (inter)subjetividade do falante porque ele se posiciona não só em relação ao discurso, mas também em relação ao interlocutor, ao direcionar a atenção do ouvinte/leitor para o componente do complexo oracional que julga ser mais relevante – oração matriz ou oração encaixada, isto é, posicionamento ou proposição.

Nos dados selecionados para esta pesquisa, observamos que, para marcar seu *posicionamento*, o falante faz escolhas lexicais especialmente para o predicativo, que instancia sua perspectiva. Assim, o falante imprime maior ou menor adesão em relação ao conteúdo proposicional, avalia positiva ou negativamente, apresenta controle sobre as ações, entre outras expressões semânticas específicas⁴⁹ que endossam o *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*.

⁴⁹ Os valores semânticos específicos para o *posicionamento* do falante serão pontualmente descritos nas seções 4.2 e 4.3, referentes às microconstruções.

Consideramos, nesta pesquisa, que existem enunciados afetados e não afetados pela (inter)subjetividade do usuário da língua. Quando há instanciação dessa (inter)subjetividade, está configurada a marcação de *posicionamento* – como propõem Ducrot (1993 *apud* NEVES, 2006) e Stephany (1993 *apud* NEVES, 2006). Defendemos, nesse sentido, que as orações encaixadas que funcionam sintaticamente como sujeito apresentam conteúdo proposicional que está sob determinado comportamento do usuário da língua (RESCHER, 1968 *apud* PALMER, 1986), afetado, portanto, pelo *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*. Tal posicionamento é indicado, principalmente, pela escolha lexical do predicativo, em uma análise estrita, e pelas possibilidades formais que compõem o complexo oracional subjetivo, considerando-se os demais elementos da oração matriz e da oração encaixada subjetiva, em uma análise mais ampla.

Em relação ao relevo, observamos que a matriz do complexo oracional subjetivo pode apresentar (i) composição que imprime relevo, destaque, através da predicação, como apontado por Travaglia (2006)⁵⁰ – e descrita anteriormente –, e (ii) organização sintática que instancia *maior ou menor grau de relevo* devido à sua posição em relação à oração encaixada subjetiva. Neste trabalho, consideramos, para a análise e a descrição dos dados e para a proposta de rede construcional, a organização sintática da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva e a função dessa organização formal.

Com base em Travaglia (2006), entendemos relevo como o grau de saliência de elementos em um texto. Por isso, assumimos como traço mais geral do complexo oracional subjetivo – em decorrência da mobilidade da oração matriz em relação à encaixada subjetiva – a possibilidade de instanciação de maior ou menor grau de relevo⁵¹. De acordo com Travaglia (2006), a atitude do falante em imprimir relevo conduz à *proeminência* da informação, destacada em primeiro plano. O contrário, a falta de relevo, conduz ao *rebaixamento* da informação. Em relação ao complexo oracional subjetivo, observamos que o falante imprime *proeminência* no *posicionamento* ao

⁵⁰ Nesta pesquisa, embora reconheçamos que o relevo pode ser instanciado também pela seleção do predicativo na matriz, não objetivamos analisar essa escolha lexical para a marcação de relevo.

⁵¹ As diferentes características funcionais e formais do *posicionamento do falante com maior ou menor grau de relevo* serão apresentadas e explicadas ainda nesta seção, quando tratarmos dos níveis mesoconstrucionais 1 e 2.

selecionar a matriz anteposta à encaixada subjetiva. Observamos ainda que o falante imprime maior relevo no posicionamento para, principalmente, argumentar em favor do seu posicionamento em relação ao conteúdo proposicional descrito na encaixada. O produtor do texto faz essa opção não só para organizar topicamente o texto, marcando seu posicionamento sobre o conteúdo, mas também sobre alguns elementos da interação, como direcionar a atenção do interlocutor para seu posicionamento ou para a proposição. Esse direcionamento, segundo Travaglia (2006, p. 168), “representa uma dimensão argumentativa” mais ampla do relevo, pois o relevo “parece marcar como o produtor do texto representa os elementos constitutivos do texto”. Assim, o falante materializa na organização textual, com base também na relação interacional, como ele propõe que seu interlocutor represente o texto⁵².

Embora reconheçamos a importância da relação da escolha do complexo oracional subjetivo e seu contexto de uso, não nos detivemos na relação do texto e seu evento. Nossa análise trata, pontualmente, do pareamento função-forma desse complexo oracional.

A forma da macroconstrução é instanciada por elementos que instanciam o *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*. Como pode ser observado no quadro 14, a macroconstrução é formada por elementos específicos que compõem a oração matriz – {(NÃO) + SER + PREDICATIVO} – e que compõem a oração encaixada – [QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]}. Graficamente, as chaves – { } – abarcam toda a representação formal do complexo oracional subjetivo passível de emergir no uso da língua para a expressão de *posicionamento do falante com maior ou menor grau de relevo*. Na sequência, os colchetes – [] – abarcam os limites da oração matriz e da oração encaixada subjetiva. Tradicionalmente, esses limites são identificados pela presença de verbo e elementos relacionados a eles. Os parênteses – () – delimitam elemento opcional: espaços que apresentam a possibilidade de serem preenchidos por elemento linguístico encontrado no nível mais esquemático do complexo oracional subjetivo. Esse elemento é opcional, isto é, não é elemento obrigatório para que seja instanciado o

⁵²Assumimos o termo “texto”, nesta pesquisa, para nos referirmos à produção do locutor, seja ele falante ou escritor, e seu receptor, seja ele ouvinte ou leitor.

posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo. E, por fim, a barra – / – sinaliza alternância entre possibilidades de uso na encaixada subjetiva.

Observamos que a macroconstrução do complexo oracional subjetivo apresenta: na oração matriz, possibilidades de preenchimento para o *slot* referente à negação, sinalizando sentenças afirmativas ou negativas; verbo *ser*, que se apresenta, majoritariamente, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, sinalizando característica ou propriedade intrínseca; predicativo, que apresenta possibilidades de preenchimento em relação às escolhas dos elementos prototípicos da instanciação de predicativo na língua portuguesa para o *posicionamento do falante*.

A esse respeito, Trousdale (2014) esclarece que o desenvolvimento de uma construção nova pode envolver a criação de macroconstruções mais gerais com *slots* abertos, que se tornam cada vez mais produtivos. A existência da macroconstrução serve como um modelo através do qual novas microconstruções podem ser analogizadas. Todavia, *slots* não são espaços totalmente abertos, pois nem todos os membros definidos têm um alto grau de produtividade.

Bybee (2010) explica que as construções são, às vezes, parcialmente esquemáticas, assim como consideramos o complexo oracional subjetivo; elas emergem com algumas partes fixas e outras abertas, que podem ser preenchidas com uma categoria de itens definidos semanticamente. A autora ainda mostra que a expansão para possibilidades de preenchimento representa um recurso importante para a produtividade e a criatividade na língua, uma vez que permite, via analogia, a expressão de novos conceitos e a descrição de novas situações através do seu preenchimento com itens lexicais, frases ou outras construções que levam a representações mais complexas e mais abstratas.

O predicativo é um elemento fixo na macroconstrução do complexo oracional subjetivo, ou seja, para esse elemento, não há possibilidade de ausência. Nos *corpora* analisados, o predicativo realizou-se através de adjetivo, predominantemente, e, em menor quantidade, através de substantivo e de particípio. Esse preenchimento formal está estritamente relacionado ao fato de a macroconstrução marcar *posicionamento*. Isso significa que, para instanciar tal *posicionamento*, o falante recruta, necessariamente, o predicativo,

definindo-o pelo traço semântico que lhe é próprio. De acordo com Bybee (2010), os diferentes itens lexicais constituem uma categoria definida, principalmente, com base em traços semânticos. Essa representação formal do complexo oracional subjetivo indica que o usuário da língua instancia na forma aquilo que ele quer sinalizar do ponto de vista da função. Função e forma apresentam uma relação intrínseca e, portanto, são indissociáveis.

Ainda em relação à matriz, o verbo *ser* também é um elemento fixo nessa porção textual. O predicativo apresenta uma relação inerente com a cópula da matriz pelo sentido: o predicativo torna-se um argumento semântico necessário, visto que o verbo *ser* se caracteriza “por uma referência vaga à realidade comunicada” (BECHARA, 2004, p. 424 - 425). Assim, o predicativo faz-se necessário na referência à realidade apresentada, mesmo afetada pela subjetividade do falante.

Esse comportamento do predicativo está em acordo com as funções dos elementos que o compõem: o adjetivo é responsável por “atribuir uma propriedade singular” (NEVES, 2000, p.173) ao elemento que acompanha; o substantivo pode também atribuir um conjunto de propriedades, classificando ou qualificando, especialmente em função predicativa (NEVES, 2000); e o particípio, elemento também encontrado na função de predicativo, concomitante à sua atuação verbal, pode desempenhar função nominal, valendo-se por um adjetivo (BECHARA, 2004).

Por fim, a possibilidade do elemento de negação – não –, na matriz, está relacionada ao valor da existência que se atribui ao predicativo e à proposição designada na oração encaixada subjetiva (BECHARA, 2004). Basso e Ilari (2008, p.466) explicam que, através da negação ou da afirmação, o falante torna a proposição “objeto de uma das várias ações que somos capazes de realizar quando envolvemos nossos interlocutores com objetos linguísticos”, como, por exemplo, “prometer, ameaçar, advertir, recomendar, perguntar, ordenar e assertar com vários graus de comprometimento” (BASSO & ILARI, 2008, p.466). Dessa forma, assim como os autores, entendemos que o “não” ajuda a “construir uma proposição”, a “criar a descrição de um estado de coisas que poderá ser comparada com o mundo” (BASSO & ILARI, 2008, p.466). Assim, a negação ou a afirmação constroem, juntamente com o posicionamento do falante, a proposição.

Na representação formal do complexo oracional subjetivo – já apresentada no quadro 14 –, os nomes sobrescritos – a saber, anteposta e posposta – identificam as possibilidades formais da oração matriz em relação à encaixada que funciona sintaticamente como sujeito. Consideramos que a ordem não-marcada na língua portuguesa – a saber, “sujeito – predicado” – apresenta uma relação de inversão no encaixamento subjetivo, “oração matriz – oração encaixada subjetiva”, que corresponde à ordem marcada da língua, como estratégia de *focalização do posicionamento do falante*, visto que “um constituinte do enunciado passa por transformações sintáticas” (HORVATH, 1986, p. 116 *apud* GONÇALVES, 1999, p. 30). Uma vez que o complexo oracional subjetivo apresenta-se como recurso linguístico para a instanciação do *posicionamento do falante*, materializado, principalmente, através do predicativo da oração matriz, defendemos que, nesta inversão sintática, há *maior grau de relevo* para o *posicionamento do falante* quando a matriz está anteposta à encaixada subjetiva e, por outro lado, *menor grau de relevo* para o *posicionamento do falante* quando a matriz está posposta à encaixada subjetiva (TRAVAGLIA, 2006; GONÇALVES, 1998, 1999). O primeiro caso se trata de uma organização derivada, em que o predicativo está antecipado ao sujeito oracional (BECHARA, 2004). Optamos por colocar alceados à porção textual que se refere à matriz os nomes de tais realizações formais a fim de identificarem as operações sintáticas de deslocamento que alteram a ordem do enunciado. Não sinalizamos, portanto, na grafia, o deslocamento da matriz, por exemplo, porque assumimos os sobrescritos como essa referência.

Assim, baseados em Travaglia (2006) e Gonçalves (1997, 1998, 1999), identificamos que o relevo apresenta, nos dados analisados nesta pesquisa, natureza focalizadora. Gonçalves (1997) identifica as possibilidades de exteriorização da focalização nas línguas no mundo e identifica a posição na estrutura da frase como uma das formas da focalização. No português brasileiro, o autor identifica a focalização por meios textuais ou prosódicos⁵³.

Nesse sentido, a focalização interessa-nos, nesta pesquisa, por ser estratégia textual observada nos construtos do complexo oracional subjetivo.

⁵³ Nesta pesquisa, não trataremos de recursos prosódicos como estratégia de focalização. Não trataremos também de todos os recursos textuais investigados por Gonçalves (1997, 1998, 1999) e Travaglia (2006). Apresentamos e exemplificamos apenas o recurso lexical como marcação de relevo que caracteriza o objeto de análise desta pesquisa.

Gonçalves (1999) explica que a focalização pode ser impressa por meio de uma categoria sintática não lexical, como o deslocamento para o início ou para o final do enunciado, conforme observado nos dados desta pesquisa. Gonçalves (1997, 1998) esclarece ainda que esse mecanismo é linguisticamente motivado por envolver alterações na sequenciação dos termos da sentença, como uma estratégia argumentativa.

Dessa forma, observamos que os usos cujas matrizes estão à esquerda da oração encaixada subjetiva focalizam o posicionamento do falante, instanciado, principalmente, pelo predicativo na matriz. Tal posicionamento pode receber maior relevo ao ser direcionado para o primeiro plano e, por outro lado, pode receber menor relevo ao ser selecionado para o segundo plano, à direita da oração encaixada subjetiva. Através dessa materialização da posição da oração matriz, observamos que a focalização direciona, no discurso, o elemento para o qual quer se dar foco, relevo, dando destaque a um constituinte de cada vez.

Portanto, consideramos que o falante imprime *maior relevo* através da *focalização do posicionamento*, que está formalmente relacionada à anteposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. Ao contrário, o falante imprime *menor relevo* através do *rebaixamento do posicionamento*, que está relacionado à posposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. Propomos, então, neste trabalho, que o complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, representa estratégia sintática de focalização do posicionamento do falante no português brasileiro, conforme a posição dessa oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva.

Observamos também que a macroconstrução do complexo oracional subjetivo apresenta: na oração encaixada subjetiva, as conjunções *que* ou *de* como possibilidades para reunir matriz e encaixada em um mesmo enunciado (BECHARA, 2004); verbo na forma finita ou não-finita, que representa um molde organizador do falar/texto através do seu significado lexical (BECHARA, 2004). Embora verifiquemos tais possibilidades formais, não observamos uma formação regular e padronizada de grupos construcionais com similaridades entre esses elementos e os elementos da oração matriz. Nos construtos analisados, observamos que tais elementos da encaixada subjetiva podem se

harmonizar com o posicionamento do falante (NEVES, 2006), o que indica a possibilidade, na língua, de formação de construções organizadas formalmente e alinhadas semanticamente para o posicionamento do falante, ou seja, possibilidade de oração matriz e oração encaixada subjetiva apresentarem correlação semântica e formal. Como tal análise se trata de uma projeção, baseada na observação da relação entre as características da oração matriz e as características da oração encaixada subjetiva, nossa análise descreve, pontualmente, o pareamento do complexo oracional subjetivo a partir, principalmente, da observação da função da oração matriz e de seus elementos formais, sem, contudo, deixar de destacar a harmonização com elementos da oração encaixada subjetiva.

Conforme já indicamos anteriormente, o posicionamento do falante pode ser impresso com maior ou menor grau de relevo, o que configura dois padrões mesoconstrucionais. Assim, sistematizamos no quadro 15, a seguir, as características da função e da forma para esse nível mesoconstrucional:

Quadro 15 – Mesoconstruções 1 e 2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| MESOCONSTRUÇÃO 1 | | MESOCONSTRUÇÃO 2 |
|------------------|---|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento do falante com maior grau de relevo.</i> | <i>Posicionamento do falante com menor grau de relevo.</i> |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO] <small>anteposta</small> [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO] <small>posposta</small> [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

Segundo Travaglia (2006), a oração matriz, de acordo com o predicativo selecionado, é um recurso sintático para a marcação de relevo. Por isso, propomos que a oração matriz do complexo oracional subjetivo seja considerada, na função, em relação à instanciação de *maior grau de relevo* – que configura a mesoconstrução 1 – ou de *menor grau de relevo* – que configura a mesoconstrução 2 – em relação à sua posição no complexo oracional.

Conforme destacamos anteriormente, ao antepor a matriz em relação à encaixada subjetiva, o falante focaliza o posicionamento, o qual recebe maior grau de relevo. Esse caso configura-se pelo destaque dado a determinado elemento dentro do texto, recebendo *proeminência* em relação a outros elementos desse mesmo texto (TRAVAGLIA, 2006, p.54). Ao contrário, ao pospor a matriz em relação à encaixada subjetiva, o falante rebaixa o posicionamento, que recebe menor grau de relevo, através de um “ocultamento” de determinados elementos em relação aos outros” (TRAVAGLIA, 2006, p. 54). Esse movimento, no quadro 15, está representado pelo alçamento, na matriz, em relação à forma, dos termos *anteposta* – para a mesoconstrução 1 – e *posposta* – para a mesoconstrução 2.

O relevo acontece por meio de diferentes formas e funções (TRAVAGLIA, 2006, p. 57). Em relação ao nosso objeto de análise, sua natureza está relacionada ao movimento que o falante quer dar à sua produção. Ele direciona a atenção para uma visão do conteúdo e para aspectos da interação, caracterizando, portanto, uma dimensão argumentativa mais ampla no texto (TRAVAGLIA, 2006, p. 57).

Propomos, nesse sentido, que os usos em que há anteposição do posicionamento do falante – mesoconstrução 1 – estão relacionados à subjetividade do falante por se tratar não só da instanciação do seu posicionamento, mas também pelo movimento de conferir maior grau de relevo a ele. Em relação à posposição do posicionamento do falante – mesoconstrução 2 –, propomos que os usos vinculados a esse padrão mesoconstrucional estão relacionados à intersubjetividade do falante, uma vez que ele, ao movimentar a oração matriz para o segundo plano, imprimiria ao texto e à interação sua *preocupação com a face* (GOFFMANN, 1980, p.77). Nesse sentido, o falante reconheceria uma posição alternativa para si mesmo no evento, marcando-a no discurso (MARTIN, 2003). Além disso, o falante destacaria, para o interlocutor, que aquilo que disse deveria receber menor importância em relação ao que está em primeiro plano.

Para exemplificar as mesoconstruções 1 e 2 do complexo oracional subjetivo, caracterizadas, respectivamente, pelo *posicionamento do falante com maior grau de relevo* e *menor grau de relevo* e sua realização formal, apresentamos, na sequência, as ocorrências (27) e (28) – referentes à

mesoconstrução 1 – e as ocorrências (29) e (30)⁵⁴ – referentes à mesoconstrução 2 – da sincronia atual. Em seguida, apresentamos as ocorrências (31) e (32) para ilustrar as características também encontradas em sincronias pretéritas de cada mesoconstrução.

A ocorrência (27), a seguir, ilustra a forma de uma sentença negativa. Nela, observamos que o falante imprime ao discurso a *não necessidade* de certa ação – “engrossar” – em relação ao evento “fui barrada no estádio”:

(27) Acha que vai virar abóbora? Como assim?

A história da Cinderela é um deslumbre: encontrar o príncipe que se apaixona pelo que você é. Do sonho para a realidade, tem uma distância. A vaidade derruba pessoas. Como presidente do Flamengo, no início fui barrada no estádio. O funcionário não me conhecia e falou que eu só podia entrar com credencial. Dei razão a ele, porque não tinha levado a carteirinha. Quando avisaram quem eu era, ele ficou me olhando desconfiado. Falei: “Juro que sou”, com carinho. Depois ele virou meu amigo. **Não é preciso engrossar** – sempre busco a gentileza. Hoje, as pessoas me reconhecem na rua, mas amanhã posso tropeçar. Se eu conquistar o respeito dos outros enquanto tiver sucesso, eles terão tolerância comigo numa hora adversa. (Modalidade escrita, nível intermediário)

Nesse caso, é possível inferir, pelo *posicionamento* do falante, que há relação de hierarquia entre o falante – presidente do Flamengo – e seu interlocutor – porteiro do estádio. O *posicionamento* dá-se justamente pelo fato de o locutor se considerar um membro importante do clube, passível de não ser barrado na portaria, embora destaque, através da seleção do complexo oracional subjetivo, que foi cortês para resolver a situação. Por isso, o produtor do texto coloca em primeiro plano a oração matriz, direcionando a atenção do seu interlocutor para seu posicionamento, que está caracterizado por maior grau de relevo. Em relação à encaixada subjetiva, o falante apresenta ação atemporal – “engrossar” –, uma vez que ela se realiza formalmente no infinitivo, servindo, portanto, para qualquer momento, como sinaliza o próprio locutor do

⁵⁴As ocorrências caracterizam-se por diferentes expressões semânticas instanciadas, principalmente, na oração matriz, refletindo a perspectiva do falante. Tais especificidades e as demais que não estão presentes nesta exemplificação – visto que há aqui uma escolha aleatória de exemplos para esses valores – serão tratadas, minuciosamente, nas seções 4.2 e 4.3 deste trabalho, referentes às microconstruções das mesoconstruções 1 e 2, respectivamente.

texto na sentença seguinte por meio do advérbio de tempo “sempre” – “sempre busco a gentileza”.

Nessa ocorrência, o complexo oracional subjetivo apresenta, formalmente, os seguintes elementos: {[NÃO + SER + PREDICATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. A oração matriz encontra-se anteposta à encaixada subjetiva, o que configura a focalização do posicionamento do falante. Em relação às sentenças negativas, o advérbio *não* foi encontrado na maior parte das ocorrências negativas, em comparação à “negação particular” (NEVES, 2000, p.292) – como, por exemplo, “É impossível, é improvável” –, que foi encontrada em menor parte.

(28) Quando é pra larga a droga é muito difícil mesmo. Cê fica num num quarto todo trancado ai cê vê as coisa tudo é flutuano, ai cê vai no seu quarto pra vê se tem alguma bibida, bibida assim ó: perfume, que tem álcool, é xampu, alguns xampu, alguns gel tem a tem álcool. Intão, cê bebe aquilo tudo que tem álcool aí cê nio consegue larga, cê tem que larga as droga porque é muito, muito, muito difícil mesmo larga as drogas. Intão, **é melhor você não usá** prá depois você não tê dificuldades de larga. (Modalidade oral, *Corpus do Projeto Mineirês*, entrevista MAR 054)

De modo semelhante à ocorrência (27), a ocorrência (28) ilustra a mesoconstrução 1: nela observamos o posicionamento do falante – “é melhor” – com maior grau de relevo, o que, segundo Travaglia (2006), conduz à *proeminência* da informação, uma vez que está destacada em primeiro plano. Nesse sentido, a oração matriz está marcada formalmente pela anteposição em relação à oração encaixada subjetiva – “você não usá”. Essa escolha sinaliza a reação do locutor diante do conteúdo proposicional da encaixada subjetiva, o que configura sua atitude subjetiva de sinalizar sua opinião diante da dificuldade de sair do mundo das drogas. A ocorrência (28) é formalmente representada por {[SER + PREDICATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}.

Já na ocorrência (29), a seguir, a matriz caracteriza-se pela mobilidade, atuando posposta à encaixada subjetiva: tal seleção formal oferece *menor grau de relevo* ao *posicionamento* do falante, visto que está em segundo plano:

(29) Como ajudar seu filho na escola
Saiba como ensinar a importância dos estudos para o seu filho. Confira as dicas
 Seu filho detesta estudar? Tatiana Sessa, autora do livro *E Agora? Meu Filho Não Gosta de Estudar* (Ed. Best Seller), dá dicas certeiras para que a

molecada goste dos livros, comporte-se em sala de aula e tire boas notas.
Confira: [...]

Descubra como ele aprende: há quem aprenda melhor fazendo resumos e quem precise ler em voz alta.

Elogie o esforço, não só a nota: falar que ir bem na escola "é obrigação" não motiva ninguém a se dedicar mais...

Aproxime-se de seu filho: com confiança, ele abrirá o jogo sobre as dificuldades que encontra nos estudos. (Modalidade escrita, nível intermediário)

Defendemos que essa escolha advém de um *posicionamento (inter)subjetivo*. Com o intuito de *proteger a face* (GOFFMANN, 1980, p.77), o falante usa estratégias formalizadas no discurso. De acordo com Goffmann (1980, p.77), “face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados”. Nesses termos, o falante reivindica, diante das suas escolhas formais em relação ao complexo oracional subjetivo, determinado valor social para seu *posicionamento*. Observamos que o falante direciona a atenção do interlocutor para aquilo que seleciona como mais relevante, ou mais importante, ou mais necessário, entre vários outros motivos nos quais se baseia para selecionar a ordem das informações no complexo oracional subjetivo. Nesse caso, está em primeiro plano a proposição descrita na encaixada subjetiva – “ir bem na escola” –, que é o tema do excerto. Geralmente, essa escolha está relacionada à argumentação em um sentido mais amplo, conforme propõe Travaglia (2006), já que instancia a (inter)subjatividade do falante. O produtor do texto, em (29), utiliza como estratégia argumentativa o posicionamento instanciado na matriz – “é obrigação” – que está realçado pelo uso das aspas, já que se trata da modalidade escrita da língua, para atingir propósitos comunicativos específicos. Consideramos, portanto, a focalização textual como uma instanciação sintática que é motivada semântica e pragmaticamente.

Em relação à forma, podemos representar a ocorrência (29) do seguinte modo: {[SER + PREDICATIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. A característica que se destaca na posposição da oração matriz é a realização não finita do verbo da encaixada subjetiva. Podemos observar essa mesma composição formal para a ocorrência (30):

(30) Istoé - Você é muito amiga de Hebe Camargo. Como foi vê-la superar o câncer?

Lucilia Diniz - A Hebe foi a pessoa com quem mais compartilhei coisas boas e ruins, alegrias e tristezas. Estar ao seu lado é gratificante, além de ser um grande aprendizado. Vivemos juntas vários momentos inesquecíveis, de Dubai à Disney. (Modalidade escrita, nível mais formal)

Em (30), o falante imprime proeminência à ação da encaixada subjetiva – “estar ao seu lado” –, dando realce à proximidade com a pessoa de quem falam – Hebe Camargo. Por isso, pospõe, em relação à subjetiva, a oração matriz que instancia seu posicionamento – “é gratificante” –, conferindo menor grau de relevo.

Além das ocorrências ilustradas referentes à sincronia atual, as características funcionais e formais do complexo oracional subjetivo para as mesoconstruções 1 e 2 são observadas também em dados referentes a sincronias pretéritas, confirmando as observações levantadas a respeito da macroconstrução e das mesoconstruções 1 e 2: a oração matriz é composta por verbo *ser* e por predicativo, principal elemento responsável pela instanciação do *posicionamento do falante*, e admite anteposição desde o século XIII – o que é exemplificado em (31) – e posposição a partir do século XVI – conforme ilustrado em (32):

(31) e n(o~) uen q(ue) o Juyg(ue) o sob(re) Juiz p(or) reu(e)((L001)) e desj q(ue) JuygueAq(ue)llaent(er)locutoria sobre q(ue) no~ ue~o. esee se Acaesçe q(ue) despoys ((L002)) desta sente~çia aia~ d(e) Juygar outra int(er)locutoria ou d(e)finitiu q(ue) o Cite out(ra) ((L003)) uez. sobr'ellaca por una Çitaçio~ no~ pod(e) Juygar. mays d'u~aReuelia ((L004)) e por una Reuellia no~ pod(e) Juygarmays d(e) unJoyzo. ((L005)) \$ O dereytoCanonico diz q(ue) se algu~u faz algu~u p(ro)curador enalgu~u p(re)yto ((L006)) q(ue) Ante q(ue) o p(re)ytosei'a contestado q(ue) lopod(e) tollerfazendo'ó' saber a'a' parte (co~)tra ((L007)) e d(e)sypoysqu'(e) o p(re)yto (co~)testado n(o~) lo pode ((L008)) toller seno~ enJoyzo p(er) algu~arazo~ g(u)isada p(er) q(ue) ficaria desfamado o p(ro)c(ur)ador ((L009)) E' **e d(e) costume** q(ue) lo pode tolleran(te) ou d(e)sypoys. (*Corpus Informatizado do Português Medieval, século XIII*)

Em (31), dado do século XIII, observamos o *posicionamento* do falante – sinalizado pelo predicativo “custume” na oração matriz – sobre possibilidade de ação descrita na oração encaixada subjetiva – “que lo pode toller ante ou despoys”. Nesse caso, o posicionamento do falante recebe maior grau de relevo em relação à ação presente na oração encaixada subjetiva.

Esse construto é caracterizado pela seguinte representação formal: {[SER + PREDICATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}, em que todos os componentes estão preenchidos com a focalização do posicionamento – matriz anteposta à encaixada subjetiva. Destacamos que o predicativo caracteriza-se por uma locução conjuntiva – “de costume” –, que marca o *statusdeôntico* da sentença, e a oração encaixada subjetiva por uma locução verbal – “pode toller”.

De modo diferente, em (32), a oração matriz está posposta em relação à oração encaixada subjetiva:

- (32) Poetar e pintar é natural ao homem na puerícia, como nota Lope de Vega no Laurel de Apolo: | Pues no hay hombre de seso | Que no haya hecho versos | O castos, o perversos | Allá en latienda de los amores | Que son hijos de amor versos, y flores. | Dos cosas son al hombre naturales | O pintar, o escribir entiern os años | Después, etc. | (*Corpus Informatizado do Português Medieval*, século XVI)

Em (32), excerto do século XVI, o falante focaliza o conteúdo proposicional – “poetar e pintar” – e confere menor relevo ao seu posicionamento – “é natural” – ao operar com a matriz em segundo plano e com a encaixada subjetiva em primeiro plano. Seu *posicionamento* avalia a proposição através da seguinte representação formal: {[SER + PREDICATIVO]^{posposta} [+ VERBOS NÃO FINITOS]}. Destacamos que, nessa ocorrência, há duas ações coordenadas descritas nas orações encaixadas subjetivas – “poetar e pintar” – que estão sob o posicionamento instanciado na matriz em função avaliativa – “é natural” –, representando valor do sistema social daquele período (HUNSTON & THOMPSON, 2003).

A análise quantitativa dos dados mostrou-nos que a mesoconstrução 1 é mais frequente na língua em relação à mesoconstrução 2, conforme mostra a tabela 01 a seguir:

Tabela 01 – Distribuição da mesoconstrução 1 e da mesoconstrução 2 do complexo oracional subjetivo nos *corpora* sincrônico das modalidades oral e escrita na língua portuguesa

| Complexo oracional subjetivo | | | | |
|-------------------------------------|-------------------------|-------|-------------------------|-------|
| Corpora | Mesoconstrução 1 | | Mesoconstrução 2 | |
| Corpus sincrônico oral | n.º | % | n.º | % |
| <i>Mineirês</i> | 76 | 6,76 | 7 | 0,62 |
| <i>PEUL</i> | 75 | 6,67 | 7 | 0,62 |
| <i>NURC/RJ</i> | 46 | 4,1 | - | - |
| Total da oralidade | 197 | 17,53 | 14 | 1,24 |
| Corpus sincrônico escrito | | | | |
| Nível de formalidade 1 | 160 | 14,23 | 27 | 2,40 |
| Nível de formalidade 2 | 379 | 33,72 | 73 | 6,5 |
| Nível de formalidade 3 | 245 | 21,79 | 29 | 2,59 |
| Total da escrita | 784 | 69,74 | 129 | 11,49 |
| Total dos <i>corpora</i> | 981 | 87,27 | 143 | 12,73 |

Conforme mostra a tabela 01, a mesoconstrução 1 é mais frequente tanto no *corpus* oral, representando 17,53% dos casos, ou seja, 197 ocorrências, quanto no *corpus* escrito, com 69,74% dos casos – que corresponde a 784 ocorrências. Já a mesoconstrução 2 apresenta poucas ocorrências no *corpus* oral – apenas 1,24% dos casos, com 14 ocorrências – e apresenta índice um pouco maior no *corpus* escrito – 11,49% dos casos, com 129 ocorrências. Dessa forma, o índice total da frequência é maior para a mesoconstrução 1: 87,27% dos casos, correspondendo a 981 ocorrências, em relação a 12,73% dos casos da mesoconstrução 2, correspondendo a 143 ocorrências. Travaglia (2006) explica que o uso com menor relevo é menos comum tanto em textos orais quanto escritos porque está relacionado a questões de argumentação ou questões ligadas entre o locutor e o interlocutor. Ao contrário, a instanciação de maior relevo, nomeada *proeminência* pelo autor, acontece com frequência considerável, conforme verificamos nos dados para o complexo oracional subjetivo.

O autor esclarece ainda que, nos *corpora* orais, o recurso tipicamente usado para a marcação de relevo é a altura da voz e, por isso, a oralidade

apresenta menor quantidade de ocorrências em relação à escrita. Esse cenário pode ser observado no índice total de usos do complexo oracional subjetivo investigados nos *corpora* analisados nesta pesquisa: na modalidade oral, encontramos 18,77% dos casos de complexo oracional subjetivo, o que corresponde a 211 ocorrências; já na modalidade escrita encontramos 81,23% dos casos de complexo oracional subjetivo, com expressivas 913 ocorrências, conforme apresentamos no Capítulo III⁵⁵.

A análise quantitativa dos dados mostrou-nos também que a mesoconstrução 1 é mais antiga na língua, estando presente no *corpus* diacrônico selecionado para esta pesquisa desde o século XIII. Já a mesoconstrução 2 apareceu, na diacronia, apenas a partir do século XVI, conforme mostra a tabela 02 a seguir:

Tabela 02 – Distribuição da mesoconstrução 1 e da mesoconstrução 2 do complexo oracional subjetivo no *corpus* diacrônico na língua portuguesa

| Complexo oracional subjetivo | | | | |
|-------------------------------------|------------------------|-------|------------------------|------|
| Corpus diacrônico | Mesoconstrução1 | | Mesoconstrução2 | |
| | n.º | % | n.º | % |
| Século XIII | 3 | 0,5 | - | |
| Século XIV | 20 | 3,36 | - | |
| Século XV | 36 | 6,05 | - | |
| Século XVI | 67 | 11,27 | 3 | 0,5 |
| Século XVII | 99 | 16,64 | 5 | 0,84 |
| Século XVIII | 311 | 52,27 | 5 | 0,84 |
| Século XIX | 43 | 7,23 | 3 | 0,5 |
| Total dos <i>corpora</i> | 579 | 97,32 | 16 | 2,68 |

Na tabela 02, observamos que, igualmente à sincronia atual, a mesoconstrução 1 apresenta frequência expressiva nas sincronias pretéritas. Em contrapartida, a mesoconstrução 2 aparece em menor índice de ocorrência e mais tardiamente na língua, considerando-se os *corpora* analisados nesta pesquisa. Desse modo, a mesoconstrução 1 representa 97,32% dos casos, com 579 ocorrências, e a mesoconstrução 2 representa 2,68% dos casos, com apenas 16 ocorrências.

⁵⁵ Esses índices estão apresentados no Quadro 01, presente no Capítulo III.

Observamos, ainda, que a mesoconstrução 2 apresenta um aumento significativo na frequência de uso ao compararmos as sincronias pretéritas – tabela 02 – e a sincronia atual – tabela 01: 2,68% nas sincronias pretéritas e 12,73% na sincronia atual –, o que sinaliza que se trata de uso que, aos poucos, foi se tornando presente na língua como estratégia de posicionamento intersubjetivo do falante.

Uma vez que consideramos, nesta pesquisa, que a língua representa uma generalização taxonômica de categorias e que, portanto, é organizada em rede (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), propomos, até aqui, que o complexo oracional subjetivo sanciona construções que instanciam, em um nível mais esquemático, o *posicionamento do falante* com maior/menor grau de *relevo* através de uma macroconstrução. E, nesse caso, a macroconstrução é composta por elementos típicos da instanciação de posicionamento e por organização sintática que viabiliza a focalização ou não de informações. Essa possibilidade de focalização está relacionada à mobilidade da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. Assim, apresentamos, na mesoconstrução 1, a matriz anteposta à encaixada subjetiva – que se caracteriza por maior grau de relevo no posicionamento do falante – e, na mesoconstrução 2, evidenciamos a presença da matriz posposta à encaixada subjetiva – que instancia menor grau de relevo no posicionamento do falante.

Entre as possibilidades formais representativas da inserção do falante no discurso, marcando seu *posicionamento*, estão características relacionadas à matriz e à oração encaixada subjetiva, que se harmonizam sintática e semanticamente para responder a um mesmo propósito (NEVES, 2006, p.204). Atentos à função e à representação formal do complexo oracional subjetivo, observamos que o falante instancia posicionamento modalizador ou avaliativo.

A representação formal atende a intenções do usuário da língua: assim como os elementos que compõem as partes do complexo oracional subjetivo – a saber, oração matriz e oração encaixada – são motivados semântica e pragmaticamente, também o é a seleção do complexo oracional subjetivo como um todo em relação ao texto/discurso em que está inserido. Isso significa que, dependendo das escolhas que o falante faz para seu posicionamento, ele assume que, no discurso, o conteúdo da oração encaixada pode ser não-factual ou factual.

É nesse cenário que identificamos as características formais e funcionais de outro nível mesoconstrucional. Nesse nível mais baixo na hierarquia, há tomada de posicionamento por uma realidade assumida ou não como verdade constatada/constatável. Portanto, em relação à função, propomos que o *posicionamento do falante* pode se realizar através (i) da *modalização* do conteúdo proposicional ou (ii) da *avaliação* desse conteúdo, com maior ou menor grau de relevo. Assim, a mesoconstrução 1, que se caracteriza pelo posicionamento do falante com maior grau de relevo, se subdivide nas mesoconstruções 1.1 e 1.2, e a mesoconstrução 2, que se caracteriza pelo posicionamento do falante com menor grau de relevo, se subdivide nas mesoconstruções 2.1 e 2.2, conforme apresentamos no quadro 16 a seguir:

Quadro 16 – Mesoconstruções 1.1 e 1.2 e mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| | Mesoconstrução 1.1 | Mesoconstrução 1.2 | Mesoconstrução 2.1 | Mesoconstrução 2.2 |
|---------------|--|---|---|--|
| FUNÇÃO | Modalização com maior grau de relevo | Avaliação com maior grau de relevo | Modalização com menor grau de relevo | Avaliação com menor grau de relevo |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR] anteposta [+ QUE/DE VERBO FINITO/NÃO FINITO]} | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO] anteposta [+ QUE/DE VERBO FINITO/NÃO FINITO]} | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR] posposta [+ QUE/DE VERBO FINITO/NÃO FINITO]} | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO] posposta [+ QUE/DE VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

A partir do quadro 16, em relação à função, podemos observar o seguinte: a) na mesoconstrução 1.1, o complexo oracional subjetivo se caracteriza por posicionamento modalizador com maior grau de relevo; b) na mesoconstrução 1.2, o complexo oracional subjetivo se caracteriza por posicionamento avaliativo com maior grau de relevo; c) na mesoconstrução 2.1, o complexo oracional subjetivo se caracteriza por posicionamento modalizador com menor grau de relevo; e d) na mesoconstrução 2.2, o complexo oracional

subjetivo se caracteriza por posicionamento avaliativo com menor grau de relevo.

Neste trabalho, assumimos, com base em Palmer (1986), que, através do posicionamento modalizador, há envolvimento do falante. Nesse sentido, o produtor do texto pode marcar sua aceitabilidade ou não da proposição, descrita na encaixada subjetiva, como verdade constatada ou constatável. Por isso, a modalização do discurso está intrinsecamente associada à natureza do posicionamento do falante em relação à verdade do que ele diz. Segundo Palmer (1986, p.96, tradução nossa), trata-se de um uso não factual e subjetivo⁵⁶. A subjetividade é caracterizada, de acordo com o autor, pela atitude e pela opinião do falante. Nos dados analisados nesta pesquisa, tal uso pode receber maior grau de relevo – mesoconstrução 1.1 – ou menor grau de relevo – mesoconstrução 2.1.

Em relação ao posicionamento avaliativo, observamos que o falante já aceita a proposição como verdade constatada ou constatável. Por isso, segundo Palmer (1986), não há apresentação dos fatos, mas sim avaliação dos fatos. Nesse sentido, trata-se de uso factual⁵⁷, ou seja, de existência ou veracidade constatada ou constatável (PALMER, 1986, tradução nossa). Através da avaliação, o falante expressa sentimentos e atitudes. Nos dados analisados nesta pesquisa, tal uso pode receber maior grau de relevo – mesoconstrução 1.2 – ou menor grau de relevo – mesoconstrução 2.2.

De acordo com a literatura investigada, avaliação e modalização são consideradas, em alguns trabalhos, dentro de um mesmo sistema de significados. É possível encontrarmos, na própria literatura tradicional, referência à multiplicidade da categoria modalização. Neves (2006, p.151) traz a seguinte afirmação sobre os estudos nessa área na introdução do seu trabalho:

Os estudos sobre modalidade são de notável diversidade, de um lado porque varia a própria conceituação dessa categoria, de outro porque varia o campo de estudo, de outro, ainda, porque variam as orientações teóricas, e, finalmente, porque se privilegia ora um ora outro tipo de modalidade.

⁵⁶ Cf.: “There are two features that they [epistemic and deontic modality] share: subjectivity, i.e, the involvement of the speaker, and non-factuality”.

⁵⁷ Cf.: “Evaluatives [...] seem to relate to factual propositions”.

Em relação à sua definição, Koch (1984) afirma que a modalização indica *intenções*, *sentimentos* e *atitudes* do locutor com relação ao seu discurso. Na mesma linha conceitual, Bybee *et al.* (1994) definem modalidade como a expressão das *atitudes* e *opiniões* do falante; Bybee e Fleischman (1995) afirmam que a modalidade abrange *nuances semânticas*, entre as quais se encontram os valores jussivo, desiderativo, hipotético, potencial, de obrigação, hortativo, exclamativo etc.; Givón (2001) afirma que a modalidade codifica a *atitude* do falante na proposição, o que implica a realização de *juízos* na expressão de verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência – *juízo epistêmico* – ou a expressão de preferência, intenção, habilidade, obrigação e manipulação – *juízo avaliativo ou deontico* –; Neves (2006) apresenta vários meios linguísticos da expressão de *opinião*, *crença* ou *saber* que integram a modalização.

Entre esses autores, os termos encontrados para a identificação da presença da modalidade no discurso são: *atitude*, *opinião*, *intenção*, *sentimento*, *crença*, *saber*, *juízo* e *nuance semântica*, que designam, em relação à função, o posicionamento do falante.

Em contrapartida, outros autores ou outros trabalhos de alguns desses autores, além de definirem modalização utilizando parte desses termos, apresentam ainda explicações que abrangem a avaliação do falante sobre o conteúdo proposicional: Coates (1995) afirma que a *modalidade epistêmica* instancia uma *suposição* ou uma *avaliação* sobre possibilidades ou ainda a convicção (ou a falta de) na verdade da proposição; já a *modalidade deontica* engloba os sentidos permissão, obrigação, possibilidade e necessidade; Neves (2000) conceitua, especificamente, a modalização a partir da análise de advérbios modalizadores que apresentam, entre a função de *modalizar* em relação ao valor de verdade e dever e a função de *restringir o domínio* e *definir a atitude*, a função de *avaliar* a própria formulação linguística (NEVES, 2000); Castilho (2009), de forma mais geral, afirma que a *modalização* está relacionada à *avaliação do conteúdo proposicional* através da expressão de asseveração, de dúvida e de ordem. O autor analisa essas propriedades como características semânticas das matrizes de orações encaixadas subjetivas.

Através dessas definições, podemos observar que, em algumas pesquisas, os termos *modalidade* e *avaliação* dividem o mesmo espaço de

atuação. Encontramos, em Fortilli (2012) e Fortilli e Gonçalves (2013), o significado de *avaliação* em meio à explicação sobre a presença da *modalização* nas *matrizes epistêmicas asseverativas* de encaixadas subjetivas⁵⁸ com as quais trabalham. Para a definição de modalização, baseiam-se, entre outros autores, em Dik (1997 *apud* FORTILLI & GONÇALVES, 2013, p.92), segundo o qual *modalização* é a expressão da *opinião* e *atitude* do falante em relação à proposição. Ao admitirem tal conceito, afirmam que o verbo matricial e o predicativo expressam a “*avaliação* do usuário sobre o conteúdo da oração encaixada” (FORTILLI & GONÇALVES, 2013, p.92, realce nosso) quando o verbo *ser* encontra-se em uso cristalizado, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, junto ao predicativo, na expressão da atitude do falante. Em Dias (2013), modalidade e avaliação apresentam, como elemento em comum, a subjetividade do falante. Nesse sentido, para a autora, tanto um valor quanto o outro expressam a perspectiva do falante, ou seja, “as suas reações (subjetividade) em relação a um enunciado, evento, ou as suas reações em relação a um interlocutor (intersubjetividade)” (DIAS, 2013, p.132). Nesse sentido, as características semânticas apresentadas justificam por que modalização e avaliação podem convergir, como mesoconstruções, em direção a um padrão mais geral.

Palmer (1986) explica que essa classificação é feita com base na compreensão de que tanto avaliação quanto modalização dizem respeito à *atitude do falante*, como descrevemos anteriormente. Entretanto, essa característica é a semelhança que une, neste trabalho, modalização e avaliação em um nível hierárquico maior e mais abrangente, a macroconstrução, sob o rótulo de *posicionamento do falante*. A especificidade desse posicionamento é agrupada em um nível hierárquico menos geral. Assim, observamos que o falante pode se posicionar de forma a (i) não assumir como veracidade constatada ou constatável a proposição, apresentando, por isso, graus de engajamento e de comprometimento do falante, o que instancia um posicionamento modalizador (PALMER, 1986); (ii) assumir como

⁵⁸ Para lembrar, conforme apresentado no Capítulo II, Fortilli (2012) e Fortilli e Gonçalves (2013) analisam a gramaticalização de orações matrizes também do tipo [ser + predicativo] e suas encaixadas subjetivas.

veracidade constatada ou constatável a proposição, avaliando, por isso, o conteúdo proposicional (PALMER, 1986).

Propomos, nesse sentido, uma classificação semântica do complexo oracional subjetivo a partir do predicativo da oração matriz. Ressaltamos que a proposta de organização em mesoconstruções modalizadoras e avaliativas nem sempre coincide com as classificações encontradas na literatura. Gonçalves *et al.* (2008, p. 1029) afirmam que as classificações geralmente propostas pela literatura apresentam pouco consenso porque “ora se baseiam em critérios semânticos e pragmáticos, ora em aspectos sintáticos das construções”.

Em relação à forma, no quadro 16, sinalizamos a representação do posicionamento do falante pela especificidade funcional desse posicionamento através do predicativo que pode instanciar: (i) *posicionamento modalizador*, nas mesoconstruções 1.1 e 2.1, as quais se diferenciam por apresentarem, respectivamente, oração matriz anteposta e posposta à encaixada subjetiva; ou (ii) *posicionamento avaliativo*, nas mesoconstruções 1.2 e 2.2, as quais se diferenciam por apresentarem, respectivamente, oração matriz anteposta e posposta à encaixada subjetiva. Dessa forma, propomos que a macroconstrução, nível mais geral, abarca as semelhanças das mesoconstruções em relação ao posicionamento modalizador e avaliativo através, principalmente, do predicativo que instancia modalização ou avaliação. Na classificação proposta, o predicativo é tomado como elemento formal fundamental para a instanciação do posicionamento do falante.

Como nos embasamos na abordagem construcional da mudança, analisamos o pareamento função-forma do complexo oracional subjetivo a partir, principalmente, dos predicados das orações matrizes que são complementados por orações harmonizadas com o posicionamento instanciado. Os adjetivos, segundo Gonçalves *et al.* (2008, p.1041), apresentam estrutura argumental própria e, por isso, “ocorrem sempre na posição de predicativo do sujeito e também requerem uma sentença que lhes complete o sentido”.

De modo semelhante, Palmer (1987, p.52, tradução nossa) descreve o sentido da modalidade epistêmica através de paráfrases com sentenças subordinadas, introduzidas pela conjunção “que” e com a modalidade indicada

por um item lexical na oração principal, como, por exemplo, “It is possible that”⁵⁹. O próprio autor sinaliza que a modalidade é indicada pelo predicativo.

Gonçalves *et al.* (2008, p.1028) também indicam que “sentenças encaixadas recebem seu enquadramento semântico do predicado matriz em que elas se encaixam”. Os autores sinalizam ainda que “um mesmo predicado pode pertencer a classes semânticas distintas” a depender dos critérios de análise, como a realização formal da oração matriz e o tipo de complementizador que introduz a oração encaixada (GONÇALVES *et al.*, 2008, p. 1029). Os autores apresentam, a partir dos *corpora* por eles investigados, a seguinte classificação dos predicados adjetivais e nominais que podem apresentar complemento sentencial em posição de sujeito ou em posição de complemento de nomes e de adjetivos, como as completivas nominais: (i) predicados aspectuais; (ii) predicados de atitude; (iii) predicados avaliativos; (iv) predicados de finalidade; (v) predicados de manipulação; (vi) predicados de modalidade; (vii) predicados de maneira/modo; (viii) predicados de volição; (ix) predicados anunciativos; (x) predicados metalinguísticos. Entre esses predicados, interessam-nos os predicados avaliativos e de modalidade. Os autores listam os substantivos e os adjetivos formadores de predicados avaliativos, tanto de sentenças subjetivas quanto de completivas, a saber: *problema, besteira, dificuldade/facilidade, sentido, moleza, (valer a) pena, delícia, melhor, interessante, importante, fácil, engraçado, lamentável, difícil* (GONÇALVES *et al.*, 2008, p. 1043). Em relação aos predicados de modalidade, classificada em epistêmica e deôntica, os autores identificaram: *(ter) certeza, evidente, claro, lógico, (ter) impressão e (estar em) dúvida*, que estão relacionados a valor epistêmico; *questão, necessidade, preciso, (sentir-se) obrigado e (ter) obrigação, luxo, proibido, apto, (ter) capacidade, capacitado, capaz e (ter) condição*, relacionados a valor deôntico (GONÇALVES *et al.*, 2008, p. 1046).

Embora Gonçalves *et al.* (2008) listem adjetivos e substantivos, não diferenciam os usos de sentenças subjetivas e de outras formas de complemento. Nesta pesquisa, interessam-nos os predicativos de matrizes de

⁵⁹ Cf.: “It will be possible, therefore, to find paraphrases with a subordinate sentence introduced by *that*, with the modality indicated by a lexical item in the main clause, e.g.: (i) It is possible that.../I think that...[...]”

orações encaixadas subjetivas. Dessa forma, apresentamos, no quadro 17, a seguir, os predicativos presentes na oração matriz anteposta à oração encaixada subjetiva. Tais predicativos foram encontrados nos *corpora* analisados nesta pesquisa, na instanciação de modalidade e de avaliação, na sincronia atual, e estão organizados em ordem alfabética:

Quadro 17 – Predicativos modalizadores e avaliativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|--------------------|---|
| MODALIZAÇÃO | 1) certo; 2) claro; 3) evidente; 4) fato; 5) fundamental; 6) imperioso; 7) impossível; 8) improvável; 9) inegável; 10) inevitável; 11) irreversível; 12) legítimo; 13) lógico; 14) necessário; 15) obrigação; 16) obrigatório; 17) óbvio; 18) possível; 19) preciso; 20) proibido; 21) provável; 22) providencial; 23) quase necessidade; 24) verdade. |
| AVALIAÇÃO | 1) absurdo; 2) aconselhável; 3) agradável; 4) alegria; 5) apropriado; 6) bacana; 7) bálsamo; 8) besteira; 9) bobagem; 10) bom; 11) bonito; 12) brilhante; 13) capaz; 14) caro; 15) chato; 16) complicado; 17) compreensível; 18) comum; 19) consolo; 20) delícia; 21) deselegância; 22) desumano; 23) difícil; 24) divertido; 25) duro; 26) emoção; 27) emocionante; 28) empolgante; 29) errado; 30) essencial; 31) estimulante; 32) exagero; 33) fácil; 34) fascinante; 35) fraco; 36) frustrante; 37) fundamental; 38) gostoso; 39) gratificante; 40) honra; 41) horrível; 42) ideal; 43) imbecil; 44) impensável; 45) imperdoável; 46) importante; 47) impraticável; 48) imprescindível; 49) impressionante; 50) inadmissível; 51) incomum; 52) inconcebível; 53) incrível; 54) indispensável; 55) inimaginável; 56) insensatez; 57) instrutivo; 58) inteligente; 59) interessante; 60) inútil; 61) irresponsável; 62) justo; 63) legal; 64) libertador; 65) lindo; 66) loucura; 67) maneiro; 68) maravilhoso; 69) melhor; 70) natural; 71) normal; 72) orgulho; 73) ótimo; 74) pecado; 75) pena; 76) perigoso; 77) perturbador; 78) prazer ; 79) preferível; 80) privilégio; 81) produtivo; 82) raro; 83) razoável; 84) recomendado; 85) recomendável; 86) rentável; 87) rico; 88) ridículo; 89) ruim; 90) sabido; 91) saco; 92) satisfação; 93) saudável; 94) simples; 95) superbacana; 96) triste; 97) uma boa; 98) unanimidade; 99) vergonha; 100) violento; 101) visível; 102) vital. |

No quadro 17, os predicativos de matrizes antepostas à encaixada subjetiva, na instanciação de modalização, referem-se à mesoconstrução 1.1. Já aqueles que instanciam avaliação referem-se à mesoconstrução 1.2. Observamos que os predicativos instanciadores de avaliação apresentam-se em maior variedade de uso: foram identificados 102 tipos de predicativos em função avaliativa. Através desses predicativos, o falante assume o enunciado

como verdade constatada ou constatável e agrega valor à proposição. Em contrapartida, os predicativos instanciadores de modalização apresentam-se em menor variedade de uso: foram identificados apenas 24 tipos de predicativos em função modalizadora. Através desses predicativos, o falante apresenta maior ou menor envolvimento com o enunciado, uma vez que não o assume como verdade constatada ou constatável. Tais predicativos foram identificados em matrizes antepostas às encaixadas subjetivas, apresentando, portanto, maior grau de relevo.

No quadro 18, a seguir, apresentamos listados os predicativos presentes em orações matrizes pospostas à oração encaixada subjetiva. Tais predicativos foram encontrados nos *corpora* analisados nesta pesquisa, na instanciação de modalidade e de avaliação, na sincronia atual, e estão organizados em ordem alfabética:

Quadro 18 – Predicativos modalizadores e avaliativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS |
|--------------------|---|
| MODALIZAÇÃO | 1) impossível; 2) necessário; 3) obrigação; 4) possível; 5) preciso; 6) uma necessidade. |
| AVALIAÇÃO | 1) arte; 2) básico; 3) batalha perdida; 4) boa ferramenta/ideia/dica; 5) bom; 6) coisa chata; 7) complicado; 8) comum; 9) concessão especial; 10) concreta; 11) contraproducente; 12) cortês; 13) crucial; 14) demonstração de amor e união; 15) desafiador; 16) difícil; 17) divertido; 18) emocionante; 19) erro gravíssimo; 20) especial; 21) essencial; 22) estilo; 23) exercício; 24) experiência nova; 25) experiência tensa; 26) fácil; 27) forma de exclusão; 28) fundamental; 29) gostoso; 30) grande negócio; 31) gratificante; 32) horrível; 33) horror; 34) humano; 35) ideal; 36) ilusão; 37) importante; 38) importantíssimo; 39) indescritível; 40) indispensável; 41) legal; 42) lindo; 43) maravilhoso; 44) máximo; 45) melhor; 46) melhor estratégia; 47) mole; 48) natural; 49) normal; 50) nula; 51) ótimo; 52) perigoso; 53) péssima escolha; 54) positivo; 55) prejudicial; 56) prêmio; 57) presente; 58) primordial; 59) privilégio; 60) prudente; 61) retrocesso; 62) ruim; 63) saudável; 64) simples; 65) sinônimo de mais proteção; 66) solução; 67) supertranquilo; 68) terapia; 69) tolice; 70) traumático. |

No quadro 18, os predicativos de matrizes pospostas à encaixada subjetiva, na instanciação de modalização, referem-se à mesoconstrução 2.1. Já aqueles que instanciam avaliação referem-se à mesoconstrução 2.2.

Observamos que os predicativos instanciadores de avaliação apresentam-se também em maior variedade de uso: foram identificados 70 tipos de predicativos em função avaliativa. Em contrapartida, os predicativos instanciadores de modalização apresentam-se em menor variedade de uso: foram encontrados apenas 6 tipos de predicativos em função modalizadora. Tais predicativos foram identificados em matrizes pospostas às encaixadas subjetivas, apresentando, portanto, menor grau de relevo. Entretanto, não são exclusivos de uma dada posição da matriz. Alguns desses predicativos foram observados em posição posposta e anteposta.

Nesta pesquisa, a análise do complexo oracional subjetivo, para a instanciação de modalização ou de avaliação, considerou predicativos típicos da instanciação dessas noções semânticas, indicadas na literatura tradicional e de natureza linguística. Ressaltamos, porém, que esse levantamento expande a lista de adjetivos apresentada por Gonçalves *et al.* (2008) para orações subjetivas e completivas com outras características sintáticas.

Identificamos também os tipos de predicativos das sincronias pretéritas consideradas nesta pesquisa. No quadro 19, a seguir, listamos, em ordem alfabética, os predicativos de matrizes antepostas às orações encaixadas subjetivas. Esses predicativos foram identificados, nos *corpora* do século XIII ao século XIX, para a instanciação de modalidade e de avaliação:

Quadro 19 – Predicativos modalizadores e avaliativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|--------------------|-------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO | Século XIII | 1) costume; 2) razo~; 3) teudo; |
| | Século XIV | 1) costume; 2) teudo; |
| | Século XV | 1) certo; 2) necessário; 3) verdade; |
| | Século XVI | 1) aviso; 2) certo; 3) contado; 4) força; 5) impossível; 6) necessário; 7) possível; 8) prova; 9) provável; 10) servido; 11) verdade; |
| | Século XVII | 1) certíssimo; 2) certo; 3) claro; 4) cuidado; 5) força; 6) impossível; 7) lícito; 8) necessário; 9) obrigação; 10) possível; 11) preciso; 12) proibido; 13) provável; 14) servido; 15) verdade; |
| | Século XVIII | 1) certo; 2) claro; 3) evidente; 4) falso; 5) forçoso; 6) impossível; 7) infalível; 8) lícito; 9) necessário; 10) obrigação; 11) obrigado; 12) permitido; 13) possível; 14) preciso; 15) próprio; 16) provável; 17) verdade; |
| | Século XIX | 1) claro; 2) favor; 3) impossível; 4) mister; 5) necessário; 6) possível; 7) preciso; 8) provável; 9) seguro; 10) verdade. |
| AVALIAÇÃO | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | 1) bem; 2) boo jeito/costume; 3) duvydoso; 4) melhor; 5) proveito; 6) proveitoso. |
| | Século XVI | 1) acerto; 2) baixeza; 3) bem; 4) bom argumento; 5) conveniente; 6) defeito; 7) fácil; 8) ímpeto do espírito; 9) justiça; 10) lícito; 11) permissão divina; 12) rezão/razón; 13) tempo perdido. |
| | Século XVII | 1) bom; 2) caso raro; 3) escárnio; 4) estranho; 5) fácil; 6) forçoso; 7) hipótese falsa; 8) justo; 9) leve; 10) melhor; 11) muito; 12) pouco menos; 13) razão. |
| | Século XVIII | 1) ação ilustre; 2) admirável; 3) bom; 4) causa; 5) supérflua; 6) coisa/coisa grosseira; 7) comum; 8) conveniente; 9) delito; 10) difícil; 11) erro; 12) essencial; 13) estimável; 14) fácil; 15) ignorância; 16) indecente; 17) indispensável; 18) infalível; 19) justo; 20) lástima; 21) loucura; 22) melhor; 23) natural; 24) pena; 25) pouco; 26) próprio; 27) proveitoso; 28) sinal; 29) sincero; 30) supérfluo; 31) útil; 32) utilíssimo; 33) verosímil. |
| | Século XIX | 1) bom; 2) curioso; 3) indispensável; 4) melhor; 5) natural. |

No quadro 20, os predicativos de matrizes antepostas à encaixada subjetiva, na instanciação de modalização, referem-se à mesoconstrução 1.1

Já aqueles que instanciam avaliação referem-se à mesoconstrução 1.2. Em relação à instanciação de modalização, observamos que os séculos XVI, XVII e XVIII apresentam diversos tipos de predicativos: no século XVI, são 11 tipos de predicativos diferentes; no século XVII, identificamos 15 tipos diferentes; e, no século XVIII, identificamos 17 tipos de elementos. Em relação à noção de avaliação, destacamos o século XVIII como detentor do maior número de tipos de predicativos: são 33 tipos. Tais predicativos foram identificados em matrizes antepostas às encaixadas subjetivas, apresentando, portanto, maior grau de relevo.

Entre esses usos, destacamos os predicativos *teudo*, *rezão/razón*, *contado*, *custume*, *força*, *servido*, *lícito*, *favor*, *mister*, *duvydoso*, *baixeza*, *conveniente*, *defeito*, *ímpeto do espírito*; *justiça*; *permissão divina*; *tempo perdido*; *caso raro*; *escárnio*; *estranho*; *forçoso*; *hipótese falsa*; *leve*; *muito*; *pouco menos*; *ação ilustre*; *admirável*; *causa*; *curioso*; *conveniente*; *delito*; *estimável*; *ignorância*; *indecente*; *infalível*; *lástima*; *próprio*; *proveitoso*; *sinal*; *sincero*; *supérfluo*; *útil*; *utilíssimo*; *verossímil*, os quais foram identificados apenas nas sincronias pretéritas.

No quadro 20, a seguir, listamos, em ordem alfabética, os predicativos de matrizes pospostas às orações encaixadas subjetivas. Esses predicativos foram identificados nos *corpora* selecionados para esta pesquisa, na instanciação de modalidade e de avaliação, em sincronias pretéritas:

Quadro 20 – Predicativos modalizadores e avaliativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS | |
|--------------|------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | - |
| | Século VII | 1) impossível; |
| | Século XVIII | 1) necessário; |
| | Século XIX | - |
| AVALIAÇÃO | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | 1) infalível; 2) natural; 3) tirania; 4) vingança; |
| | Século XVII | 1) bom presságio; 2) engano manifesto; 3) injusto; |
| | Século XVIII | 1) abstinência; 2) justo; 3) loucura; 4) pecado; |
| | Século XIX | 1) bom; 2) dispendioso; 3) inútil. |

No quadro 20, os predicativos de matrizes pospostas à encaixada subjetiva, na instanciação de modalização, referem-se à mesoconstrução 2.1 Já aqueles que instanciam avaliação referem-se à mesoconstrução 2.2. Em relação à instanciação de modalização, apenas os séculos XVII e XVIII apresentam construtos do complexo oracional subjetivo com os predicativos *impossível* e *necessário*, respectivamente. Já em relação à avaliação, há construtos do século XVI ao século XIX com predicativos que recebem menor grau de relevo. Os tipos de predicativos identificados – a saber, *abstinência*, *dispendioso*, *tirania*, *vingança*, *bom presságio*, *engano manifesto*, *injusto*, *inútil* – foram encontrados apenas nas sincronias pretéritas.

Através das ocorrências numeradas de (33) a (40), a seguir, exemplificamos as características funcionais e formais das mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2, sendo apresentadas duas ocorrências para ilustrar cada mesoconstrução. Analisaremos, primeiramente, dados da sincronia atual e, em seguida, com base nas ocorrências de (41) a (44), ratificamos o pareamento encontrado para a função e para a forma com dados da diacronia, a partir da apresentação de uma ocorrência para ilustrar cada mesoconstrução. Vale destacar que, na análise realizada, tanto para sincronia atual como para as

sincronias pretéritas, apresentamos ocorrências que ilustram posicionamento modalizador e avaliativo anteposto e posposto.

Em (33) e (34), a seguir, ilustramos a mesoconstrução 1.1, caracterizada, funcionalmente, pelo posicionamento modalizador com maior grau de relevo:

(33) Esse bairro é muito legal, assim. Ele era mais legal ainda porque assim, é:: essa Paróquia aqui dentro desse bairro ela é muito é:: atuante, as pessoas todas vão, então assim, você começa a conhecer uam galera, muita gente, que mora perto de você, e aí você faz amizades, namoro e tal, inclusive meu ex-namorado era de lá e tudo e assim, é muito legal. E aí ce faz mais amigos. +Só, então assim, isso é bom do bairro, só que o que que acontece, como é óbvio que ia acontecer sendo um bairro de cidade grande, começou a crescer demais e começo a ter muito comércio, vai abrir um shopping agora e não adianta, comércio atrai pivete. (Modalidade oral, *Corpus* do Projeto Mineirês, entrevista BH 05).

(34) Eu já fui madrinha algumas vezes e em todas fui muito presente. No casamento da minha melhor amiga eu passei o dia todo com ela. Foi um dia muito especial!

Alguns casos em que a madrinha pode virar uma bruxa:

- Você fala do casamento e ela critica tudo

Solução: Não fale mais nada pra ela! É bem provável que ela esteja com inveja! (Modalidade escrita, nível intermediário)

Nestas ocorrências, o posicionamento modalizador instanciado, principalmente, na oração matriz pelo predicativo – em (33), “é óbvio”, e, em (34), “é bem provável” – opera sobre o conteúdo proposicional na oração encaixada subjetiva – em (33), “que ia acontecer”, e, em (34), “que ela esteja com inveja” –, explicitando o envolvimento do falante em relação ao valor de verdade. No primeiro exemplo, há maior comprometimento do falante – instanciado, principalmente, pelo adjetivo “óbvio” – e, no segundo, há menor comprometimento do falante – marcado, principalmente, pelo adjetivo “provável”. Segundo Palmer (1986), a atitude do falante, nesses casos, está relacionada à língua como informação.

Em (33) e (34), o complexo oracional subjetivo caracteriza-se por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. O posicionamento através da modalização do discurso é observado pela escolha lexical dos predicativos, harmonizados com o tempo e modo verbal da encaixada subjetiva: em (33), em que há maior comprometimento do falante

através do predicativo “óbvio”, indicando certeza, a encaixada subjetiva realiza-se no pretérito imperfeito do indicativo, modo verbal que instancia fatos como verossímeis ou tidos como tais (BECHARA, 2004); em (34), em que há menor comprometimento do falante através do predicativo “provável”, indicando relativização, a encaixada subjetiva realiza-se no presente do subjuntivo, modo verbal que instancia fatos incertos (BECHARA, 2004).

Além disso, os usos cujas matrizes estão à esquerda da oração encaixada subjetiva focalizam o posicionamento do falante. Dessa forma, em (33) e (34), o falante imprime maior grau de relevo ao focalizar seu posicionamento antepondo a oração matriz no complexo oracional subjetivo. Nesse caso, observamos que a anteposição põe em relevo as reações de (não) envolvimento que são despertadas pelo conteúdo sentencial no locutor ou em um grupo de indivíduos dos quais esse falante é representante. Castilho e Ilari (2008, p.438) observam essa característica em relação aos *advérbios predicadores* que funcionam como *modalizadores atitudinais subjetivos*⁶⁰. Neste trabalho, observamos que, não só a escolha do predicativo é subjetiva, mas também a escolha da anteposição do posicionamento em resposta ao conteúdo proposicional.

As ocorrências (35) e (36), a seguir, ilustram a mesoconstrução 1.2, que compartilha o traço formal da anteposição da oração matriz, mas se diferencia por instanciar posicionamento avaliativo:

(35) Colocar no quarto para pensar no que fez e se acalmar. Lógico que ele voltava para a sala aos prantos, mas eu o colocava novamente no quarto uma, duas, três, quatro, cinco, seis vezes... até ele não voltar mais. Quando ele parava de chorar, eu retornava para explicar que **não é legal morder** e sempre que ele fizer isso vai ficar no quarto de castigo. (Modalidade escrita, blogs)

(36) E aí fizemos então, no aniversário dela, no dia das mães, fizemos um almoço aqui com... com todos os netos, menos um. Que tem um, dos meus netos, que está trabalhando nos Estados Unidos. Fez Marketing, e... de modo que fez uma escola muito conceituada lá... formou-se em Filadélfia, e a escola dele é muito conceituada, então recebeu uma proposta e, não que ele quisesse ou fizesse questão de trabalhar lá, mas, recebeu uma boa proposta, de uma empresa de consultoria e no momento

⁶⁰ Neste trabalho, não nos detivemos aos advérbios predicadores, investigados por Castilho e Ilari (2008, p. 413), porque não são objeto da nossa pesquisa. Interessa-nos a estratégia linguística observada pelos autores em relação à subjetividade e intersubjetividade.

trabalha em Washington. De modo que o único neto que não pode... estar presente, foi uma reunião familiar quase completa, mas é... isso hoje em dia, para nós, **é muito difícil** acontecer. (Modalidade oral, NURC/RJ, recontato, inquérito 071).

Nestas ocorrências, o posicionamento avaliativo instanciado, principalmente, na oração matriz pelo predicativo – em (35), “não é legal”, e, em (36), “é muito difícil” – coloca em relevo estados emocionais, psicológicos, julgamentos ou apreciações do falante em relação ao conteúdo proposicional na oração encaixada subjetiva – em (35), “morder”, e, em (36), “acontecer” –, explicitando a atitude subjetiva do falante. Nesses casos, o falante instancia suas apreciações de situações externas de acordo com a organização da sociedade em que está inserido: em (35), posiciona-se em relação à atitude de morder do filho e, em (36), em relação à atividade de reunir a família. Tais ações são tomadas como verdades constatadas ou constatáveis e, por isso, há um posicionamento avaliativo através do qual o falante imprime valor à situação. Para enfatizar seu posicionamento, o falante apresenta, junto ao predicativo, elemento que indica força (WHITE, 2003) – “muito”, na ocorrência (36). Tanto em (35) quanto em (36), o verbo da oração encaixada subjetiva encontra-se na forma não finita, indicando ação em potencial.

Segundo Palmer (1986), tais posicionamentos estão relacionados à atitude avaliativa do falante, visto que são factuais. Além disso, o falante apresenta seu posicionamento em (35) por meio de “não é legal” e, em (36), por meio de “é muito difícil”, com maior grau de relevo, uma vez que se encontra em primeiro plano. Nesse sentido, o interlocutor tem sua atenção direcionada para a oração matriz, que apresenta conteúdo proeminente.

As ocorrências (35) e (36) diferenciam-se por representarem, respectivamente, uma sentença negativa e uma sentença afirmativa. Portanto, o complexo oracional subjetivo caracteriza-se por: {[NÃO + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em (35), e {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em (36). Destacamos ainda, na realização formal, a anteposição da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva, que caracteriza a focalização do posicionamento avaliativo do locutor.

As ocorrências (37) e (38), a seguir, ilustram a mesoconstrução 2.1, que apresenta o traço formal da posposição da oração matriz, instanciando posicionamento modalizador:

(37) Viajar é preciso. Esse é o lema que rege a vida do ator José de Abreu (64) e da estudante de Psicologia Camila Mosquella (29). Juntos há seis anos e sete meses, eles garantem que fazer as malas representa mais do que um simples ato trabalhoso. É um ritual de cumplicidade. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(38) A Lei tem sido fazer o que dá, não me matando ou estressando além do necessário, já que a ausência de algum tipo de estresse inexistente. Se dá para fazer tudo, ótimo, se não dá, paciência, porque amanhã é outro dia, e dar continuidade é possível. Trabalho é necessário, mas não é o principal. Viver bem, isto sim é ESSENCIAL. (Modalidade escrita, blogs)

Em (37), o falante apresenta seu engajamento com o conteúdo proposicional através de posicionamento modalizador – “é preciso” –, que recebe menor grau de relevo porque está em segundo plano em relação à encaixada subjetiva. Em (38), o falante imprime engajamento relativo em relação ao conteúdo da encaixada subjetiva através de posicionamento também modalizador – “é possível” –, que igualmente não está focalizado. Nesses casos, a posposição da oração matriz sinaliza a reação do locutor diante do interlocutor com respeito ao conteúdo proposicional da encaixada subjetiva – em (37), “viajar”, que é tema da notícia, e, em (38), “dar continuidade”, que é um dos argumentos do excerto. Por isso, trata-se de uso intersubjetivo.

Essas ocorrências caracterizam-se, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em que a matriz caracteriza-se por estar posposta à oração encaixada subjetiva. A oração encaixada subjetiva, quando está em primeiro plano, apresenta-se majoritariamente na forma não finita.

As ocorrências (39) e (40), a seguir, ilustram a mesoconstrução 2.2, e, semelhantemente, dividem o traço da posposição da oração matriz com a mesoconstrução 2.1, mas se especializam em indicar posicionamento avaliativo:

- (39) Incentivar a leitura é essencial. A garotada deve ter opções de conteúdo e liberdade de escolha. Proporcione alternativas de escrita e leitura no dia a dia, como deixar que eles ajudem a escrever uma lista de compras, e então mostre o resultado, para explicar onde estão os erros e os acertos. (Modalidade escrita, nível intermediário)
- (40) Uma comemoração com amigos, um fim de semana que comer um churrasco, um dia que dar desejo de pedir uma pizza ou mc'donald não é o fim dos tempos e não é isso que me fará mais magra ou mais gorda. Socializar é importante. Só não vale deixar isso virar rotina. (Modalidade escrita, blogs)

Como o falante já assume o dito como verdade constatada ou constatável, marca intersubjetivamente o complexo oracional através de posicionamento avaliativo com menor grau de relevo, uma vez que apresenta sua reação não só em relação ao conteúdo proposicional da encaixada subjetiva, mas também diante do interlocutor. Assim, em (39), avalia como “é essencial” a ação “incentivar a leitura”, e, em (40), avalia como “é importante” a ação “socializar”.

Formalmente, (39) e (40) caracterizam-se por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em que as orações encaixadas encontram-se categoricamente na forma não finita porque estão antepostas em relação às orações matrizes. Assim, as matrizes não estão focalizadas.

Na sequência, apresentamos as ocorrências de (41) a (44), selecionadas em sincronias pretéritas, referentes, respectivamente, às mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2, com o intuito de confirmar os padrões construcionais descritos na sincronia atual:

- (41) De fi'adori'a.
Custume h(e) se algue~ mydema~daralgu~adeuida e eu quero diz(er) cate~ fiador de my~ por ela e o lei'xoensauerdadeno~ hetehudo de faz(er) tal u(er)dade. saluo se lho p(ro)uo p(er) home~sbo'os. (*Corpus Informatizado do Português Medieval*, século XIV)

O excerto (41) apresenta ocorrência do século XIV, que ilustra posicionamento modalizador do falante, no eixo da conduta, uma vez que assume o dito como não-factual – “no~ he tehudo”. Trata-se de ocorrência que está presente nos *corpora* analisados nesta pesquisa desde o século XIII. Tal posicionamento recebe maior grau de relevo porque está anteposto em relação à encaixada subjetiva – “de faz(er) tal u(er)dade”. Essa ocorrência caracteriza-

se, formalmente, por {[NÃO + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR]^{anteposta} [+ DE + VERBO NÃO FINITO]}. Destacamos o uso da conjunção “de” com verbo do encaixamento subjetivo na forma não finita. Tal uso não foi encontrado na sincronia atual.

- (42) Donde, assim como não convém usar das coisas particulares alheias, assim também desdiz o usar de uma empresa já trazida, se pelo menos não varia o mote e diversifica a intenção, e assim como é lícito a todos servir-se das sentenças e dos documentos universais, assim é conveniente que cada um se possa valer do mesmo emblema. (*Corpus Informatizado do Português Medieval*, século XVI)

Em (42), o excerto apresenta uma ocorrência do século XVI. Trata-se de posicionamento avaliativo porque o falante assume o dito como factual, com maior grau de relevo – “é conveniente” – em relação ao conteúdo proposicional – “que cada um se possa valer do mesmo emblema” – descrito na encaixada subjetiva. Formalmente, esse uso é composto por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. Tal posicionamento avaliativo anteposto foi encontrado nos *corpora* analisados nesta pesquisa a partir do século XV.

- (43) Pareceu que a princesa de Astilhavo, em parte livre Senhora, em parte vassala em Nápoles, por avós de qualidade e grandeza, era tálamo proporcionado a Dom João. Juntou-se contra o efeito, não só a força da política espanhola, mas também a do destino, que aquela princesa não tinha assentado no livro das coroas. Tornou a entender Teodósio à vista desta nova oposição, como só lhe convinha salvar a grandeza de que não podia ser despojado; pois aceitá-la era impossível. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*, século XVII)

Em (43), o falante apresenta posicionamento modalizador intersubjetivo, uma vez que assume o dito como não-factual. Trata-se de ocorrência do século XVII, que marca o primeiro século em que encontramos tal uso nos *corpora* analisados nesta pesquisa. Nessa ocorrência, o falante direciona a atenção do interlocutor para o conteúdo proposicional que está em primeiro plano – “aceita-la” – e imprime menor grau de relevo para o posicionamento modalizador em segundo plano – “era impossível”. Destacamos que o verbo da oração matriz encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo, que não é uma realização formal frequente nos dados coletados. Em termos formais, o

complexo oracional subjetivo caracteriza-se por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}.

- (44) Dizem muitos que ele pratica isso mesmo para poupar; não o creio, porque vejo em todas as suas acções muita 10 generosidade e grandeza e, aqui para nós coscós, também lhe vejo muita vaidade. Os homens deste carácter não são avarentos. Ser amigo da saúde não é pecado, comer só uma vez ao dia é abstinência. Quem lhe seguir o rasto pode ser que venha 15 a dar em santo, ainda que seja por suas mossas de pau. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*, século XVIII)

Em (44), ocorrência representativa do século XVIII, verifica-se posicionamento avaliativo com menor grau de relevo – “não é pecado” –, já que o falante pospõe a oração matriz em relação à encaixada subjetiva – “ser amigo da saúde” – e assume o dito como factual. Tal uso foi encontrado nos *corpora* analisados nesta pesquisa a partir do século XVI e é constituído, do ponto de vista formal, da seguinte maneira: {[NÃO + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO]^{posposto} [+ VERBO NÃO FINITO]}.

A análise quantitativa dos dados mostrou-nos que as mesoconstruções 1.1 e 1.2 – referentes à anteposição da matriz – são mais frequentes na sincronia atual em relação às mesoconstruções 2.1 e 2.2 – referentes à posposição da matriz –, conforme mostra a tabela 03 a seguir:

Tabela 03 – Distribuição das mesoconstruções 1.1 e 1.2 e das mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo no *corpus* sincrônico da modalidade oral e escrita na língua portuguesa

| Complexo oracional subjetivo | | | | | | | | |
|-------------------------------------|---------------------------|-------|---------------------------|-------|---------------------------|--------------|---------------------------|-------|
| Corpora | Mesoconstrução 1.1 | | Mesoconstrução 1.2 | | Mesoconstrução 2.1 | | Mesoconstrução 2.2 | |
| Corpus sincrônico oral | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| <i>Mineirês</i> | 17 | 1,51 | 59 | 5,24 | - | - | 7 | 0,62 |
| <i>PEUL</i> | 16 | 1,42 | 59 | 5,24 | - | - | 7 | 0,62 |
| <i>NURC/RJ</i> | 10 | 0,89 | 36 | 3,22 | - | - | - | - |
| Total da oralidade | 43 | 3,82 | 154 | 13,7 | - | - | 14 | 1,24 |
| Corpus sincrônico escrito | | | | | | | | |
| Nível de formalidade 1 | 72 | 6,4 | 88 | 7,82 | 4 | 0,35 0,36 | 23 | 2,04 |
| Nível de formalidade 2 | 194 | 17,25 | 185 | 16,45 | 9 | 0,8 | 64 | 5,69 |
| Nível de formalidade 3 | 137 | 12,21 | 108 | 9,63 | 1 | 0,08 | 28 | 2,51 |
| Total da escrita | 403 | 35,86 | 381 | 33,90 | 14 | 1,24 | 115 | 10,24 |
| Total dos corpora | 446 | 39,68 | 535 | 47,6 | 14 | 1,24 | 129 | 11,48 |

Esse resultado sinaliza que o complexo oracional subjetivo é frequentemente utilizado para dar destaque ao posicionamento do falante, visto que a oração matriz se apresenta de modo reiterado em primeiro plano. Assim, a mesoconstrução 1.1 representa 39,68% dos dados, totalizando 446 ocorrências, e a mesoconstrução 1.2 representa 47,6% dos dados, totalizando 535 ocorrências. Ao compararmos os índices dessas duas mesoconstruções, observamos também que o falante assume o dito como verdade constatada ou constatável mais frequentemente, verbalizando suas reações emocionais, afetivas, psicológicas, apreciativas e seus julgamentos, que são características funcionais da mesoconstrução 1.2.

Em contrapartida, as mesoconstruções 2.1 e 2.2, caracterizadas, formalmente, pela posposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva, apresentam os menores índices de ocorrência: 14 ocorrências para a mesoconstrução 2.1, o que representa 1,24%; e 129 ocorrências para a mesoconstrução 2.2, o que corresponde a 11,48%.

De modo semelhante, a anteposição da matriz, tanto para a instanciação da modalização quanto da avaliação, foi a característica formal mais frequente na investigação diacrônica, conforme mostramos na tabela 04, a seguir:

Tabela 04 – Distribuição das mesoconstruções 1.1 e 1.2 e das mesoconstruções 2.1 e 2.2 do complexo oracional subjetivo no *corpus* diacrônico na língua portuguesa

| Complexo oracional subjetivo | | | | | | | | |
|------------------------------|--------------------|-------|--------------------|-------|--------------------|------|--------------------|------|
| <i>Corpus diacrônico</i> | Mesoconstrução 1.1 | | Mesoconstrução 1.2 | | Mesoconstrução 2.1 | | Mesoconstrução 2.2 | |
| | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Século XIII | 3 | 0,5 | - | - | - | - | - | - |
| Século XIV | 20 | 3,36 | - | - | - | - | - | - |
| Século XV | 27 | 4,53 | 9 | 1,51 | - | - | - | - |
| Século XVI | 46 | 7,73 | 21 | 3,52 | - | - | 3 | 0,5 |
| Século XVII | 76 | 12,77 | 23 | 3,86 | 2 | 0,33 | 3 | 0,5 |
| Século XVIII | 227 | 38,15 | 84 | 14,15 | 1 | 0,17 | 4 | 0,68 |
| Século XIX | 37 | 6,24 | 6 | 1,0 | - | - | 3 | 0,5 |
| Total dos <i>corpora</i> | 436 | 73,28 | 143 | 24,04 | 3 | 0,5 | 13 | 2,18 |

Como se pode observar, a mesoconstrução 1.1 representa 73,28%, com 436 ocorrências, e a mesoconstrução 1.2 corresponde a 24,04%, com 143 ocorrências. Ao compararmos os índices das mesoconstruções 1.1 e 1.2, constatamos que, diferentemente do resultado quantitativo da sincronia atual, o complexo oracional subjetivo na instanciação de posicionamento modalizador – representado na mesoconstrução 1.1 – foi mais frequente nos dados investigados nas sincronias pretéritas.

Já as mesoconstruções 2.1 e 2.2, que se caracterizam formalmente pela posposição da matriz, com posicionamento modalizador e avaliativo, respectivamente, apresentaram os menores índices: a mesoconstrução 2.1 representa 0,5%, com 3 ocorrências, e a mesoconstrução 2.2 representa 2,18%, o que corresponde a 13 ocorrências. O posicionamento avaliativo com menor grau de relevo – característica funcional da mesoconstrução 2.2 – apresentou-se mais frequente em comparação ao posicionamento modalizador – referente à mesoconstrução 2.1 –, tanto em relação às sincronias pretéritas quanto em relação à sincronia atual, conforme sinalizamos nas tabelas 04 e 03, respectivamente.

Ao compararmos os índices dessas mesoconstruções, nas tabelas 03 e 04, observamos que a mesoconstrução 1.2, na instanciação de posicionamento

avaliativo com maior grau de relevo, apresenta um índice de realização maior nos *corpora* analisados nesta pesquisa na sincronia atual, embora tenha aparecido mais tarde na língua – apenas a partir do século XV. Ao contrário, a mesoconstrução 1.1, na instanciação de posicionamento modalizador com maior grau de relevo, apresentou um índice de realização maior nos *corpora* analisados nesta pesquisa para as sincronias pretéritas, tendo sido identificada desde o primeiro século analisado nesta pesquisa – século XIII.

Esse resultado quantitativo pode ser compreendido à luz dos objetivos comunicativos dos textos que compõem os *corpora* diacrônico e sincrônico analisados. No *corpus* diacrônico, prevalecem textos notariais e eclesiásticos, que se caracterizam por ordenar e por informar através de sequências linguísticas, predominantemente, narrativas. Para atender a esses propósitos comunicativos, o falante instanciaria posicionamento através de adjetivos, substantivos ou participios que expressam ordem e necessidade, possibilidade e asseveração. Assim, os dados diacrônicos registram maior número de dados na expressão de modalização com maior grau de relevo.

Já o *corpus* sincrônico é composto, predominantemente, na oralidade, por entrevistas, em que o entrevistador apresenta perguntas sobre a opinião, sobre o ponto de vista, sobre as considerações do entrevistado em relação a diversos assuntos. Nesse cenário linguístico, embora o falante narre e descreva também os assuntos apresentados como tema da entrevista, ele se posiciona, argumentando a favor ou contra o tema. Por sua vez, o *corpus* sincrônico escrito é composto, predominantemente, por reportagens, notícias, artigos de opinião, em que prevalece o posicionamento avaliativo do falante sobre os temas dissertados. Portanto, nos *corpora* sincrônicos – oral e escrito – prevalecem adjetivos e substantivos avaliativos.

Além disso, considerando-se que esta pesquisa assume a abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.1) – que concebe a *construção* como objeto de análise e a *rede construcional*⁶¹ como modelo de organização e funcionamento da língua –, é possível que a rede construcional do complexo oracional subjetivo, ao desenvolver-se através do

⁶¹ Conforme apresentamos no Capítulo I, a noção de rede construcional constitui uma proposta de Traugott e Trousdale (2013, p.1-43) para a organização e o funcionamento da língua. Destacamos que será apresentada uma proposta de rede construcional para o complexo oracional subjetivo na seção 4.4 deste Capítulo.

tempo, tenha sinalizado, primeiramente, posicionamento do falante pelo viés da modalização com maior grau de relevo. Esse cenário justificaria a presença de construtos que expressam modalização nos *corpora* analisados nesta pesquisa desde o século XIII e justificaria também sua presença expressiva nos *corpora* diacrônicos.

Com a expansão da rede, que pode acontecer tanto através da esquematicidade das microconstruções quanto através do desenvolvimento da macroconstrução (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), outras formas teriam sido recrutadas para a instanciação de um posicionamento avaliativo. Assim, na medida em que a rede se desenvolveu, expandindo-se através do tempo, os construtos que expressam avaliação teriam começado a figurar na língua, o que seria caracterizado pelo seu uso expressivo na sincronia atual. Essa análise do processo em rede justificaria o tardio aparecimento das microconstruções que expressam avaliação nos *corpora* analisados nesta pesquisa – a partir do século XV – e justificaria também sua presença maciça nos *corpora* sincrônicos.

O uso menos frequente do posicionamento posposto, tanto na sincronia atual quanto nas pretéritas, pode ser compreendido considerando-se a função dessa estratégia de organização sintática: ao selecionar a posposição do posicionamento, há a expectativa de que o ouvinte reaja à focalização da proposição, investindo mais atenção nos segmentos focalizados e conferindo, portanto, menos atenção para o posicionamento do falante, que é organizado em segundo plano. Conforme propomos nesta pesquisa, o complexo oracional subjetivo é uma realização linguística para a instanciação de posicionamento. Assim, o falante indica o caráter principal dessa função ao antepor esse posicionamento na grande maioria dos casos. Essa função do complexo oracional subjetivo pode justificar, portanto, os índices menores para a posposição do posicionamento do falante tanto na sincronia atual quanto nas sincronias pretéritas.

O posicionamento modalizador com menor grau de relevo, representado pela mesoconstrução 1.1, configura-se como o menos frequente tanto na sincronia atual quanto na sincronia pretérita. Entendemos que, como a modalização opera sobre o conteúdo proposicional explicitando o grau de compromisso do locutor em relação ao valor de verdade da proposição, o

falante prioriza seu envolvimento com o que vai declarar – o que justificaria o baixo índice de ocorrências dessa mesoconstrução.

É importante ressaltar que essa análise é restrita aos *corpora* analisados nesta pesquisa. Por isso, deve ser considerada apenas em relação aos dados quantitativos encontrados nesta investigação. Além disso, representa uma possibilidade de interpretação dos dados, uma vez que está embasada na proposta teórica assumida neste trabalho.

Até aqui nosso objetivo foi apresentar, analisar e exemplificar os níveis construcionais mais esquemáticos do complexo oracional subjetivo, a saber: i) nível mais abrangente, geral e abstrato, denominado macroconstrução, que instancia o *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*; ii) nível um pouco menos abrangente e geral, mas igualmente abstrato, composto por duas mesoconstruções – que sinalizam *posicionamento com maior e menor grau de relevo* – denominadas por nós de mesoconstruções 1 e 2; iii) nível mesoconstrucional mais inferior na rede que se especializa em *posicionamentos modalizador e avaliativo com maior e menor grau de relevo*, os quais são indicados, neste trabalho, como mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2.

Após a análise dos níveis altos na hierarquia que constituiriam a rede construcional do complexo oracional subjetivo, nas seções 4.2 e 4.3, apresentaremos o nível mais inferior na rede: o nível microconstrucional. Assim, na seção 4.2, apresentaremos as microconstruções referentes às mesoconstruções 1.1 e 1.2., e, na seção 4.3, trataremos das microconstruções referentes às mesoconstruções 2.1 e 2.2. Por fim, na seção 4.4, sistematizaremos os resultados a partir da proposição de uma rede construcional para o complexo oracional subjetivo.

4.2. Nível microconstrucional do complexo oracional subjetivo referente às mesoconstruções 1.1 e 1.2

Neste capítulo de análise, mostramos que a macroconstrução, que instancia o *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*, se subdivide nas mesoconstruções 1 e 2, em que estão agrupadas construções

que apresentam semelhanças. Assim, a mesoconstrução 1 abarca construções que instanciam o *posicionamento do falante com maior grau de relevo* e, por isso, as matrizes estão antepostas às encaixadas subjetivas; e a mesoconstrução 2 abarca construções que instanciam o *posicionamento do falante com menor grau de relevo* e, por isso, as matrizes estão pospostas às encaixadas subjetivas. Esse nível mesoconstrucional se subdivide ainda em outro nível mesoconstrucional em que as construções são agrupadas pelo tipo de posicionamento: posicionamento modalizador com maior e menor grau de relevo – que configura as mesoconstruções 1.1 e 1.2, respectivamente – e posicionamento avaliativo com maior ou menor grau de relevo – que caracteriza as mesoconstruções 2.1 e 2.2, respectivamente.

O nível mais basilar da rede construcional do complexo oracional subjetivo é composto por microconstruções agrupadas por suas especificidades. Assim, a mesoconstrução 1.1 se subdivide em três microconstruções, referendadas, neste trabalho, como microconstruções 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3. Já a mesoconstrução 1.2 se subdivide em duas microconstruções, referendadas, nesta pesquisa, como microconstruções 1.2.1 e 1.2.2. Essas cinco microconstruções são apresentadas e ilustradas nesta seção. Na próxima seção, tratamos das microconstruções referentes à mesoconstrução 2 e às suas subdivisões, a saber, 2.1 e 2.2.

As microconstruções, denominadas neste trabalho como 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3 e 1.2.1 e 1.2.2, herdaram propriedades da macroconstrução e desses dois níveis mesoconstrucionais. A semelhança que compartilham é a instanciação de subjetividade, caracterizada pelo posicionamento do falante diante do enunciado. Compartilham ainda o posicionamento do falante com maior grau de relevo, uma vez que está em primeiro plano – é ele que ganha proeminência. Formalmente, portanto, a oração matriz está anteposta em relação à oração encaixada subjetiva em todas as cinco microconstruções.

Tais microconstruções apresentam, ao mesmo tempo, características, em relação à função e à forma, que as identificam por sua particularidade. Cada uma delas singulariza-se por predicativos específicos, muitas vezes, harmonizados com os elementos formais da oração encaixada subjetiva. Ao instanciar a função, o falante pode assumir ou não o dito como veracidade constatada ou constatável.

Em relação à função das três microconstruções do complexo oracional subjetivo, que são referentes à mesoconstrução 1.1, na expressão de modalização com maior grau de relevo, a microconstrução 1.1.1 apresenta *posicionamento modalizador no eixo da conduta*; a microconstrução 1.1.2 apresenta *posicionamento modalizador com maior comprometimento*; e a microconstrução 1.1.3 apresenta *posicionamento modalizador com menor comprometimento*.

Em relação as duas microconstruções do complexo oracional subjetivo, que são referentes à mesoconstrução 1.2, na expressão de avaliação com maior grau de relevo, a microconstrução 1.2.1 apresenta *posicionamento avaliativo de acordo com a perspectiva interna* do falante, e a microconstrução 1.2.2 apresenta *posicionamento avaliativo de acordo com a perspectiva externa* do falante.

Essas propriedades delimitam a função de cada microconstrução. Tais características funcionais– e também as propriedades formais – estão dispostas, individualmente, nos quadros 22, 23, 24, 25 e 26, na sequência. Nesta seção, também exemplificamos as microconstruções com três ocorrências da sincronia atual e, para confirmar o padrão construcional observado, com duas ocorrências de sincronias pretéritas. As ocorrências foram selecionadas, aleatoriamente, a fim de representar tipos diferentes de predicativos. Nesta discussão, pretendemos não só apresentar as microconstruções em sua singularidade, mas também evidenciar as características dos níveis mais gerais já apresentados.

Ao final desta seção, apresentamos a análise quantitativa dessas microconstruções.

Quadro 21 – Microconstrução 1.1.1 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 1.1.1 | |
|------------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento modalizador com maior grau de relevo. Instancia controle, indicando, portanto, necessidade, obrigação, permissão, proibição – modalidade deôntica. Trata-se de um posicionamento orientado para o predicado.</i> |
| FORMA | {{(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO} ^{anteposta} [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

A microconstrução 1.1.1 do complexo oracional subjetivo apresenta, como característica específica, a expressão da modalização deôntica, através de adjetivo, nome ou particípio na oração matriz, que pode expressar ordem, comando, necessidade, obrigação ou permissão. Tal predicativo pode harmonizar-se (NEVES, 2006, p.204) com palavras ou locuções na oração encaixada subjetiva ou no seu entorno textual.

Em relação aos diferentes meios linguísticos através dos quais a modalidade pode ser expressa, Neves (2006, p. 167) elenca uma lista de representações formais da modalidade, figurando entre elas: verbo auxiliar modal, como *deve*; advérbio, como *obrigatoriamente*; adjetivo em função predicativa, como *preciso* e *necessário*; e ainda categorias gramaticais da predicação – a saber, tempo, aspecto e modo – que podem aparecer associadas a advérbios. Dessa variedade de meios linguísticos para a expressão da modalidade deôntica interessa-nos a presença de adjetivo em função predicativa, bem como nome e particípio, conforme encontramos nos dados. Além disso, interessam-nos categorias gramaticais, como tempo e modo da oração encaixada, que, em alguns casos, encontram-se harmonizadas com a oração matriz. De acordo com Neves (2006, p.175), “a modalização deôntica é propícia à coocorrência de mais de uma marca modal”.

Nos *corpora* sincrônicos analisados nesta pesquisa, encontramos os predicativos, listados no quadro 22, a seguir, na expressão da modalidade deôntica com maior grau de revelo. Os predicativos estão organizados em ordem alfabética:

Quadro 22 – Predicativos modalizadores deônticos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|-----------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO DEÔNTICA | 1) necessário; 2) obrigação; 3) obrigatório; 4) preciso; 5) proibido; 6) providencial; 7) quase necessidade. |

Ao instanciar tais predicativos, o falante enquadra o enunciado no sistema de suas crenças e perspectivas pessoais, alertando o interlocutor que não se deve “contrariar esse enunciado sem contrariar todo um sistema de crença e valores, que afinal, são propriedade privada de quem fala” (ILARI & BASSO, 2008, p.478). Nesse sentido, o ouvinte/leitor recebe uma interpretação

delimitada em relação à necessidade – “necessário”, “preciso”, “providencial”, “quase necessidade” –, à obrigação – “obrigação”, “obrigatório” –, e à proibição – “proibido”.

Destacamos que os usos na expressão de modalidade deôntica foram encontrados, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, desde o século XIII, que é o recorte inicial do período diacrônico investigado neste trabalho. Listamos, no quadro 23, a seguir, os predicativos deônticos com maior grau de relevo, em sincronias pretéritas:

Quadro 23 – Predicativos modalizadores deônticos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|-----------------------------|-------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO DEÔNTICA | Século XIII | 1) costume; 2) razo~; 3) teudo; |
| | Século XIV | 1) costume; 2) teudo; |
| | Século XV | 1) necessário; |
| | Século XVI | 1) aviso; 2) contado; 3) força; 4) servido. |
| | Século XVII | 1) cuidado; 2) força; 3) lícito; 4) necessário; 5) obrigação; 6) preciso; 7) proibido; 8) servido; |
| | Século XVIII | 1) forçoso; 2) lícito; 3) necessário; 4) obrigação; 5) obrigado; 6) permitido; 7) preciso; |
| | Século XIX | 1) favor; 2) mister; 3) necessário. |

A respeito da modalidade deôntica, Neves (2006, p. 160) explica que essa modalidade “está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante ([+controle]) e, de outro lado, implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo”, pois expressa obrigação, permissão, necessidade, proibição. A autora ainda define modalidade deôntica como a “maneira como um ato é socialmente ou legalmente circunscrito” (NEVES, 2006, p. 162), por isso está “orientada para o predicado da enunciação” (NEVES, 2006, p. 163).

Conforme podemos observar no quadro 23, há predicativos não encontrados na sincronia atual como, por exemplo, “teudo”, dos séculos XIII e XIV, “aviso”, do século XVI, “força” e “servido”, dos séculos XVI e XVII, “favor” e “mister”, do século XIX. Destacamos também que a noção de permissão – predicativo “permitido” – não foi encontrada na sincronia atual e, nas sincronias pretéritas, foi encontrada apenas no século XVIII. Ressaltamos, por fim, que os séculos XVII e XVIII apresentam a maior variedade de tipos de predicativos – 8 e 7 tipos, respectivamente.

Apresentamos, a seguir, três construtos que ilustram, na sincronia atual, a microconstrução 1.1.1 referente à mesoconstrução 1.1 – ocorrências (45), (46) e (47). A fim de destacar o padrão encontrado para o pareamento entre função e forma da microconstrução 1.1.1., apresentamos a discussão em relação ao conjunto das três ocorrências selecionadas, concomitantemente:

(45) Dias depois de escrever esse post, procurei ajuda de pediatra, psicóloga e fonoaudióloga. Conversei muito sobre o temperamento, birra, choro e mania de bater e morder do Arthur. Primeira conclusão, depois de avaliarmos por um tempo seu comportamento, ele é uma criança que morde e ponto final. Morde quando está irritado, morde quando está feliz. Como ele ainda não se expressa muito bem verbalmente, **é preciso ser consistente no “castigo”**. Tentei vários e os mais eficazes foram:

1. Colocar no quarto para pensar no que fez e se acalmar. Lógico que ele voltava para a sala aos prantos, mas eu o colocava novamente no quarto [...]

2. Prisão de brinquedos. Bateu, mordeu? O brinquedo, DVD ou livro favorito vai pra prisão: [...](Modalidade escrita, blogs)

(46) O ciúme dos filhos é comum e esperado quando uma nova figura entra na família. Com diálogo, a mãe precisa apresentar para eles o estranho que vai entrar na vida familiar. "É importante dizer que o padrasto não é um substituto do pai", explica a psicóloga Rosa Macedo, da PUC-SP. A mãe deve mostrar aos filhos que é uma mulher e tem direito a um companheiro. Importante: as orientações são as mesmas quando a nova integrante é a madrasta. Abaixo, confira algumas dicas da psicóloga: [...]

7. Se os problemas já estão acontecendo, **é necessário reunir a família**. É aí que o padrasto deve se colocar como alguém que quer ajudar. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(47) Na colônia de férias meu pai tem é prá gente entrar, meu pai faz a carteira de identidade, é ele também faz né tem que levar, tem que levar data de nascimento, registro de nascimento, tem que falar é o número, o número, o número postal dele e depois tem que falar a nossa idade. [...] Também minha irmã ela foi, como ela tinha roupa de dança do ventre, ela apresentou, ela, ela, n.p. eu mas menina de balé e só umas menina lá, quase ninguém tinha minha roupa só de festa junina. Eu, eu não dancei mas levei minha roupa mas não dancei, eu e NP, só porque lá era ruim pra dançar porque lá tinha muita muita gente é muita gente que uma menina tinha que dançar com menina, a menina tinha que vestir de homem. Verdade! Outra é no ensaio tinha que dançar com menina, porque a gente tinha que ser menina. Ah não, ninguém queria dançar, isso aí, só que era obrigatório. Também era obrigatório passar na aula de palhaço, aula de equilibrismo com as bolas **é obrigatório** passar na aula de capoeira, é obrigatório passar na aula de dança do ventre, tudo obrigatório fazer. (Modalidade oral, *Corpus* do Projeto Mineirês, entrevista MAR 060)

Em relação à forma, as três ocorrências apresentam, respectivamente: na matriz, verbo *ser* e predicativo – “é preciso”, “é necessário”, “é obrigatório” –;

na oração encaixada subjetiva, verbo não-finito – “ser”, “reunir”, “passar” – característica típica da microconstrução que expressa modalidade deôntica (MOURA, 2009). Essa propriedade é entendida como uma condição para que o *posicionamento* seja instanciado em relação a uma ação em potencial, isto é, que ainda está para ser cumprida. Como se trata de modalidade que expressa ordens, obrigações, permissões, necessidades, os enunciados contêm ações projetadas e não finalizadas ou em execução. Conforme afirma Palmer (1986), trata-se de uso não-factual. Assim, {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]} representa formalmente as ocorrências citadas.

Ao observarmos a função, consideramos que o posicionamento deôntico do falante é instanciado, principalmente, pelo predicativo. Nas três ocorrências, há adjetivos indicadores de necessidade, a saber, “preciso” em (45) e “necessário” em (46) – que representam os termos mais recorrentes – e “obrigatório” em (47). Tais elementos linguísticos expressam o posicionamento do falante em direção à necessidade ou obrigatoriedade de execução da ação descrita na oração encaixada subjetiva e, por isso, o falante imprime *controle* sobre a proposição (DIK, 1997 *apud* NEVES, 2006). Através do seu posicionamento, o falante sinaliza a *conduta* a ser seguida.

Para a expressão da modalidade deôntica, o falante baseia-se em regras sociais a fim de apresentar comandos, seja pela necessidade, seja pela obrigatoriedade (NEVES, 2006). Em (45), o falante respalda seu *posicionamento* nas informações que reuniu em diferentes consultas: “procurei ajuda de pediatra, psicóloga e fonoaudióloga”; em (46), apoia-se nas explicações de uma psicóloga: “É importante dizer que o padrasto não é um substituto do pai”, explica a psicóloga Rosa Macedo, da PUC-SP”; e, em (47), o falante apresenta seu posicionamento, após construir o cenário “colônia de férias” a partir da organização social que esse evento apresenta.

É importante destacar que a expressão de necessidade ou de obrigatoriedade sinalizada, principalmente, no predicativo, pode atuar em harmonia (NEVES, 2006) com outros elementos que estão presentes no complexo oracional subjetivo ou na sequência linguística em que está inserido. Assim, em (46), a expressão de necessidade também está presente em sentenças no entorno do complexo oracional subjetivo, através do verbo modal

deve: “A mãe *deve* mostrar aos filhos que é uma mulher e tem direito a um companheiro” e “É aí que o padrasto *deve* se colocar como alguém que quer ajudar” (realce nosso). E em (47), há elementos que expressam obrigatoriedade atuando em harmonia com o predicativo “obrigatório”: na sequência linguística, elementos linguísticos como “tinha que” e “era obrigatório” se “contaminam” (NEVES, 2006, p.204) no discurso no qual o posicionamento do falante expressa ordem.

Por fim, a oração matriz encontra-se anteposta à oração encaixada subjetiva: trata-se de estratégia sintática para focalizar o posicionamento do falante, imprimindo sobre ele maior grau de relevo. Ao dar proeminência ao seu posicionamento, o falante marca sua reação diante do conteúdo proposicional e direciona a atenção do interlocutor para sua atitude subjetiva.

Apresentamos e discutimos, até aqui, três ocorrências que ilustram a microconstrução 1.1.1 na sincronia atual. A seguir, ratificamos esse padrão construcional com duas ocorrências diacrônicas do complexo oracional subjetivo, escolhidas também aleatoriamente:

(48) E se o demandador no~ ueernenenuiar outro nenhuuno~ possa demandar por el p(er)o de´ recado caestara por el, se no~ for daquelles que ma~da a leycaen poder e´ do demandador que faz sa demanda q(ua)ndouirguysado. Se muytosanhoo p(re)yto de suuendema~dar ou en responder, de~ todos huu p(es)soeyrocano~ e´ razo~ q(ue) nenhuu p(re)ytoserazo~e p(er) muytosuozeyros. Que~q(ue)r q(ue) de´ pessoeyroenseu p(re)yto (contra) outro no~ de´ pessueyromays poderoso q(ua) e´ seu (con)tendor. Mays se ome poderoso ouu(er) p(re)ytoco~ pobre e no~no quiser trager p(er) sy, de´ pessoeyro q(ue) no~ seyamays poderoso quaaquel cu~ q(ue) ha o p(re)yto. (*Corpus* Informatizado do Português Medieval, século XIII)

(49) Sr presidente requer a ordem; continua o Socio Paraizo com uma explicação; terminando o seu discurso, pede o Socio a palavra, o Socio José Cezimbra em apartes dá Paraizo que o Archivista para poder assumir a responsabilidade do que trata o artigo acima, e´ mister que elletenha o direito a chave principal, (que é da porta da rua) pede a palavra o Relatôr da comissão, accordando com o SocioParaizo, fazendo uma emenda dizendo, que o Archivista só poderá abrir a casa com a permissão do presidente d'Assemblea, ou do Conselho Administra -ctivo, postaa votos esta emenda, fóiaprovada. (*Corpus* Histórico do Português TychoBrahe, século XIX)

As ocorrências são formalmente representadas do seguinte modo: (48) por {[NÃO + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DE ÔNTICO]^{anteposta} [+

QUE + VERBO FINITO}}; (49) por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DE ÔNTICO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. A diferença formal entre elas está na presença do elemento de negação em (48), cujo *slot* não está preenchido em (49).

Em relação à função, as ocorrências apresentam: no predicativo, expressão de controle, em (48), através do predicativo “razo~”; e expressão de necessidade, em (49), através do predicativo “mister”, que não foi encontrado na sincronia atual. O posicionamento expresso, através da modalidade deôntica, está instanciado: em (48), em um contexto de uso em que são organizados costumes socialmente definidos, do século XIII, em relação a “preytos”, ou seja, homenagens; em (49), em uma ata de reunião entre sócios que definem as atividades de uma “archivista” e a sua entrada na casa.

Tais posicionamentos estão marcados em relação ao enunciado descrito nas encaixadas subjetivas: “q(ue) nenhuu p(re)ytoserazo~e p(er) muytos uozeyros” – (48) – e “que elle tenha o direito a chave principal” – (49). As escolhas lexicais da encaixada – “q(ue) nenhuu p(re)ytoserazo~e p(er) muytos uozeyros” (realce nosso), em (48), e “que elle *tenha o direito* a chave principal” (realce nosso), em (49) – harmonizam-se, nesses casos, com o traço [+ controle] (DIK, 1997 *apud* NEVES, 2006) do enunciador, ao apresentar seu posicionamento.

Destacamos, ainda, que o falante confere proeminência ao seu posicionamento, selecionando-o para o primeiro plano. Assim, em (48) e (49), a matriz encontra-se anteposta em relação à encaixada subjetiva.

Através da microconstrução 1.1.2 – referente à mesoconstrução 1.1 – que também instancia o engajamento do falante com a proposição, há expressão de certeza, de asseveração. Nesse sentido, o falante imprime comprometimento com o conteúdo proposicional descrito na oração encaixada subjetiva, uma vez que não o assume como veracidade constatada ou constatável.

Em termos funcionais, a microconstrução 1.1.2 instancia *posicionamento do falante*, que é o traço semântico herdado da macroconstrução, e o expressa com *maior grau de relevo*, que é o traço semântico herdado da mesoconstrução 1. Além disso, herda da mesoconstrução 1.1 o *posicionamento modalizador* e é singularizada pela instanciação de

posicionamento modalizador epistêmico asseverativo com maior grau de relevo, conforme mostra o quadro 24, a seguir:

Quadro 24 – Microconstrução 1.1.2 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 1.1.2 | |
|------------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento modalizador com maior grau de relevo. Instancia conhecimento e crença, indicando, portanto, comprometimento e certeza – modalização epistêmica asseverativa. Trata-se de um posicionamento orientado para o sujeito da enunciação.</i> |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO ASSEVERATIVO] ^{anteposta} [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

A microconstrução 1.1.2 do complexo oracional subjetivo apresenta, como característica específica, a expressão da modalidade epistêmica asseverativa, através de adjetivo ou nome na oração matriz, que pode harmonizar-se (NEVES, 2006) com palavras ou locuções que expressam certeza na encaixada do complexo oracional subjetivo e/ou no entorno textual. A modalização epistêmica se situa em um *continuum* que abrange o (*absolutamente*) *certo* – caracterizando a modalidade epistêmica asseverativa, neste trabalho, como microconstrução 1.1.2 – e *graus do possível* – caracterizando a modalidade epistêmica relativa, neste trabalho, como microconstrução 1.1.3 (NEVES, 2006, p.172), que será tratada posteriormente nesta seção. No extremo da certeza, o enunciador marca como “verdadeiro o conteúdo do seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização” (NEVES, 2006, p. 172).

A respeito da modalidade epistêmica, Neves (2006, p. 164) explica que “[...] basicamente envolve uma atitude do falante” em que “necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento”, com a qual o falante pode (ou não) estar comprometido, de modo que o próprio falante pode ainda ser a fonte do enunciado, atuando como *filtro natural das proposições* que expressa (NEVES, 2006, p. 165). A autora ainda esclarece que se trata de uma modalidade que afeta o mundo do crer (NEVES, 2006, p. 163); por isso, está “orientada para o sujeito da enunciação” (NEVES, 2006, p. 163).

Em relação à expressão do maior grau de comprometimento do falante com a proposição, encontramos os seguintes predicativos, na sincronia atual:

Quadro 25 – Predicativos modalizadores epistêmicos asseverativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|--|--|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA ASSEVERATIVA | 1) certo; 2) claro; 3) evidente; 4) fato; 5) fundamental; 6) imperioso; 7) inegável; 8) inevitável; 9) irreversível; 10) legítimo; 11) lógico; 12) óbvio; 13) verdade. |

No quadro 25, listamos, em ordem alfabética, os predicativos encontrados para a expressão do posicionamento asseverativo do falante. Trata-se de uso em que o falante não apresenta o que diz como um fato e, por isso, instancia seu comprometimento com a verdade da proposição. Assim, através de predicativos como, por exemplo, “certo”, “evidente”, “verdade”, “legítimo”, o locutor sinaliza para seu interlocutor que não há dúvidas quanto à declaração e que, por isso, apresenta-se engajado ao dito. Ressaltamos ainda os predicativos “inegável”, “inevitável” e “irreversível”, através dos quais o falante qualifica os enunciados, atribuindo-lhes um caráter de crença e certeza.

No quadro 26, a seguir, listamos, em ordem alfabética, os tipos de predicativos encontrados para a instanciação de modalidade epistêmica asseverativa em sincronias pretéritas:

Quadro 26 – Predicativos modalizadores epistêmicos asseverativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|--|--------------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA ASSEVERATIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | 1) certo; 2) verdade; |
| | Século XVI | 1) certo; 2) prova; 3) verdade; |
| | Século XVII | 1) certíssimo; 2) certo; 3) claro; 4) verdade; |
| | Século XVIII | 1) certo; 2) claro; 3) evidente; 4) falso; 5) próprio; 6) verdade; |
| | Século XIX | 1) claro; 2) seguro; 3) verdade. |

Em relação às sincronias pretéritas, destacamos os adjetivos “falso”, “prova”, “certíssimo” e “seguro”, que não foram encontrados na sincronia atual. Sinalizamos também que o adjetivo “verdade” foi encontrado em todos os séculos em que a modalidade epistêmica asseverativa foi identificada. É

importante observar ainda que o século XVIII apresenta a maior variedade de tipos de predicativos asseverativos: são 6 tipos diferentes.

Para ilustrar, apresentamos, a seguir, três ocorrências referentes à microconstrução 1.1.2 na sincronia atual – (50), (51) e (52) –, destacando o padrão encontrado para o pareamento entre função e forma. Apresentamos, concomitantemente, a discussão em relação ao conjunto das três ocorrências selecionadas:

- (50) Porque se a criança não convive com negros, para citar um exemplo, o estranhamento vai ser maior, certamente. Lembro que, há um tempo atrás, uma amiga comentou comigo que estava pensando em fazer algum trabalho social, para que as crianças dela convivessem mais com negros, pois estavam tendo um grande estranhamento cada vez que encontravam com um. Aquilo me cutucou: é fato que em nosso meio, de classe média, convivemos com poucos negros, e a reação das crianças foi um escancaramento disso para aquela família. (Modalidade escrita, blogs)
- (51) - *Por que ainda não casaram?* Fernanda - Marcelo é romântico e continua me pedindo em namoro todos os dias. É lógico que pensamos em nos casar, mas vai ser somente quando a vida profissional acalmar. Definitivamente, não é agora. O casamento virá junto com um bebê, tudo direitinho, para oficializar a relação. Há cobrança de familiares e da sociedade, mas estamos juntos há quase três anos e gostamos de namorar. *Marcelo* - Sempre juntíssimos, eternos felizes e apaixonados. Aliás, a gente adora namorar muito. Acho que, quando voltarmos, vamos ter um leãozinho. (risos) (Modalidade escrita, nível intermediário)
- (52) Havia outras coisas trogloditas no ELK também, como suas atividades paralelas de contrabando e até de tráfico, e sua falta de delicadeza com civis sérvios. Mas era uma tropa guerrilheira genuinamente enraizada, com conhecimento real do terreno e da sociedade. Conforme a guerra se intensificou, a lógica política e militar mandava, cada vez mais, que o bombardeio se deslocasse para a fonte, ou seja, Milosevic. Não demorou muito para que ele estivesse delirando e discursando do banco dos réus, que era seu lugar. Agora, à Líbia. É óbvio que o coronel Muammar Khadafi se juntou à lista dos ditadores ensandecidos, que a possibilidade de aceitá-lo chegou ao fim, e é inimaginável que ele possa sair do atual confronto com controle sobre qualquer parte do país. (Modalidade escrita, nível mais formal)

As ocorrências em (50), (51) e (52) apresentam: na matriz, verbo *ser* e predicativo, a saber, “é fato”, “é lógico”, “é inimaginável”, respectivamente; na encaixada, conjunção “que” e verbos – “convivemos”, “pensamos” – e locução verbal finita, a saber, “possa sair”, respectivamente. Nesses casos, a finitude do verbo na oração encaixada subjetiva, juntamente com a modalização

epistêmica asseverativa instanciada na matriz, sinaliza que o falante atesta o fato, comprometendo-se com o dito, uma vez que se trata de uso não factual. Por isso, o falante imprime grau máximo de comprometimento. A representação formal dessas três ocorrências é: {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO ASSEVERATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}.

Desse modo, nas três ocorrências selecionadas, consideramos que o *posicionamento modalizador epistêmico asseverativo do falante* é instanciado, principalmente, pelo predicativo: “fato”, em (50), através do qual o falante apresenta a proposição como conhecimento partilhado entre os interlocutores; “lógico”, em (51), através do qual o falante apresenta informação que decorre ou procede de acordo com uma ordem normal, racional; e “inimaginável” em (52), que, embora não seja um predicativo típico da expressão de asseveração, atua, nesse contexto, como certeza de que o enunciado não procede. Para a expressão da modalidade epistêmica asseverativa, o falante baseia-se na sua crença a fim de apresentar o conteúdo da oração encaixada subjetiva. Nesse sentido, os predicativos das ocorrências (50), (51) e (52) expressam modalidade epistêmica asseverativa orientada para o sujeito da enunciação.

É possível observar, portanto, a presença de subjetividade na modalidade epistêmica sob a expressão de asseveração, pois, através desse *posicionamento modalizador*, o falante recruta elementos linguísticos, como o predicativo asseverativo, que ratificam explicitamente seu comprometimento com o conteúdo proposicional da oração encaixada subjetiva. Isso significa que, além de afirmar ou negar, o falante apresenta o conteúdo proposicional como uma certeza que pertence ao senso comum, como em (50), ou que já é partilhada por todos, como em (51), ou ainda que, através da negação, pertence a um estado de coisas não passível de se tornar verídico, como em (52). Nesse sentido, se compromete, retirando a dúvida da enunciação.

A certeza instanciada em relação aos enunciados das encaixadas subjetivas é marcada, principalmente, pela escolha lexical do predicativo, que atua em harmonia (NEVES, 2006) com outros elementos presentes no complexo oracional subjetivo ou na sequência linguística em que está inserido: em (50), a expressão da certeza também está presente em sentenças no entorno do complexo oracional subjetivo, através do advérbio *certamente*:

“Porque se a criança não convive com negros, para citar um exemplo, o estranhamento vai ser maior, *certamente*” (realce nosso); de forma semelhante em (51), elementos que expressam asseveração atuam em harmonia com o predicativo “lógico”: “*Definitivamente*, não é agora” (realce nosso); em (52), por sua vez, há, na sequência textual, elementos linguísticos que confirmam o posicionamento asseverativo do falante, inclusive, em outra sentença caracterizada pelo complexo oracional subjetivo – “É *óbvio* que o coronel Muammar Khadafi se juntou à lista dos ditadores ensandecidos” (realce nosso) – e na sentença subsequente, que também apresenta outros elementos linguísticos cujo sentido apresenta convicção, caráter de certeza – “que a *possibilidade* de aceitá-lo *chegou ao fim*” (realce nosso).

Finalmente, destacamos a anteposição da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva: como se trata da expressão do engajamento do falante com o maior grau de certeza, o falante confere proeminência ao seu posicionamento, colocando-o em primeiro plano.

Apresentamos e discutimos, até aqui, três ocorrências que ilustram a microconstrução 1.1.2 na sincronia atual. Na sequência, ratificamos o padrão construcional observado para essa microconstrução com as ocorrências diacrônicas, em (53) e (54), que foram evidenciadas nos *corpora* analisados nesta pesquisa:

(53) Mas a atallaya começou de rrepicar, o que os mouros rreçearao&no~ousaram chegar a çidade como traziam desejo, espiçiallmemte pera tomaar o gado. O comde, ouvimdo o rrepique, mui em breve foy prestes, &assytodollos de cavallo& de pee que na çidadeheram, & foram assy todos juntamemte ate o Cha~o da Figueira. &dallymamdou a tresdaquelles a que pareçeo que traziam melhores cavallos que fossem descobrir a çillada do Canaveall. **&bem he verdade** que o comde foy ally rrequerido de muitos fidallgos que os lleyxasselaahyr, o que lhes foy negado por na~o quebrar a ordenamça. Mas quamdohosdescubridores foram sobre a çillada do Canaveall, jaa os mouros pareçiam sobre o Porto do Llya~o, da outra parte, que se hiam caminho do Castellejo, cujo rrecado avido pelo comde, fez rrecolher sua gente pera a çidade, omde cada hu~ fallava no que lhe pareçia daquele vimda, mas o comde hia pemsamdo per que man(ei)ra lhes faria perder aquella ousadia. (*Corpus* Informatizado do Português Medieval, século XV)

(54) Entrou com grande ânimo na peleja com o | corpo do exército, e retaguarda; mas antes | de causar dano à nossa gente, sobrevieram | os capitães portugueses da retaguarda|, e ambas as alas com seu exército, e | a batalha se tornou a renovar com grande | fúria. Assinalou-se muito

Gonçalo Mendez da Maia o lidador, e os mais fidalgos | portugueses, dos quais farei catálogo em | o capítulo seguinte; referir particularidades | de cada um é temeridade, pela incerteza | das coisas. É certo que todos pelejaram | com muito esforço. o mesmo ânimo | mostrou a mais gente nobre, e soldados | ordinários. (*Corpus Informatizado do Português Medieval, século XVI*)

As ocorrências em (53) e (54) apresentam a seguinte representação formal: {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR ASSEVERATIVO]^{anteposta} [+QUE + VERBO FINITO]}. Ambas as ocorrências expressam a atestação asseverada do conteúdo proposicional descrito na encaixada, através, principalmente, do predicativo. Assim, através do adjetivo “verdade”, em (53), o falante indica que estão em conformidade os fatos, fidelizando-se, portanto, ao conteúdo proposicional da encaixada subjetiva, a saber, “que o comde foy ally rrequerido de muitos fidalgos”. Nesse caso, há elemento indicador de foco (WHITE, 2003) – “bem” – que se harmoniza com a certeza do posicionamento do falante, indicando não só precisão, mas também a ausência de margem de erro para o que se vai declarar.

Em (54), através do adjetivo “certo”, o falante se compromete, indicando que a proposição, a saber, “que todos pelejaram com muito esforço”, não é passível de dúvida. Essa escolha lexical ilustra atitude orientada para o enunciador, que se expressa sem relativização, ao apresentar seu posicionamento.

Como se trata de afirmação categórica, o falante seleciona o primeiro plano para instanciar seu posicionamento. Desse modo, ele sinaliza para o interlocutor que aquilo que está anteposto à proposição merece, primeiro, a atenção desse receptor.

Da mesoconstrução 1.1, que instancia modalização com maior grau de relevo, observamos ainda construtos que se caracterizam pela instanciação de um posicionamento relativo diante da proposição. Em relação à função, essa microconstrução, referendada neste trabalho como 1.1.3, herda da macroconstrução o *posicionamento do falante*; da mesoconstrução 1, o *posicionamento com maior grau de relevo*, e da mesoconstrução 1.1, o *posicionamento modalizador com maior grau de relevo*. Em relação à forma, a microconstrução 1.1.3 herda dos níveis mais hierárquicos os elementos formais

típicos da oração matriz e da oração encaixada, apresentando, de modo particular, predicativo modalizador epistêmico relativo.

Nesse cenário, a microconstrução 1.1.3 adquire características, funcionais e formais, oriundas dos níveis taxonômicos mais gerais – macroconstrução e mesoconstruções –, mas apresenta também especificidades em relação à função e à forma, que estão sistematizadas no quadro 27, a seguir:

Quadro 27 – Microconstrução 1.1.3 referente à mesoconstrução 1.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 1.1.3 | |
|------------------------------|---|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento modalizador do falante com maior grau de relevo. Instancia a qualificação da informação em termos de sua origem ou da própria atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional. Indica dúvida – modalização epistêmica relativa. Trata-se de um posicionamento orientado para o sujeito da enunciação.</i> |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO] ^{anteposta} [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

Conforme apresentamos em relação à microconstrução 1.1.2, a modalização epistêmica se situa em um *continuum* de graus para a expressão de certeza e de possibilidade. Semanticamente, a microconstrução 1.1.2 – anteriormente apresentada – caracteriza-se por expressar graus de certeza, e a microconstrução 1.1.3 caracteriza-se por expressar graus de possibilidade. Entre os elementos formais que a língua oferece, segundo Neves (2006, p. 172), para expressar *graus da relativização do possível* dentro desse *continuum* da modalidade epistêmica, encontram-se, por exemplo, em um extremo “É absolutamente possível [...]” e, no outro extremo, “Seria quase impossível [...]”, passando por graus, como “É possível [...]”, “Seria possível [...]”, “É pouco possível [...]” (NEVES, 2006, p. 172). Assim, diferentemente da certeza, em que o falante apresenta seu enunciado como uma asseveração, os enunciados que apresentam relativização marcam o discurso com elementos do possível. Ainda de acordo com a autora, outras marcas, além do adjetivo no predicativo da oração matriz, são usadas para instanciar a dúvida: verbo modal – *deve, pode* –; advérbio – *provavelmente, talvez* –; substantivo – *possibilidade* –; categorias gramaticais – *talvez tenha sido* (NEVES, 2006, p.168). Através de

marcas formais semelhantes a essas, a microconstrução 1.1.3 expressa *posicionamento modalizador relativo do falante* diante da proposição da oração encaixada subjetiva.

Ao instanciar a microconstrução 1.1.3, o falante apresenta-se com certo descomprometimento em relação ao enunciado da encaixada subjetiva. Esse descomprometimento é respaldado no fato de o falante não ser a fonte do conhecimento, não ter acesso à fonte do conhecimento referente ao conteúdo da oração encaixada subjetiva ou, ainda, sendo a fonte do conhecimento, optar por não se comprometer com o dito. Ao atuar como *filtro natural das proposições* que expressa (NEVES, 2006, p. 165), o falante sinaliza, através da relativização da afirmação, que objetiva *proteger a face* (GOFFMANN, 1980, p.77). Desse modo, a microconstrução 1.1.3 expressa modalização *orientada para o sujeito da enunciação* (NEVES, 2006, p. 163), porque é ele quem escolhe comprometer-se ou não com a proposição, baseado em sua crença, seu conhecimento.

Os tipos de predicativos, instanciadores de modalidade epistêmica relativa, com maior grau de relevo, estão listados no quadro 28, em ordem alfabética:

Quadro 28 – Predicativos modalizadores epistêmicos relativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|---------------------------------------|---|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA RELATIVA | 1) impossível; 2) improvável; 3) possível; 4) provável. |

Os predicativos do quadro 28 foram levantados a partir dos *corpora* analisados nesta pesquisa. Destacamos o uso de predicativos que instanciam graus de possibilidade/probabilidade, através de “possível” e “provável”. Ressaltamos também a contraparte negativa desses predicativos, a saber, “impossível” e “improvável”, que se caracterizam pela “negação particular” (NEVES, 2000, p.292). Tais predicativos recebem proeminência no discurso.

Por meio dos predicativos modalizadores relativos, o falante refere-se a mundos em que a verdade e a falsidade “são relativizadas a determinadas crenças, instituições e valores” (ILARI & BASSO, 2008, p. 320). Desse modo, o falante não se posiciona em termos absolutos.

Levantamos também os tipos de predicativos que instanciam modalidade epistêmica relativa nas sincronias pretéritas investigadas nesta pesquisa:

Quadro 29 – Predicativos modalizadores epistêmicos relativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|--|-------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA RELATIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | 1) impossível; 2) possível; 3) provável; |
| | Século XVII | 1) impossível; 2) possível; 3) provável; |
| | Século XVIII | 1) impossível; 2) possível; 3) provável; |
| | Século XIX | 1) impossível; 2) possível; 3) provável. |

Encontramos os mesmos tipos de predicativos para a modalidade epistêmica relativa do século XVI ao XIX, com maior grau de relevo: “impossível”, “possível” e “provável”. Destacamos que a microconstrução 1.1.3 não apresenta, na diacronia, variedade de predicativos em matrizes antepostas à encaixada subjetiva. Além disso, foi encontrada, nos *corpora* investigados nesta pesquisa, apenas a partir do século XVI.

Na sequência, as ocorrências (55), (56) e (57) ilustram a microconstrução 1.1.3, na sincronia atual, em relação à função e à forma:

(55) *Lembra do TRIPÉ DA SAÚDE!

-Alimentação saudável (balanceada, equilibrada e variada).

-Atividade física.

-Sono reparador.

O carro fica velho, troca, as roupas, relógio, celular, maquiagem é possível atualizar, mas nosso corpo é para durar toda a vida. (Modalidade escrita, blogs)

(56) Como Ficam os Filhos

Como não se sentem amados para valer, tendem a não se valorizar, o que vira sinônimo de baixa autoestima. Além disso, a falta de demonstrações de afeto e de uma presença mais marcante dos adultos é capaz de torná-los sérios candidatos a desenvolver depressão e distúrbios de ansiedade. É provável ainda que tenham dificuldade em manter relacionamentos caso acabem copiando, sem perceber, o modelo paterno ou materno. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(57) E o Cruzeiro jogou sem Thiago Ribeiro, o que levou o time a jogar com menos velocidade, com Brandão de centroavante-centroavante, mais pesado, mais fixo, e muitas vezes impedido. Mas não é improvável que o

América, na terça-feira que vem, ganhe do Santos, mesmo que o time paulista seja muito melhor. (Modalidade escrita, blogs)

Apresentamos, em (55), (56) e (57), exemplos da microconstrução 1.1.3, representada formalmente por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em (55); {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}, em (56); e {[NÃO + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}, em (57).

Os principais elementos linguísticos responsáveis pela expressão de *comprometimento epistêmico relativo* com o enunciado na oração encaixada subjetiva são os predicativos que são preenchidos por adjetivos: “possível”, em (55), “provável”, em (56), e “improvável”, em (57). Tais predicativos indicam a *qualificação* duvidosa (NEVES, 2006, p. 164) que o falante confere à informação *em termos de sua origem* ou em termos do quanto o falante se descompromete com o enunciado. Essa seleção de adjetivos, prototipicamente, epistêmicos relativos, deve-se ao fato de o falante não assumir o dito como verdade constatada ou constatável.

Esses elementos linguísticos atuam, algumas vezes, em harmonia (NEVES, 2006), com outras escolhas lexicais na expressão de *posicionamento epistêmico relativo*: em (55), a não finitude do verbo da encaixada subjetiva instancia ação em potencial; em (56) e (57), a flexão do verbo da encaixada subjetiva no presente do subjuntivo instancia modo dubitativo.

Diante dessas seleções formais, observamos que a microconstrução 1.1.3 instancia uso intersubjetivo, visto que, ao *relativizar seu posicionamento* através dos elementos linguísticos evidenciados nos excertos, o falante começa a sinalizar preocupação em *proteger a face* (GOFFMANN, 1980, p. 77). Além disso, destacamos a proeminência conferida ao posicionamento do falante, visto que está em primeiro plano. Nessas ocorrências, tais posicionamentos são marcados por maior grau de relevo, através da anteposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. Assim, o falante imprime comprometimento relativo, em (55), em relação a cuidados com corpo e mente; em (56), em relação ao comportamento dos filhos diante do relacionamento dos pais ou da falta desse relacionamento; e, em (57), em relação ao desempenho em campo do time de futebol América.

A partir das ocorrências (55), (56) e (57), apresentamos e discutimos as características da função e da forma da microconstrução 1.1.3 do complexo oracional subjetivo na sincronia atual. Confirmamos tal padrão construcional com ocorrências de sincronias pretéritas, aleatoriamente selecionadas, em (58) e (59), a seguir:

(58) Na insigne batalha | das Navas de Tolosa apareceu no céu o | dia da peleja umacruz floreteada, e por | esta causa tomaram muitos fidalgos que ali | se acharam, a cruz em suas armas, como | largamente diz Gonçalo Argote; entre os | demais que a tomaram temos por mui verossímil | que foram alguns portugueses, por ser certo se acharam lá muitos, como diz o | arcebispo Dom Rodrigo, e assim as cruces dos Pereiras, dos Almadadas, Albergarias | , Farinhas, é mui provável que daquela | ocasião se derivassem. (*Corpus Informatizado do Português Medieval, século XVI*)

(59) Semelhantemente estava provido do governo de Ceuta, chave de África e Espanha, João Soares, que, aos méritos de sua pretensão, havia junto a oferta de dez mil cruzados pelo governo de três anos. Entre os dois capitães de África se concertou a fuga para Castela, por serem os dois primeiros que livremente, a fim da jornada de seus governos, saíram do Reino. Porém, como esta deliberação fosse tão grande e com ela convidassem a outros, é fama que em todos os acidentes deste negócio intervieram com muitos interessados o marquês e arcebispo, servindo-se no manejo desta fábrica da indústria e autoridade de Frei Manuel de Macedo, religioso domínico, de grande discricção e aplauso da nobreza. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe, século XVII*)

Os excertos em (58) e (59) caracterizam-se por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. O *posicionamento epistêmico relativo* do falante é instanciado, principalmente, pelos predicativos “provável” e “fama”, respectivamente, em (58) e (59). O posicionamento através desses predicativos indica que as proposições, descritas nas encaixadas subjetivas, podem ter ocorrido ou ter sido, de acordo com indícios, já que apresentam chances de comprovação. O falante compromete-se, portanto, de forma relativa com as proposições: “que daquela ocasião se derivassem”, em (58), e “que em todos os acidentes deste negócio intervieram com muitos interessados o marquês e arcebispo”, em (59).

O descomprometimento do falante está em harmonia também com outra marca linguística, em (58), a saber, flexão modo-temporal do verbo da oração encaixada subjetiva – “derivassem” –, que está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo, marcando-o como uma conjectura.

Destacamos, por fim, que os posicionamentos de comprometimento relativo do falante recebem maior grau de relevo nesses excertos, uma vez que estão focalizados.

Nas microconstruções 1.1.1, 1.1.2 e 1.1.3, o falante não assume o dito como verdade constatada ou constatável. Por isso, são usos em que o falante apresenta-se engajado, sinalizando o grau do seu comprometimento com o dito para o interlocutor. Trata-se, portanto, de uso não-factual nos termos de Palmer (1986). Nas microconstruções 1.2.1 e 1.2.2, que apresentaremos na sequência, o falante assume o dito como verdade constatada ou constatável. Nesse caso, não há instanciação do engajamento do falante, mas dos valores que imprime na proposição. Para Palmer (1986), são usos factuais. Em todas essas microconstruções, o falante confere proeminência ao seu posicionamento, colocando-o em primeiro plano. Assim, apresenta-se focalizado em relação ao conteúdo proposicional da encaixada subjetiva.

Nesses termos, a microconstrução 1.2.1 herda da macroconstrução o *posicionamento do falante*. Tal microconstrução herda ainda *maior grau de relevo*, do nível mesoconstrucional mais inferior na hierarquia, a saber, mesoconstrução 1. Na sequência, esse padrão construcional especializa-se em instanciar *posicionamento avaliativo* – mesoconstrução 1.2. Em relação à forma, a oração matriz pode apresentar elemento de negação e apresenta, necessariamente, verbo *ser* e predicativo, antepostos à oração encaixada subjetiva, instanciando a focalização do posicionamento avaliativo. A oração encaixada é tipicamente composta por conjunção e verbo finito ou não-finito.

Logo, a microconstrução 1.2.1 herda características dos níveis mais gerais, mas apresenta ainda características que instanciam o padrão construcional descrito no quadro 30, a seguir:

Quadro 30 – Microconstrução 1.2.1 referente à mesoconstrução 1.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 1.2.1 | |
|------------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento avaliativo do falante com maior grau de relevo. É afetado por suas condições psicológicas, emotivas, afetivas e expresso a partir de valores negativos ou positivos em relação ao conteúdo proposicional. Trata-se de avaliação baseada na perspectiva interna do falante.</i> |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO] ^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

A microconstrução 1.2.1 do complexo oracional subjetivo instancia, especificamente, *avaliação* a partir da perspectiva interna do falante. Está embasada, portanto, no estado psicológico, emocional, afetivo e é instanciada através de adjetivos e nomes na oração matriz. Trata-se da instanciamento da atitude afetiva do falante em relação ao conteúdo proposicional.

White (2003, p. 5) nomeia como *afeto* a avaliação, que diz respeito “a respostas emocionais realizadas através de reações a processos mentais”, como *This pleases me* e *I hate chocolate*, e através de *relações atributivas de afeto*, como *I'm sad* e *I'm happy*. O autor estende a possibilidade de expressão desse significado a avaliações metafóricas realizadas através de substantivos, como *fear*. White (2003) também destaca que os valores que expressam o estado afetivo do falante podem ser positivos ou negativos, como *please* e *irritate*, e ainda podem apresentar intensidade ou força, expressando uma gradação, como *like*, *love* e *adore*. Na proposta *Appraisal*, de White (2003), tais escolhas lexicais são graduáveis de acordo com a força interpessoal ou com o foco que lhes são atribuídos. Nos dados analisados nesta pesquisa, as gradações, evidenciadas nas ocorrências, imprimem maior ou menor força ou foco, como em “não é tão ruim”, “é extremamente gratificante”, “é sempre uma alegria”, “é muito empolgante”, “é muito triste”, que também deflagram posicionamento.

De acordo com Hunston e Thompson (2003, p.14), a avaliação pode ser observada por outras escolhas lexicais, além dos adjetivos, que, intrinsecamente, são avaliativos. Entre essas escolhas lexicais, os autores destacam: (i) verbos, como *to win*, *to cheat* e *to sin*, (ii) advérbios, como *possibly*, *eccentrically* e *virtuously*, (iii) nominais, como *success*, *a brutal tyrant*

a *genius*, e (iv) atributos, como a *corrupt politician* e *she's very brave*. Esses elementos podem estar presentes na oração encaixada subjetiva, no entorno textual e na própria matriz, harmonizando-se com o posicionamento avaliativo. A harmonização sinalizada por Neves (2006) diz respeito, especificamente, a elementos que expressam modalização. Entretanto, observamos que o complexo oracional subjetivo que expressa avaliação apresenta também elementos linguísticos, além do predicativo, que concorrem para a expressão de avaliação a partir da perspectiva do falante.

O posicionamento baseado na perspectiva interna do falante recebe, nessa microconstrução, maior relevo porque está em primeiro plano. Nesse sentido, o falante direciona a atenção do interlocutor para o valor que imprime sobre a proposição. Além da anteposição da oração matriz, destacamos também que não encontramos a conjunção “de” no complexo oracional subjetivo, cuja matriz instancia avaliação.

No quadro 31, a seguir, apresentamos, em ordem alfabética, os tipos de predicativos encontrados, nos *corpora* investigados nesta pesquisa, na sincronia atual:

Quadro 31 – Predicativos avaliativos afetivos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">AVALIAÇÃO AFETIVA</p> | <p>1) absurdo; 2) agradável; 3) alegria; 4) bálsamo; 5) bom; 6) chato; 7) delícia; 8) difícil; 9) divertido; 10) emoção; 11) emocionante; 12) empolgante; 13) frustrante; 14) gostoso; 15) gratificante; 16) honra; 17) imbecíl; 18) imperdoável; 19) incrível; 20) interessante; 21) legal; 22) lindo; 23) loucura; 24) maravilhoso; 25) melhor; 26) orgulho; 27) ótimo; 28) pena; 29) prazer; 30) privilégio; 31) ridículo; 32) saco; 33) satisfação; 34) superbacana; 35) triste; 36) vergonha.</p> |

Tais predicativos instanciam o posicionamento avaliativo afetivo do falante. Os valores de afeto fornecem os recursos pelos quais o falante pode indicar como um fenômeno/evento/pessoa o afeta emocionalmente. Assim, através desses tipos de predicativos, o falante imprime uma resposta emocional diante da proposição. O valor atribuído pelo falante pode ser positivo, conforme ilustram os predicativos “agradável”, “alegria”, “bálsamo”, “delícia”, “divertido”, “gostoso”, “gratificante”, “legal”, “ótimo”, ou negativo, como

indicam os predicativos “frustrante”, “imbecíl”, “ridículo”, “saco”, “triste”. Trata-se de uso com maior variedade de tipos de predicativos: são 36 tipos.

Contrariamente, os tipos de predicativos das sincronias pretéritas, investigadas nesta pesquisa, encontram-se em menor número, conforme quadro 32, a seguir:

Quadro 32 – Predicativos avaliativos afetivos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|-------------------|-------------------------|----------------------|
| AVALIAÇÃO AFETIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | - |
| | Século XVII | - |
| | Século XVIII | 1) lástima; 2) pena; |
| | Século XIX | 1) curioso. |

Na posição anteposta em relação à encaixada subjetiva, foram encontrados apenas três tipos de predicativos avaliativos afetivos. Tais tipos de predicativos foram encontrados apenas nos séculos XVIII e XIX.

A fim de ilustrar as características sistematizadas no quadro 30, referentes à microconstrução 1.2.1, apresentamos, a seguir, três ocorrências da sincronia atual, a saber, (60), (61) e (62), e suas características funcionais e formais:

(60)[...] mais as pequenas matérias que... tão proporcionano maior contato pra gente igual prática de saúde coletiva que a gente tem que realizar um trabalho com uma escola de periferia, falar sobre higiene pros alunos de terceira série, crianças de onze anos e tamém trabalha em posto de saúde tamém, ver come que funciona lá dentro, eu tô adorano assim, é uma experiência muito boa e é um um curso super gratificante assim, tô muito orgulhoso de ta fazeno esse curso. É...quando eu chego nessa escola que eu tenho que desenvolver um projeto, nossa, **é tão bom assim** ver a carinha dos alunos assim olhano pra gente, e a gente vê que a gente ta passano é.... lições sobre higiene pra eles, pro desenvolvimento deles, pesano eles, medino, veno como que tá o crescimento deles [...] (Modalidade oral, *Corpus* do Projeto Mineirês, entrevista BH 02)

(61) Particularmente acho que o zagueiro são-paulino está totalmente correto. Se o Juvenal expôs o problema publicamente, porque o jogador não pode? **É ridículo pensar** que porque o cara é presidente do clube, pode denegrir a imagem de todo mundo por aí. Todo mundo é igual, pô! Tanto é que a partir de agora não só acredito que a proposta do clube europeu

seja verdadeira, como agora acho que o Alex deve ir embora. (Modalidade escrita, nível intermediário)

- (62) O tronco do bar veio do Pará e dá uma energia gostosa. Os homens adoram os bancos giratórios e a TV de alta tecnologia. Já as mulheres gostam da pista de dança, onde, além dos DJs, temos aulas de estilos variados. Os casais levantam e dançam naturalmente. **É gostoso ver.** Há os quadros de *pin-ups* assinados pelo Kobra e o piso em terceira dimensão. Eu mesma já tirei várias fotos “na piscina.” Quem vai ao banheiro é surpreendido com vozes. (Modalidade escrita, nível intermediário)

As ocorrências (60), (61) e (62) caracterizam-se, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, em que as orações matrizes realizam-se como: “é tão bom assim” – (60) –, “é ridículo” – (61) –, “é gostoso” – (62). O predicativo é preenchido por adjetivos que expressam: valor positivo – “bom” e “gostoso” – e valor negativo – “ridículo”. As encaixadas subjetivas realizam-se com verbo não-finito: “ver”, em (60) e (62), e “pensar”, em (61).

A função da microconstrução 1.2.1 é instanciada, principalmente, pelo predicativo. O posicionamento avaliativo do falante, baseado na sua perspectiva de ordem emocional, afetiva e psicológica, pode ser observado nos predicativos “bom”, “ridículo” e “gostoso”, respectivamente, em (60), (61), (62). Tais posicionamentos do falante expressam seu gosto, sua preferência, sua opinião a respeito de “ver a carinha dos alunos”, “pensar” que o presidente de um clube de futebol pode diminuir o valor de um jogador e “ver” a naturalidade de casais dançando em um ambiente preparado para receber as pessoas. Como o falante não questiona a validade do dito, ele imprime valores sobre a proposição. Trata-se, nos termos de Palmer (1986), de uso factual.

Além dos predicativos, outros elementos somam para a expressão desse posicionamento avaliativo afetivo: em (60), advérbio intensificador “tão” e advérbio de modo “assim”, na matriz; interjeição “nossa” na sequência linguística em que se realiza o complexo oracional subjetivo; em (61), interjeição “pô” na sequência linguística em que se realiza o complexo oracional subjetivo, que também reforça o estado psicológico/emocional de indignação do falante; em (62), escolhas lexicais das afirmações “dá uma energia *gostosa*”, “os homens *adoram* os bancos giratórios e a TV de alta tecnologia”, “as mulheres *gostam* da pista de dança” e “os casais levantam e

dançam *naturalmente*” (realce nosso) contribuem para a construção do cenário “gostoso” declarado pelo locutor. Seja na sequência linguística, seja na matriz ou na encaixada subjetiva, esses elementos linguísticos se “contaminam” (NEVES, 2006, p.204) no discurso, favorecendo a instanciação do *posicionamento avaliativo do falante* na expressão da sua perspectiva emocional, afetiva, psicológica, que caracteriza essa microconstrução como *subjetiva*, uma vez que o falante acessa estados internos para se posicionar.

Essa microconstrução compartilha, com as microconstruções já apresentadas, o traço formal da anteposição da oração matriz. Assim, os construtos ilustrativos dessa microconstrução mostram o posicionamento avaliativo afetivo com maior grau de relevo, uma vez que está em primeiro plano. O falante confere proeminência ao seu posicionamento, destacando-o no cenário argumentativo que arquiteta: em (60), em relação à prática de saúde coletiva em escola com crianças; em (61), em relação à exposição pública de um problema, e, em (62), em relação ao efeito obtido pela caracterização de um espaço.

Os construtos (60), (61) e (62) ilustram o pareamento encontrado para o complexo oracional subjetivo na sincronia atual. A seguir, exemplificamos, com duas ocorrências, o complexo oracional subjetivo em sincronias pretéritas, a fim de confirmar o padrão da microconstrução 1.2.1:

(63) Devo também dizer a Vossa Paternidade alguma coisa sobre a Ortografia Portuguesa, notícia que me parece mui necessária e que com todo o cuidado se deve comunicar aos principiantes; pois da falta desta doutrina nasce que, em toda a sua vida, escrevam mal, e, ainda depois de estarem em lugares de letras, é lástima ver como muitos escrevem. E estas reflexões servirão para emendar o que diz o Padre Argote nas suas Regras Portuguesas, e algum outro. Isto suposto, e compreendendo em pouco o muito que outros escrevem nesta matéria, digo que os Portugueses devem pronunciar como pronunciam os homens de melhor doutrina da Província de Estremadura; e, posto isto, devem escrever a sua língua da mesma sorte que a pronunciam. (*Corpus* Histórico do Português TychoBrahe, século XVIII)

(64) A aposta neste jogo - é a mais tentadora possível, desde que se compreende o jogo, e compreende-se muito depressa, principalmente fazendo umas instruções impressas muito resumidas e muito claras para serem distribuídas por todos os espectadores. Eu que não sou muito tentado com o jogo, jogo sempre que vou à Fiesta Alegre. Da última vez que lá estive o Camarote dos meus amigos ganhou 36 duros, de que me coube a Quinta parte. É curioso que nunca perdi a pelota! Também não

arrisco mais de dois ou três duros, o suficiente para ficar entredidíssimo toda a tarde. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*, século XIX)

O excerto, em (63), é representado, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}; e, em (64), por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. A matriz da ocorrência (63) é composta por verbo “ser” e predicativo “lástima”, e a matriz de (64) é composta por verbo “ser” e predicativo “curioso”. Em ambos os casos, trata-se de *posicionamento avaliativo*, baseado na perspectiva do falante, oriunda de seu estado psicológico, afetivo e/ou emocional. Assim, a avaliação afetiva, em (63), expressa valor negativo, indicando um infortúnio em relação à proposição “ver”, cujo sentido é complementado pela oração “como muitos escrevem”. Já a avaliação afetiva, em (64), expressa valor positivo, indicando interesse despertado por ação inesperada, que está descrita na encaixada subjetiva, a saber, “que nunca perdi a pelota”.

Destacamos ainda que tais posicionamentos avaliativos estão em relevo no complexo oracional subjetivo. O falante antepõe seu posicionamento para atingir propósitos comunicativos específicos. Nesses casos, dá ênfase à avaliação em relação à ação sobre a qual se posiciona.

Por fim, a microconstrução 1.2.2 destaca o posicionamento do falante a partir da perspectiva externa: o falante atribui valor à proposição com base na realidade observada. Hunston e Thompson (2003, p. 6) explicam que se trata do “sistema de valor desse falante e da sua comunidade”. Assim, o falante imprime valor sobre a proposição seja pela apreciação de processos externos a ele, seja pelo julgamento desses processos, orientado por normas institucionalizadas. Uma vez que entendemos *subjetividade* como a *centralidade do falante na linguagem* (DAVIDSE, VANDELNOTE & CUYKENS, 2010, p. 1), consideramos sua presença na microconstrução 1.2.2, pois o falante passa a ser o referente de uma realidade externa.

Ainda em relação à função, a microconstrução 1.2.2 é formada pela função mais geral, herdada da macroconstrução, que é o *posicionamento do falante*, e por funções mais específicas, herdadas das mesoconstruções, a saber, *posicionamento avaliativo do falante com maior grau de relevo*. Visto

que consideramos, nesta pesquisa, a construção formada a partir da função e da forma, em pareamento, a microconstrução 1.2.2 também herda as características formais dos níveis mais abstratos, especificando-se no nível microconstrucional: a matriz é composta, possivelmente, pelo elemento de negação, e, prototipicamente, por verbo *ser* e predicativo avaliativo apreciativo, e a encaixada subjetiva composta, possivelmente, pela conjunção e verbo na forma finita ou não-finita. Tais características estão descritas no quadro 33, a seguir:

Quadro 33 – Microconstrução 1.2.2 referente à mesoconstrução 1.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 1.2.2 | |
|------------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento avaliativo do falante com maior grau de relevo. É afetado pela apreciação que o falante faz do exterior e pelo julgamento de processos, e expresso a partir de valores negativo ou positivo sem relação ao conteúdo proposicional. Trata-se de avaliação baseada na realidade observada.</i> |
| FORMA | {{(NÃO) + SER + PREDICATIVO MODALIZADOR APRECIATIVO] ^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

Através da microconstrução 1.2.2 do complexo oracional subjetivo, o usuário da língua instancia, especificamente, *avaliação*, baseando-se em expectativas sociais para comportamentos, processos, disposições e atos de terceiros, sistemas de valor, o que configura avaliação do tipo *julgamento*, nos termos de White (2003, p. 6). Essa característica semântica está baseada também em valores sociais para produtos, manufaturados ou naturais, concretos ou abstratos e processos, o que configura avaliação do tipo *apreciação*, também segundo proposta de White (2003, p.6). Nesta pesquisa, consideramos a microconstrução 1.2.2 como representante da avaliação do falante baseada em processos externos a ele, por isso o predicativo é referendado como modalizador do tipo apreciativo. Assim, sobre a terminologia *predicativo modalizador apreciativo*, neste trabalho, consideramos também a avaliação do tipo julgamento, uma vez que se trata de uma apreciação crítica que o falante faz sobre algo ou alguém, dando o seu parecer.

Propomos, portanto, neste trabalho, que a microconstrução 1.2.1 expressa avaliação baseada na perspectiva do falante, em significado estrito, isto é, baseada no estado emocional, afetivo e psicológico do falante, enquanto a microconstrução 1.2.2 expressa avaliação baseada na observação do falante da realidade, apreciando e julgando o meio externo a ele. Dessa forma, através da microconstrução 1.2.2, o falante torna-se o referente da avaliação de uma realidade manifestada ao seu redor.

Além de adjetivos e substantivos que instanciam avaliação apreciativa, através da expressão de valores positivos ou negativos na matriz, observamos outros elementos que concorrem para a instanciação do posicionamento do falante. Entre esses elementos encontram-se verbo da encaixada, advérbios na matriz e na encaixada, qualificadores que podem estar presentes também no contexto em que figura o complexo oracional subjetivo. A respeito desses elementos, White (2003), em sua proposta *Appraisal*, apresenta exemplos de elementos linguísticos com os quais adjetivos e substantivos na matriz podem se harmonizar (NEVES, 2006): advérbios, como *justly, virtuosly, stupidly*; atributos, e epítetos, como *a corrupt politician, that was dishonest, she's very brave*; nomes, como *a brutal tyrant, a hero, a genius*; e verbos, como *to cheat, to deceive, to sin* (WHITE, 2003, p.6). Tais valores também podem ser positivos e negativos, assim como os adjetivos *harmonious, symmetrical, balanced, convoluted, arresting, captivating, boring, dreary, beautiful, lovely* e podem ainda apresentar gradação: *he's an OK player, a skilled player, a brilliant player* (WHITE, 2003).

Em nossa pesquisa, encontramos instanciações de adjetivos tipicamente avaliativos, que expressam valor positivo ou negativo, como em “é muito difícil”, “é bem comum”, “é sempre bom”, e que podem ainda ser acompanhados por elementos que imprimem força ou foco, configurando gradações, como “é fácil”, “é mais fácil”, “é muito mais fácil”.

No quadro 34, a seguir, listamos, em ordem alfabética, os tipos de predicativos encontrados, na sincronia atual, para a instanciação da avaliação apreciativa:

Quadro 34 – Predicativos avaliativos apreciativos antepostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS |
|----------------------------------|--|
| AValiação APRECIATIVA | 1) aconselhável; 2) apropriado; 3) bacana; 4) besteira; 5) bobagem; 6) bom; 7) bonito; 8) brilhante; 9) capaz; 10) caro; 11) complicado; 12) compreensível; 13) comum; 14) consolo; 15) deselegância; 16) desumano; 17) difícil; 18) divertido; 19) duro; 20) errado; 21) essencial; 22) estimulante; 23) exagero; 24) fácil; 25) fascinante; 26) fraco; 27) fundamental; 28) horrível; 29) ideal; 30) imperdoável; 31) importante; 32) impraticável; 33) imprescindível; 34) impressionante; 35) inadmissível; 36) incomum; 37) inconcebível; 38) incrível; 39) indispensável; 40) inimaginável; 41) insensatez; 42) instrutivo; 43) inteligente; 44) interessante; 45) inútil; 46) irresponsável; 47) justo; 48) legal; 49) libertador; 50) maneiro; 51) melhor; 52) natural; 53) normal; 54) ótimo; 55) pecado; 56) pena; 57) perigoso; 58) perturbador; 59) preferível; 60) produtivo; 61) raro; 62) razoável; 63) recomendado; 64) recomendável; 65) rentável; 66) rico; 67) ruim; 68) sabido; 69) saudável; 70) simples; 71) uma boa; 72) unanimidade; 73) violento; 74) visível; 75) vital. |

No quadro 34, listamos 75 tipos de predicativos observados a partir da instanciação do posicionamento avaliativo com maior grau de relevo. Trata-se da maior variedade de predicativos, ao compararmos as cinco microconstruções apresentadas nesta seção. São usos que expressam valor positivo como, por exemplo, “bonito”, “brilhante”, “capaz”, “fascinante”, “maneiro”, e negativo, como “besteira”, “insensatez”, “perturbador”, “ruim”, “violento”.

Destacamos que os predicativos encontrados, nos *corpora* investigados nesta pesquisa, não são exclusivos dos valores semânticos nos quais os classificamos. Observamos que os adjetivos “bom”, “difícil”, “divertido”, “imperdoável”, “incrível”, “interessante”, “legal”, “melhor”, “ótimo” e “pena” ocorreram tanto na instanciação de avaliação apreciativa quanto de avaliação afetiva. Os usos de tais predicativos caracterizam-se como um ou outro tipo de avaliação de acordo com o contexto de uso. Por isso, nos atentamos para a função do complexo oracional subjetivo no excerto e para as demais marcas que, possivelmente, podem ocorrer, confirmando a função desse complexo oracional.

De modo semelhante, encontramos variados tipos de predicativos na instanciação de avaliação apreciativa, nas sincronias pretéritas:

Quadro 35 – Predicativos avaliativos apreciativos antepostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS ANTEPOSTOS | |
|----------------------------------|--|---|
| AVALIAÇÃO APRECIATIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | 1) bem; 2) boo jeito/costume; 3) duvydoso; 4) melhor; 5) proveito; 6) proveitoso. |
| | Século XVI | 1) acerto; 2) baixeza; 3) bem; 4) bom argumento; 5) conveniente; 6) defeito; 7) fácil; 8) ímpeto do espírito; 9) justiça; 10) lícito; 11) permissão divina; 12) rezão/razón; 13) tempo perdido. |
| | Século XVII | 1) bom; 2) caso raro; 3) escárnio; 4) estranho; 5) fácil; 6) forçoso; 7) hipótese falsa; 8) justo; 9) leve; 10) melhor; 11) muito; 12) pouco menos; 13) razão. |
| | Século XVIII | 1) ação ilustre; 2) admirável; 3) bom; 4) causa; 5) supérflua; 6) coisa/coisa grosseira; 7) comum; 8) conveniente; 9) delito; 10) difícil; 11) erro; 12) essencial; 13) estimável; 14) fácil; 15) ignorância; 16) indecente; 17) indispensável; 18) infalível; 19) justo; 20) loucura; 21) melhor; 22) natural; 23) pouco; 24) próprio; 25) proveitoso; 26) sinal; 27) sincero; 28) supérfluo; 29) útil; 30) utilíssimo; 31) verosímel. |
| Século XIX | 1) bom; 2) indispensável; 3) melhor; 4) natural. | |

Do século XV ao XIX, encontramos usos do predicativo na instanciação de avaliação apreciativa. O século XVIII destaca-se pela considerável quantidade de predicativos avaliativos: são 31 tipos. Na sequência, destacam-se os séculos XVI e XVII com 13 tipos de predicativos.

Ressaltamos ainda que o adjetivo “bom” foi encontrado em todos os séculos em que houve instanciação de avaliação apreciativa. O adjetivo “melhor” também foi encontrado em todos os séculos, excetuando-se o século XVI.

Para exemplificar as características referentes à microconstrução 1.2.2, apresentamos, a seguir, três ocorrências da sincronia atual em (65), (66) e (67) e suas respectivas características funcionais e formais:

- (65) E: E na iscola? Como qué na iscola? Teve alguma coisa que aconteceu algum incidente, briga, confusão, cês já colaro, já robaro prova, alguma coisa assim interessante na iscola ou não?
 I1 e I2 – Eu já coleí (risos)
 I1 – Eu num gosto muito de colá não purque assim eu num sei eu acho assim que é errado fica colano, mais eu já coleí (rindo sem graça) mais eu

num gosto muito não hoje eu sô mais assim+ porque igual cê num vai aprendê nada, lá na frente vai pricisá daquilo que tinha que tê aprendido aí cê num vai sabe de nada. (Modalidade oral, *Corpus* do Projeto Mineirês, entrevista SJP 21).

- (66) Carol, sua pergunta é desafiadora porque o tratamento das rugas das pálpebras inferiores nem sempre tem resultado satisfatório. Pés de galinha, aquelas rugas ao lado dos olhos, são tratados com toxina botulínica, ou botox. Em geral o efeito é bom, como acontece com você. Já as rugas sob os olhos têm algumas opções de tratamento. Muitas vezes é bom fazer algumas modalidades para se chegar a um efeito melhor. Vamos a elas: botox. Em alguns casos, quando o músculo que fica sob os olhos é muito forte, é interessante aplicar botox na pálpebra inferior. Isso suavizará parte das rugas. Esta aplicação tem que ser bem dosada, pois um exagero na flacidez do músculo nessa região, provocada pelo botox, pode evidenciar bolsas de gordura. (Modalidade escrita, nível mais formal)
- (67) Como em qualquer modalidade de turismo, as coisas podem não sair como o planejado. AnsLammers, dona do *Home For Exchange*, afirma que alguns membros não saem muito satisfeitos porque a casa em que ficam não corresponde às expectativas. Ela afirma, no entanto, que esses membros são uma minoria. António Batista, representante do *TrocaCasa.com* nos países lusófonos, lembra que também há uma regra básica para que tudo corra bem: “Deixe a casa do seu parceiro de troca igual ou melhor do que a encontrou”. Da mesma forma, é importante que a pessoa deixe sua própria casa arrumada. Uma forma de garantir a satisfação das duas partes é mimar um pouco os hóspedes. (Modalidade escrita, nível mais formal).

As ocorrências (65) e (66) são representadas, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, diferentemente da ocorrência em (67), que apresenta conjunção e verbo finito: {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. As três ocorrências assemelham-se em relação à matriz: são compostas por verbo *ser* e *predicativo* e antepostas em relação à oração encaixada subjetiva.

As ocorrências caracterizam-se ainda por expressar *posicionamento avaliativo do falante com maior grau de relevo* através, especialmente, dos predicativos “errado”, “interessante” e “importante”, respectivamente, em (65), (66) e (67), que imprimem uma apreciação que pode ser crítica ou não em relação ao conteúdo proposicional. Como o falante já assume o dito como realidade constatada ou constatável, avalia a proposição. Assim, tais predicativos instanciam valores positivos sobre as encaixadas subjetivas, a saber, “fica colano” – ocorrência (65) –, “aplicar botox na pálpebra inferior” –

ocorrência (66) – e “que a pessoa deixe sua própria casa arrumada” – ocorrência (67) –, que dizem respeito a uma *realidade observada pelo falante*, por isso, *externa a ele*. Assim, o falante se posiciona, em (65), em relação a colar nas provas da escola; em (66), sobre tratamento das rugas da pálpebra inferior; e, em (67), a troca de casas para intercâmbio ou turismo que são processos, ou atividades ou ações cujo valor existe independente do locutor. O locutor apresenta seu posicionamento, nessas ocorrências, a respeito desses eventos, com base em normas sociais e legais.

O posicionamento avaliativo do falante recebe proeminência em relação à descrição desses processos na encaixada subjetiva. Assim, o locutor dá ênfase ao seu posicionamento, sinalizando para o interlocutor que aquilo que disse/escreve é importante para as ideias apresentadas ou para a conclusão a que se deve chegar ou ainda para a interação que está ocorrendo.

Através das ocorrências (68) e (69), a seguir, comprovamos, com dados diacrônicos, o padrão encontrado para a microconstrução 1.2.2 do complexo oracional subjetivo.

(68) Como por averem algu~a vantagem som algu~u~s home~e~s sem receo; e como os home~e~s som sem receo per outro mayor receo.

Por algu~u~s veerem que te~e~ vantagem sobre os outros, se fazem naquellas cousas mais sem receo. E aquesto he nas forças e saber de manhas, e nas armas e ajuda d’home~e~s e bestas, e outras muytas cousas, segundo cada hu~u~ por sy pode sentir, e nos outros bem conhecer. E por tanto se diz que mais sem receo pelleja quem as costas sente que entes de boa ajuda que de ssey tem ou doutrem spera. Porem **he sempre grande proveito cada hu~u~ se trabalhar** por aver as mais boas manhas que poder, como ja disse. E pera se perder o rreco per esta guysa em cavalgar, he muyto boo trazer todo llos corregimentos avantejados [e] husar boas bestas [...]. (*Corpus* Informatizado do Português Medieval, século XV)

(69) Muito tenho que agradecer a Vossa Mercê ocorrer-lhe o meu nome ao formar um Catálogo dos Portugueses eruditos, sendo o maior agradecimento quanto menos rezão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e suposto que não desconheça ou deixe de apreçar a honra que Vossa Mercê me faz, **é justo também que me não induza o amor-próprio a abusar dela**. (*Corpus* Histórico do Português TychoBrahe, século XVII)

As ocorrências em (68) e (69) apresentam uma diferença entre si: (68) é composta por encaixada subjetiva não finita, e (69) por encaixada subjetiva finita e, conseqüentemente, pela presença de conjunção. Em relação aos

demais elementos, são igualmente compostas por verbo *ser* na matriz e predicativo, que é o elemento necessário para a instanciação do *posicionamento do falante*. Assim, (68) é formalmente representada por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{anteposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}, e (69) por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{anteposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}.

O posicionamento avaliativo do falante é instanciado, principalmente, pelos predicativos “proveito” e “justo”, que expressam valores positivos em relação ao conteúdo das encaixadas subjetivas. Assim, o posicionamento avaliativo apreciativo, em (68), sinaliza ação que é útil, benéfica; e, em (69), ação que apresenta equidade, que é legítima. O conteúdo proposicional das subjetivas se refere a processos observados pelo falante, os quais, portanto, são objeto da sua avaliação apreciativa, que pode ser crítica, em relação a: (68), “cada hu~u~ se trabalhar”, e (69), “que [Vossa Mercê] me não induza o amor-próprio”, que são as orações encaixadas na função sintática de sujeito.

Tanto em (68) quanto em (69), há focalização do posicionamento do falante, através da anteposição da oração matriz em relação à encaixada subjetiva. Trata-se da ordem marcada da língua que representa, através do complexo oracional subjetivo, espaço para a instanciação do posicionamento do falante.

A seguir, apresentamos as tabelas 05 e 06, com informações quantitativas sobre as microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 referentes às mesoconstruções 1.1 e 1.2.

Tabela 05 –Distribuição das microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 do complexo oracional subjetivo por *corpus* sincrônico das modalidades oral e escrita na língua portuguesa

| Complexo Oracional Subjetivo | | | | | | | | | | |
|---|--------------------|-------|--------------------|-------|--------------------|-------|--------------------|------|--------------------|-------|
| Corpora Corpus sincrônico oral | Micro 1.1.1 | | Micro 1.1.2 | | Micro 1.1.3 | | Micro 1.2.1 | | Micro 1.2.2 | |
| | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| <i>Mineirês</i> | 8 | 0,82 | 9 | 0,91 | - | - | 25 | 2,55 | 34 | 3,46 |
| <i>PEUL</i> | - | - | 13 | 1,33 | 3 | 0,3 | 3 | 0,3 | 56 | 5,7 |
| <i>NURC/RJ</i> | 3 | 0,3 | 5 | 0,5 | 2 | 0,2 | 3 | 0,3 | 33 | 3,36 |
| Total da oralidade | 11 | 1,12 | 27 | 2,74 | 5 | 0,5 | 31 | 3,15 | 123 | 12,52 |
| Corpus sincrônico escrito | | | | | | | | | | |
| Nível de formalidade 1 | 21 | 2,14 | 32 | 3,26 | 19 | 1,93 | 9 | 0,91 | 79 | 8,06 |
| Nível de formalidade 2 | 126 | 12,84 | 14 | 1,43 | 54 | 5,5 | 37 | 3,78 | 148 | 15,09 |
| Nível de formalidade 3 | 52 | 5,31 | 26 | 2,66 | 59 | 6,04 | 13 | 1,33 | 95 | 9,69 |
| Total da escrita | 199 | 20,29 | 72 | 7,35 | 132 | 13,47 | 59 | 6,02 | 322 | 32,84 |
| Total dos <i>corpora</i> | 210 | 21,41 | 99 | 10,09 | 137 | 13,97 | 90 | 9,17 | 445 | 45,36 |

A tabela 05 apresenta o resultado quantitativo das microconstruções, que evidencia como semelhança formal a anteposição da oração matriz em referência à oração encaixada subjetiva. Em termos funcionais, o posicionamento do falante recebe maior grau de relevo. No tocante a esse posicionamento, a microconstrução 1.2.2, que instancia posicionamento avaliativo apreciativo com maior grau de relevo, apresenta o maior índice de uso tanto no *corpus* oral quanto no *corpus* escrito: são, respectivamente, 123 ocorrências, correspondendo a 12,52% dos dados, e 322 ocorrências, correspondendo a 32,84% dos dados. Isso significa que, nos *corpora* selecionados para essa pesquisa, o falante instancia, mais frequentemente, posicionamento que atribui valor à proposição, porque já acata como verdade constatada ou constatável tal proposição. Assim, aprecia, de forma crítica ou não, a realidade em que está inserido, regulada pelas normas sociais, morais,

legais. A microconstrução 1.2.2 apresenta, portanto, o maior índice de uso entre as microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3 e 1.2.1: são 445 ocorrências no total dos *corpora* – 45,36% dos dados.

A microconstrução 1.1.1 – que instancia posicionamento modalizador deôntico com maior grau de relevo – representa o uso mais frequente, depois da microconstrução 1.2.2. São 210 ocorrências que correspondem a 21,41% dos dados, no somatório do total dos *corpora* oral e escrito. Esse alto índice, no total dos *corpora*, para o posicionamento ancorado na modalidade deôntica, indica que o falante tende a imprimir controle sobre a proposição. Nesse sentido, seu engajamento com o dito está relacionado ao domínio que pretende exercer sobre o conteúdo proposicional da encaixada subjetiva.

Embora tal microconstrução ocupe o segundo lugar no critério da frequência de uso, ela não ocupa a mesma posição em relação ao total do *corpus* sincrônico oral, cujo número de ocorrências é apenas 11 – 1,12% dos dados. Esse resultado sinaliza que, nas entrevistas que compõem o *corpus* oral, o falante tende a não se posicionar, com frequência, em termos de necessidade, obrigação, permissão, mas sim em termos do seu estado emocional, afetivo, psicológico, que está representado através da microconstrução 1.2.1. Nesse sentido, no *corpus* oral, o posicionamento mais frequentemente instanciado, em segundo lugar, é também avaliativo: são 31 ocorrências que correspondem a 3,15% dos dados. Trata-se da microconstrução 1.2.1, que representa a instanciação de avaliação afetiva, ou seja, avaliação com base no estado emocional, psicológico, afetivo do falante.

Diferentemente, no *corpus* escrito, a microconstrução 1.1.1 apresenta, em segundo lugar, o maior índice de ocorrência: são 199 ocorrências referentes a 20,29% dos dados. Esse resultado sinaliza que as revistas e os *blogs* investigados tendem a instituir comportamento, controlando aquilo que é preciso, necessário, proibido.

A microconstrução 1.1.3 representa, em terceiro lugar, uso mais frequente, no somatório total dos *corpora* oral e escrito: são 137 ocorrências que representam 13,97% dos dados. Essa microconstrução ocupa a mesma posição, ao considerarmos a frequência de uso como parâmetro, em relação ao *corpus* escrito: são 132 ocorrências, isto é, 13,47% dos dados investigados. O mesmo não pode ser observado no *corpus* oral: são 5 ocorrências – apenas

0,5% dos dados –, o menor índice de uso entre todas as microconstruções. Esses índices indicam que o falante tende a se posicionar, algumas vezes, protegendo a face (GOFFMANN, 1980), visto que seu engajamento é relativo. Esse comportamento é observado, principalmente, no *corpus* escrito, que é composto por revistas que, além de informação, dissertam e discutem comportamento, vida social etc. O mesmo não é observado no *corpus* oral, já que é composto por entrevistas com temas diversos, sobre os quais o entrevistado tende a dialogar imprimindo, mais frequentemente, valores e asseverando seu dito.

Nesse sentido, a microconstrução 1.1.2, que representa posicionamento modalizador epistêmico asseverativo, ocupa o quarto lugar na frequência de uso, ao considerarmos os índices das cinco microconstruções analisadas, no total dos *corpora* investigados nesta pesquisa: são 99 ocorrências, que correspondem 10,09% dos dados. Tal microconstrução ocupa a mesma posição no *corpus* sincrônico escrito: são 72 ocorrências – 7,35% dos casos. Esse resultado menos frequente para a microconstrução 1.1.2 sinaliza que o falante tende a não se comprometer totalmente com o dito; por isso, na interação, encaminha-se para a proteção de face (GOFFMANN, 1980). Distintamente, a microconstrução 1.1.2 é a terceira microconstrução mais frequente no *corpus* sincrônico oral – 27 ocorrências, ou seja, 2,74%.

Por fim, a microconstrução 1.2.1 apresenta o menor índice – 90 ocorrências, isto é, 9,17% – no que diz respeito ao somatório total dos *corpora* oral e escrito. Trata-se da microconstrução que representa posicionamento avaliativo afetivo, em que o falante marca o discurso a partir das suas percepções afetivas, emotivas, psicológicas. Isso significa que o falante tende a se posicionar menos em relação a aspectos internos e mais em direção à realidade externa. Essa microconstrução apresenta também o menor índice no *corpus* sincrônico escrito da língua – 59 ocorrências, ou seja, 6,02% –, corroborando a observação de que o falante tende, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, a dirigir a interação menos para sua reação interna.

Na tabela 06, a seguir, observamos os índices dessas microconstruções em referência às sincronias pretéritas, consideradas neste trabalho:

Tabela 06 – Distribuição das microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 do complexo oracional subjetivo por *corpus* diacrônico na língua portuguesa

| Complexo oracional subjetivo | | | | | | | | | | |
|------------------------------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|-------|-------------|------|-------------|-------|
| <i>Corpora</i> | Micro 1.1.1 | | Micro 1.1.2 | | Micro 1.1.3 | | Micro 1.2.1 | | Micro 1.2.2 | |
| | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Século XIII | 03 | 0,52 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Século XIV | 20 | 3,45 | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Século XV | 23 | 3,97 | 04 | 0,69 | - | - | - | - | 09 | 1,55 |
| Século XVI | 21 | 3,63 | 09 | 1,55 | 16 | 2,77 | - | - | 21 | 3,63 |
| Século XVII | 40 | 6,9 | 26 | 4,49 | 10 | 1,72 | - | - | 23 | 3,97 |
| Século XVIII | 135 | 23,32 | 56 | 9,68 | 36 | 6,22 | 4 | 0,69 | 80 | 13,81 |
| Século XIX | 25 | 4,32 | 5 | 0,87 | 7 | 1,2 | 1 | 0,18 | 05 | 0,87 |
| Total dos <i>corpora</i> | 267 | 46,11 | 100 | 17,28 | 69 | 11,91 | 5 | 0,87 | 138 | 23,83 |

Na tabela 06, observamos o resultado quantitativo das microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2 em relação aos séculos XIII ao XIX. Diferentemente da sincronia atual, a microconstrução 1.1.1 – que instancia modalidade deôntica – apresenta o maior índice, considerando a frequência de uso: são 267 ocorrências, que correspondem a 46,11% do total dos dados analisados. Tal microconstrução apresenta também o maior índice de uso em todos os séculos investigados nesta pesquisa. Isso significa que o falante tende a se posicionar, mais frequentemente, em relação aos textos investigados nas sincronias pretéritas, exercendo domínio sobre a proposição. Tal característica frequente desse posicionamento pode ser compreendida à luz da composição dos *corpora* diacrônicos: trata-se de textos ficcionais e documentos notariais.

Ainda com comportamento distinto em relação à sincronia atual, a microconstrução 1.2.2 – que instancia avaliação apreciativa – ocupa o segundo lugar, no total dos *corpora*, no que concerne ao índice de frequência: 138 ocorrências, que corresponde a 23,83% dos casos. O falante se posiciona, mais frequentemente, em relação à realidade externa em comparação ao seu mundo interno, que é representado pela microconstrução 1.2.1. Tal microconstrução instancia posicionamento modalizador afetivo e representa o menor índice na diacronia: 5 ocorrências que correspondem a 0,87% no total dos *corpora*.

A microconstrução 1.1.2 representa o terceiro uso mais frequente do complexo oracional subjetivo e instancia posicionamento modalizador epistêmico asseverativo: 100 ocorrências, que representam 17,28% dos dados.

Esse resultado indica que o falante, geralmente, marca o discurso com o máximo de engajamento. Trata-se de posicionamento mais frequente em relação ao comprometimento relativo, que está representado pela microconstrução 1.1.3. Tal posicionamento é marcado pela modalidade epistêmica relativa: são 69 ocorrências – 11,91% dos dados.

Observamos que, na diacronia, o falante está mais interessado em modalizar o discurso, conferindo proeminência a esse posicionamento. Em contrapartida, na sincronia atual, está mais voltado para avaliar o discurso, sinalizando que assume o uso como factual. Esses resultados mostram, juntamente com a mudança de posicionamento mais frequente de um período para outro, a mudança de comportamento social. Essa leitura está restrita aos *corpora* investigados nesta pesquisa. Acreditamos ainda que tais resultados estejam relacionados aos gêneros constantes em cada *corpus*. Assim, nos textos fictícios e nos documentos notariais do *corpus* composto pelas sincronias pretéritas, o falante imprime comprometimento com graus de engajamento, mais frequentemente. Já nos *blogs* e revistas que compõem o *corpus* da sincronia atual, observamos que o falante imprime, mais frequentemente, valor positivo ou negativo.

4.3. Nível microconstrucional do complexo oracional subjetivo referente às mesoconstruções 2.1 e 2.2

Vimos, no início deste capítulo de análise, que a macroconstrução é considerada o nível hierárquico mais abstrato. Representa, portanto, as características funcionais e formais mais gerais do complexo oracional subjetivo. O complexo oracional subjetivo – formado, na matriz, por verbo *ser* e predicativo e oração encaixada que funciona sintaticamente como sujeito – instancia *posicionamento do falante com maior/menor grau de relevo*.

Em nível hierárquico menos geral, a macroconstrução especifica-se nas mesoconstruções 1 e 2, que representam, respectivamente: (i) *posicionamento do falante com maior grau de relevo* – orações matrizes antepostas às encaixadas subjetivas –; (ii) *posicionamento do falante com menor grau de relevo* – orações matrizes pospostas às encaixadas subjetivas.

Tais mesoconstruções especificam-se, ainda, de acordo com o tipo de posicionamento do falante, em outro nível mesoconstrucional: (i) *posicionamento modalizador do falante com maior grau de relevo*; (ii) *posicionamento avaliativo do falante com maior grau de relevo*; (iii) *posicionamento modalizador do falante com menor grau de relevo*; (iv) *posicionamento avaliativo do falante com menor grau de relevo*. Essas propriedades funcionais estão presentes nas mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2, respectivamente. O falante, ao não assumir o dito como veracidade constatada ou constatável (PALMER, 1986), modaliza seu discurso, imprimindo-lhe engajamento. Já ao assumir o dito como veracidade constatada ou constatável (PALMER, 1986), avalia seu discurso, imprimindo-lhe valores. Tanto o posicionamento modalizador quanto o avaliativo podem receber maior ou menor grau de relevo, conforme a posição da oração matriz.

O falante seleciona ainda o predicativo típico da instanciação do seu posicionamento. Assim, tais mesoconstruções singularizam-se em: posicionamento modalizador deôntico, epistêmico asseverativo, epistêmico relativo, avaliativo afetivo e avaliativo apreciativo com maior grau de relevo. Essas funções são representadas pelas microconstruções 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2, respectivamente. O pareamento função-forma desse nível microconstrucional foi apresentado e exemplificado na seção 4.2 deste capítulo.

O nível construcional mais basilar apresenta ainda posicionamento do falante mais específico, com menor grau de relevo: posicionamento modalizador deôntico, epistêmico relativo, avaliativo afetivo e avaliativo apreciativo com menor grau de relevo, instanciando as microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2. As microconstruções 2.1.1 e 2.1.2 especificam-se a partir da mesoconstrução 2.1. Já as microconstruções 2.2.1 e 2.2.2 singularizam-se a partir da mesoconstrução 2.2. Tais microconstruções serão devidamente apresentadas e ilustradas nesta seção. Destacamos ainda que são retomadas as características dos níveis hierárquicos mais gerais na discussão e descrição dos dados nesta seção.

Em relação à função das duas microconstruções do complexo oracional subjetivo, que são referentes à mesoconstrução 2.1, na expressão de *posicionamento modalizador com menor grau de relevo*, a microconstrução

2.1.1 apresenta *posicionamento modalizador no eixo da conduta*, e a microconstrução 2.1.2 representa *posicionamento modalizador com menor comprometimento*.

É importante destacar que não foram encontrados dados, nos *corpora* sincrônico e diacrônico analisados nesta pesquisa, que ilustrem posicionamento modalizador epistêmico asseverativo com menor grau de relevo. Conforme apresentamos na seção 4.2, encontramos tal posicionamento com maior grau de relevo. Como o falante instancia, através desse uso, máximo comprometimento, opta por dar relevo ao posicionamento. O falante sinaliza, para seu interlocutor, que o posicionamento asseverado é importante para a atestação do seu engajamento e, ainda, para a conclusão a que se deve chegar ou para a interação que está ocorrendo. Portanto, não encontramos posicionamento no eixo da certeza e da crença com menor grau de relevo.

Em relação as duas microconstruções do complexo oracional subjetivo, que são referentes à mesoconstrução 2.2, na expressão de avaliação com menor grau de relevo, propomos também: microconstrução 2.2.1, que instancia *posicionamento avaliativo baseado na perspectiva interna* do falante; microconstrução 2.2.2, que instancia *posicionamento avaliativo baseado na perspectiva externa* do falante.

As microconstruções apresentam não só tais propriedades funcionais como também formais. O pareamento função-forma de cada microconstrução está disposto, individualmente, nos quadros 36, 39, 42 e 45, na sequência. Ilustramos ainda os padrões construcionais com três ocorrências da sincronia atual e, quando possível, duas ocorrências de sincronias pretéritas, para confirmar as características encontradas. As ocorrências foram selecionadas, aleatoriamente, a fim de representar tipos diferentes de predicativos, também quando possível.

Ao final desta seção, apresentamos a análise quantitativa dessas microconstruções.

No quadro 36, a seguir, apresentamos as características funcionais e formais da microconstrução 2.1.1:

Quadro 36 – Microconstrução 2.1.1 referente à mesoconstrução 2.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 2.1.1 | |
|------------------------------|---|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento modalizador do falante com menor grau de relevo. Instancia controle, indicando, portanto, necessidade, obrigação, permissão, proibição – modalidade deôntica. Trata-se de um posicionamento orientado para o predicado.</i> |
| FORMA | {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO] ^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]} |

Conforme sistematizamos no quadro 36, o posicionamento do falante, no eixo da conduta (NEVES, 2006) foi identificado também posposto à oração encaixada subjetiva. Esse padrão construcional, assim como os outros, apresenta aspecto interacional “na medida em que o locutor direciona o interlocutor para [...] um conteúdo específico, propondo o modo como o ouvinte deve conceber o texto” (TRAVAGLIA, 2006, p. 168). Nesse sentido, a proposição recebe proeminência e o posicionamento modalizador deôntico é instanciado de forma menos absoluta.

Segundo Gonçalves *et al.* (2008), as instanciações de valor deôntico marcam que a proposição é obrigatória ou suficiente para determinar um outro estado de coisas. Os autores esclarecem ainda que a modalidade deôntica “pressupõe um conjunto de princípios de conduta e, eventualmente, uma autoridade externa ao falante que os representa/impõe” (GONÇALVES *et al.* 2008, p. 323). Neves (2006) classifica essa modalidade como uma marca do enunciado ditada não só por imposição de circunstâncias externas, mas também como uma marca do enunciado ditada pela consciência e, por isso, interna ao falante.

No tocante à forma da microconstrução 2.1.1, não foram encontrados usos com elemento de negação na matriz. Além disso, destacamos que a oração encaixada subjetiva, anteposta à matriz, apresenta-se com verbo na forma não finita em todas as ocorrências analisadas.

Os predicativos típicos da instanciação de modalidade deôntica, verificados nos *corpora* sincrônicos analisados nesta pesquisa, são:

Quadro 37 – Predicativos modalizadores deônticos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| POSICIONAMENTO | PREDICATIVOS POSPOSTOS |
|-----------------------------|--|
| MODALIZAÇÃO DEÔNTICA | 1) necessário; 2) obrigação; 3) preciso; 4) uma necessidade. |

No quadro 37, estão listados, em ordem alfabética, os quatro tipos de predicativos com menor grau de relevo, encontrados nos *corpora* analisados. A marca semântica desses predicativos é a presença da ideia de obrigatoriedade e necessidade. Através desses elementos linguísticos, o falante está engajado em um sistema de valores e propõe que o interlocutor partilhe esse posicionamento. Neves (2006, p.188) explica que as categorias deônticas estão relacionadas à futuridade, “o que se explica pelo fato de que essa modalização diz respeito à conduta”, que se projeta para um momento posterior à manifestação daquilo que é preciso.

Neves (2006) destaca também que há mais de uma forma para a expressão de necessidade. Conforme apontamos no quadro, as expressões “necessidade”, “preciso” e “uma necessidade” marcam o enunciado com esse sentido no predicativo do complexo oracional subjetivo.

Na investigação em sincronias pretéritas, encontramos apenas um tipo de predicativo, como ilustra o quadro 38, a seguir:

Quadro 38 – Predicativos modalizadores deônticos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS | |
|-----------------------------|------------------------|----------------|
| MODALIZAÇÃO DEÔNTICA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | - |
| | Século VII | |
| | Século XVIII | 1) necessário. |
| | Século XIX | - |

Apenas o século XVIII apresentou ocorrência com posicionamento deôntico posposto à encaixada subjetiva. Encontramos somente um tipo de predicativo: trata-se do adjetivo “necessário”.

Na sequência, as ocorrências (70), (71) e (72) ilustram a microconstrução 2.1.1, na sincronia atual, em relação à função e à forma:

(70) No amor, arriscar é preciso

Não, ainda não inventaram o seguro contra perdas e danos do amor. Nem por isso você vai deixar o coração guardadinho no local mais escondido do peito, certo? Arriscar é preciso – e o prêmio compensa.

Trata-se de um paradoxo feminino do nosso tempo: ser feliz no amor é um dos maiores desejos das mulheres e também uma das últimas prioridades. Na frente dele costumam vir carreira, dinheiro, estudos... Por que será que a gente não se apaixona de vez pela ideia de jogar todas as fichas, mesmo sob o risco de perdê-las? É que, às vezes, nossas atitudes camuflam incertezas e medos – mas dá para se livrar de cada um deles. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(71) Quando ele reclama que você trabalha demais

Não diga: "Trabalho tanto para pagar sua comida e seus brinquedos!".

Porque ele se sentirá culpado por você trabalhar tanto e nunca poder ficar em casa brincando com ele.

Prefira: lembrá-lo de que trabalhar é necessário para manter o conforto e realizar sonhos. Se ele sente sua falta, estabeleça um horário para brincar sem falar em trabalho. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(72) Como ajudar seu filho na escola

Saiba como ensinar a importância dos estudos para o seu filho. Confira as dicas

Seu filho detesta estudar? Tatiana Sessa, autora do livro *E Agora? Meu Filho Não Gosta de Estudar* (Ed. Best Seller), dá dicas certeiras para que a molecada goste dos livros, comporte-se em sala de aula e tire boas notas. Confira: [...]

Descubra como ele aprende: há quem aprenda melhor fazendo resumos e quem precise ler em voz alta.

Elogie o esforço, não só a nota: falar que ir bem na escola "é obrigação" não motiva ninguém a se dedicar mais...

Aproxime-se de seu filho: com confiança, ele abrirá o jogo sobre as dificuldades que encontra nos estudos. (Modalidade escrita, nível intermediário)

Os dados que ilustram a microconstrução 2.1.1 caracterizam-se por $\{[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DE ÔNTICO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]\}$. Não foram encontradas, nesta análise, sentenças negativas e orações encaixadas subjetivas com verbo finito e presença de conjunção. Nesse sentido, para a instanciação do posicionamento modalizador deôntico com menor grau de relevo, o complexo oracional subjetivo caracteriza-se, tipicamente, nos *corpora* analisados nesta pesquisa, por oração matriz posposta, predicativo instanciador do posicionamento modalizador deôntico e

oração encaixada na forma não-finita, conforme ilustram as ocorrências (70), (71) e (72)⁶².

Ressaltamos os predicativos “preciso”, “necessário” e “obrigação”, instanciadores do engajamento do falante com o dito a partir do controle impresso sobre a proposição. Assim, em (70), o locutor pressupõe que o interlocutor assumirá como conduta os riscos envolvidos em relacionamentos amorosos; em (71), apresenta dicas de comportamento de pais que trabalham fora, abordando como os filhos sentem falta dos pais; em (72), o texto está organizado para dar sugestões aos pais de comportamento sobre “como ajudar seu filho na escola”, de acordo com o próprio título da reportagem. Nessas ocorrências, a proposição, que descreve a ação sugerida para o interlocutor – “arriscar”, “trabalhar”, “ir bem na escola”, respectivamente em (70), (71) e (72) – recebem proeminência, uma vez que o posicionamento modalizador deôntico está em segundo plano.

Apresentamos e discutimos três ocorrências que ilustram a microconstrução 2.1.1 na sincronia atual. A fim de ratificar esse padrão construcional, ilustramos com uma ocorrência diacrônica do complexo oracional subjetivo:

- (73) Onde, nem menos os Portugueses devem ter escrúpulo de os escrever sem h. Sobre as diferentes espécies de I I, é incrível a bulha que alguns fazem, especialmente para determinar quando se deve pôr j rasgado ao princípio das dicções. Cuido que esta grande bulha se pode reduzir a duas palavras. Distinguir o i vogal, do consoante, é mui necessário, para saber quando fere, ou não fere, a vogal. Chamamos rasgado ao consoante; pequeno, ao vogal; e distinguem-se pela figura. Quanto ao escrevê-los ao princípio, pouca dificuldade pode nascer em quem escreve em Português; visto que raríssima palavra portuguesa começa por i vogal, antes de outra vogal. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*, século XVIII)

A ocorrência (73), do século XVIII, foi a única ocorrência encontrada, nos *corpora* investigados nesta pesquisa, para a instanciação de posicionamento modalizador deôntico. Assim como as ocorrências da sincronia atual, caracteriza-se, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR DEÔNTICO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. Neste caso, o falante orienta

⁶² Esclarecemos que repetimos a ocorrência de (29) em (72), uma vez que se trata da única ocorrência na instanciação de posicionamento deôntico com o predicativo “obrigação”, que foi encontrada nos *corpora* investigados nesta pesquisa.

como o interlocutor deve proceder na análise do “i”. Trata-se de excerto metalinguístico, que analisa a necessidade de se distinguir “o i vogal, do consoante”. O falante ainda justifica seu posicionamento: “para saber quando fere, ou não fere, a vogal”. Esse construto apresenta também elemento que agrega força ao posicionamento (WHITE, 2003), a saber, advérbio “mui” na oração matriz.

No quadro 39, a seguir, propomos a descrição e a representação da microconstrução 2.1.2:

Quadro 39 – Microconstrução 2.1.2 referente à mesoconstrução 2.1 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 2.1.2 | |
|------------------------------|---|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento modalizador do falante com menor grau de relevo. Instancia a qualificação da informação em termos de sua origem ou da própria atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional. Indica dúvida – modalização epistêmica relativa. Trata-se de um posicionamento orientado para o sujeito da enunciação.</i> |
| FORMA | {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO] ^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]} |

Esta representação formal abarca usos que instanciam modalidade epistêmica relativa com menor grau de relevo. Neves (2006) esclarece que se trata de posicionamento orientado para o sujeito da enunciação, uma vez que essa marca modal afeta o mundo do dizer através da crença e comprometimento do falante. Neste caso, trata-se de comprometimento com certa relatividade, pois o falante não assevera o dito.

Na representação formal, a oração matriz está posposta à oração encaixada subjetiva. Em relação ao complexo oracional subjetivo, consideramos que o falante dá *relevo* à encaixada subjetiva “por razões ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções” (TRAVAGLIA, 2006, p.168), conferindo valor menos absoluto para seu posicionamento. Entendemos que essa estratégia textual-discursiva caracteriza um posicionamento intersubjetivo porque sinaliza a *interferência do locutor no texto* (DIAS, 2013, p. 129).

Destacamos que os construtos representados por essa microconstrução não apresentaram elemento negativo na oração matriz. Além disso, a oração

encaixada subjetiva encontra-se na forma não-finita em todas as ocorrências analisadas.

Quanto à instanciação do posicionamento modalizador epistêmico relativo, encontramos dois tipos de predicativos, listados no quadro 40, a seguir:

Quadro 40 – Predicativos modalizadores epistêmicos relativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS |
|---------------------------------------|-----------------------------|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA RELATIVA | 1) impossível; 2) possível. |

Tais predicativos indicam o grau de comprometimento a partir do qual uma proposição é relativizada. Neves (2006) destaca que há inúmeras possibilidades, que a língua oferece, para graduar a relativização do possível dentro do *continuum* da modalização epistêmica, a saber: “É absolutamente possível”, “É indiscutivelmente possível”, “É bem possível”, “É possível”, “Seria possível”, “É pouco possível”, “Seria pouco possível”, “É muito pouco possível”, “Seria muito pouco possível”, “É quase impossível”, “Seria quase impossível”. Nos *corpora* analisados, encontramos usos graduados – como “É quase impossível”, na sincronia atual, além de “É possível” e “É impossível”, como listado no quadro 40 – e usos que ampliam esse *continuum*, a saber: “Era possível” e “É possível sim”. Tais usos foram identificados com a marcação de menor grau de relevo. Isso significa que o falante não só relativiza o posicionamento, podendo, inclusive, graduá-lo, mas também podendo rebaixá-lo (TRAVAGLIA, 2006), indicando *proteção de face* (GOFFMANN, 1980, p.77).

Não encontramos, com menor grau de relevo, predicativos que indiquem probabilidade, ou improbabilidade, na sincronia atual e nas sincronias pretéritas. Na análise das sincronias pretéritas, foi identificado apenas o predicativo “impossível”, no século XVII, conforme ilustra o quadro 41, a seguir:

Quadro 41 – Predicativos modalizadores epistêmicos relativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS | |
|---------------------------------------|------------------------|----------------|
| MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA RELATIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | - |
| | Século VII | 1) impossível. |
| | Século XVIII | - |
| | Século XIX | - |

Por meio do predicativo “impossível”, o falante sinaliza que a proposição não pode ser, existir ou acontecer. Observamos que o locutor não só pospõe seu posicionamento, como também o relativiza. Dessa forma, torna-o menos absoluto. Nas sincronias pretéritas, encontramos apenas um uso graduado, a saber, “Seria impossível”, que relativiza o posicionamento do falante não só pelo predicativo selecionado, mas também pela escolha do futuro do pretérito do indicativo, que faz referência a fatos ainda não realizados, dependentes de certa condição (BECHARA, 2004).

A fim de ilustrar essa microconstrução, apresentamos as ocorrências (74), (75) e (76), a seguir, da sincronia atual:

(74) Como montar uma hortinha caseira

Produzir os próprios temperos e hortaliças é possível, sim, e a saúde de toda a família agradece

Livre de agrotóxicos, o cultivo caseiro é fonte de alimento fresco, seguro e barato. Saiba, passo a passo, como fazer um canteiro charmoso e muito aromático. Qualquer espacinho pode se transformar em horta: pequenos vasos e jardineiras (aquelas que ficam no lado externo da janela), de até 40 cm de altura e 30 cm de diâmetro, são suficientes para cultivar ervas, temperos, hortaliças e legumes. "A única exigência é que o lugar tenha uma boa iluminação solar para favorecer a fotossíntese. A maioria das hortaliças necessita de cinco horas de luz direta por dia", explica o engenheiro agrônomo Rafael Campagnol, de São Paulo. Outra dica para garantir uma plantação eficiente é colocar somente mudinhas iguais no mesmo local. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(75) Bom, após um ano vivendo uma vida completamente diferente, em um lugar onde pijama parecia ser a roupa perfeita para ir aa escola ou ate mesmo ao WalMart, meia e chinelo era normal, jogos de football sexta a noite eram sinonimo de diversao, filme e pipoca eram chamados de festa, comer McDonalds e Burger King por um dólar era possível, muro ao redor

das casas não existiam, ir a igreja aos domingos de manhã era natural, horários para estar em casa eram para todos, dirigir com 16 anos era normal...uma realidade tão diferente e mesmo assim foi minha vida por um ano, e eu vou levar para sempre. (Modalidade escrita, blogs)

- (76) Ainda no Domingo, Luiza ganhou uma meia muito fofo, que parece uma sapatilha de bailarina. Claro que eu não deixei isto passar em branco e disparei meus flashes certos, quer dizer, nem tão certos assim, porque tirar foto dela sem flash é quase impossível, fica tudo embaçado, porque ela não para 1 segundo.. Depois de muitas tentativas, algumas fotos se salvaram rs... (Modalidade escrita, blogs)

Os construtos que representam a microconstrução 2.1.2 são compostos por {[SER + PREDICATIVO MODALIZADOR EPISTÊMICO RELATIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. Não encontramos, nos *corpora* investigados, elemento negativo na oração matriz e encaixada subjetiva com conjunção e verbo finito. Assim como a microconstrução 2.1.1, isso significa que o posicionamento modalizador relativo é, tipicamente, formado por oração matriz posposta, predicativo típico da instanciação de modalização relativa, e oração encaixada subjetiva na forma não-finita.

Nesses casos, o falante marca o enunciado com certo descomprometimento sobre o dito, uma vez que instancia (im)possibilidades em relação à ação descrita na encaixada subjetiva. Em (74), como o falante é detentor da crença/conhecimento sobre fazer horta em casa, ele apresenta seu conhecimento sem se comprometer com sua declaração; em (75), o falante também relativiza seu posicionamento, ao apresentar o preço do lanche no McDonalds e no Burger King; e, em (76), instancia posicionamento relativo não só pelo predicativo “impossível”, mas também pelo advérbio “quase”, na oração matriz, em relação a fotos adequadamente tiradas sem *flash*.

Destacamos ainda, na ocorrência (75), o verbo *ser* da oração matriz, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo. Essa realização formal não foi encontrada com frequência nos dados, já que o verbo da matriz instancia-se, majoritariamente, no presente do indicativo. Através do pretérito imperfeito do indicativo, o falante se transporta mentalmente para época passada à qual se refere. Nesse caso, o falante descreve o presente da sua experiência em uma cultura diferente.

Esse padrão construcional foi encontrado, na análise das sincronias pretéritas, apenas no século XVII:

(77) Pareceu que a princesa de Astilhavo, em parte livre Senhora, em parte vassala em Nápoles, por avós de qualidade e grandeza, era tálamo proporcionado a DomJoão. Juntou-se contra o efeito, não só a força da política espanhola, mas também a do destino, que aquela princesa não tinha assentado no livro das coroas. Tornou a entender Teodósio à vista desta nova oposição, como só lhe convinha salvar a grandeza de que não podia ser despojado; pois aceitá-la era impossível. (*Corpus Histórico do Português*, TychoBrahe)

(78) Por esta mesma causa me desculpo (ainda mal porque com tanta) de me não haver posto sequer a provar se podia com mais concêto pagar a Vossa Mercê a confiança que fez de mi. Pagar de todo, bem sei eu me seria impossível; mas de um coração esquartejado, que pode esperar-se senão medo e sangue? E quando mais, escarmento. (*Corpus Histórico do Português* Tycho Brahe, século XVII)

As ocorrências (77) e (78) exemplificam a microconstrução 2.1.2: oração matriz composta por verbo *ser* e predicativo, e oração encaixada subjetiva na forma não finita. Destacamos, em (77), o verbo *ser* da oração matriz, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo. Como destacamos anteriormente, tal realização formal não foi frequentemente observada nos dados desta pesquisa.

Além disso, em (78), destacamos material interveniente – a saber, “bem sei eu” – entre oração encaixada subjetiva e oração matriz posposta. Essa oração não está representada na forma do objeto da nossa investigação, porque: (i) não está diretamente relacionada ao posicionamento modalizador relativo do falante, instanciado pelo complexo oracional subjetivo; (ii) não está sintaticamente vinculada à oração matriz e à oração encaixada subjetiva. Embora a oração interveniente não seja um elemento linguístico intrínseco à forma e à função do complexo oracional subjetivo, reconhecemos que se trata de uma atitude subjetiva do falante.

De modo semelhante, o pronome “me” também se interpõe entre encaixada subjetiva – seguida por material interveniente – e oração matriz, porém não é elemento linguístico que, necessariamente, compõe a função e a forma do complexo oracional subjetivo. Trata-se da instanciação da subjetividade clara do falante, através da primeira pessoa do singular, uma vez que a oração matriz caracteriza-se pela terceira pessoa do singular, sinalizando a unipessoalização, nos termos de Neves (2006, p. 168).

Ressaltamos, por fim, que não foram encontrados outros predicativos nas sincronias pretéritas.

No quadro 42, a seguir, apresentamos posicionamento avaliativo afetivo com menor grau de relevo:

Quadro 42 – Microconstrução 2.2.1 referente à mesoconstrução 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 2.2.1 | |
|------------------------------|--|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento avaliativo do falante com menor grau de relevo. É afetado por suas condições psicológicas, emotivas, afetivas e expresso a partir de valores negativos ou positivos em relação ao conteúdo proposicional. Trata-se de avaliação baseada na perspectiva interna do falante.</i> |
| FORMA | {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO] ^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]} |

Igualmente às microconstruções apresentadas anteriormente, na microconstrução 2.2.1, o posicionamento do falante recebe menor grau de relevo porque está posposto à proposição, descrita na encaixada subjetiva. Nesse caso, a proposição recebe proeminência porque está em primeiro plano. Já o posicionamento do falante recebe menor grau de relevo porque está em segundo plano. Travaglia (2006, p. 167-168) esclarece que o falante pode, ao produzir um texto, manter os elementos em um mesmo plano, sem *relevo* ou dar *relevo* a alguns elementos em detrimento de outros, fato denominado pelo autor de *proeminência*. De acordo com o autor, o falante pode ainda *rebaixar* elementos do texto, colocando-os em um plano inferior em relação a outros.

Nesse caso, o falante assume o dito como veracidade constatada ou constatável e, por isso, imprime valores positivos ou negativos. Além disso, marca o enunciado a partir da sua reação diante da proposição: são considerados seus afetos, suas emoções, seu estado psicológico. Hunston e Thompson (2003, p.14) afirmam que a avaliação pode ser identificada a partir de elementos lexicais, gramaticais e textuais. Entre os elementos lexicais, destacam: (i) adjetivos, como “splendid”, “terrible”, “surprising”, “important”; (ii) advérbios, a saber, “happily”, “unfortunately”, “plainly”, “interestingly”; (iii) substantivos, como, “success”, “failure”, “tragedy”, “triumph”; (iv) verbos, tais como “fail”, “win”, “doubt”. Os autores esclarecem que esses elementos “são

claramente avaliativos”, isto é, “a avaliação é a principal função e sentido desses elementos”⁶³ (HUNSTON & THOMPSON, 2003, p.14, tradução nossa).

Entre essas formas linguísticas marcadoras de avaliação, interessamos adjetivos e substantivos, que, necessariamente, instanciam o posicionamento do falante no predicativo da oração matriz. Hunston e Thompson não classificam os adjetivos e substantivos em relação ao tipo de avaliação que o falante instancia, como o faz White (2003).

White (2003, tradução nossa) propõe que a avaliação do tipo afetiva está relacionada a respostas emocionais⁶⁴. É, portanto, “tipicamente realizada por meio de processos mentais de reação” – como ilustra a sentença “Isso me agrada, eu odeio chocolate” – e por meio de “relações atributivas de afeto”, como em “Estou triste, estou feliz, ela está orgulhosa de suas realizações, Ele tem medo de aranhas etc.”⁶⁵

Destacamos, ainda no quadro 42, que não foram evidenciados usos com elemento negativo na matriz nos *corpora* investigados. Além disso, a oração encaixada subjetiva encontra-se na forma não-finita em todas as ocorrências.

Os elementos lexicais observados nas ocorrências sincrônicas estão listados, em ordem alfabética, no quadro 43, a seguir:

Quadro 43 – Predicativos avaliativos afetivos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS |
|--------------------------|--|
| AVALIAÇÃO AFETIVA | 1) bom; 2) coisa chata; 3) cortês; 4) divertido; 5) emocionante; 6) fácil; 7) gostoso; 8) gratificante; 9) horrível; 10) horror; 11) indescritível; 12) legal; 13) lindo; 14) maravilhoso; 15) máximo; 16) melhor; 17) presente; 18) ruim. |

Através dos predicativos destacados em 43, o falante instancia posicionamento avaliativo afetivo. Entre esses elementos, há predicativos que imprimem valores positivos, como “bom”, “cortês”, “divertido”, “emocionante”, “gostoso”, “gratificante”, e predicativos que marcam valores negativos, tais como “horrível”, “horror”, “ruim”.

⁶³ Cf.: “[Some lexical items are very clearly evaluative, in the sense that evaluation is their chief function and meaning”.

⁶⁴ Cf.: “Affect is concerned with emotional response [...]”.

⁶⁵ Cf.: “[Affect] is typically realised through mental processes of reaction (*This pleases me, I hate chocolate, etc*) and through attributive relationals of AFFECT (*I'm sad, I'm happy, She's proud of her achievements, he's frightened of spiders, etc*)”.

A classificação em valores positivos e negativos para a avaliação afetiva também foi destacada por White (2003, p.5, tradução nossa): “valores de afeto ocorrem tanto com categorias positivas quanto negativas (amor versus ódio, contentado versus irritado, estar entediado versus estar intrigado)⁶⁶”.

Foram observados 18 tipos de predicativos para a avaliação afetiva na sincronia atual. Em contrapartida, nas sincronias pretéritas, foi evidenciado apenas um predicativo, conforme quadro 44:

Quadro 44 - Predicativos avaliativos afetivos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS | |
|--------------------------|------------------------|------------------|
| AVALIAÇÃO AFETIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | - |
| | Século XVII | 1) bom presságio |
| | Século XVIII | - |
| | Século XIX | - |

Trata-se do predicativo “bom presságio”, formado por uma locução nominal. Este elemento linguístico do século XVII está relacionado ao seu contexto de uso, como veremos nos exemplos a seguir. Atribuímos essa baixa variedade de tipos de predicativos nas sincronias pretéritas à relação entre os *corpora* analisados e a função desse posicionamento – marcação de afeto, emoções, estado psicológico. Como se trata de textos ficcionais e notariais, essa função parece não ser frequente.

As ocorrências (79), (80) e (81) ilustram a microconstrução 2.2.1, na sincronia atual:

- (79) Para tudo mudar é preciso tomar uma decisão mt firme e acertada, confiar em vc e depositar todas suas fichas em vc mesma, pois se falhar a culpa é sua e de mais ninguém, errar é normal, o importante é sempre consertar o que não esta bom, independente do que seja, emagrecer ou qualquer outra coisa da vida, tudo depende de nós, somos o nosso advogado e tbém

⁶⁶ Cf.: “[...] values of affect occur as either positive or negative categories (*love versus hate, please versus irritate, be bored versus be intrigued*)”.

nosso Juiz, pois podemos nos defender ou nos punir para o resto da vida, tudo é questão de decisão. Para mim, estar em uma vida completamente diferente é imensamente maravilhoso, se sentir mulher da cabeça aos pés, sem demagogias de perfeição, mas sentir se mulher. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(80) – Tem vontade de estrelar algum projeto específico?

– Estou realizada. Acho que fiz coisas bem bacanas ao longo de toda a minha carreira. Mas atuar em cinema é sempre legal. Em setembro, vai estreiar o filme *Sonhos de um Sonhador – A História de Frank Aguiar*, em que eu interpreto a mãe do cantor. É um roteiro muito bonito. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(81) Mesmo contratando a maior parte do serviço, ainda sobra muito para fazermos, tanto que hoje fui comprar os itens para montar a Sacolinha Surpresa das crianças, chapéuzinhos, papel arroz do bolo e mais algumas miudezas que fazem a total diferença! Cheguei em casa exausta, porque sair com a Luiza é um horror, já que ela engatinha pelas lojas, derruba tudo das prateleiras, arranca as coisas penduradas e se fica no colo pula, pega o que está ao alcance, se joga para trás, enfim, é preciso folêgo de maratonista e pique de atleta para aguentar o tranco da garota. (Modalidade escrita, nível intermediário)

As ocorrências (79), (80) e (81) são compostas por: {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. Essa representação também caracteriza as microconstruções 2.1.1 e 2.1.2, já apresentadas e ilustradas anteriormente. Nesses casos, a oração matriz é posposta à oração encaixada subjetiva, ou seja, não está focalizada; a oração matriz não apresentou elemento negativo, e a encaixada subjetiva realizou-se na forma não-finita em todas as ocorrências.

O posicionamento avaliativo afetivo nos construtos em (79), (80) e (81) é tipicamente marcado pela seleção do predicativo na matriz, a saber, “imensamente maravilhoso”, “sempre legal” e “um horror”, respectivamente. Tais posicionamentos recebem menor grau de relevo nessas ocorrências, porque estão em segundo plano. Destacamos ainda elemento que agrega força ao adjetivo em (79) – “imensamente” – e, em (80) – “sempre”. O posicionamento está baseado no estado interno do falante em relação à proposição.

Através desse posicionamento, o falante instancia: em (79), sua reação afetiva, que é positiva, em relação às consequências de uma mudança que empreendeu em sua vida; em (80), também instancia avaliação afetiva positiva em relação ao projeto profissional que destaca através do seu posicionamento;

e, em (81), marca o enunciado com avaliação afetiva de valor negativo, já que se trata de uma reclamação da atividade sair para lojas com criança. Assim, as reações afetivas do falante estão em relação a: “estar em uma vida completamente diferente”, em (79); “atuar em cinema”, em (80); e “sair com a Luiza”, em (81), que recebem proeminência por estarem em primeiro plano no enunciado.

Além disso, observamos outros elementos linguísticos no entorno do complexo oracional subjetivo que contribuem para a construção da reação afetiva do falante, positiva ou negativamente: em (79), a afirmação “*se sentir mulher da cabeça aos pés, sem demagogias de perfeição, mas sentir se mulher*” (realce nosso); em (80), “Estou *realizada*. Acho que fiz coisas *bem bacanas* ao longo de toda a minha carreira.” (realce nosso); e, em (81), “é preciso *fôlego de maratonista e pique de atleta para aguentar o tranco da garota*” (realce nosso).

Encontramos apenas uma ocorrência do século XVII, que exemplifica essa microconstrução:

- (82) Oh quantos não lograrão a vista beatífica de Deus no céu, porque lograram desordenadamente as visões de Satanás na terra! Com a felicidade transitória corre grande risco o alcance da eterna. Padecer aqui com Cristo é bom presságio de reinar depois com Cristo. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*)

Nesse caso, o complexo oracional subjetivo também é representado, formalmente, por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO AFETIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. A oração matriz apresenta uma locução “bom presságio” na instanciação do posicionamento avaliativo afetivo do falante, que agrega valor positivo em relação a “padecer aqui com Cristo”. Trata-se da reação emotiva, psicológica do falante em relação à proposição, que descreve sua intuição, seu pressentimento. O posicionamento avaliativo afetivo do falante está em segundo plano, recebendo, portanto, menor grau de relevo.

Por fim, no quadro 45, apresentamos a microconstrução 2.2.2:

Quadro 45 – Microconstrução 2.2.2 referente à mesoconstrução 2.2 do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa

| Microconstrução 2.2.2 | |
|------------------------------|---|
| FUNÇÃO | <i>Posicionamento avaliativo do falante com menor grau de relevo. É afetado pela apreciação que o falante faz do exterior e pelo julgamento de processos, e expresso a partir de valores negativos ou positivo sem relação ao conteúdo proposicional. Trata-se de avaliação baseada na realidade observada.</i> |
| FORMA | {[(NÃO) + SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO] ^{posposta} [+ QUE/DE + VERBO FINITO/NÃO FINITO]} |

A microconstrução 2.2.2 é marcada pela presença de predicativo avaliativo apreciativo. A avaliação apreciativa é considerada, neste trabalho, como marcadora de posicionamento apreciativo ou apreciativo crítico, denominado por White (2003) de julgamento. Como se trata de uma avaliação em relação a circunstâncias externas ao falante, denominamos, neste trabalho, posicionamento avaliativo apreciativo.

Embora os estados que instanciam posicionamento pertençam ao falante como um indivíduo, Hunston e Thompson (2003) esclarecem que muitas afirmações revelam a ideologia da sociedade em que o texto é produzido. Os autores esclarecem que a avaliação é essencialmente comparativa ou contrastiva em relação à norma vigente. Além disso, a avaliação é também subjetiva na medida em que marca a reação do falante no que concerne ao evento reportado.

Destacamos ainda que o posicionamento do falante, na instanciação de avaliação apreciativa, recebe menor relevo em relação à proposição nessa microconstrução. O *relevo*, que é um recurso de organização tópica do texto, objeto de estudo de Travaglia (2006), incide sobre partes do conteúdo ou sobre conteúdos como ações, episódios de narrativa, conceitos, argumentos, novo subtópico ou retorno a um subtópico, relações entre proposições, forma de dizer inapropriada, entre outras. Nesse sentido, como o posicionamento avaliativo apreciativo está em segundo plano, a proposição recebe proeminência.

No tocante à forma, a microconstrução 2.2.2 é marcada pela posposição da oração matriz em relação à oração encaixada que funciona sintaticamente

como sujeito. Trata-se da forma marcada da língua. Diferentemente, das microconstruções já apresentadas, essa microconstrução caracteriza-se pelo elemento negativo na oração matriz. Além disso, a oração encaixada subjetiva apresentou verbo na forma finita e presença de conjunção em ocorrências das sincronias pretéritas. Já na sincronia atual, a encaixada subjetiva apresentou verbo somente na forma não finita.

No quadro 46, a seguir, listamos, em ordem alfabética, os tipos de predicativos encontrados na instanciação de posicionamento avaliativo apreciativo:

Quadro 46 – Predicativos avaliativos apreciativos pospostos à oração encaixada subjetiva na sincronia atual

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS |
|----------------------------------|---|
| AVALIAÇÃO APRECIATIVA | 1) arte; 2) básico; 3) batalha perdida; 4) boa ferramenta/ideia/dica; 5) complicado; 6) comum; 7) concessão especial; 8) concreta; 9) contraproducente; 10) crucial; 11) demonstração de amor e união; 12) desafiador; 13) difícil; 14) erro gravíssimo; 15) especial; 16) essencial; 17) estilo; 18) exercício; 19) experiência nova; 20) experiência tensa; 21) forma de exclusão; 22) fundamental; 23) grande negócio; 24) humano; 25) ideal; 26) ilusão; 27) importante; 28) importantíssimo; 29) indispensável; 30) melhor estratégia; 31) mole; 32) natural; 33) normal; 34) nula; 35) ótimo; 36) perigoso; 37) péssima escolha; 38) positivo; 39) prejudicial; 40) prêmio; 41) primordial; 42) privilégio; 43) prudente; 44) retrocesso; 45) saudável; 46) simples; 47) sinônimo de mais proteção; 48) solução; 49) supertranquilo; 50) terapia; 51) tolice; 52) traumático. |

Encontramos 52 tipos de predicativos na instanciação de posicionamento avaliativo apreciativo na sincronia atual. Entre esses predicativos, alguns marcam valor positivo, como “especial”, “ótimo”, “prêmio”, “saudável”; já outros marcam valor negativo, a saber, “complicado”, “erro gravíssimo”, “prejudicial”, “traumático”.

Destacamos usos de locuções formadas com o adjetivo feminino “boa” – “boa ferramenta”, “boa ideia”, “boa dica”. Ressaltamos também a grande variedade de tipos de predicativos na instanciação de posicionamento avaliativo apreciativo com menor grau de relevo: são 52 tipos contra 4 tipos na microconstrução 2.1.1; 2 tipos na microconstrução 2.1.2; e 18 tipos na microconstrução 2.2.1.

No quadro 42, a seguir, listamos os predicativos avaliativos apreciativos em sincronias pretéritas:

Quadro 47 – Predicativos avaliativos apreciativos pospostos à oração encaixada subjetiva em sincronias pretéritas

| FUNÇÃO-FORMA | PREDICATIVOS POSPOSTOS | |
|----------------------------------|------------------------|--|
| AVALIAÇÃO APRECIATIVA | Século XIII | - |
| | Século XIV | - |
| | Século XV | - |
| | Século XVI | 1) infalível; 2) natural; 3) tirania; 4) vingança; |
| | Século XVII | 1) engano manifesto; 2) injusto; |
| | Século XVIII | 1) abstinência; 2) justo; 3) loucura; 4) pecado; |
| | Século XIX | 1) bom; 2) dispendioso; 3) inútil. |

A microconstrução 2.2.2 caracteriza-se por predicativos instanciadores de avaliação apreciativa desde o século XVI, diferentemente das demais microconstruções já destacadas – a microconstrução 2.1.1 apresentou apenas no século XVIII, e as microconstruções 2.1.2 e 2.2.1 apresentaram apenas no século XVII.

As ocorrências (83), (84) e (85), a seguir, ilustram posicionamento avaliativo apreciativo, com menor grau de relevo, na sincronia atual:

(83) **E:** É. E se você fosse professor, Rômulo, o que você faria para que os alunos se interessassem pela sua matéria? O que você faria para estimulá-los a ter atenção?

F: Ah. Eu ensinaria... (PAUSA) como assim...como eu posso explicar? Eu ia ensiná eles como uma professora já me ensinou, né? Eu ia ensiná eles a ter respeito em sala de aulas, (lhes) em sala de aula. Respeitar os próprios colegas. E também... Ah... eu ia falar pra eles que o estudo é bom, porque quando agente crescer, agente ia ... vamo tê um belo trabalho, num sê esses gari assim de ruas. Eu acho isso, né?

E: Aí ia falar sobre a questão da cola também.

F: É. Isso. É que colar é ruim.

E: Que não vale a pena, né?

F: É.

(Modalidade oral, *Corpus* do Projeto PEUL)

(84) Como lidar com a fofoca no trabalho

A compulsão por fofoca atrapalha sua carreira. Aprenda a evitá-la

Aprenda a lidar com a fofoca no trabalho e não prejudique a sua carreira

Todo mundo faz comentários sobre a vida alheia. Mas falar é bem diferente de questionar a reputação ou o caráter de alguém, certo? Se você não abre os olhos, fecha os ouvidos e administra as palavras, acaba envolvida na indústria da fofoca, como agente ou vítima. Saiba como se portar para não ser prejudicada por fofoca.

Mesmo que você não frequente os corredores, evite soar antipática ao cortar um comentário desagradável de um colega. Relacionar-se com todos é uma arte. Sorrir e mudar de assunto, é a melhor estratégia. (Modalidade escrita, nível intermediário)

(85) Colocar as finanças em ordem

Que tal aproveitar que os gastos da família se restringem a vocês dois para colocar as finanças em ordem? Fazer um planejamento é fundamental para a saúde financeira do casal, tanto hoje quanto no futuro. Assim, a gente pode se preparar para comprar carro, casa etc. e para receber os filhos sem sufoco. Porque pelos 20 anos seguintes, seremos responsáveis pelo sustento dos pimpolhos. Educação, roupas, brinquedos, saúde e tudo mais que nossos pais bancaram pra nós até virarmos adultos. O planejamento ajuda a passar por toda essa fase e, de quebra, se aposentar bem. Quem não quer? (Modalidade escrita, nível intermediário)

As ocorrências acima são formadas por: {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{posposta} [+ VERBO NÃO FINITO]}. Como observamos de (83) a (85), a oração encaixada subjetiva caracteriza-se por verbo na forma não-finita. A finitude do verbo encaixado e a presença de conjunção “que” ou “de” são observadas apenas em dados das sincronias pretéritas. Isso significa que, assim como as microconstruções 2.1.1, 2.1.2 e 2.2.1, os usos da microconstrução 2.2.2 estão se especializando em orações encaixadas subjetivas na forma não-finita. Por isso, além da posposição da oração matriz, tais microconstruções tendem a partilhar esse traço formal em relação à oração encaixada subjetiva.

Em (83), (84) e (85), o falante se posiciona em referência a estados externos a ele, isto é, suas reações são instanciadas com base em eventos, organizações sociais, relações entre pessoas, normas da sociedade – como comportamento – e ainda situações legais ou ilegais. Logo, o falante aprecia a proposição de forma crítica ou não. Em (83), se posiciona em relação a comportamentos adequados na escola; em (84), aborda a fofoca no tocante ao relacionamento com colegas de trabalho; e, em (85), analisa a proposta de organização da vida financeira de casais. As proposições “colar”, “relacionar-se com todos” e “fazer um planejamento”, respectivamente, em (83), (84) e (85), recebem proeminência (TRAVAGLIA, 2006) porque estão em primeiro plano.

Já o posicionamento do falante, nestas ocorrências, é marcado pelo rebaixamento (TRAVAGLIA, 2006) porque está em segundo plano. Em relação a (83), o falante instancia posicionamento avaliativo apreciativo, com valor negativo, porque destaca a atitude inadequada de colar na escola: “é ruim”. Ao contrário, em (84) e (85), imprime valor positivo, através de seu posicionamento avaliativo apreciativo, a saber: “é uma arte” e “é fundamental”, respectivamente.

Em (86) e (87), a seguir, exemplificamos uso s dos séculos XVII e XVIII:

(86) Dizem muitos que ele pratica isso mesmo para poupar; não o creio, porque vejo em todas as suas acções muita generosidade e grandeza e, aqui para nós coscós, também lhe vejo muita vaidade. Os homens deste carácter não são avarentos. Ser amigo da saúde não é pecado, comer só uma vez ao dia é abstinência. Quem lhe seguir o rasto pode ser que venha a dar em santo, ainda que seja por suas mossas de pau. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*)

(87) O mesmo digo dos que põem - Familiar do Santo Ofício - e outras coisas destas. Basta pôr um título principal, ou, quando muito, dois maiores; os mais já se entendem ou se supõem. Estes são semelhantes àqueles de que já falámos tantas vezes, que, no título das censuras dos livros, põem uma enfiada de empregos velhos - Ex-Provincial, Ex-Definidor, etc- e dos quais Vossa Paternidade dizia, com tanta graça, que lhes faltava pôr - Ex-Porteiro, Ex-Guardião, Ex-Procurador, etc- . O pior é que nisto caem também os Seculares, e põem frequentemente: Colegial que foi no Colégio de São Paulo, Lente que foi de Leis, ou de Instituta, etc. Só lhes falta acrescentar a preposição e dizer: Ex-Colegial, Ex-Leitor, Ex -Secretário, Ex-General, Ex-Coronel. Que, tendo os empregos, o declarem, é mui justo, mas que ponham os que tiveram, e são inferiores aos que hoje têm, é uma vaidade mal fundada, e é querer ser estimado mais pelos empregos, que pelo merecimento. (*Corpus Histórico do Português TychoBrahe*)

A ocorrência (86) caracteriza-se por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{posposta} [+VERBO NÃO FINITO]}. Trata-se da composição tipicamente encontrada nos dados: matriz posposta e oração encaixada subjetiva na forma não-finita. Já a ocorrência (87) é formada por {[SER + PREDICATIVO AVALIATIVO APRECIATIVO]^{posposta} [+ QUE + VERBO FINITO]}. Essa configuração não é frequente nos *corpora* analisados nesta pesquisa em relação a esta microconstrução e às microconstruções 2.1.1, 2.1.2 e 2.2.1. Nela destacamos a oração encaixada subjetiva, realizada com verbo na forma finita – “declarem” – e conjunção – “que” –, anteposta à oração matriz.

Ainda em relação à ocorrência (87), destacamos a existência de material interveniente, a saber, “tendo os empregos”, entre a conjunção “que” e o verbo da oração encaixada subjetiva “declarem”. Trata-se da condição apresentada pelo falante para a proposição ser avaliada como “mui justo”. Como não se trata de elemento que complementa a oração matriz e a oração encaixada, não está representada no complexo oracional subjetivo. Ressaltamos ainda a presença de elemento que agrega força à matriz “mui” (WHITE, 2003).

Através dos respectivos adjetivo e substantivo “abstinência” e “justo”, o falante aprecia positivamente as proposições “comer só uma vez ao dia” e “que declarem”, respectivamente. Trata-se de avaliação apreciativa, com menor grau de relevo, no tocante ao comportamento social e religioso de uma pessoa, em (86), e no tocante ao uso de palavras que podem não descrever, adequadamente, a posição social das pessoas, como, ex-coronel, ex-secretário, em (87). Nesse sentido, observamos avaliação que aprecia eventos externos ao falante.

Até aqui, apresentamos e ilustramos as microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2. Na sequência, as tabelas 07 e 08 as descrevem a partir de um levantamento de natureza quantitativa.

Tabela 07 – Distribuição das microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2 do complexo oracional subjetivo por *corpus* sincrônico da modalidade oral e escrita na língua portuguesa

| Complexo Oracional Subjetivo | | | | | | | | |
|----------------------------------|-------------|------|-------------|------|-------------|-------|-------------|-------|
| <i>Corpora</i> | Micro 2.1.1 | | Micro 2.1.2 | | Micro 2.2.1 | | Micro 2.2.2 | |
| Corpus sincrônico oral | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| <i>Mineirês</i> | - | - | - | - | 2 | 1,39 | 5 | 3,49 |
| <i>PEUL</i> | - | - | - | - | 3 | 2,09 | 4 | 2,79 |
| <i>NURC/RJ</i> | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Total da oralidade | - | - | - | - | 5 | 3,49 | 9 | 6,29 |
| Corpus sincrônico escrito | | | | | | | | |
| Nível de formalidade 1 | - | - | 4 | 2,79 | 6 | 4,19 | 17 | 11,88 |
| Nível de formalidade 2 | 7 | 4,89 | 2 | 1,39 | 9 | 6,29 | 55 | 38,46 |
| Nível de formalidade 3 | - | - | 1 | 0,69 | 2 | 1,39 | 26 | 18,18 |
| Total da escrita | 7 | 4,89 | 7 | 4,89 | 17 | 11,88 | 98 | 68,53 |
| Total dos <i>corpora</i> | 7 | 4,89 | 7 | 4,89 | 22 | 15,38 | 107 | 74,82 |

A tabela 07 apresenta o resultado quantitativo das microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2 na sincronia atual. Trata-se de microconstruções que apresentam posicionamento do falante com menor grau de relevo. A microconstrução 2.2.2, que instancia posicionamento avaliativo apreciativo, está presente tanto no *corpus* sincrônico oral quanto no escrito. Apresenta ainda os maiores índices de ocorrência do complexo oracional subjetivo: no *corpus* sincrônico oral, são 9 ocorrências, que correspondem a 6,29% dos dados; no *corpus* sincrônico escrito, são 98 ocorrências, referentes a 68,53% dos dados. Dessa forma, a microconstrução 2.2.2 representa, consideravelmente, os usos do complexo oracional subjetivo com a posposição da oração matriz: abrange 74,82% dos dados, com 107 ocorrências. Isso significa que o falante imprime menor grau de relevo ao posicionamento avaliativo apreciativo mais frequentemente, em relação aos demais modos de marcar o discurso. Dessa forma, a avaliação apreciativa favorece a posposição da oração matriz, com oração encaixada na forma finita ou não finita do verbo, conforme já fora apresentado.

Em segundo lugar, em relação aos índices quantitativos de uso do complexo oracional subjetivo, a microconstrução 2.2.1 detém os resultados mais significativos: são 5 ocorrências na oralidade, referentes a 3,49% dos dados, e 22 ocorrências na escrita, correspondentes a 15,38% dos dados. Pode-se inferir que o falante, preferencialmente, marca a instanciação de suas emoções, de seus afetos e de seu estado psicológico com menor grau de relevo, considerando-se os índices das microconstruções 2.1.1 e 2.1.2.

O posicionamento avaliativo do falante, tanto apreciativo quanto afetivo, detém os maiores índices de ocorrências e destacam-se também por terem ocorrido no *corpus* sincrônico oral. Em contrapartida, o posicionamento modalizador do falante não foi encontrado na oralidade. Além disso, a microconstrução 2.1.1, que instancia posicionamento modalizador deôntico, e a microconstrução 2.1.2, que instancia posicionamento modalizador relativo, equiparam-se quanto aos índices: são 7 ocorrências para cada microconstrução, referentes a 4,89% dos dados – os menores índices de ocorrência do complexo oracional subjetivo, caracterizado pela posposição do posicionamento do falante. Esses baixos índices de uso indicam que o falante prefere não marcar o posicionamento modalizador com menor grau de relevo, já que se trata da instanciação do seu engajamento com o dito. Por isso, as microconstruções 2.1.1 e 2.1.2 apresentam valores reduzidos para a posposição da oração matriz.

A microconstrução 2.1.2 apresentou construtos nos três níveis de formalidade do *corpus* sincrônico escrito. Já a microconstrução 2.1.1 apresentou construtos apenas no nível de formalidade 2, composto por revistas para diversos contextos comunicativos que tratam de assuntos referentes ao cotidiano.

Na tabela 08, a seguir, apresentamos os índices dessas microconstruções em sincronias pretéritas:

Tabela 08 – Distribuição das microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2 do complexo oracional subjetivo no *corpus* diacrônico na língua portuguesa

| Complexo Oracional Subjetivo | | | | | | | | |
|------------------------------|-------------|------|-------------|------|-------------|------|-------------|-------|
| <i>Corpora</i> | Micro 2.1.1 | | Micro 2.1.2 | | Micro 2.2.1 | | Micro 2.2.2 | |
| | n.º | % | n.º | % | n.º | % | n.º | % |
| Século XIII | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Século XIV | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Século XV | - | - | - | - | - | - | - | - |
| Século XVI | - | - | - | - | - | - | 3 | 18,75 |
| Século XVII | - | - | 2 | 12,5 | 1 | 6,25 | 2 | 12,5 |
| Século XVIII | 1 | 6,25 | - | - | - | - | 4 | 25 |
| Século XIX | - | - | - | - | - | - | 3 | 18,75 |
| Total dos <i>corpora</i> | 1 | 6,25 | 2 | 12,5 | 1 | 6,25 | 12 | 75 |

Em relação às sincronias pretéritas, a microconstrução 2.2.2 mostra comportamento semelhante, pois apresenta também o maior índice: são 12 ocorrências, referentes a 75% dos dados. Destacamos ainda que o posicionamento avaliativo apreciativo apresentou 4 ocorrências no século XVIII – o maior índice comparado aos séculos XVI, XVII e XIX.

Diferentemente dos índices da sincronia atual, a microconstrução 2.1.2 ocupa o segundo lugar em relação à frequência de uso: encontramos duas ocorrências no século XVII, que representam 12,5% dos dados.

Verificamos apenas uma ocorrência para as microconstruções 2.1.1 e 2.2.1 – 6,25% dos dados. A ocorrência da microconstrução 2.1.1 foi encontrada no século XVIII, e a ocorrência da microconstrução 2.2.1 foi observada no século XVII.

De modo análogo à sincronia atual, o posicionamento avaliativo com menor grau de relevo foi o mais frequente nas sincronias pretéritas. É importante ressaltar que o falante apresentou preferência pelo posicionamento avaliativo apreciativo com menor grau de relevo. Já o posicionamento modalizador deôntico com menor grau de relevo manifestou-se contido também nas sincronias pretéritas.

4.4. Proposta de rede construcional para o complexo oracional subjetivo

Nesta seção, objetivamos apresentar a rede construcional, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), para o complexo oracional subjetivo. Embora já tenhamos apresentado as características da proposta teórica que aborda a organização da língua em rede no Capítulo I, retomamos as principais características, sucintamente, nesta seção, a fim de explicarmos a rede construcional proposta para nosso objeto de pesquisa. Concomitantemente à citação de natureza teórica, descreveremos, de forma objetiva, as construções analisadas neste trabalho e, em seguida, apresentaremos uma proposta de sistematização de suas características em rede.

A visão da organização e do funcionamento da língua em níveis hierárquicos advém da metáfora da rede, desenvolvida em pesquisas de linguistas cognitivistas, como Goldberg (2003, 2006), Croft (2001), Langacker (2008), entre outros, e fundamentada, portanto, nas perspectivas teóricas da Gramática das Construções. Embasados nesses autores e também em vários outros pesquisadores – como Bybee (2003, 2010), Hopper e Traugott (2003), Lehmann (1995) – Traugott e Trousdale (2013) propõem a abordagem construcional da mudança linguística, apresentada no Capítulo I deste trabalho. Os autores esclarecem, descrevem e exemplificam como a língua se organiza e como ela funciona através de redes construcionais sob a perspectiva das mudanças que ocorrem no uso.

A partir, então, de uma visão de gramática da língua baseada no uso, Traugott e Trousdale (2013, p.1) explicam que pares de forma e de função ou *construções* são organizado(a)s em rede. Tais construções são associadas por semelhanças e por diferenças formais e funcionais, compondo níveis esquemáticos, a saber: esquema, subesquema e microconstrução – ou macroconstrução, mesoconstrução e microconstrução (TRAUGOTT, 2008a, 2008b), conforme assumimos no Capítulo I deste trabalho. Cada nível esquemático da rede é composto por um nó, representado por uma construção que pode se generalizar ou especificar.

A associação de construções, nesses níveis de esquematicidade, possibilita a instanciação de novos padrões construcionais através dos mecanismos da neanálise e da analogização, promovendo a renovação

constante da língua. As mudanças são o resultado do compartilhamento da inovação por meio das redes de falantes. Isto é, a mudança da língua ocorre quando a inovação é replicada entre seus usuários.

A rede proposta, neste trabalho, para o complexo oracional subjetivo apresenta associações entre o nível mais elementar, os níveis intermediários e o nível mais esquemático. Essa associação torna-se possível porque as construções analisadas, nesta pesquisa, apresentam regularidades e especificidades que as organizam em conjuntos.

Ao investigarmos a função do complexo oracional subjetivo, pudemos atestar que o falante objetiva apresentar seu *posicionamento* através, principalmente, da oração matriz. Esse posicionamento é instanciado em relação a evento, estado, processo, atividade, pessoa – entre outras possibilidades que estão descritas na proposição – através da oração encaixada subjetiva. Observamos, por meio do comportamento formal das construções, que o falante, para instanciar seu posicionamento, recruta o predicativo, que é elemento linguístico recorrente em todos os *tokens* analisados nesta pesquisa. Esse posicionamento pode se harmonizar com outros elementos linguísticos na própria oração matriz, na oração encaixada subjetiva e até no entorno textual, mas essa harmonização não configurou regularidades funcionais e formais.

Analisamos também que o falante pode imprimir maior grau de relevo em relação a seu posicionamento, focalizando a oração matriz através da sua anteposição em relação à encaixada subjetiva. Do mesmo modo, pode optar por pospor a oração matriz à encaixada subjetiva e imprimir menor grau de relevo em relação a seu posicionamento. Nesse caso, a proposição está em evidência porque está em primeiro plano. Trata-se de escolhas que objetivam atingir propósitos comunicativos específicos.

Assim, a representação formal do complexo oracional subjetivo, no nível mais geral – a macroconstrução –, é abstratamente composta, na matriz, por verbo *ser* e predicativo, podendo ser formada por elemento de negação. A oração matriz pode ser alocada anteposta ou posposta à oração encaixada subjetiva. Na encaixada subjetiva, observamos verbos na forma finita com presença de conjunção ou na forma não-finita. Devido ao elevado nível taxonômico do esquema, seu modelo formal é recrutado pelo falante para

instanciar novos valores. Durante a interação, o falante neoanalisa (TRAUGOTT, 2011c) o complexo oracional subjetivo, (re)configurando-o na função e na forma.

Pudemos depreender que as construções especificam-se no uso, para a função e para a forma, em relação à posição da oração matriz. As escolhas realizadas pelo falante a partir da focalização da oração matriz configuram um pareamento em que o posicionamento do falante está em destaque – trata-se da mesoconstrução 1. Já a posposição da oração matriz conduz ao rebaixamento do posicionamento do falante – mesoconstrução 2. Nesse nível hierárquico, as construções especializam-se em relação à posição da oração matriz, tendo como referente a oração encaixada subjetiva. O falante indica para o interlocutor que aquilo que está em primeiro plano é importante para a interação, ou para a argumentação, ou ainda para a continuidade da comunicação, entre outras possibilidades discursivas e textuais que deseja atingir. Através da seleção frequente de organização sintática que instancia a ordem marcada da língua, o falante sinaliza que o complexo oracional subjetivo é essencialmente uma construção típica da instanciação de posicionamento com relevo.

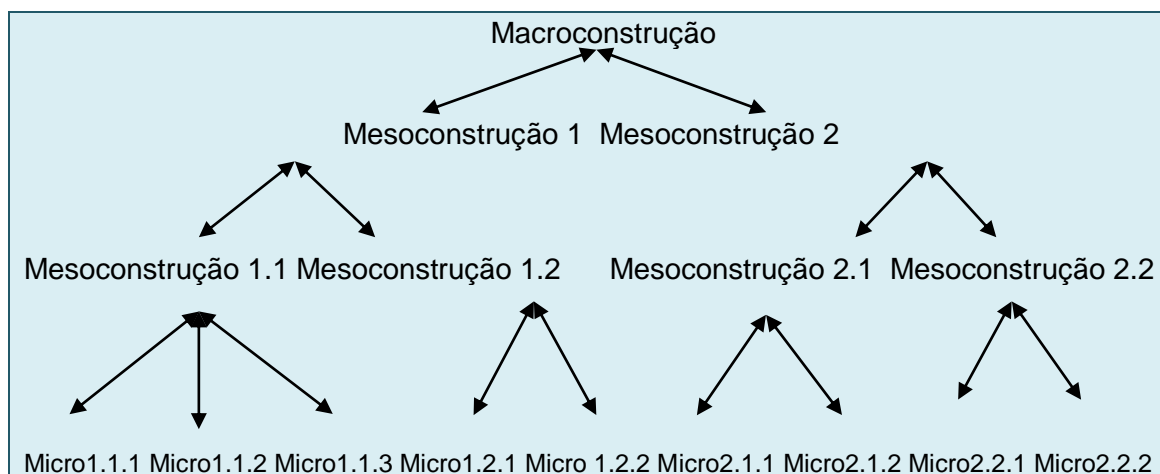
O falante não só marca seu posicionamento com maior ou menor grau de relevo, mas também o define quanto ao tipo de posicionamento. Assim, ao não assumir o dito como veracidade constatada ou constatável, modaliza seu discurso, já que se trata de um enunciado não-factual. O falante pode também assumir o dito como veracidade constatada ou constatável e, por isso, avalia seu discurso, já que se trata de enunciado factual. O posicionamento modalizador e o posicionamento avaliativo podem receber maior ou menor grau de relevo. Tais funções são instanciadas por adjetivos típicos da expressão do engajamento do falante, quando o locutor modaliza o discurso, e por adjetivos típicos da expressão de avaliação, quando o falante imprime valor positivo ou negativo. Nesse nível hierárquico, as construções se organizam, portanto, em quatro grupos com pareamento função-forma em que se diferenciam pelo grau de relevo e pelo tipo de posicionamento. Trata-se das mesoconstruções 1.1, 1.2, 2.1 e 2.2.

Por fim, o nível microconstrucional representa o produto da organização em rede do complexo oracional subjetivo. As microconstruções abarcam as

especificidades em relação ao tipo de posicionamento modalizador e avaliativo. Nesse sentido, o falante, ao modalizar seu discurso, seleciona predicativos típicos da instanciação de maior ou menor comprometimento ou, ainda, de controle sobre a proposição. É possível também que imprima valores em relação a seu estado emocional, afetivo, psicológico – que se trata de uma realidade interna ao falante – ou em relação à realidade observada, através da apreciação de processos, ações, objetos, eventos etc. – configurando realidade externa ao falante. Tais posicionamentos podem ser instanciados com maior grau de relevo em um enunciado em que a oração matriz está em primeiro plano. Trata-se das microconstruções referenciadas, neste trabalho, como 1.1.1, 1.1.2, 1.1.3, 1.2.1 e 1.2.2. Já a instanciação desses posicionamentos com menor grau de relevo – e, portanto, pospostos – caracteriza as microconstruções 2.1.1, 2.1.2, 2.2.1 e 2.2.2. Ao marcar o enunciado com maior comprometimento, o falante não o faz posposto ao conteúdo proposicional, haja vista se tratar da asseveração do dito. Portanto, identificamos cinco microconstruções que partilham o traço formal da anteposição da oração matriz e quatro microconstruções que partilham o traço formal da posposição da oração matriz em referência à oração encaixada subjetiva.

A representação esquemática do complexo oracional subjetivo está ilustrada no quadro 48, a seguir, em que figura a *rede taxonômica* (CROFT, 2001, p. 25). Ela é composta por níveis considerados a partir das similaridades e diferenças entre as construções. No quadro 49, na sequência, apresentamos, além dos níveis, uma descrição dos pares de função e de forma:

Quadro 48 – Configuração esquemática do complexo oracional subjetivo na língua portuguesa



Esta rede hierárquica de construções possibilita identificar a direcionalidade da organização em rede (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) do complexo oracional e também esclarecer as similaridades e diferenças no desenvolvimento de suas construções (TROUSDALE, 2014). Como ilustra o quadro 48, a esquematização do nosso objeto de pesquisa é indicada por quatro níveis, dispostos, espacialmente, de modo a sinalizar que representam abstrações de conjuntos de construções que se intercomunicam e que são percebidas inconscientemente pelos usuários da língua. Na imagem, as setas que sinalizam essa intercomunicação não apresentam origem e meta, pois, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), o desenvolvimento pode ocorrer em duas dimensões: no nível da microconstrução e no nível da macroconstrução, o que não possibilita determinar a direção dessa intercomunicação.

Os autores consideram ainda a direcionalidade da mudança como um resultado de vários fatores no uso. Entre esses fatores, Traugott e Trousdale (2013) destacam a repetição, considerada a principal razão para a rede construcional ser caracterizada pela direcionalidade. A repetição é central para que um novo nó adquira *status* de unidade na rede (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p.126). Além disso, consideram o pensamento analógico como motivador para a direcionalidade, visto que a construcionalização gramatical está relacionada a padrões de produtividade e à atribuição da mudança dos esquemas.

No quadro 49, a seguir, propomos a rede do complexo oracional subjetivo, que, nesta pesquisa, está sob a perspectiva da abordagem

construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Sistematizamos as características funcionais e formais do nosso objeto de análise – como pareamento na macroconstrução, nas mesoconstruções e nas microconstruções –, observadas na sincronia atual e ratificadas nas sincronias pretéritas – séculos XIII, XVI, XV, XVI, XVII, XVIII e XIX:

O quadro 49 apresenta o pareamento entre função e forma da macroconstrução, dos níveis mesoconstrucionais e das microconstruções do complexo oracional subjetivo. Além da proposta de organização e funcionamento em rede do complexo oracional subjetivo, este trabalho é ainda propositivo em relação: (i) às diferentes funções e formas no tocante à seleção do predicativo, considerado o *lócus* do posicionamento do falante; (ii) à hierarquização na rede.

O predicativo é o elemento linguístico que abarca, conforme o levantamento dos dados, majoritariamente adjetivos, substantivos e, em menor escala, participios, os quais apareceram em sincronias pretéritas. De acordo com a seleção, principalmente, do predicativo, o falante sinaliza se assume ou não o dito como factual – ou seja, se instancia posicionamento avaliativo ou posicionamento modalizador. Através do posicionamento modalizador, o falante define ainda, o grau de comprometimento, indicando ainda se exerce controle sobre o dito. Ao posicionar-se avaliando a proposição, o falante marca o enunciado a partir de valores baseados na realidade interna ou externa. Por isso, este trabalho é propositivo ao defender que há uma diferença funcional quanto à seleção de predicativos típicos da instanciação de posicionamentos específicos. Assim, o falante pode, dentro de uma mesma classe de palavras, selecionar predicativos modalizadores ou avaliativos ou, ainda, selecionar um mesmo predicativo para instanciar usos diferentes.

Para ilustrar, as ocorrências “necessário”, “claro”, “possível”, “gratificante” e “complicado” pertencem à classe dos adjetivos e estão listadas nos quadros das microconstruções e mesoconstruções neste trabalho. Esses adjetivos foram encontrados na realização formal do complexo oracional subjetivo para a instanciação de posicionamentos específicos, já que, através deles, o falante singulariza a marcação do seu enunciado. Por isso, ao descrevermos o padrão formal do complexo oracional subjetivo, identificamos o tipo de predicativo presente em cada microconstrução.

Ao selecionar predicativo que pode instanciar posicionamento avaliativo afetivo ou apreciativo, observamos a presença de outros elementos linguísticos que contribuem para a marcação do enunciado, conforme o posicionamento do falante. Adjetivos como “bom”, “difícil”, “divertido”, “interessante” e “legal”, por exemplo, estão presentes em usos, investigados neste trabalho, marcados por

posicionamento avaliativo, apreciativo ou afetivo. O predicativo harmoniza-se com elementos linguísticos presentes na própria matriz, na encaixada subjetiva ou ainda na sequência linguística em que está presente o complexo oracional subjetivo, delimitando a realidade à qual o falante se refere, seja interna ou externa a ele. Já em referência ao posicionamento modalizador, não observamos o uso de um mesmo predicativo na instanciação de diferentes posicionamentos.

Embora tenhamos destacado a harmonização funcional e formal entre o predicativo da oração matriz e outros elementos linguísticos, não observamos, nos dados desta pesquisa, uma correspondência elementar entre o tipo de posicionamento do falante e tais elementos linguísticos que podem contribuir para a instanciação desse posicionamento. Foram observadas correspondências múltiplas⁶⁷ entre o posicionamento do falante com o tempo e o modo verbais da oração matriz e da oração encaixada, com a semântica do verbo da encaixada subjetiva, com advérbios de força e foco na matriz e na encaixada subjetiva, com enunciados que corroboram o posicionamento do falante no entorno do complexo oracional subjetivo e ainda com o material interveniente entre matriz e encaixada. Por isso, essa relação não está representada, formalmente, na rede do complexo oracional subjetivo.

Propomos também, neste trabalho, dois níveis mesoconstrucionais na rede do complexo oracional subjetivo: no nível mesoconstrucional mais alto na hierarquia, consideramos semelhanças em relação ao posicionamento do falante em sentido extenso e, no nível mesoconstrucional mais baixo na hierarquia, sinalizamos semelhanças em relação ao posicionamento do falante em sentido mais estrito. No primeiro caso, a semelhança abarca toda a instanciação do posicionamento do falante que pode receber maior ou menor grau de relevo. No segundo caso, a semelhança diz respeito à singularização desse posicionamento: modalizador ou avaliativo, com maior ou menor grau de relevo. No nível microconstrucional, o posicionamento apresenta-se específico em relação ao objetivo comunicativo do falante.

Através da proposta de organização em rede do complexo oracional subjetivo, evidenciamos não só seus aspectos que apresentaram mudança

⁶⁷ Tais correspondências, quando presentes, foram destacadas na análise dos dados nas seções 4.1, 4.2 e 4.3 deste Capítulo.

funcional e formal, mas também as intenções dos falantes através desse objeto de investigação. Segundo Traugott (2008b, tradução nossa), durante a interação, os falantes não intenciam, conscientemente, promover alguma mudança na língua. Sua intenção, de fato, é negociar motivos comuns, alcançar determinados fins ou comportamentos, tais como a atenção do interlocutor através da audição, a troca de informação⁶⁸. Dessa forma, observamos que: (i) o complexo oracional subjetivo é, tipicamente, selecionado para a marcação do posicionamento do falante com relevo; (ii) há usos mais recentes do complexo oracional subjetivo que ilustram a instanciação do posicionamento com menor grau de relevo, sinalizando, portanto, a intersubjetividade do falante; (iii) a depender do posicionamento do falante, ele pode ser marcado com maior e/ou menor grau de relevo. Tais observações sinalizam objetivos direcionados para a interação. Desse modo, a relação falante-ouvinte é marcada por estratégias comunicativas evidenciadas na função e na forma do complexo oracional subjetivo. Portanto, verifica-se que cada microconstrução apresentada e discutida neste trabalho está diretamente relacionada aos objetivos comunicativos dos falantes.

⁶⁸ Cf.: "In language change there is normally no intention to change some aspect of language (Keller 1994 [1990]). What speakers and addressees intend is to negotiate common ground (see Clark 1996, Croft 2000) and achieve certain ends such as getting each other to listen, exchange information, or to behave in certain ways, but not normally to change the language".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste trabalho, propusemo-nos a investigar, sob a luz da abordagem construcional da mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), o complexo oracional subjetivo, composto por verbo *ser* e predicativo na matriz, observando sua organização e seu desenvolvimento na língua portuguesa. Para tanto, apresentamos, no Capítulo I, a proposta teórica que embasou esta investigação. Nesse sentido, para nós, os fenômenos linguísticos revelam uma relação intrínseca entre função e forma, já que o falante instancia sua expressividade a partir da forma (BYBEE & FLEISCHMAN, 1995; FISCHER, 2011; FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2016).

No Capítulo II, apresentamos as características que a literatura tradicional lista sobre o complexo oracional subjetivo. Percorremos também as pesquisas linguísticas mais recentes e pudemos observar que não há uma sistematização, na língua portuguesa, do complexo oracional subjetivo em relação a sua função e a sua forma. Por isso, enfatizamos nossa justificativa para a escolha desse objeto de análise.

No Capítulo III, assumimos a investigação pancrônica de base qualitativa e quantitativa. Esse equacionamento nos permitiu identificar os usos convencionalizados do complexo oracional subjetivo e confirmar a expansão da rede construcional, sobretudo através do levantamento diacrônico dos dados.

A fim de sumarizarmos as reflexões e sintetizarmos a investigação realizada no Capítulo IV, que trata da análise dos dados, retomamos aqui os objetivos específicos formulados no início da pesquisa: (a) identificar níveis esquemáticos, denominados por Traugott (2008a, 2008b), como macroconstrução, mesoconstrução, microconstrução e construto; (b) descrever, pontualmente, as microconstruções do complexo oracional subjetivo; (c) propor uma rede construcional para o complexo oracional subjetivo formado por verbo *ser* e predicativo na língua portuguesa.

Em relação ao primeiro objetivo, apresentamos, descrevemos e exemplificamos o pareamento função-forma dos níveis mais abstratos e hierárquicos do complexo oracional subjetivo. Destacamos que a macroconstrução abarca características gerais da função e da forma do

complexo oracional subjetivo. Com base na análise das características mais gerais, observamos que o complexo oracional subjetivo é uma construção majoritariamente usada para a instanciação do posicionamento do falante, marcando sua inserção no enunciado. Esse posicionamento pode apresentar maior ou menor grau de relevo, conforme o objetivo do falante.

Nesse sentido, a macroconstrução apresenta, para a instanciação do *posicionamento do falante com maior ou menor grau de relevo*, o predicativo como elemento obrigatório – o que ratifica a função expressa, uma vez que os adjetivos representam a classe majoritária para a atribuição de propriedade singular (NEVES, 2000). Como vimos, substantivos e participios também podem instanciar essa função. A macroconstrução representa, ainda, possibilidades de ocorrência para elemento negativo na matriz, conjunção e verbo finito ou não finito na encaixada subjetiva.

Observamos, também, que o complexo oracional subjetivo composto por verbo *ser* e predicativo na matriz representa estratégia sintática de focalização do posicionamento do falante no português brasileiro, conforme a posição da oração matriz em relação à oração encaixada subjetiva. Logo, em um nível mais inferior na rede, o complexo oracional subjetivo pode ser organizado em duas mesoconstruções: *posicionamento do falante com maior grau de relevo*, caracterizado pela anteposição da oração matriz, e *posicionamento do falante com menor grau de relevo*, instanciado pela posposição da oração matriz. Através dessa formalização da posição da oração matriz, observamos que a focalização direciona, no discurso, o elemento para o qual se quer dar proeminência, dando destaque a um constituinte de cada vez.

Analisamos ainda que o falante pode assumir o dito como não factual – modalizando seu discurso – ou como factual – avaliando o enunciado. Para tanto, recruta predicativos típicos que instanciam posicionamento modalizador e avaliativo. Identificamos, portanto, um nível ainda mais baixo na hierarquia com quatro mesoconstruções, visto que tais posicionamentos podem apresentar maior ou menor grau de relevo. A partir daí, identificamos os modos específicos da inserção do falante no enunciado, atendendo ao segundo objetivo proposto neste trabalho.

Apresentamos, descrevemos e ilustramos, pontualmente, as nove microconstruções do complexo oracional subjetivo, conforme construtos

analisados tanto da sincronia quanto da diacronia – excetuando-se usos na expressão de avaliação nos séculos XIII e XIV, como mostraram as tabelas quantitativas. Destacamos que há cinco microconstruções para a expressão de posicionamento modalizador e avaliativo com maior grau de relevo – cada uma com especificidades funcionais e formais – e quatro microconstruções para a expressão de posicionamento modalizador e avaliativo com menor grau de relevo – as quais também são delimitadas na função e na forma. Nesse cenário, observamos posicionamento com maior ou menor comprometimento, ou ainda expressão de controle sobre a situação, e inserção de valores, baseados na realidade interna ou externa do falante. Na representação formal, tais singularidades estão sob os rótulos: predicativo modalizador deôntico, predicativo modalizador epistêmico asseverativo, predicativo modalizador epistêmico relativo, predicativo avaliativo afetivo e predicativo avaliativo apreciativo. Para tanto, o falante instancia a matriz com predicativos típicos de cada posicionamento, atribuindo-lhe maior ou menor relevo. Os usos com posicionamento modalizador e avaliativo com menor grau de relevo são caracterizados pela intersubjetividade do falante, uma vez que sinalizam a proteção de face pelo falante (GOFFMAN, 1970).

A partir da análise funcional e formal das microconstruções, pudemos depreender, identificar e ilustrar a organização em rede, conforme é proposto pela abordagem construcional da mudança. Assim, cumprimos o terceiro objetivo. Vimos que as construções apresentam não só especificidades funcionais e formais – nível microconstrucional –, mas também similaridades que as agrupam – níveis mesoconstrucionais. A partir dessas especificidades e similaridades, foi possível identificar um nível taxonômico caracterizado pela generalização e pela abstratização que abarca todas as construções – a macroconstrução.

A partir da identificação dos níveis esquemáticos, propusemos, na última seção do capítulo de análise, a rede construcional do complexo oracional subjetivo. A principal característica da rede proposta é sua possibilidade de mudança tanto através das microconstruções – nível mais elementar – quanto através da macroconstrução – nível mais geral e abstrato. Essa característica deve-se à configuração altamente esquemática da rede que conduz a, pelo

menos, nove padrões microconstrucionais, o que revela seu caráter de alta produtividade.

Portanto, confirmamos as hipóteses levantadas no início do trabalho: i) há padrões construcionais para o complexo oracional subjetivo, organizados pelo pareamento direto entre função e forma; ii) os padrões construcionais explicam a instanciação e o funcionamento do complexo oracional subjetivo através de uma rede altamente esquemática; iii) os padrões microconstrucionais observados marcam diferentes expressões instanciadas pelo falante, uma vez que servem a propósitos comunicativos distintos.

Certamente, há muito a ser investigar no que concerne aos processos de integração oracional, especialmente em relação ao encaixamento com sujeito oracional, uma vez que as descrições da vertente tradicional e da linguística enfatizam, de modo primordial, a sintaxe e suas “transgressões” formais no discurso. Contudo, acreditamos que esta pesquisa contribui para o cenário dos estudos linguísticos na medida em que defende a relação intrínseca entre o nível da função e o nível da forma, comprovando, por meio de argumentos e exemplos, que os diferentes padrões microconstrucionais do complexo oracional subjetivo servem a diferentes propósitos comunicativos, os quais são instanciados através da forma.

Ao reconhecermos a limitação que esta pesquisa oferece, esperamos, ao mesmo tempo, que este trabalho abra a agenda para pesquisas em que sejam considerados complexos oracionais subjetivos constituídos por outras representações formais e, ainda, outros complexos oracionais, uma vez que a abordagem construcional da mudança linguística prevê que a esquematização em rede seja tratada como algo inerente a toda língua.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K.S.B.; CEZÁRIO, M.M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: OLIVEIRA, M.R.O; ROSÁRIO, I.C. (orgs.) *Linguística Centrada no uso: Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2015.
- AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2ª ed., 2008.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 37ª ed. ver. e ampl. 14ª reimpr., 2004.
- BRAGA, M.L., PAIVA, M.C. Perspectivas sincrônica e diacrônica na abordagem teórico-metodológica. In: OLIVEIRA, M.R., ROSÁRIO, I.C. (orgs.) *Linguística Centrada no Uso: teoria e método*. Lamparina: FAPERJ, 2015.
- BRYMAN, A. Quantitative and qualitative research strategies in knowing the social world. In: MAY, T. & WILLIAMS, M. (eds.). *Knowing the social world*. Philadelphia: Open University Press, 1998.
- BYBEE, J.L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____; FLEISCHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 32, 1995.
- _____. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change* 14: 2002a, 261-290.
- _____. Phonological Evidence for Exemplar Storage of Multiword Sequences. 2002b, *SSLA* 24, 215-221.
- _____. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. Análise multissistêmica da sentença matriz. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M do. (orgs.) *Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p.35-60.
- COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. In: BYBEE, J. L.; FLEISCHMAN, S. (orgs.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing. v. 32. 1995. p. 55- 66.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____; CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, v. 1, p. 83-101, 2016.

DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. Introduction. In: _____ (orgs.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1918.

DIAS, N. B. MOURA, M.Z. A avaliação na oração matriz e no segmento A. *Revista Veredas on line*. Juiz de Fora: 2011, ISSN 1982-2243, p. 181-205

_____. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. *Revista Confluência*, v. 44/45, 2013, p. 83-106.

_____. As construções subjetivas na modalidade falada mineira, carioca e fluminense. In: ROSÁRIO, I. T E RIOS, M. (Org.). *Linguística Centrada no Uso - Teorias e Métodos*. 1ed. RIO DE JANEIRO: lamparina/ faperj, 2015, v. único, p. 129-141.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a.

FORTILLI, S.C. *Predicados matriciais adjetivais de orações subjetivas no português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização*. Tese de doutorado. São José do Rio Preto: Unesp, 2012. 163f.

_____; GONÇALVES, S.C.L. Gramaticalização da construção 'é claro que': padrões na fala e na escrita. *Revista do Gel*. São Paulo, v.10, 2013, p.80-103.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *DELTA* [online]. vol.15, n.1, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 de ago. de 2011.

_____; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio*

de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67. ISSN 2238-975X 1. [http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica]

GISBORNE, N., PATTEN, A. Grammaticalization and Construction Grammar. In: NARROG, H., HEINE, B. (eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011.

GIVÓN, T. The lexicon. In: *Syntax: An Introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v.1, 2001, p. 81-103.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980, p. 76.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions: A new theoretical approach to language*. TRENDS in Cognitive Sciences. 7, 2003, 219–224.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. O fenômeno da Focalização e a interface Fonologia-Sintaxe. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 15, n.2, p. 319-342, 1999.

_____. Foco e Topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n.7, p. 31-50, 1998.

_____. *Focalização no português do Brasil*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

GONÇALVES, S. C. L. Orações Subjetivas e teoria dos protótipos. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v.5, nº 9, 2001.

_____. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2003. 250f.

_____; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____; SOUSA, G. C., CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R., NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, v.2, 2008, p. 1021-1084.

_____. Construções parentéticas epistêmicas em perspectiva construcional. *Gragoatá*. Niterói, n.38, 2015, p. 163-182.

HALLIDAY, M. A. K. Clause as exchange. In: *An Introduction to Functional Grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold Publishers, cap. 4, 1994 [1985], p. 69-105.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____, KUTEVA, T. *The changing Languages of Europe*. Oxford, 2006.

HIMMELMANN, N. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: BISANG; HIMMELMANN; WIEMER. 2004.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 17-35.

_____; TRAUOGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUDSON, R. *Language Networks: The new word grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007a.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. Evaluation: an introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (orgs.) *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. New York: Oxford University Press, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. *Gramática do português culto no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.

KAY, P.; FILLMORE, C. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. *Language*, 75, 1999, 1-34.

KOCH, I. G. V. As "orações" modalizadoras. In: *Argumentação e linguagem*. São Paulo, Cortez: 1984.

LAMB, S. *Pathways of the Britain: the neurocognitive Basis of Language*. Amsterdam: Benjamins, 1998.

LANGACKER, R. W. Construction Grammars: Cognitive, radical and less so. In: Ruiz de Mendonza Ibáñez, Francisco J., and M. Sandra Peña Cervel (eds.) *Cognitive Linguistics: Internal Dynamics and Interdisciplinary Interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

_____. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

_____. Word order change by grammaticalization. In: Marinel Gerritsen and Dieter Stein (eds). *Internal and External Factors in Syntactic Change*. Berlin: Mouton, 1992, 395-416.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 [2008].

MARTELOTTA, M. E. T. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.

_____; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. de. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p.87-106.

MARTIN, J. R. Introduction. *Text*, 23 (2), 2003, p. 171-181.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. The structure of discourse and “subordination”. IN: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

MAURER JR., T. H. *Gramática do Latim Vulgar*. Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1959.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. *Revista Symposium*. Ano 5, nº 1, janeiro-junho 2001.

MIRANDA, N.S; MACHADO, P.M. *Polaridades, intensidades e desencontros: uma construção superlativa de estados absolutos*. Linha D'Água [Online], São Paulo, v. 27, n. 1, jun. 2014, p. 117-137.

MOURA, M.Z. *Orações Matrizes [VERBO SER + PREDICATIVO]: predicados que expressam atitude do falante*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. 148f.

NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of language*. John Benjamins, 14:2, 2007, p. 177-202.

OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M.R., ROSÁRIO, I.C. (orgs.) *Linguística Centrada no Uso – Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, v.1, 2015, 160p.

OLIVEIRA, N.F. *Gramaticalização do verbo esperar: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012. 179 p.

PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.

SILVA, J.R. (De)gramaticalização e unidirecionalidade. In: OLIVEIRA, M.R.O; ROSÁRIO, I.C. (orgs.) *Linguística Centrada no uso: Teoria e Método*. Rio de Janeiro: Lamparina: FAPERJ, 2015.

SILVA, R. V. M.; FILHO, A. V. L. M. (org.). *O Português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA: Feira de Santana: UEFS, 2002. 376 p.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. da C. do. *O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 139-151. ISSN 2238-975X 1. [http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica]

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. *Subjectivity and subjectification*. New York: Cambridge University Press, 1995.

_____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 51-104

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R. & KEMPSON,

R. (eds.) *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org.). *História do Português Paulista*. v.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

_____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. *et al.* (eds.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010a, p. 11-27.

_____. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2010b, p. 13-26.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p.19-30.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C.C.A.S., KOCH, G.V. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

TROUSDALE, G. On the relationship between grammaticalization and constructionalization. *Folia Linguistica*. 48/2, 2014, 557-577.

VITRAL, L. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 9, n. 18, 2006. p. 149-177.

WHITE, P. *An introduction tour through appraisal theory*. 2003. Disponível em: <<http://www.gramatics.com/appraisal/AppraisalGuide>>. Acesso em 23 de abril de 2008.

ANEXO 1

| Entrevistas utilizadas do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” | |
|---|-------------------|
| Belo Horizonte | Entrevista BH 01 |
| | Entrevista BH 02 |
| | Entrevista BH 03 |
| | Entrevista BH 04 |
| | Entrevista BH 05 |
| | Entrevista BH 06 |
| | Entrevista BH 07 |
| | Entrevista BH 08 |
| | Entrevista BH 09 |
| | Entrevista BH 10 |
| | Entrevista BH 11 |
| | Entrevista BH 12 |
| | Entrevista BH 01 |
| | Entrevista BH 13 |
| | Entrevista BH 14 |
| | Entrevista BH 15 |
| | Entrevista BH 16 |
| Entrevista BH 17 | |
| Ouro Preto | Entrevista OP 02 |
| | Entrevista OP 03 |
| | Entrevista OP 04 |
| | Entrevista OP 05 |
| | Entrevista OP 07 |
| Arceburgo | Entrevista ARC 01 |
| | Entrevista ARC 02 |
| | Entrevista ARC 03 |
| | Entrevista ARC 04 |
| | Entrevista ARC 05 |
| | Entrevista ARC 06 |
| | Entrevista ARC 07 |
| | Entrevista ARC 08 |
| | Entrevista ARC 09 |
| | Entrevista ARC 10 |
| | Entrevista ARC 11 |
| | Entrevista ARC 12 |
| | Entrevista ARC 13 |
| | Entrevista ARC 14 |
| São João da Ponte | Entrevista SJP 01 |
| | Entrevista SJP 03 |
| | Entrevista SJP 04 |
| | Entrevista SJP 06 |
| | Entrevista SJP 07 |
| | Entrevista SJP 08 |
| | Entrevista SJP 09 |

| | |
|-------------------|-------------------|
| | Entrevista SJP 10 |
| | Entrevista SJP 11 |
| | Entrevista SJP 12 |
| | Entrevista SJP 13 |
| | Entrevista SJP 14 |
| | Entrevista SJP 15 |
| | Entrevista SJP 16 |
| | Entrevista SJP 17 |
| | Entrevista SJP 18 |
| | Entrevista SJP 19 |
| | Entrevista SJP 20 |
| | Entrevista SJP 21 |
| | Entrevista SJP 23 |
| | Entrevista SJP 24 |
| Mariana | Entrevista MAR 43 |
| | Entrevista MAR 44 |
| | Entrevista MAR 45 |
| | Entrevista MAR 46 |
| | Entrevista MAR 47 |
| | Entrevista MAR 48 |
| | Entrevista MAR 49 |
| | Entrevista MAR 50 |
| | Entrevista MAR 52 |
| | Entrevista MAR 53 |
| | Entrevista MAR 54 |
| | Entrevista MAR 55 |
| | Entrevista MAR 56 |
| | Entrevista MAR 57 |
| | Entrevista MAR 58 |
| | Entrevista MAR 59 |
| | Entrevista MAR 60 |
| | Entrevista MAR 61 |
| | Entrevista MAR 62 |
| Entrevista MAR 63 | |
| Entrevista MAR 64 | |
| Entrevista MAR 65 | |
| Entrevista MAR 66 | |
| Piranga | Entrevista PIR 01 |
| | Entrevista PIR 02 |
| | Entrevista PIR 03 |
| | Entrevista PIR 04 |
| | Entrevista PIR 05 |
| | Entrevista PIR 06 |
| | Entrevista PIR 12 |
| | Entrevista PIR 16 |
| | Entrevista PIR 25 |
| | Entrevista PIR 26 |

ANEXO 2

| Entrevistas utilizadas do “Projeto PEUL” | |
|---|-----------------------|
| “Amostra de Indivíduos Recontactados” (2000) | R01 Eri-1 |
| | R03 AdrR- 1 |
| | R04 Fat- 1 |
| | R05 SanR |
| | R06 Jup |
| | R07 Leo-1 |
| | R08 Lei |
| | R09 Dav |
| | R10 Vas |
| | R11 Eve |
| | R12 Mgl |
| | R13 Jan |
| | R14 Nad |
| | R15 Ago |
| | R16 Jos |
| | “Censo” (2000) |
| T02 Raf | |
| T03 Rom | |
| T04 Rob | |
| T05 And | |
| T06 Ale | |
| T07 Adr | |
| T08 Cri | |
| T09 Fil | |
| T10 Isa | |
| T11 Mir | |
| T12 And | |
| T13 Gla | |
| T14 Gil | |
| T15 Pat | |
| T16 Car | |

ANEXO 3

| Entrevistas utilizadas do “Projeto NURC/RJ” | | |
|---|------------|-----------------------|
| Entrevistas da década de 1970 | | Inquérito 02 |
| | | Inquérito 09 |
| | | Inquérito 011 |
| | | Inquérito 039 |
| | | Inquérito 042 |
| | | Inquérito 045 |
| | | Inquérito 048 |
| | | Inquérito 052 |
| | | Inquérito 071 |
| | | Inquérito 078 |
| | | Inquérito 084 |
| | | Inquérito 096 |
| | | Inquérito 099 |
| | | Inquérito 0101 |
| | | Inquérito 0104 |
| | | Inquérito 0114 |
| | | Inquérito 133 |
| | | Inquérito 0140 |
| | | Inquérito 0144 |
| | | Inquérito 0153 |
| | | Inquérito 164 |
| | | Inquérito 0233 |
| | | Inquérito 0253 |
| | | Inquérito 0255 |
| | | Inquérito 0258 |
| | | Inquérito 0272 |
| | | Inquérito 0328 |
| Inquérito 0347 | | |
| Inquérito 0373 | | |
| Entrevistas da década 1990 | Recontatos | Inquérito 2r |
| | | Inquérito 11r |
| | | Inquérito 24 |
| | | Inquérito 26 |
| | | Inquérito 52r |
| | | Inquérito 71r |
| | | Inquérito 96r |
| | | Inquérito 133r |
| | | Inquérito 140r |
| | | Inquérito 164r |
| | | Inquérito 233r |
| | | Inquérito 347r |
| | | Inquérito 373r |
| | | Inquérito 1 |

| | | |
|--|----------------------|--------------|
| | Amostra complementar | Inquérito 2 |
| | | Inquérito 3 |
| | | Inquérito 12 |
| | | Inquérito 13 |
| | | Inquérito 14 |
| | | Inquérito 15 |
| | | Inquérito 17 |
| | | Inquérito 18 |
| | | Inquérito 19 |
| | | Inquérito 20 |
| | | Inquérito 23 |
| | | Inquérito 25 |
| | | Inquérito 27 |
| | | Inquérito 28 |

ANEXO 4

| Textos utilizados nos <i>corpora</i> diacrônicos | |
|---|---|
| Século XIII | Notícia do Torto – 1214 (CINTRA, 1990) |
| | Foro Real - 1280 (FERREIRA, 1987) |
| | Foros de Garvão – 1267a1280 (GARVÃO, 1992) |
| | Dos Costumes de Santarém – 1294 (RODRIGUES, 1992) |
| | Textos Notariais - sem data ou datados entre 1243 e 1274 (MARTINS, 2000) |
| Século XIV | Crónica de Afonso X in <i>Crónica Geral de Espanha de 1344</i> (CINTRA, 1951) |
| | Dos Costumes de Santarém - 1340-1360 (RODRIGUES, 1992) |
| | Foros de Garvão - sem data (GARVÃO, 1992) |
| | Textos Notariais - sem data ou datados entre 1304 e 1397 (MARTINS, 1994) |
| Século XV | Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela – sd (PIEL, 1944) |
| | Castelo Perigoso – sd (NETO, 1997) |
| | Orto do Esposo – sd (MALER, 1956) |
| Século XVI | Monarchia Lusitana (BRANDÃO, 1548) |
| | Da Monarquia Lusitana (BRITO, 1569) |
| | Manuel de Galhegos(GAZETA, 1597) |
| | A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (SOUSA, 1556) |
| Século XVII | Nova Floresta (BERNADES, 1644) |
| | Cartas de Alexandre de Gusmão (GUSMÃO, 1695) |
| | Cartas Familiares (MELO, 1608) |
| Século XVIII | Cartas de Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)(OLIVEIRA,1702) |
| | Cartas de Antonio da Costa (COSTA, 1714) |
| | Obras Completas (GARÇÃO, 1724) |
| Século XIX | Atas dos brasileiros (1860-1869) |
| | Cartas (QUEIROZ e MARTINS, 1894) |
| | Cartas à Maria Moisés (BRANCO, 1875) |
| | Cartas à Emília (ORTIGÃO, 1836) |